HISTÓRIA DAS ÚLTIMAS LUTAS NO BRASIL

CIP – BRASIL. Catalogação-na-Fonte
Câmara Brasileira do Livro, SP

M835h

Moreau, Pierre, sec. 17.
História das últimas lutas no Brasil entre holandeses e portugueses e relação da viagem ao país dos tapuias / Pierre Moreau e Roulox Baro; tradução e notas Lêda Boechat Rodrigues; nota introdutória José Honório Rodrigues. – Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979

(Reconquista do Brasil; v. 54)

Nova trad. em português das obras distintas de Moreau e Baro; inclui página de rosto da obra de Baro: Relação da viagem de Roulox Baro...

1. Brasil – História – Domínio holandês, 1624-1625 2. Índios tapuias 3. Pernambuco – História I. Baro, Roulox, sec. 17. II. Título. III. Relação da viagem de Roulox Baro. IV. Série.

CDD – 981.03121
– 980.3
– 981.34

79-0218

Índices para catálogo sistemático:
1. Conquista holandesa : Brasil : História 981.03121
2. Domínio holandês, 1624-1625 : Brasil : História 981.03121
3. Pernambuco : História 981.34
4. Tapuias : Índios : América do Sul 980.3

Brasil
Moreau

PIERRE MOREAU e ROULOX BARO

História das Últimas Lutas no Brasil Entre Holandeses e Portugueses e Relação da Viagem ao País dos Tapuias

TRADUÇÃO E NOTAS
LÊDA BOECHAT RODRIGUES

NOTA INTRODUTÓRIA
JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES

UFSM
Biblioteca Central

EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
LIVRARIA ITATIAIA EDITORA LTDA.

UFSM
BIBLIOTECA CENTRAL
Obra n.º
Reg. n.º 22447
Data 09/10/86

NOTA
NOTA
AO A
PREF
DESC
RELA
RELA
NOTA

1979

Direitos autorais para a língua portuguesa adquiridos pela
EDITORA ITATIAIA LIMITADA
de Belo Horizonte

IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL

SUMÁRIO

NOTA INTRODUTÓRIA – O Cronista Pierre Moreau – Por José Honório Rodrigues 7

NOTA DA TRADUTORA – Por Lêda Boechat Rodrigues 13

AO ALTÍSSIMO – Dedicatória 15

PREFÁCIO 17

DESCRIÇÃO DO RECIFE 19

RELAÇÃO VERDADEIRA DO QUE SE PASSOU NA GUERRA TRAVADA NO PAÍS DO BRASIL ENTRE OS PORTUGUESES E OS HOLANDESES DESDE O ANO DE 1644 ATÉ O ANO DE 1648 23

RELAÇÃO DA VIAGEM DE ROULOX BARO 93
Primeiro de Maio 94
Primeiro de Junho 101
Primeiro de Julho 105

NOTAS DO SENHOR MORISOT 109

NOTA INTRODUTÓRIA

O cronista Pierre Moreau

Pouco se sabe de sua vida. Ele próprio contou, na dedicatória e no prefácio que, convencido de que não se aprende só com os livros, deixou-se levar pela doce paixão de viajar para conhecer pessoalmente o que existia de louvável e censurável nas outras nações. Dirigiu-se à Holanda, "verdadeiro ponto de encontro dos que tencionam dirigir-se às regiões distantes", soube da revolta pernambucana contra os holandeses, exercitou-se nas armas, ofereceu-se para participar da expedição que iria ao Brasil, foi apresentado aos Senhores do Conselho que vinham governar o Brasil Holandês, e escolhido para ser secretário de Michel van Goch, que em 1645 fora nomeado, juntamente com Walter van Schonenburgh e Hendrik Haecxs, para compor o referido governo do Brasil Holandês. Era livre para voltar quando quisesse, e retornou passados dois anos. Diz ter refletido muito sobre os horrores da guerra e sua crônica espelha a história sangrenta do domínio holandês no Brasil.

Ao contrário dos cronistas portugueses, que desde o primeiro século diziam ser o Brasil um paraíso terrestre, tese especialmente sustentada por Simão de Vasconcelos, Moreau tem uma visão pessimista e torturada.

Chamo atenção especial dos leitores desta tradução para o trecho do prefácio onde assinala o caráter sangrento dos dois primeiros séculos, com os portugueses massacrando índios, as lutas com os franceses, os holandeses e os espanhóis, com grande derramamento de sangue.

O livro de Pierre Moreau não é só depoimento de uma testemunha, pois ao escrevê-lo não se valeu só do que viu e ouviu, mas consultou memórias e pesquisou registros da própria Companhia das Índias Ocidentais. Sua crônica cobre os anos de 1646 a 1648, seis anos antes de terminada a guerra.

Como Johan Nieuhof, na *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil* (São Paulo, Biblioteca Histórica Brasileira, vol. IX, 1942, cuja edição preparamos, fazendo o confronto com a edição holandesa, introdução, notas, crítica bibliográfica e bibliografia), constitui uma das principais fontes, do ponto de vista holandês, da luta pela restauração do domínio português no Nordeste brasileiro.

O Autor expõe a organização do governo e da justiça, a política indígena e negra, a liberdade de consciência, o papel dos judeus, a pregação religiosa, feita em holandês, francês, português, inglês e língua geral. Apesar disso a irreligião, a lascívia e a impiedade dominavam a vida de todas as classes. Descreve a situação dos negros escravos, as torturas a que eram submetidos, sua origem especialmente de Angola, a ligação estreita desta com o Brasil, os preços que custavam. Apesar de contarem com dez a doze mil soldados, e de usarem, como todas as nações colonizadoras, do maior rigor e repressão contra os rebeldes ao seu domínio, de castigarem, massacrarem, enforcarem, nada impediu que a revolta irrompesse e as guerrilhas se agravassem. A aversão luso-brasileira ao holandês era muito grande e se acentuou com a carestia, a falta de gêneros alimentícios, as dívidas dos principais chefes da revolta, sobretudo João Fernandes Vieira.

O retrato que traça de Vieira o diminui bastante, pela duplicidade de caráter e o proveito que tirou das relações com os holandeses na época da paz, além das vantagens econômicas que soube extrair da guerra. "Os papéis inéditos sobre João Fernandes Vieira", publicados por Alberto Lamego (*Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 1912, t. 75, parte 2, 21-50), vieram confirmar a opinião dos velhos cronistas, como o próprio Moreau e Nieuhof, sobre ele.

Moreau não tem papas na língua e acusa João Maurício de Nassau de corrupto, dizendo que prendia os chefes luso-brasileiros, e para libertá-los era preciso untar suas mãos. O biógrafo de Nassau, Ludwig Driesen, cuja obra é até hoje considerada como uma das melhores biografias do Conde João Maurício (*Leben des Fürsten Johan Moritz von Nassau Siegen*, Berlim, 1849), repele com rigor a acusação (ob. cit., 137-138).

Moreau é um francês que não tem nenhuma simpatia pela gente e pela terra pernambucana. Acusa os luso-brasileiros de fingidos, e os diplomatas portugueses de falsos e mentirosos. A reação popular holandesa contra o ministro português, ao saber das notícias vindas do Brasil, relatando crueldades luso-brasileiras, mostra a diferença que separava os dois povos. Os holandeses acusavam os portugueses de faltar à palavra empenhada e protestavam vingar-se ao quádruplo.

Não puderam os holandeses vingar-se no Brasil, nem manter a colônia. As guerras navais anglo-holandesas só começam em 1652, mas a hostilidade crescente exigia grandes esforços e recursos na Europa e no Oriente. Daí a desatenção ao Brasil, quando a Holanda ainda era a primeira potência naval, posição que só perdeu, ficando num segundo lugar, depois das três guerras com os ingleses (1652-1654; 1664-1667; 1672-1674). Foi a primeira que decidiu o retorno do Brasil ao domínio português, mas a pressão da esquadra holandesa no Tejo obrigou Portugal a solicitar os bons ofícios da Inglaterra para o Tratado de Paz de 1661, pelo qual pagou Portugal, isto é, o Brasil, através de imposto sobre o açúcar, a formidável quantia de oito milhões de florins, pela vitória que obtivera nos campos de luta em Pernambuco.

Os Países Baixos eram um país rico, florescente, a maior potência comercial do mundo, e, como vimos, o maior poder naval até ser derrotado pela Grã-Bretanha.

Não é assim surpreendente que mostrasse grandes projetos de criar uma colônia próspera no Brasil, como Moreau revela no seu livro: a conversão dos índios, a tradução da Bíblia em tupi, o estabelecimento de uma impressora, a transplantação de árvores e plantas do Oriente, as relações comerciais Oriente e Ocidente, a criação de uma república rica e poderosa, que fosse um grande empório comercial.

Trata-se, assim, de um livro de leitura muito recomendável, pelo seu valor para a história social e a das lutas.

Bibliografia

A bibliografia se encontra registrada no meu livro *Historiografia e Bibliografia do Domínio Holandês no Brasil*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1949, nos 557 e 558.

Edições

Histoire des Derniers Troubles du Brésil Entre les Hollandais et les Portugais. Paris, Chez Augustin Coubé, 1651. 212 págs. Um mapa.

Klare en Waarachtige Beschryving van de leste Beroerten en Afval der Portuguezen in Brasil. Tradução de J. H. Glazemaker, Amsterdam, 1652.

Bibliografia sobre Moreau

José Carlos Rodrigues, "Os Holandeses no Brasil. Uma página curiosa da História Pátria", *o Novo Mundo* (periódico ilustrado, dirigido por José Carlos Rodrigues), 23 de junho de 1874, vol. IV, nº 45, pág. 165, 4 colunas; Alfredo do Vale Cabral, "Moreau" *O Globo,* de 19 de setembro de 1874.

Roulox Baro

Nada se sabe de Roulox Baro, a não ser o que se colhe no seu relato e nos testemunhos da época. A relação é um documento etnográfico, descritivo da chamada cultura tapuia.

Sobre ele, as melhores informações encontram-se em:

Alfredo de Carvalho, "Um Intérprete dos Tapuias", *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano,* vol. XIV, nº 78, 657-667. Foi tirada uma separata (Recife, 1912, 18 págs.), e foi reimpresso em *Aventuras e Aventureiros,* Rio de Janeiro, Pongetti, 1930, 165-176.

Alfredo de Carvalho, *Biblioteca Exótico-Brasileira,* Rio de Janeiro, Pongetti, 1929, vol. I, 163-167.

Paul Ehrenrich, "Sobre alguns antigos retratos de índios sul-americanos". Tradução de Alfredo de Carvalho publicada na *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano,* 1907, vol. XII, 19-46.

Todos esses trabalhos estão registrados na *Historiografia e Bibliografia do Domínio Holandês no Brasil,* do autor desta Nota (nºs 844, 858).

Como a obra de Baro trata também das atividades de Jacob Rabbi, intérprete dos tapuias antes de Baro, os estudos acima referidos dão relevo ao "língua" considerado judeu, de temperamento violento e grande capacidade de aprender línguas indígenas e dialogar com os índios não tupis. Alfredo de Carvalho, no estudo referido, e Arnold Wiznitzer creram mostrar que Jacob Rabbi não era judeu, mas alemão de Waldeck ("Jacob Rabbi, Aliás Johannes Rabe, Cacique Índio e Salteador no Brasil Holandês (1637-1646) – Judeu ou Alemão de Waldeck na Alemanha") *Aonde Vamos, Semanário Judaico Independente,* Ano XII, nº 492, novembro de 1952, 6-7.

Morisot

Claude Barthomy Morisot (Dijon 1592 – Dijon 1661) foi um erudito que escreveu várias obras, na sua maioria esquecidas hoje e registradas nos catálogos de livros raros e recolhidas nos acervos das grandes bibliotecas européias. A grande maioria de seu livros foi escrita em latim, e entre eles destaca-se *Peruviana* (1645), que historia as disputas entre o Cardeal Richelieu, Maria de Medicis e Gastão d' Orléans; em 1652, publicou um folheto apoiando Salmasius, que replicara a John Milton, que defendera os regicidas ingleses. Foi também um folhetinista que escreveu sobre sua época, louvando Richelieu e atacando os jesuítas. Interessou-se pelas viagens e os viajantes, tanto no *Orbis Maritimus, sive rerum in mari et littoribus gestarum generalis historia* (Dijon, 1643), como na *Relação de Madagascar,* feita por François Cauche e editada por Augustin Coubé junto à qual se

editou a Relação de Moreau e Baro (*Relations veritables et curieuses de l'isle de Madagascar et du Brésil*, Paris, Augustin Courbé, 1651).

As anotações que escreveu para a Relação de Baro, e cuja tradução revi, revelam o erudito de gabinete, que não veio ao Brasil e limita-se a uma bibliografia muito reduzida, sendo a citação sempre incompleta. Os nomes indígenas estão quase sempre estropiados, e não vemos outra razão para publicar esse conjunto de notas senão a de tornar completa esta edição.

Os autores que cita estão relacionados na minha *Historiografia e Bibliografia do Domínio Holandês no Brasil*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1949:

1. Johannes de Laet. *L'Histoire du Nouveau Monde*. Tradução francesa da *Beschrijvinghe van West-Indien* (2ª ed. melhorada da *Niewe Werelât ofte Beschrijvinghe van West Indien*, 1ª ed., Leyde, 1625). A 2ª ed. holandesa e a tradução francesa são de Leide, 1630 e 1640, respectivamente. Cf. ns. 82, 83 e 84 da minha *Historiografia e Bilbliografia*, ob. cit.

2. Guilherme Piso e George Marcgrave, *Historia Naturalis Brasiliae*. Leyde, 1648. 1ª trad. brasileira de Marcgrave, São Paulo, Imprensa oficial, 1942, Vide nºs 814 e 816 da minha *Historiografia e Bibliografia, ob. cit.*

3. Guilherme Piso — Além da parte na *Historia Naturalis Brasiliae*, publicou com as partes de Marcgrave a *De Indiae Utriusque Re Naturali et Medica*, Amsterdam, 1658. A tradução da parte de Piso foi publicada em São Paulo, 1948. Vide *Historiografia e Bibliografia*, ob. cit., nºs 815 e 816.

4. Jean de Léry, *Histoire d'un Voyage faict en la terre du Brésil*, 1ª ed., Rochelle, 1578. Várias edições. Tradução brasileira de Sérgio Milliet, Biblioteca Histórica Brasileira, São Paulo, 1941.

5. Elias Herckmans. Morisot conheceu Elias Herckmans de segunda mão, porque sua *Beschrijvinge van de Capitanie Paraiba* só foi publicada em 1879, e traduzida para o português em 1884. Vide *Historiografia e Bibliografia* cit., nºs 194 e 738. Herckmans conhecia bem as etimologias indígenas. Ver nº 848 da *Historiografia*.

6. Francois Pyrard — *Voyages de François Pyrard, de Laval, contenant sa navigation aux Indes Orientales, Maldives, Moluques, & au Brésil*. Paris, 1679. Tradução portuguesa de J. H. da Cunha Rivara, Nova Goa, 1858-1862, 2 vols.

Conclusão

As obras de Moreau e de Baro sempre gozaram de boa reputação na historiografia brasileira. Francisco Adolfo de Varnhagen, na *História das Lutas com os Holandeses no Brasil desde 1624 a 1654* (Lisboa, 1872), declara-as de muito auxílio para apreciar a restauração pernambucana. José Antônio Gonçalves de Melo, neto, chama Moreau o "quase-clássico" (*Tempo dos Flamengos*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1947, 28). C.R. Boxer utilizou-se bem de suas informações (*The Dutch in Brazil, 1624-1654*, Oxford, 1957), sem criticar ou desmerecer sua obra. Herman Wätjen, no seu livro *Das Hollaendische Kolonialreich in Brasilien* (Haia e Gotha, 1921), traduzido por Pedro Celso Uchôa Cavalcanti (Brasiliana, nº 123, São Paulo, 1938), simplesmente o desconheceu.

O estudo mais moderno ultimamente publicado de Evaldo Cabral de Mello, *Olinda Restaurada. Guerra e Açúcar no Nordeste, 1630-1654* (Editora Forense, Rio de Janeiro, 1975), busca nas páginas de Moreau as informações que uma fonte como ele e Baro prestam aos estudiosos.

É nesta convicção que o livro é pela primeira vez apresentado em português, em tradução cuidada de Lêda Boechat Rodrigues.

JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES

U F S M
Biblioteca Central

NOTA DA TRADUTORA

Esta tradução, sugerida por José Honório Rodrigues há mais de vinte anos, já estava pronta em 1954, quando se comemorou, em Recife, o tricentenário da expulsão dos holandeses do Brasil; pensou-se, então, em publicá-la, o que não foi feito. Revi-a, agora, inteiramente, para esta edição, e as minhas notas que a acompanhavam, vão assinadas com as minhas iniciais.

Todos os nomes próprios e geográficos, em especial, aparecem muito deformados nos textos impressos de Moreau, e de Baro; sempre que perfeitamente identificados, foram corrigidos, sem se fazer disso menção especial em notas. Quando não se trata de simples deformação, mas de erro do autor, dou o nome certo no texto traduzido, e registro, em nota, como aparece no original. As notas são de minha exclusiva responsabilidade e apenas explicativas, de acordo com os critérios que adotei na tradução.

O V, na edição setecentista, muitas vezes está em lugar do U; isso tornou difícil a leitura dos nomes indígenas na *Relação da Viagem ao País dos Tapuias*, de Roulox Baro, traduzida do holandês para o francês por Pierre Moreau, e publicada em aditamento à sua obra. Assim, por exemplo, Vvayupu e Vvau, tanto poderiam ser Uvayupu e Uvau, como Vuajupu e Vuau. Figuram como estão no original, mas são grifados.

Como Moreau não foi o que se poderia classificar de um estilista, abrimos outros parágrafos além dos marcados pelo autor, para tornar mais leve a impressão. O mesmo em relação à pontuação, de certo ponto modernizada, a bem da clareza e da facilidade do leitor de hoje.

Existe uma tradução completa, em português, das obras de Baro e de Moreau, feita pelo Major Mário Barreto e publicada no *Boletim do Estado Maior do Exército*, vol. XXII, nº 1, janeiro a março de 1923, 123-140; aí a *Viagem* de Baro vem antes da *História* de Moreau, invertendo-se a ordem em que aparecem no original.

Em 1954, José Honório deu-me o *Boletim* acima referido para que eu fizesse um confronto da minha tradução com a do Major Mário Barreto. Este incidiu em vários erros, que me escusei de assinalar em notas, registrando apenas as nossas discordâncias, quando tive dúvidas quanto à tradução correta.

Restringindo-me, quanto aos erros, apenas ao exemplo da primeira página da tradução do Major Mário Barreto da *Relação da Viagem de Baro*, o dia 3 (*le troisiéme*) de abril aparece como 13º; o Tenente Coronel Garsman, como Garfuran; o 6º dia, como 16º dia; o 7º dia como 17; os 8º e 9º dias, como 18 e 19; seguidos pelos dias 10 e depois 16, traduzidos acertadamente.

Na tradução da *História* de Moreau, no *Boletim* citado, ainda como exemplo, chamarei a atenção do Leitor interessado para o seguinte: na pág. 164 há pulo, omitindo-se na frase que começa "Que se acontecia que alguns quisessem obter dinheiro. . .", as palavras "e desta forma os comerciantes perdiam oitenta libras por cento"; na pág. 166, Amador de Araújo aparece como Amador de Aragão; na pág. 167, o Capitão Vander Voorde aparece como Vaudervorde; na pág. 169, Lichthart aparece como Leithart; na pág. 170, van Loo aparece como Veulo; na pág. 171, o Capitão Blaer aparece como Blacque. Quase sempre o Major Mário Barreto deixou nomes errados como estão impressos na edição

de 1651. Assim, *verbi gratia,* Jerônimo Ferraz (pág. 173 do *Boletim*) é Jerônimo Serrão de Paiva; e Fernandes Bouilloux (pág. 174 do *Boletim*) é Fernando Rodrigues de Bulhões.

Quanto à tradução das *Notas de Morisot,* que pela primeira vez aparecem em português, pedi a José Honório Rodrigues que revisse o meu trabalho, em face de tantos nomes estropiados indígenas, sobretudo de plantas e bichos, que fogem inteiramente à minha área de estudos.

Que não se veja em minhas notas qualquer pretensão a conhecedora de um assunto que conta com especialistas tão ilustres. Elas refletem apenas a consciência profissional de uma tradutora de mais de vinte anos atrás, que hoje, dominada por outros interesses intelectuais, jamais repetiria esta façanha. E que me desculpem os doutos qualquer engano de tradução e de má interpretação dos textos originais.

Rio de Janeiro, 23 de maio de 1976.

LÊDA BOECHAT RODRIGUES

AO ALTÍSSIMO

PODEROSÍSSIMO E ILUSTRÍSSIMO Príncipe CESAR, DUQUE DE VENDOME, de Mercoeur, de Beaufort, de Penthieure e d'Estampes, Príncipe d' Anet e de Martigues, par e grão-mestre, chefe e superintendente geral da navegação e comércio de França e países conquistados.

Senhor,

Vossa Alteza, na qualidade de almirante, tem direito sobre tudo aquilo que o mar traz de precioso à terra; e entre as diversas utilidades advindas das navegações não é das menores o conhecimento que elas nos proporcionam de tudo o que se passa de notável nos mais distantes países, e nem das que menos agradam às grandes almas, como a sua, nascidas igualmente para conhecer e governar todo o mundo.

Eis porque, havendo-me instruído sobre os negócios do Brasil durante dois anos, que ali permaneci, e particularmente sobre o começo da guerra, ainda não terminada, entre os portugueses e os holandeses, e desejoso de comunicar ao público esta parte da história do nosso século, que me pareceu considerável e bastante pouco conhecida, acreditei ser esta obra, fruto principal de minhas viagens, um tributo legitimamente devido a V. Alteza, não devendo ser publicada antes de lhe ter sido oferecida. Mas não é unicamente ao cargo de almirante que eu quero prestar esta homenagem, pois a situação eminente que V. Alteza ocupa no Estado, o brilho de seu ilustre nascimento, devido às virtudes heróicas do maior dos nossos monarcas, as quais revivem tão gloriosamente na sua pessoa, tornando-a tão cara e tão admirável a toda a França, exigem de todos os franceses todos os testemunhos honoríficos imagináveis. Sou de uma província que, além desta estima e afeição universais, deve a V. Alteza culto especial e reconhecimento extraordinário, possuindo particular conhecimento destas virtudes pela feliz prova enfrentada quando mereceu a honra de tê-lo por governador. Nos males da guerra, de que sofria, e no receio daqueles que a ameaçavam, a presença de V. Alteza deu-lhe então a segurança e logo a seguir a tranqüilidade, conservada posteriormente pelos seus cuidados e proteção, durante a quase geral agitação de todo o Reino, na qual, acreditava-se, ela tomaria parte principal.

Este benefício público e as outras mercês recebidas da justiça, da brandura, do muito sábio e muito desinteressado procedimento de V. Alteza, mantendo esta província no repouso e na obediência que lhe trouxeram toda a felicidade permitida pelas condições do tempo, jamais me tocaram mais vivamente do que agora, pois refleti sobre as misérias e calamidades que acompanharam a sublevação dos portugueses no Brasil e a guerra que se lhe seguiu, a qual teve como causas principais a avareza, a crueldade, a injustiça e a imprudência dos comandantes. Julguei que a história descritiva das desgraças e maldades que as motivaram comunicaria aos outros os mesmos sentimentos por mim experimentados e, assim, servindo para fazer melhor conhecer, por um contraste vantajoso, a grandeza das obrigações que devemos a V. Alteza, poderia ser recebida como testemunho da minha gratidão.

Apesar de haver sido levado por tão fortes razões a dedicar-lhe este trabalho, confesso, no entanto, Senhor, que pela consciência da rudeza de minha expressão e dos outros defeitos inevitáveis pela minha fraqueza, senti-me receoso de parecer indigno de ser-lhe apresentado. Considerei, todavia, que em semelhantes escritos leva-se menos em consideração a maneira que a matéria, e a aqui apresentada goza, talvez, da mesma vantagem de diversas outras raridades do novo mundo: não deixam de ser preciosas no estado em que se apresentam, ainda antes de lhes haver o artifício dado brilho e por mais informes e mal polidas que sejam. Em todo caso, Senhor, se não devo esperar do seu julgamento a aprovação do meu assunto nem do meu estilo, posso ficar tranqüilo quanto à sua bondade, que concordará ou, pelo menos, desculpará o meu zelo infinito; procurando produzir, e não podendo fazê-lo de modo mais sólido, resolvi dar a V. Alteza esta prova dos meus mais humildes respeitos. Espero que a minha boa fortuna, ou melhor, que V. Altesa mesmo me forneça ocasiões mais favoráveis de tornar-me conhecido pelos meus fiéis e apaixonados serviços. Sou,

De V. Alteza,

Senhor,

O muito humilde, muito obediente

e muito fiel servidor,

P. Moreau.

PREFÁCIO

Se é verdade não ser o mundo senão uma cidade, de que todos os homens são habitantes, e vergonhoso, no dizer de Sêneca, nada saber senão e somente com a ajuda dos livros, não há curiosidade mais justa e gloriosa do que a que conduz alguém, levado pelo conhecimento de sua pátria, a ir verificar pessoalmente o que existe de louvável ou censurável nas outras nações. Visto não ser isso possível, exceto através das viagens, seria preciso odiar as belas coisas para não amá-las, pois elas nos ensinam, pela experiência, os costumes dos povos, fornecem-nos mil exemplos e diversas aventuras em que aparecem estados inteiros, famílias e indivíduos e nos possibilitam o julgamento das ações alheias. Assim, só dependerá de nós próprios tornarmos-nos mais sábios e mais bem avisados à sua custa.

Esta doce paixão de ver de tal modo deleitou o meu espírito, que rompeu as cadeias que atam os outros ao seu país e obrigou-me a segui-la. A Holanda, verdadeiro ponto de encontro dos que tencionam dirigir-se às regiões distantes, pelas suas navegações comuns em todos os cantos da terra, foi o lugar escolhido para satisfazer meu desejo. Aí, depois de haver-me assenhoreado um pouco de sua língua, freqüentando as armas durante três anos, vieram ter notícias do Brasil: os portugueses haviam cometido uma covarde traição contra a Colônia dos Estados Gerais das Províncias Unidas dos Países Baixos, e degolado os holandeses, contra o tratado de paz convencionado entre eles, e tomado de surpresa as praças e fortalezas por estes antes conquistadas.

O povo, ruidosamente, só falava em vingar tão insigne perfídia e a tal propósito realizavam-se em todas as cidades reuniões de guerreiros com todos os instrumentos necessários para lançar ao mar uma poderosa frota e enviá-la ao Brasil.Testemunhei tão grande vontade de participar dessa expedição que, por intermédio de algumas pessoas de alto mérito, que me honravam com a sua benevolência, fui apresentado aos Senhores do Conselho de Estado escolhidos para ir governar aquele país, acontecendo aceitar-me um deles como seu secretário. Embarquei com ele, sob a condição, entretanto, de ser-me permitido voltar quando quisesse; isso foi fielmente cumprido.

Ali estive por dois anos, além de seis meses para ir e três meses de volta, durante os quais, à vista de tantas desordens, ruínas, calamidades, homicídios e pilhagens praticadas pelos portugueses e holandeses, uns contra os outros, tanto no mar quanto em terra, apliquei todos os meus cuidados em instruir-me sobre a origem e o começo de tantas desgraças e em anotar tudo aquilo que acreditei conveniente para auxiliar a compreensão dos leitores do presente discurso, que eu me propunha oferecer-lhes relativo às lutas ocorridas no Brasil. A verdade é que jamais se conseguiu ali estabelecer paz e pode-se dizer do Brasil que é como certos lugares da terra: impossíveis de serem satisfatoriamente fortificados, não pelo defeito da arte, dizem os arquitetos, mas pela má situação em que se encontram.

Se esta adorável filha do céu e fiel tutora da felicidade dos homens não pôde encontrar residência firme nesta bela e fértil região, isso não decorreu da falta de conhecimento de seu valor e importância capaz de proporcionar uma vida de perpétua felicidade; foi, talvez, conseqüência de alguma secreta e maligna disposição do ar que aí se respira, infectado pelos demônios que corrompem o natural de seus habitantes. Esta rica parte da

América, em vez de gozar tranqüilidade, parece estar destinada apenas à camificina e à crueldade, que sempre viu executadas pelos descendentes dos naturais e dos que a nossa Europa aí conduziu, os quais, dir-se-ia, só foram atraídos ao seu seio para regá-la com o seu sangue. Os livros dos descobridores deste outro hemisfério dão-nos a conhecer suficientemente o que é este Brasil, em que paralelo está situado, de que maneira os brasilianos, tupinambás e tapuias, os povos desse país, se guerreavam antigamente e devoravam os vencidos; como os portugueses, subjugando estes miseráveis, se fizeram assinalar por horríveis efusões de sangue; como, também os franceses, tendo-se tornado senhores de uma parte do país por meio de sangrentas expedições, os portugueses lha fizeram abandonar com a vida, os quais foram, depois, suplantados pelos castelhanos, ocasião em que grande número dos seus foram mortos, anexando o seu soberano este domínio ao seu Reino. Posteriormente, os Estados Gerais dos Países Baixos aí levaram as suas armas e conquistaram a melhor parte, não tendo sido poupadas as devastações e saques, companheiros da guerra.

Nestes últimos tempos, em que os portugueses voltaram à primitiva liberdade, os antigos desta raça de Portugal pediram satisfação aos castelhanos que os dominavam e enviaram-nos para o outro mundo; e, finalmente, estes mesmos portugueses, depois de ter tratado a paz com os holandeses deste Brasil, tanto os súditos de D. João IV, Rei de Portugal, quanto os outros que reconheciam os Estados Gerais como soberanos e viviam sob sua proteção, sublevaram-se contra eles e depois de diversas mortes, massacres e degolamentos de holandeses apoderaram-se de boa extensão do país e de quase todas as praças, arruinaram, destruíram e devastaram aquelas cujas fortalezas não conseguiram conquistar. Assim, apesar dos esforços e da resistência dos holandeses sempre sofreram eles o pior em terra, tiveram, porém grandes vantagens no mar, onde são muito mais valorosos e seguros que os seus inimigos, que tratam muito mal quando lhes caem nas mãos.

Ora, é sobre esta guerra e as últimas lutas, sem motivos e trágicos sucessos que pretendo discorrer, especialmente e com sinceridade, valendo-me de tudo que vi e ouvi assegurar ou soube por experiência propria e através de memórias que me foram fornecidas, assim como pelas instruções lidas nos registros da Companhia das Índias Ocidentais, o que tudo, parece-me, fundamenta razoavelmente aquilo que vou contar.

DESCRIÇÃO DO RECIFE

Pode-se dizer que esta praça é a mais forte do Brasil e uma das mais fortes do mundo; também os Governadores e altos magistrados da Companhia das Índias Ocidentais para os Estados Gerais aí residem e possuem seus armazéns, aí aportam todos os navios, como lugar onde floresce o comércio. Está situada a oito graus além do Equador, à borda do Oceano, que tem por oriente; tem ao Ocidente a terra firme, ao norte a cidade de Olinda, Goiana, Paraíba e Rio Grande e suas costas estão voltadas para o Equador; na parte meridional estão o Cabo Santo Agostinho e as margens do Rio São Francisco, em direção à Baia de todos os Santos.

Dependem desta fortaleza várias outras; sua situação é maravilhosa e não poderia ser melhor escolhida. Para bem imaginá-la é preciso observar que o Brasil, de uma a outra extremidade, que se diz ter mil e cinqüenta léguas, é inteiramente costeado por uma rocha grande, longa e chata, comumente da largura de dez a vinte passos no mar e mais ou menos um tiro de mosquete distante do litoral, da altura de um pique ou mais, que se percebe quando há vazante e não de outro modo, porque está toda coberta. Se não fossem as ruturas desta rocha em vários lugares que servem de passagem aos navios para entrar e sair, ela constituiria um perpétuo escolho ao longo das costas do Brasil. O Recife está construído não em em frente a uma dessas brechas, mas a quinhentos passos além, numa das orlas desta passagem, da largura de cem passos e sobre a própria rocha, do lado meridional. Há um forte de pedra, redondo, de cem passos de círculo, que o mar banha de todos os lados, munido de vinte grandes peças de ferro fundido e de uma guarnição ordinária de cinqüenta homens, e do qual os navios que chegam devem dar-se conta para não se aproximar muito; ancoram a meia légua dele e depois vêm dar-se a conhecer nos escaleres com as cartas trazidas para Recife; isto feito, envia-se uma deputação a estes navios a fim de examiná-los, antes de conceder-lhes entrada no porto. Ao pé do monte sobre o qual está construída a cidade de Olinda, à borda do mar, começa uma ilha ou, melhor, um dique natural; tem cerca de duzentos passos de largura e uma légua de comprimento do lado meridional, entre a terra firme e esta grande e espaçosa rocha, que fica no mar, a qual se divide aqui e ali, ao pé do monte, constituindo pequeno trajeto que se pode atravessar livremente quando a maré está baixa: a água que se encontra entre a praia e o dique chama-se o rio salgado, pois há um rio de água doce a uma légua para o interior; a que está entre este mesmo dique e a grande rocha chama-se o Porto do Recife. Ora, foi sobre a ponta, cabo ou extremidade deste dique que edificaram Recife, composto de alguns milhares de casas. Não há defesa alguma aquém nem além do porto e do rio salgado, a não ser três baluartes revestidos de pedra, guarnecidos de duas baterias, cada uma de três peças de ferro fundido, uma no caminho da cidade de Olinda pelo dique, outra que domina o rio salgado e a outra no porto. Mil passos adiante, há sobre o dique, também, um bom forte de pedra, que serve como hospital e onde, pelo menos, há sempre uma companhia de guarda, três baterias de quatro canhões dominando o dique, o porto e o rio salgado.

Rocha do Brasil
A

Forte de pedra do Recife.
B

Ilha ou dique natural do Recife.
C

Rio salgado do Recife
D

O porto do Recife.
E

Recife.
F

Baluarte do Recife
G

O Hospital
H

Pouco mais além há, ainda um grande e um pequeno forte, todos dois quadrados, com duplas paliçadas e bons fossos, bem providos de homens e de munições de guerra e de boca, a um tiro de canhão um do outro. Os holandeses mandaram construir, ainda, um reduto ao pé do monte, que foi vendido e entregue por um dos seus aos portugueses, como se verá nesta história; os quais, de sua parte, para guardar-se contra os holandeses, fizeram construir dois outros fortes de seu lado sobre este dique, a distância conveniente. Na ponta do Recife este rio salgado se divide; uma parte deságua no porto, outra penetra pela terra e a contorna num circuito de uma légua e meia, quase em oval, formando uma ilha do lado mais próximo e que fica situada no Recife; só se pode fazer um trajeto, sobre o qual mandaram construir uma ponte de madeira, e sobre a margem está construída uma outra cidade chamada, antigamente, pelos portugueses, Santo Antônio e, presentemente, pelos holandeses, Mauritstad ou Cidade Maurícia, cercacada por bons baluartes de terra, com paliçadas em cima e em baixo, plataformas, meia-lua e revelim, duplos fossos e contra-escarpas e bem o mesmo número de casas que em Recife e com três praças darmas muito mais bonitas, grandes e largas como as do Recife, onde são sempre mantidos mil homens de guarnição. Um pouco aquém, ao lado e bem junto, há um outro forte com cinco baluartes chamado o Claustro, porque foi outrora um convento de franciscanos, e ainda um pouco adiante sobre o rio está a bela casa que mandou construir o Conde João Maurício de Nassau, na qual se fez um corpo de guarda para conservá-la e também as passagens, por que ali se podia vir a vau pelo lado e pelo rio salgado, quando a maré está baixa. Este claustro e a casa do Conde Maurício de Nassau estão separadas da Cidade Maurícia por um canal, onde se faz passar este rio salgado pelo porto, sobre o qual há uma ponte levadiça.

o grande forte do dique. I

O pequeno forte do dique. J

Reduto feito pelos holandeses. K

Grande forte dos portugueses no dique L

Pequeno forte dos portugueses no dique M

Ponte de madeira do Recife. N

Ilha de Mauristad. O

A Cidade Maurícia. P

Forte chamado de Claustro. Q

Casa do Conde Maurício de Nassau. R

Adiante, no trajeto, há ainda um pequeno forte triangular igualmente distanciado da terra firme, da Cidade Maurícia e do Recife, onde vinte homens estão comumente de guarda com pequenos bergantins, a fim de descobrir os portugueses, caso tentem mostrar-se por água e vir dar cerco aos fortes.

Forte triangular que existe no trajeto S

Em seguida, além da Cidade Maurícia, na mesma ilha, existem, ainda, dois fortes, um pentagonal e outro quadrado, distantes um tiro de canhão um do outro, providos de munições de guerra e de boca, protegidos por paliçadas e bons fossos, com boas guarnições. A uma légua ainda além e a um quarto de légua da ponte que separa a ilha da terra firme, há um outro forte, dito dos Afogados, com seis baluartes, guardado por quatro companhias; ainda mais além, a meia légua deste forte, à borda do mar e a três quartos de légua de Recife na terra firme, a uma mosquetada da rocha, foi construído outro forte, chamado Barreta, de forma quadrada, bem cercado por bons fossos revestidos de duplas paliçadas, que domina os que chegam pelo mar e por terra, do lado do Cabo Santo Agostinho, para guardar cuidadosamente o Recife. Donde o leitor pode ver que apesar de todas as medidas tomadas pelos holandeses para torná-lo inexpugnável, esqueceram-se de fazer construir além dos doze fortes aqui mencionados um décimo-terceiro em frente ao Recife, na margem do rio salgado, a fim de ter sempre garantida a re-

Grande forte de Mauritstad. T

O pequeno forte. U

Os Afogados. V

O forte de Barreta W

Porto que os holandeses deviam fazer e que os portugueses fizeram.
X

tirada para a terra firme e água doce para seu uso, visto que dela estão desprovidos em Recife, no dique e mesmo na ilha, onde não encontraram senão fonte de água salobra; em tempo de paz a água vinha da cidade de Olinda para o Recife pelos canais que, presentemente, estão arrebentados. No lugar mesmo em que os holandeses deviam fazer este forte, os portugueses construíram um, de onde totalmente os bateram.

U F S M
Biblioteca Central

RELAÇÃO VERDADEIRA DO QUE SE PASSOU NA GUERRA TRAVADA NO PAÍS DO BRASIL ENTRE OS PORTUGUESES E OS HOLANDESES DESDE O ANO DE 1644 ATÉ O ANO DE 1648.

Os Estados Gerais das Províncias Unidas dos Países Baixos, não contentes de terem logrado grandes conquistas na Flandres contra o Rei de Espanha, resolveram fazer-lhe a guerra noutro polo que o nosso. Mas antes de esforçar-se para atingir alvo tão generoso e obter um resultado feliz, era razoável que tomassem certas providências. Com este propósito, enviaram alguns navios para saber o estado do Brasil, que projetavam conquistar.

Depois de sua volta, reconhecendo que a empresa não traria somente glória, mas também inestimável proveito, permitiram aos ricos negociantes de Amsterdão, que se ofereceram para tentar eles próprios as aventuras dessa viagem, equipar navios de guerra que se arriscaram neste penoso caminho, passaram a linha equinocial e, por fim, descobriram a terra firme do Brasil, seguiram as costas do Rio Grande e Paraíba, foram em direção ao sul até a Capitania de Pernambuco, tomaram de assalto em pleno meio-dia um forte na costa, no sopé de um monte, em cujo topo está construída a cidade de Olinda, a oito graus além da Linha e a uma légua do Recife, da qual aqui se falará muitas vezes.

Esta cidade, desprovida de seus habitantes, que estavam cultivando os campos, foi assim encontrada sem resistência e imediatamente conquistada, ficando como prêmio dos vitoriosos todas as riquezas que nela abundavam. Os soldados holandeses passaram a fio de espada grande número de homens e mulheres, lisonjearam os escravos, tratados pelos portugueses com maior rigor que os animais, libertaram-nos e por esta graça obrigaram-nos a pegar em armas a seu favor e a dar-lhes a conhecer a região e seus arredores.

Primeiro ataque dos holandeses

Estes novos conquistadores, seduzidos por uma sorte tão vantajosa, mandaram apressadamente à Holanda notícia deste afortunado sucesso. Envaidecidos por uma nova tão rara, despacharam logo outros navios que, mal chegaram, se juntaram às primeiras tropas e foram atacar um forte de pedra distanciado da cidade de Olinda uns três quartos de légua, situado sobre um dique, ou melhor, uma ilha de uma légua de comprimento e quinhentos passos de largura, entre a terra firme e esta rocha comprida e larga que borda toda a costa do Brasil, a um tiro de mosquete em direção ao mar.

Depois dessa proeza, foram um quarto de légua mais adiante, ao Recife, construído na ponta deste dique, que contava, então duzentas casas. Facilmente o tomaram e, tendo-se assegurado, aí construíram bons baluartes de terra sobre as passagens do dique. Apoderaram-se, pela fome, do forte de pedra situado sobre a extremidade da rutura da rocha, na embocadura da enseada, dito Farnaboco (Pernambuco) palavra portuguesa que significa boca do inferno, sendo fácil de entrar e difícil de sair. Dela tomou o nome a capitania, que é chamada de Farnaboco (Pernambuco); os holandeses, por corruptela de linguagem, dizem Pernambuco e os franceses *Fernambourgh*. Cobriram o trajeto do Recife a Santo Antônio, outra ilha de uma légua de circuito, cercada no meio pelo curso dágua que vem

de Olinda e passa entre a terra firme e a ilha ou dique do Recife, chamado o rio salgado.

Começo e origem da Cidade Maurícia

e aí construíram a Cidade Maurícia e diversos fortes aqui e ali, aproveitando destroços da cidade de Olinda, que fizeram em parte ruir, conforme se vê presentemente e se poderá melhor compreender pela descrição dada no começo deste discurso. Todo o campo foi assolado e os habitantes dizimados, não se lhes dando quartel; fugiam de todas as partes para as matas e praças fortes vizinhas.

Antes que os castelhanos e portugueses que povoavam o país se dessem conta da situação e se armassem, e o Vice-Rei, que jamais havia previsto tal invasão e residia na Baía de todos os Santos, cidade distante de cem léguas, desse suas ordens, iam chegando navios e mais navios da Holanda aos portos de Olinda e Recife. Estes caçavam os navios, galeões e caravelas da Espanha, carregados de açúcar e de valiosas mercadorias, sempre tomavam alguns e batiam por vezes as suas frotas, ao mesmo tempo que impediam, pelos seus freqüentes cruzeiros, a comunicação por mar dos lugares situados ao norte e ao sul, isto é, do Rio Grande e Paraíba com a Baía de Todos os Santos, visto que estavam no meio do caminho, onde era preciso combater. Por terra, a comunicação era muito difícil; além disso os reforços vinham sempre muito tarde, pois não podiam levar prontamente as notícias e transmiti-las num país onde o transporte se faz unicamente a pé, cheio de matas cerradas, freqüentemente inundado por grandes e profundos rios que é preciso passar a nado e guiar-se sempre pela bússola, algumas vezes num espaço de cem ou duzentas léguas.

Espalhara-se na Holanda o rumor de que o Brasil era o centro das riquezas, onde todos os soldados e marinheiros faziam fortuna, tendo capacidade para acomodar toda a Eu-

Nova proposta feita aos Estados Gerais para ir conquistar o Brasil

ropa. Isso despertou a atenção dos principais comerciantes de Amsterdão, que a este propósito escreveram aos das boas cidades das Províncias Confederadas, reuniram-se e fizeram uma representação aos Estados Gerais, na qual diziam que tendo sido obtido tudo que já se possuía no Brasil por conta dos comerciantes, eles se ofereciam a continuar a conquista e estavam dispostos a equipar frotas inteiras e a armar tantos soldados quantos fossem necessários à sua própria custa, desde que se lhes garantisse a exploração da conquista que conseguissem ou viessem a conseguir, com todos os direitos, proveitos e rendimentos que daí pudessem retirar durante um certo número de anos.

Este pedido foi-lhes deferido pelo espaço de trinta anos, a começar de 1624 e a ter-

Condições em que esta proposta foi recebida

minar em 1654, bem como o privilégio de nomear, prover, eleger e escolher todos os oficiais superiores e subalternos do governo, justiça, polícia, milícia e marinha, prestando por eles o juramento de fidelidade perante os Estados Gerais como a seus soberanos e obtendo deles confirmação, com a obrigação de manter os lugares, cidades e fortalezas e o que deles dependesse, os portos, pontes e passagens em bom estado, e mandar fazer os reparos necessários, demolir ou construir quando houvesse necessidade, pagar corretamente aos oficiais, soldados e todos os que estivessem a seu serviço, administrar boa justiça a seus súditos, mandar instruir os brasilianos e

Como se chamou a sociedade que projetou esta viagem as Índias

tapuias no conhecimento de Deus e da religião cristã, etc., com a condição de que, no fim dos trinta anos, ao entregar o país a seus soberanos, seriam reembolsados do valor de todos os seus navios, canhões, munições de guerra, equipagem, dinheiro empregado na construção de fortes, muros, casas e armazéns públicos existentes.

A sociedade dos comerciantes e particulares foi chamada Companhia das Índias Ocidentais, a qual se dividiu em câmaras em cada boa cidade livre, cada uma com seus administradores próprios e tendo todas juntas por diretores gerais dezenove personagens dos mais opulentos, e como chefe honorário o Príncipe de Orange, a fim de prestigiá-los com

O Príncipe de Orange foi seu chefe

o seu nome. Tomavam suas deliberações em Haia, onde todos residiam, faziam-se obedecer de modo absoluto por todas as câmaras, ordenavam-lhes em nome da companhia fretar e fazer ao mar navios, recrutar soldados segundo sua necessidade, ordenar a partida das frotas; mandavam visitar os navios carregados vindos das Índias, examinar as mercadorias de que estavam cheios, distribuíam as somas provenientes da referida venda a cada câmara e em proporção dos fundos possuídos. Seus administradores dividiam também pelos particulares e participantes o lucro obtido, proporcionalmente às quantias fornecidas, deduzindo previamente os impostos e despesas públicas, assim como os ordenados pagos e a pagar àqueles que estavam ao seu serviço.

Esta era a ordem obedecida nesta Companhia: seus homens de guerra eram embarcados de um dia para outro para o Brasil, batiam seus inimigos, tomavam as praças fortes, tornavam seus tributários os habitantes do campo que vinham submeter-se à sua mercê e mantinham-nos no gozo de seus bens.

Conselho dos Dezenove.

E porque os oficiais das praças começassem a achar que era muito trabalho, os Dezenove, que tinham o tratamento de Excelência, criaram um Alto Conselho, chamado dos Políticos, cujos membros eram, na sua maior parte, mais bem versados na ciência mercantil do que na das letras. Seguiram para o Recife a fim de governar o povo e o país e distribuir soberanamente justiça; após um período de seis anos eram chamados de volta e substituídos por outros. Estes Políticos comissionavam um deles com o título de Diretor em cada praça ou capitania conquistada, o qual conhecia de todas as apelações emanadas de Juízes inferiores e, privativamente, em primeira instância, de tudo que dissesse respeito à Companhia e às fraudes que se praticassem por ocasião da percepção dos seus direitos, de todos os crimes, roubos, assaltos e assassinatos. De seus julgamentos cabia apelação para os políticos, que estabeleceram duas outras jurisdições em Recife: uma dos juízes comissários, alternativos e escolhidos entre os burgueses, outra dos Escabinos, cujas sentenças em apelação ou em primeira instância, no cível, eram executadas por provisão e mediante caução, desde que inferiores a 3.000 libras. Tinham um advogado e um procurador fiscal, que acusavam e apresentavam denúncia em geral. Os conselhos de guerra, em campanha, e da marinha no mar, eram soberanos; mas para os realizados no Recife, eram convocados todos os Políticos.

Quais eram as funções e poderes desses Dezenove.

Duas jurisdições estabelecidas no Recife

Os limites das conquistas holandesas aumentavam a olhos vistos pelo valor de seus soldados, assim como o comércio e o tráfego, e isto obrigou ainda os Dezenove a instituirem um outro Conselho de Estado e colégio soberano, ao qual submeteram o dos Políticos, aos quais só deixaram a função de distribuir justiça em última instância (e o privilégio de serem diretores). Quando era proferida alguma sentença de morte, antes da execução, o caso era apresentado ao grande Conselho, que poderia exercer o direito de graça ou moderar a pena do condenado, conforme lhe parecesse. Então, a nossa milícia holandesa, encorajada pelas suas vitórias e pela presa que conseguia, tornou-se de tal modo temível que vinte deles não se arreceavam de atacar cem dos inimigos. O Rei da Espanha e seu Vice-Rei, justamente alarmados com uma desgraça tão surpreendente, armavam-se de todos os lados para garantir o país do Brasil. Os holandeses, avisados disso, para garantir as afeições e a amizade de todos os brasilianos e tapuias que os portugueses escravizavam, tornaram pública a proibição de retê-los ou cativá-los, sob pena de morte, com exceção dos negros da África, dos mulatos procriados da mistura de português e negra, dos mamelucos, que nascem de português e brasiliana. Estes selvagens, criados na indolência, apreciando acima de tudo a vida ociosa e não tendo outro cuidado senão beber e comer, não se mostraram ingratos em face deste rico presente de sua liberdade restituída, pois anteriormente não podiam viver em segurança, refugiavam-se

Política judiciosa dos holandeses.

F F S M

nos desertos e tinham tal terror das armas portuguesas e do fogo invisível, que saía de seus mosquetes e fuzis causando-lhes feridas mortais, que se afastavam do convívio dos cristãos. Radiantes, assim, por uma graça tão pouco esperada, vieram, eles próprios, oferecer seus serviços a seus benfeitores, os quais, habitualmente, cumularam-nos de pequenos presentes, ensinaram aos brasilianos o manejo das armas e a bem atirar com elas. Os tapuias, porém, nação mais brutal, que vivem completamente nus nas matas, como vagabundos (havendo alguns que habitam em comum nas aldeias ou vilas, mas que se locomovem de seis em seis meses para serem mais sadios e andam por todos os lugares), estes nunca puderam acostumar-se e logo que se lhes apresenta um fuzil, lançam-se em terra e prontamente se levantam, sem, às vezes, dar tempo de carregá-lo novamente. Levam apenas clavas largas e chatas na ponta, feitas de uma madeira dura com as quais partem um homem ao meio com um só golpe. Entretanto os holandeses serviram-se de uns e de outros e tendo-os muito bem entrosados, seu exército realizava com eles maravilhosos progressos. Conduziam-nos pelos lugares mais ásperos e difíceis, passavam eles próprios a nado os soldados que não ousavam aventurar-se nos grandes rios, marchavam e corriam com uma velocidade incomparável adiante, atrás e ao lado, cortavam, com machados que se lhes entregara, os espinheiros e silvados espessos que tornavam anteriormente o mundo tão pequeno, levavam dois a dois numa maca, que é uma tela de algodão feita como as redes de pescadores, os oficiais cansados ou indispostos e os soldados doentes; projetavam as emboscadas, levavam os holandeses a lugares onde os inimigos eram surpreendidos e mortos. Se houvesse necessidade de bater-se em campo raso, os portugueses tinham certeza de perder a vida caso não fugissem, pois estes tapuias e brasilianos, excitados, queriam eles próprios matar aqueles que pensavam retê-los como prisioneiros. Todavia isso só acontecia muito raramente e de soldados para soldados, na ausência dos outros.

Medo que os tapuias têm das armas de fogo

Clavas dos tapuias.

Maca é uma tela de algodão de que se servem os tapuias.

Falta de humanidade dos tapuias e brasilianos.

Os habitantes do campo tomados sob a proteção da Companhia das Índias, ainda que se lhes dessem salvo-condutos, jamais estavam seguros. Assim, o povo português gemia oprimido por desolação tão imprevista, via o ouro e a prata, grandes bens de que regurgitavam, ao abandono e à pilhagem, e seus vizinhos, parentes e amigos seriam a todo instante vítimas miseráveis destes selvagens que se banqueteavam com os seus corpos, aos quais tinham feito experimentar toda espécie de barbaridades. O céu, irritado, não podendo tolerar tal coisa, enviou-lhes este flagelo, tanto para castigá-los da sua tirania, como para puni-los e abafar as ações abomináveis que os maculavam, cometidas tão comumente que forneciam exemplo de todas as espécies de crimes e de desonestidade, vivendo eles segundo sua fantasia e não segundo Deus, que bem sabe fazer cessar a prosperidade dos que o desprezam.

Dissemos que o Rei de Espanha e seu Vice-Rei se armaram poderosamente para opor-se aos ataques da Companhia das Índias, a qual, de sua parte, enviava todas as forças e munições possíveis para fazer-lhes frente. Não desejo tratar pormenorizadamente das batalhas ganhas pelos holandeses, dos sítios, tomadas, retomadas e ataque a praças,localides e cidades de importância, do grande número de homens mortos em diversos recontros. Direi somente que em dezessete anos, pelo valor de seus soldados (dos quais a maioria era constituída de franceses) e sob a direção dos Generais Sigismundt Schkoppe e Arciszewske, alemães, e do Conde João Maurício de Nassau, sempre favorecidos pela fortuna, conquistaram cerca de trezentas léguas do país em comprimento, contíguas umas às outras, e todos os fortes e praças que os tinham em sujeição, para tomá-los além da capitania do Ceará, próximo da Linha, até a Baía de todos os Santos. Submeteram-nas às suas leis, com todos os portugueses do país que, por este meio, voltaram novamente, pouco a pou-

Os primeiros generais dos holandeses destinados às Índias foram alemães.

co, à sua antiga prosperidade e principalmente os senhores (ou, como eles chamam, os senhores de engenho de açúcar) esparsos pelo campo, que possuíam mais terra, ali, que os grandes senhores possuem na França, tendo comumente a seu serviço até cem e duzentos escravos. Os feitores faziam estes escravos trabalhar e cultivar os canaviais ou campos de açúcar, colher as canas-de-açúcar, levá-las e colocá-las na prensa para obter o licor, cortar e trazer a madeira para os fornos, manter-se perto das caldeiras, fazer cozer e recozer este açúcar para o coalho, dar-lhe sua cor e, finalmente, branquear o açúcar mascavo (antes de refiná-lo) com certa terra, cinza de certa madeira e azeite de oliveira. Enquanto duraram estas vantagens, os tapuias e brasilianos tornaram-se astuciosos e esconderam os rebanhos e valores tomados e pilhados aos portugueses. Os oficiais e magistrados do Recife, ao terem conhecimento dessa situação, pretextaram o bem da Companhia para obter o seu e proibiram os da Europa (chamados de "brancos") de vender-lhes fosse o que fosse e, igualmente, de comprar deles, sob graves penas. Estabeleceram, entretanto, que seus amanuenses lhes debitariam aguardente, vinho de Espanha e fumo, coisas de que são extremamente gulosos e também outras miudezas, como panos, pentes, facas, agulhas e alfinetes. Conseguiram por este artifício o que haviam proibido e forçavam o preço que queriam. A cobiça desses magistrados foi crescendo e, desejando eles retirar ainda mais das mãos dos soldados o que estes conseguiam adquirir dos selvagens e da pilhagem dos portugueses, inventaram que só os que tivessem ordem sua poderiam vender aos selvagens ou fiar-lhes qualquer mercadoria, enquanto estivessem no campo, e só o que dissessem provir do armazém da Companhia. Nada, portanto, em conseqüência dessas ordens lhes era negado em seus festins, enquanto houvesse gêneros ou dinheiro para pagar e por meio desta esperteza atribuiram-se, finalmente, todo o lucro. E ainda mais, a fim de tornar o seu comércio mais célebre e aumentar os seus rendimentos, chamaram judeus de Amsterdão, devido aos grandes tributos que estes pagavam, deram-lhes duas sinagogas, uma em Recife e outra na Cidade Maurícia, onde lhes permitiram, como aos outros, construir. Diversos portugueses, então, que anteriormente haviam feito aparente profissão de cristianismo, a ele renunciaram abertamente e se enfileiraram ao lado dos judeus, praticando tantas usuras e exações indevidas que sugaram insensivelmente o cerne e a substância dos bens dos cristãos.

Poderio dos senhores de engenho de açúcar.

Modo de fazer o açúcar.

Judeus de Amsterdão chamados ao Brasil e razão disso.

Estes administradores da coisa pública só almejavam o lucro e o proveito da Companhia (a fim, diziam eles, de suportar as despesas da guerra) e exigiram, ainda, de todos os súditos das cidades, das vilas e do campo, a vigésima parte do valor de suas propriedades, segundo sua avaliação, e por diversas vezes a décima dos aluguéis das casas. Cobravam o pedágio da ponte de madeira que ligava Recife a Santo Antônio, o que, sem contar os outros tributos, deu a ganhar àqueles que tinham levado a cabo o empreendimento com um fito de utilidade pública cem vezes mais do que o seu custo. Os arrendatários que haviam combinado a construção com os Magistrados fizeram-se pagar em Recife, na Cidade Maurícia, em particular e em todo o campo em geral, exigindo impostos tão excessivos pelo direito de passagem da ponte para os homens, cavalos, carros e mercadorias, que um homem a cavalo e seu escravo chegavam a pagar trinta e dois soldos. Além disso, não era permitido, fosse a quem fosse, mesmo aos holandeses, trafegar por aí e embarcar qualquer coisa a não ser nos navios da Companhia; as mercadorias e objetos eram taxados de tantas gabelas correspondentes aos direitos de registro, reconhecimento, contrôle, avarias marítimas, desembarque, verificação, armazenagem, imposto alfandegário, que o pouco lucro restante depois da dedução desses tributos teria desanimado os mais laboriosos, se não fosse a venda aos portugueses, a preços exces-

Exações praticadas pelos holandeses.

sivos e não razoáveis. Do mesmo modo, os corretores da Companhia que em seu nome comerciavam tudo, até chapéus, casacos, gibões, tecidos, camisas, colarinhos guarnecidos de rendas, vinho, cerveja, aguardente, manteiga, queijo, azeite, gordura, farinha, etc., entregavam-nos a crédito aos portugueses por somas prodigiosas, pagando-se depois em açúcar, algodão, gengibre, fumo, tomados ao preço que queriam. O pau-brasil era privativo da Companhia, que mandava cortá-lo e extrair o alburno pelos seus escravos, daí tirando grandes lucros. O Alto Conselho declarou também que lhe pertenciam todos os tesouros, rebanhos e presos escondidos nas matas e pelos campos, os cavalos (que se aproximam em excelência dos da Espanha, mas não podem ser utilizados na guerra, devido à dificuldade dos caminhos), os bois, vacas, cameiros, porcos, cabras e outros animais domésticos abandonados pelos portugueses mortos ou que se tivessem retirado para o lado da Baía de Todos os Santos.

Então os portugueses sujeitos ao domínio holandês, aos quais era estritamente proibido, pelo medo que se amotinassem, ter em suas casas pólvora de canhão ou espingarda de fogo, vinham, freqüentemente, apresentar amargas queixas contra aqueles que iam re-

Infame invenção dos holandeses para tirar dinheiro dos portugueses.

buscar seus domicílios, porque estes próprios enviados, diziam, costumavam jogar secretamente pólvora nos recantos, obrigando-os a desembolsar grandes somas com medo de serem acusados e, em face da denúncia, serem condenados e feitos prisioneiros, como acontecera a diversos. Os oficiais e soldados, tanto das guarnições quanto do campo, mostravam-se também descontentes, pelo fato de os comissários, em lugar de distribuir-lhes os víveres para a sua ração de cada semana, conforme eram encontrados nos armazéns, escolherem os melhores para vendê-los aos portugueses e não lhes fornecerem senão os deteriorados e adulterados, indo de preferência buscá-los ou trocá-los em casa dos particulares. Era um grande favor a todos os assalariados da Companhia adiantar-lhes em víveres ou em dinheiro alguns meses de seus salários, contados ao triplo; a maior parte deles, oprimidos pela necessidade, não dispunha de outro socorro senão vender e ceder aos burgueses ou aos judeus, por dinheiro à vista, os adiantamentos de seus serviços de dois, três, quatro ou cinco anos, pela quarta parte do que lhes era devido. Embora não se engajasse ninguém senão por três anos, os que haviam servido dez a doze anos eram despedidos pura e simplesmente; o insuportável é que, depois de já terem embarcado para voltar, com muito bom passaporte, se acontecia naufragarem, os navios muito velhos, pela falta do piloto ou por outro qualquer acidente, ou a encalhar ou a ser tomados por piratas ou por inimigos, recusava-se, na Holanda, àqueles que tinham tido a felicidade de escapar do perigo, o pagamento e a recompensa de seus salários, porque (dizia-se-lhes) não tinham sabido conservar o navio que lhes fora confiado, donde a Companhia perdia mil vezes mais do que eles. Os ingleses, porém, faziam reparar esta injustiça aos de sua nação: justificavam por bilhetes (que lhes eram dados em Recife) seu tempo de serviço e os salários prometidos e detinham o primeiro navio holandês ancorado em seus portos, não o deixando sair antes que o mestre tivesse feito o pagamento devido; davam a este o recibo e seu recurso para a Companhia que era, depois, condenada a reembolsá-lo com juros. Os governadores de Dieppe e Calais imitaram, também, este procedimento em relação aos franceses, mas o fizeram rara e mais demoradamente. Os guarda-livros que deviam registrar os nomes dos engajados ao serviço da Companhia, o dia e data de sua vinda e os adiantamentos que lhes eram concedidos faziam a escrituração em folhas separadas para poderem ser enriquecidos durante sua permanência no país, e praticavam mil velhacarias, enchendo os papéis de falsos pagamentos; depois de havê-los feito verificar pela câmara das compras e aprovar pelos tesoureiros, estes lhes davam saques contra os pagadores da Holanda e assinavam juntamente de acordo, após o que esses papéis faziam fé. Os soldados podiam depois gritar e jurar

que nada tinham recebido; que sabia escrever,que tivesse dado recibo, o guarda-livros estava longe e não havia mais remédio. Era tal a situação que alguns desses jovens, depois de haverem escapado de tantos perigos e consumido seus mais belos anos neste serviço, nada lhes restando, devido à fraude desses falsários, se enforcaram de desespero. Outros, mais constantes, acompanhados de inconsoláveis estropiados e manetas que não podiam satisfazer-se com as somas prometidas pelos artigos da Companhia para a perda de seus membros, internaram-se nas matas com os vagabundos e velhacos e saqueavam de surpreza os engenhos de açúcar e casas campestres, distanciadas, em geral, de uma ou duas léguas umas das outras, matavam os viajantes e roubavam-nos. Seriam precisos regimentos para cercá-los; mas estando os soldados ocupados nas fronteiras, os comerciantes e viajantes viram-se obrigados a servir-se dos soldados das guarnições como escolta, aos quais alimentavam e pagavam diárias. É certo que para remediar tal estado de coisas eram exemplarmente supliciados todos os que caíam nas mãos da justiça; os outros, porém, não cessavam de saquear.

Também foi isto que deu oportunidade aos portugueses de virem pedir, instantemente, permissão aos senhores do Conselho para o porte de armas, a fim de se defenderem das incursões e roubalheiras desses salteadores que viriam degolá-los. Os senhores, porém, receando que tal licença excitasse os portugueses à sedição e a tramar e planejar alguma desordem, inicialmente levantaram algumas dificuldades a esse pedido; mas, finalmente, considerando que não havia qualquer aparência disso nem vantagem em expô-los à carnificina dos ladrões e privá-los dos meios de resistir-lhes, permitiram-lhes ter fuzis e mosquetes, sob a condição de serem da marca da Companhia e de trazê-los para o armazem logo que isso fosse ordenado, assim como receber em casa um ou dois soldados, expressamente para fiscalizar o seu procedimento. Depois desta permissão, foram, de início, tão estritamente observados que, à menor suspeita de agitação ou de terem qualquer comunicação com os outros portugueses do partido contrário, o Conde João Maurício de Nassau mandava prender os chefes e principais, que não se livravam de suas mãos antes de untá-las.

Avareza vergonhosa de João Maurício de Nassau

O mesmo se dava em relação a outros assuntos, com o que não se mostrava a Companhia das Índias muito satisfeita, pois, dizia, ficava ele com o melhor bocado para si. Entretanto, com o decorrer do tempo, souberam os portugueses tão bem agradar com os seus presentes e afagos os grandes e os pequenos e mostraram-se tão liberais e gratos pelas armas emprestadas, que davam pelas mesmas o triplo do justo preço; assim, o desejo de lucro que todos possuem levou os comissários e muitos particulares a vender-lhes. Os portugueses, ansiosos de prover-se delas, compravam sempre a dinheiro e davam, comumente, trezentas a quatrocentas libras por peça; conta-se, até, que um senhor de engenho comprou duas, a setecentas libras cada uma. Mas Deus, que desde então reconheceu a extrema avareza dos holandeses, cegou-os de tal modo pela ganância do lucro que permitiu, aos portugueses munirem-se de armas de fogo dessa espécie, das quais tiraram inestimável proveito: estas mesmas armas que tinham sido os instrumentos de sua avareza foram os de suas ruínas e de suas perdas, como verá o leitor pela seqüência deste discurso.

Só se dizia missa no campo, e não nas praças e cidades pelos capuchinhos e franciscanos, não pelos jesuítas.

Quanto ao estado da religião, havia liberdade de consciência, mas a missa só era rezada no campo (e não nas cidades e lugares fortes) pelos capuchinhos e franciscanos (não pelos jesuítas, que não eram tolerados ali). Estes eram enviados pelo Bispo da Baía de todos os Santos e obrigados, antes de começar a oficiar, a apresentar-se aos senhores do Conselho do Recife, pedir-lhes seu consentimento, prestar juramento de fidelidade, de que ali se introduziam apenas para instruir o povo no temor de Deus, de honrar os magistrados, viver bem com o seu próximo, e não se introme-

ter nos negócios do Estado; davam caução e eram responsáveis pelas suas ações. Os holandeses pregavam por toda parte em flamengo, francês, português, inglês; dirigiam-se aos brasilianos pelos ministros que, desde a juventude, tinham aprendido a sua língua e estudado nas Universidades de Leide, Utrecht e Groninga, os quais residiam entre eles como professores, ensinando a ler e a escrever em cada aldeia. Não tinha sido possível, ainda, persuadir os tapuias, porque o diabo os ameaçava e maltratava logo que pensavam acercar-se e porque não viam reluzir santidade entre os cristãos, censuravam-lhes o serem mais maldosos do que eles, capazes de dizer maravilhas e de não fazer nada apropriado de suas belas lições.

Irreligião deste país

Com efeito, a piedade jamais foi tão fria num país onde o ar tem tanto calor: estavam em voga todos os vícios, os templos de uma e de outra religião eram pouco ou nada freqüentados, a pouca preocupação de enviar aí seus escravos e ensiná-los a rezar a Deus era causa de que vivessem como animais, sem outro cuidado que fazê-los trabalhar, tendo eles apenas o domingo para repousar. Os judeus preocupavam-se muito mais com a instrução dos seus em suas crenças, mas todos, indiferentemente, levavam vida lasciva e escandalosa; judeus, cristãos, portugueses, holandeses, ingleses, franceses, alemães, negros, brasilianos, tapuias, mulatos, mamelucos e crioulos coabitavam promiscuamente, sem falar dos incestos e pecados contra a natureza, pelos quais diversos portugueses convictos foram condenados à morte e executados. Mas eis aqui um efeito prodigioso de avareza que, à primeira vista, parecerá inverídico: estes judeus e cristãos vendiam não somente os filhos das mulheres escravas, permitindo aos negros virem procriar em suas casas, como ainda aqueles que tinham sido gerados de seu próprio sangue com as negras, às quais eles seduziam e tinham como concubinas; vendiam e compravam escravos como se faz aqui com os novilhos e carneiros, e a única providência tomada pelos magistrados era ordenar a liberdade da escrava seduzida pelo seu senhor.

Exemplo de uma prodigiosa avareza.

Remédio contra as lascívias que se praticavam nas Índias.

Apesar dessa geral corrupção de costumes, presságio de alguma estranha calamidade, não deixaram as armas dos holandeses de florescer e de conseguir contínuas vitórias sobre o Rei de Espanha. Tornaram-se assim pacíficos possuidores, como dissemos, de perto de trezentas léguas de território, nas quais estão compreendidas as capitanias e praças do Ceará, Santo André, Rio Grande, Cunhaú, Paraíba, Cidade Frederica, Goiana, Olinda, o Recife de Pernambuco, cabo Santo Agostinho, Serinhaém, Porto Calvo, Rio São Francisco, as ilhas Fernando de Noronha e de Itamaracá, etc. tinham já a Baía de Todos os Santos, que haviam tomado uma vez, guardado apenas um ano, e de novo perdido. Os soldados queriam reparar esta brecha na sua reputação e voltar a implantar-se ali. Eram em número de dez ou doze mil homens efetivos, todos bravos guerreiros, tinham ao seu lado os brasilianos e tapuias, praças fortificadas e munidas de boas guarnições. Uma vez que tudo cedia ao seu valor, prometiam submeter-lhe ainda, uma cidade tão considerável, rica e importante. Aliás, não era sem razão que desejavam empreender uma tão bela empresa e esforçar-se por vencer, pois este era o ponto mais alto que poderia atingir sua ambição, visto que a posse desta cidade os tornaria senhores absolutos de um país tão grande, tão belo e tão fértil como o Brasil.

Território conquistado pelos holandeses

Estavam os preparativos da guerra tão bem organizados para este objetivo quanto a coragem dos soldados disposta a vencer; e considerando-se o estado em que então se encontrava essa praça, os holandeses facilmente a teriam tomado. A revolta da coroa de Portugal contra a obediência à de Castela, em 1641, porém, foi o golpe fatal que estorvou os seus triunfos e estancou os troféus adquiridos pelo mérito de tantos generosos soldados para a Companhia das Índias, como mostraremos adiante.

Execução pronta dos castelhanos pelos portugueses.

Todos sabem ter sido a elevada resolução dos portugueses de se libertarem do jugo da Espanha tão engenhosamente executada que exterminaram os castelhanos quase ao mesmo tempo em todos os lugares onde haviam estado como dominadores e dos quais tinham se tornado senhores, apesar de distanciados de mil a duas mil léguas uns dos outros. Isso verificou-se sobretudo no Brasil, onde a raça foi extinta. Os da Baía de Todos os Santos comunicaram rapidamente tais acontecimentos ao Conselho de Recife, ao qual pediram trégua, na esperança de ajustarem a vida juntos, como bons amigos. Esse propósito foi confirmado em cartas da Holanda e ordenou-se um jejum público em Recife e em toda a extensão da conquista, a fim de agradecer a Deus pelo enfraquecimento das forças da Espanha e pela liberdade reconquistada pelos portugueses.

Jejum público ordenado em ação de graça

D. João IV, seu novo rei, enviou embaixadores aos reis, príncipes e repúblicas da Europa, pediu sua amizade e socorro ao Rei da França e a seus aliados. Os Estados Gerais enviaram-lhe navios armados, soldados e víveres e por sua conta e a seu pedido trataram a paz com ele para todos os países e súditos que ambos possuiam além e aquém da linha equinocial, Europa, África e América e especialmente no Brasil, cujos artigos sumários são os seguintes: Os Estados Gerais e a Companhia das Índias a eles subordinada continuavam senhores soberanos e proprietários de todos os países, ilhas e povos conquistados, desde que aí trouxeram suas armas até o ano 1641; a outra parte do Brasil pertenceria a D. João IV e a seus sucessores, como legítimo Rei. Todas as guerras e atos de hostilidade cessariam futuramente, sendo esquecidos por ambas as partes. Seus súditos poderiam ir e vir e negociar juntamente, sendo-lhes proibido travar querelas quanto ao passado, devido à religião, etc.

Artigos concedidos ao Rei D. João IV.

Os Estados Gerais não desejavam absolutamente incluir o Brasil neste tratado, pelo conselho que lhes deram algumas pessoas judiciosas, mas a Companhia das Índias, pelas suas importunas representações fê-los condescender nesse ponto. Os religiosos de Portugal vindos a Haia a fim de visitar os Dezenove, procuraram convencê-los que seria fácil viverem todos felizes num tão belo clima, que não devia continuar como teatro de guerra, onde era espalhado o sangue cristão; os homens, estas preciosas obras de Deus vivo, depois de tantos assassinatos e carnificinas, cujo só pensamento causava horror, deveriam refletir e reconhecer que não estavam sobre a terra para se estrangularem, mas, antes, para se pouparem e socorrerem uns aos outros; a guerra era inimiga mortal das virtudes, a escola da impiedade, a ruína e o desperdício dos dons e bens que a bondade divina nos distribuiu e tornava sempre miseráveis os lugares onde era acolhida; a companhia devia almejar uma prosperidade honesta e não colocar sua felicidade nos saques e destruições de seus vizinhos; só a paz poderia contentá-las igualmente. Os Dezenove examinaram então quantos tesouros voltariam a seus cofres, quanto dinheiro por eles economizado era preciso destinar à tropa de terra e do mar, que consumia a quintessência de seus rendimentos, verificaram que tinham bastante território e habitantes para cultivá-lo e que se viessem a gozar de uma tranqüilidade de treze a quatorze anos realizariam lucros imensos e disporiam de oportunidades sem exemplo. Os Estados, persuadidos destas razões, aprovaram estes sentimentos e acreditaram, também, que aí estaria um poderoso elo para ligá-los a esta nação e por este meio, abater os espanhóis e conquistar as suas mais belas províncias.

Demonstração feita pelos religiosos aos Dezenove.

A paz foi assim geralmente estabelecida, mas antes que a notícia tivesse sido publicada em Recife, enquanto estavam a caminho os navios que a traziam, os senhores do conselho fizeram ao mar uma frota que tomou a direção da África, onde os portugueses possuiam boas praças e também tinham matado os castelhanos que aí os haviam dominado. Os portugueses dizem que os navios partidos da Holanda para trazer a notícia da paz encon-

traram essa frota e que os que a conduziam lhes rogaram não divulgassem havê-la visto e não mandassem tão cedo anunciar esta paz, porque iam rapidamente levar a cabo uma bela empresa; que seguindo cada um a sua viagem, a esquadra foi atracar em Angola, a setecentas léguas de Recife, em linha reta onde atacou de surpresa e venceu a cidade e fortaleza de Loanda de São Paulo, Maranhão, São Tomás e outros lugares, não deu quartel aos portugueses, aprisionou alguns e num instante se viu senhora do país. Foi a paz, entretanto, publicada nas duas partes do Brasil e o Vice-Rei e o Conde João Maurício de Nassau juraram fazê-la observar inviolavelmente em todos os pontos, visitando-se na Bahia e no Recife. Não houve, então, senão aclamações, fogos de artifícios, festas e passatempos. Mas a tomada de Angola causou murmúrios e o Vice-Rei contentou-se em mandar avisar incontinenti ao Rei de Portugal, seu senhor, que estava preocupado em firmar-se no trono. Os senhores de Recife enviaram, igualmente, deputados aos Estados Gerais e à Companhia das Índias para instruí-los de suas razões. D. João IV não deixou de apresentar queixa a S. Majestade Cristianíssima a qual mandou fazer representações aos Estados Gerais pelo seu embaixador ordinário na Holanda, onde o de Portugal, presente, alegou que estas praças tinham sido tomadas contra o tratado de paz, de que os holandeses e portugueses estavam avisados no Brasil; os de Angola estavam dele advertidos e tinham-se deixado abordar pelas tropas da Companhia sem resistência, permitindo-lhes entrar para acolhê-los como amigos, e que, no entanto, tinham sido geralmente massacrados e visto seu país e suas praças perdidas; pelo que pediam a restituição com juros, o que seria pura justiça em face desse atentado. Os deputados de Recife alegaram que este discurso era hipotético e calunioso, que não estavam avisados da paz e sua esquadra já havia partido e se achava em Angola quando as cartas chegaram; embora os portugueses dissessem ter sido acordada a paz, dela não tinham certeza; eram subordinadas e só se deviam inclinar perante as cartas de seus superiores; logo que souberam da paz e esta foi publicada, mandaram a notícia à frota, que já havia conquistado o país e as praças; depuseram imediatamente todas as armas e ficaram somente na defensiva. Alegaram ainda que os portugueses de Angola se tinham defendido bem e lutado valorosamente para impedi-los de alcançar o seu objetivo tendo sido mortos diversos holandeses, e que não se podia dizer que os de Recife tivessem infringido a suspensão de armas, pois esta fora concedida para o Brasil e não para a África; a conquista que eles ali tinham levado a efeito era de boa guerra, pertencia-lhes legitimamente pelo direito das armas e não deviam nem podiam restituí-la. Os Estados Gerais fizeram saber que este negócio dizia respeito a alguns particulares, sendo necessário que os mesmos fossem informados da verdade, antes de responder.

Os holandeses conservaram por provisão estas praças e território, aí colocaram um diretor com alguns secretários para governá-los segundo suas ordens, com o poder de cominar soberanamente a pena de morte, exceto aos oficiais, cujo julgamento continuou a caber aos Políticos; procuraram a aliança dos Reis do Congo e da Rainha de Angola, que lhes permitiram construir e habitar no máximo a duas ou três léguas ao longo de suas costas e conseguiram diversas riquezas do tráfico que realizavam com os súditos dos mesmos.

Ainda que o Rei de Portugal não pudesse conformar-se com esta perda, considerada uma usurpação, não ousou, todavia, renovar a guerra, porque não se sentia bastante poderoso. Além disso, pelo fato de ser o Brasil povoado e cultivado apenas pelos súditos naturais, acreditou não lhe seria impossível tornar-se um dia o único possuidor dele, por outra via que a das armas. Era preciso dissimular e não deixar transparecer o seu ressentimento, não falar mais de Angola e passar sobre isso em silêncio, prevalecer-se desta paz e servir-se dela tanto quanto a achasse propícia à realização de seus desejos. De fato, a tomada de Angola não trouxe nenhuma alteração e permaneceu, aparentemente, como esquecida. Os Portugueses adeptos do Rei pareceram de preferência, lançar os fundamentos de uma per-

durável concórdia, para ensinar-nos o quanto é perigoso fiar-se em espíritos dissimulados e que mais vale manter guerra perpétua com os pérfidos e sonsos que conceder-lhes paz, porque esta não lhes serve senão como uma cobertura e um véu para melhor iludirem e enganarem os que neles se fiam. Assim, estes novos reconciliados, cuidadosos em predispor os holandeses por meio de cumprimentos e gentilezas que acompanhavam de curiosas e ricas liberalidades, passando na estima dos Senhores do Recife pelos mais sinceros dos homens, enquanto os cegavam com seus afagos estudavam, com os portugueses do país, os meios de suplantá-los, animados pela vontade de terem todos um único amo. Mostravam-se igualmente muito dóceis em relação aos magistrados, só se aproximando deles com profundo respeito e humilde submissão, de modo que seria preciso ler em seus corações para presumir mal de tantas cortesias; chegavam a não querer processos e cediam à palavra os holandeses, fazendo-os juízes de sua própria causa.

Os portugueses, bastante sóbrios em suas mesas, constrangiam-se a dar banquetes esplêndidos, para os quais convidavam os holandeses, a fim de insinuar-se insensivelmente em sua benevolência. Souberam tão bem e de tal modo adormecê-los por meio desses agradáveis artifícios, aos quais se juntava a afluência de ouro e de prata, trazidas expressamente pelos portugueses partidários do Rei ao Recife para a compra de toda sorte de mercadorias que fingiam vir procurar, embora as recebessem suficientes e igualmente boas de Portugal, que as piastras aí se tornaram tão comuns a ponto dos merceeiros e revendedores encherem com elas os seus cofrezinhos.

Carestia extraordinária.

As coisas tinham subido a um preço incrível; a libra de carneiro ou de vitela estava a quarenta soldos; a de porco, que neste lugar é a mais sã e mais delicada, custava três libras; um ovo fresco, dez soldos; uma galinha, dez libras; um leitão, quinze libras; um peru, vinte e cinco libras; o par de pombos, três libras; o vinho de Espanha, da França e a boa cerveja, cinco libras a pinta, a medida de Amsterdão, que não é senão o quartilho de Dijon; o pano grosso, cinqüenta soldos ou três libras. A menor moeda era um soldo; uma pistola por cabeça nas hospedarias para as pessoas de condição modesta era o preço comum. Os feitores dos senhores de engenho recebiam de três a quatro mil libras de ordenado, de tal modo que quem era livre juntava com um pouco de habilidade, muitos bens. Tudo isso a colônia holandesa imputava à grandeza de suas conquistas, mas se ela tivesse podido prever os augúrios sinistros de seu próximo aniquilamento, saberia que a situação apresentava semelhança aos archotes que jamais produzem claridade tão luminosa como a de quando estão prestes a se extinguir.

A Companhia das Índias, junto à qual o Conselho de Recife recomendara tão bem os portugueses, mandando-lhes os grandes frutos produzidos pela paz, foi convidada a restringir tantas despesas inúteis tornadas necessárias pela guerra, e não considerando mais suas milícia senão como um incômodo, do qual podia se desfazer facilmente, reteve somente 1500 ou 1600 homens a soldo, que manteve como pesos mortos nas praças fortes, dispensando todos os outros, reenviados à Holanda. Vários ficaram no país a negociar, como habitantes; a fim de melhor obsequiá-los eram-lhes emprestados ou vendidos a bom preço escravos da Companhia, que faziam trabalhar.

O Conde João Maurício de Nassau voltou à Holanda depois de diversas admoestações severas, tendo levado com ele grande quantidade de riquezas juntadas durante sua estada de seis anos. Deixou o fardo do governo ao Colégio do Alto Conselho, de que era o chefe, composto de três pessoas: Hamel, comerciante de Amsterdão, Bas, ourives de Harlem, e de Bullestrate, mestre carpinteiro da cidade de Midelburgo, na Zelândia. Possuiam eles ótimo senso comum para fazer o balanço, num escritório, das vendas e compras, despesas e receitas da Companhia, e eram capazes de se lembrar do número das caixas de açúcar dos

Colégio do Alto Conselho, composto de dois negociantes e um carpinteiro

armazéns, mas não os dotara a natureza com as qualidades necessárias para sustentar o timão de um governo soberano, e sua educação nas artes mecânicas mostrava que eram incapazes do julgamento e previdência requeridos para manter e conservar uma tão grande extensão de territórios e tantos povos e diferentes nações.

O Rei de Portugal, alerta a tudo quanto se passava, não deixou de ser avisado pelos agentes secretos que possuía entre os que estavam sob sujeição holandesa, os quais tomavam especial cuidado em informar-se e descobrir os negócios, sem serem percebidos dos Senhores, viviam estes com o espírito voltado para os navios de Angola, que chegavam de mês em mês ao porto do Recife, carregados de partidas de ouro da Guiné, dentes de elefantes e outros gêneros, mas, sobretudo, de uma multidão de pobres escravos nus, alimentados como cães, que o Rei do Congo, a Rainha de Angola ou seus fidalgos, isto é, os governa-

Fidalgos, o que são.

dores, trocavam pelo pano, chapéus, diversas espécies de intrumentos de ferro, vinho e aguardente, uma vez que o ouro e a prata não estão em uso entre eles, e em lugar de moeda servem-se de pequenas conchas muito bonitas, encontradas às margens de certos rios. Estes escravos são prisioneiros de guerra ou criminosos condenados a serem vendidos, não existindo a pena de morte, salvo para os crimes contra o Estado.

O lucro que a Companhia auferia, ou antes, pensava auferir na venda destes homens, teria sido indizível, caso o preço tivesse sido pago, pois jamais se podia mandar vir escravos em número suficiente, desde que todos os desejavam como um fundo de que consistiam os seus rendimentos, e visto que os habitantes, uns mandriões, não subsistiam senão pelo seu trabalho. Até os portugueses súditos do Rei vinham comprá-los, por que quase não podiam mais obtê-los a não ser dos holandeses, que se haviam tornado, como foi dito, senhores do país, onde antes iam buscá-los. Um escravo bem robusto e forte custava de 1500 a 1600 libras: mas a ingenuidade dos holandeses era vender caro sem saber ao certo o que faziam, pois estas vendas e compras de escravos assim como as de outras mercadorias eram todas a crédito, embora mediante certos presentes que tomaram, finalmente, o lugar do principal e juros. A precaução tomada pelos senhores do Conselho era exigir como fiadores súditos seus na Bahia para as somas pelas quais se obrigavam e que prometiam restituir em açúcar.

Quase receio exprimir o modo desumano e impiedoso que se usa para com esses desgraçados cativos, pois ainda mais do que compaixão, desperta repulsa. Eram de tal forma torturados no trabalho assíduo que lhes era marcado, que, ainda quando o mesmo excedia suas forças, se algum deixasse, no tempo prescrito, de executar o que lhe havia sido determinado, era amarrado e garroteado, na presença de todos os outros escravos reu-

Crueldades infligidas aos escravos.

nidos e o feitor ordenava ao mais forte e vigoroso que desse sem interrupção no faltoso duzentas a trezentas chicotadas, desde a planta dos pés até a cabeça, de sorte que o sangue escorria de todas as partes; a pele, toda rasgada de golpes, era untada com vinagre e sal, sem que ousassem gritar ou se queixar, sob pena de receber o dobro. Algumas vezes, segundo a gravidade da falta, este castigo, ou melhor, esta tortura era repetida dois ou três dias consecutivos. Ao sair dali eram presos encadeados em um lugar escuro e, no dia seguinte, mais submissos que uma luva, eram reenviados ao serviço, onde, em lugar de esmorecer, matavam-se de cansaço, nus como animais, seus corpos fundindo-se em suor. Sofriam pacientemente o ardor dos fornos que purificavam o açúcar e os tostavam vivos, sem ousarem retirar-se nem cessar de remexer o xarope com varas e grandes bastões; para desviar as chamas e fagulhas que se pegavam às suas peles e as tisnavam, não podiam fazer outra coisa senão sacudir-se. A própria alimentação lhes era negada e apenas se lhes repartiam alguns pedaços de terreno, nos quais durante o tempo limitado de seu repouso (pois faziam-nos substituir de doze em doze horas), semeavam ervilhas, favas e milho ou trigo da Turquia e permutavam sua garapa (bebida que fa-

zem com a água que jogam sobre o bagaço das canas-de-açúcar quebradas, quando saíam da prensa) por raízes e farinha de mandioca, que lhes serve de pão e lhes era fornecida pelos escravos de Labrador, que se juntavam para fazê-lo e viviam deste modo; quando ficavam doentes, recebiam menos cuidados que os animais. Se alguém matava escravo que não era seu, quitava-se mediante o pagamento ao senhor, do preço em que ele era calculado; e contra tal ato só havia ação civil. Quando morriam os escravos, a única cerimônia consistia em amarrar-lhes o corpo a um varal em três ou quatro lugares; dois de seus camaradas carregavam o cadaver sobre as espáduas e iam jogá-lo no mar ou em algum rio. Era-lhe impossível libertar-se de tão detestável servidão, porque, se pensassem escapar e fossem reconhecidos pelas marcas de seus senhores, impressa em vários lugares de seu corpo com um ferro em brasa, em vez de encontrar refúgio eram reconduzidos aos donos e tratados como foi dito. Por outro lado, quando conseguiam sublevar-se não havia crueldade comparável à sua, e é impossível descrever exatamente a maneira por que, vagarosamente, tiravam a vida dos que os haviam assim atormentado, como se viu acontecer em várias ocasiões.

Bebida Extraordinária

Cerimônia depois da morte dos escravos.

É verdade que os holandeses não exerciam esta espécie de barbaria, mas a sua avareza contribuía indiretamente para ela: a grande carestia de tudo, decorrente dos empréstimos que faziam, obrigava os negociantes e particulares, que queriam lucrar muito, a elevar excessivamente o preço em relação aos portugueses que, necessariamente, passavam por suas mãos. A estes, por sua vez, teria sido impossível subsistir ou conservar-se na sua condição comum, sustentando suas famílias, dando presentes e realizando os grandes pagamentos a que estavam obrigados, sem redobrar seu rigor no trato dos escravos. Viam-se também forçados a aumentar-lhes o número, o que não conseguiam sem endividar-se, visando a obter do seu trabalho o suficiente para se quitarem. Durante algum tempo, para manterem boa reputação, forneceram à Companhia em Recife e a seus credores uma quantidade tão grande de açúcar que os armazens mal esvaziavam eram logo novamente cheios. Os navios carregados partiam para a Holanda, e daí vinham outros cheios de mercadorias, que eram debitadas confusamente, sempre a crédito. Verificou-se, então, que só os juros absorviam todo o rendimento proveniente do trabalho dos portugueses e de seus escravos, sobre tudo considerando-se que o açúcar preto caíra para um preço tão vil que a libra era vendida a um soldo e a do branco a três. Se fosse preciso pagar diárias aos escravos e alimentá-los, como fazem os mercenários neste país, o açúcar sairia a um preço muito mais alto.

Era isso o que o Rei D. João mais desejava: ver os portugueses da conquista bem endividados em relação aos holandeses. Mandara até aconselhá-los que não tivessem receio de contrair dívidas e tomar sempre a crédito tudo que lhes oferecessem, a fim de que os devedores ficassem cada vez mais comprometidos com os seus credores, pois então, para conseguir o seu intento, ele lhes proporia não só a isenção de todo pagamento como lhes entregaria os bens daqueles que tinham o direito de cobrar-lhes.

João Fernandes Vieira

Por enquanto só alguns confidentes sabiam do segredo e informavam secretamente tudo que se passava entre os holandeses, especialmente o mulato João Fernandes Vieira, que exagerava até as mínimas coisas. Por meio dele soube-se em Portugal da punível negligência dos Senhores do Alto Conselho, que deixavam ir-se arruinando os baluartes e passagens das fortalezas desguarnecidas de soldados, admitiam os portugueses nos cargos e ofícios de judicatura no campo, povoado só por eles, não falavam mais de inquirir se tinham armas, distribuíam em cédulas os bens da Companhia, viviam como se estivessem em perfeita segurança, sem outra providência que a de mandar seus esbirros ir procurá-los e pedir-lhes dinheiro; encantavam-se facilmente, assim como todos os outros magistrados, com os donativos e presentes recebidos.

O Rei de Portugal julgou ser chegada a hora de suplantá-los e restaurar a sua soberania. Estava muito bem informado de que o Brasil não era pouca coisa, que podia valer tanto quanto o seu Reino, caso ele fosse o único senhor. O Brasil rendia outrora anualmente aos cofres de D. Sebastião, Rei de Portugal, ducados líquidos e desembaraçados, sem contar os donativos gratuitos e os numerosos súditos que voltavam carregados de riquezas,

Riqueza do Brasil.

aos quais a Companhia das Índias, no momento, retirava todo o lucro, extinguindo-lhes o negócio. Tendo conhecimento, por um relatório, que a Companhia carregava em Recife e nos seus outros portos de oitenta a cem navios por ano, cheios de açúcar e madeira do Brasil, D. João acreditou que seria fácil expulsá-los para sempre, o que, uma vez feito, poderia ele justificar de mil maneiras, do mesmo modo que os holandeses tinham sabido conquistar Angola. Esta era a ocasião de lembrar tal fato e dar-lhes o troco: ainda haviam de rir- se desses negociantes. Os habitantes, que ele chamava o seu verdadeiro povo, estariam sempre prontos a viver e morrer a seu serviço, assim que ele lhes falasse, e disso não duvidava, absolutamente.

Tomada pelo Rei de Portugal esta resolução de apropriar-se do que os holandeses tinham no Brasil, apesar da paz, foi a execução da mesma cometida ao Vice-Rei da Baía de Todos os Santos, grande zelador de sua nação, conforme dera provas na extinção dos castelhanos. Este encontrava-se no local, conhecia-o perfeitamente e era o único que poderia inventar, melhor que qualquer outra pessoa no mundo, os meios de sair-se bem dessa empresa; escreveram-lhe, ele prometeu encarregar-se de tudo mas disse que era preciso contemporizar um pouco, e que não deixassem de despachar-lhe secretamente navios com tropas e grande quantidade de boas armas e munições, antes de começar. O Embaixador dos Estados Gerais na Corte de Portugal teve notícia deste armamento e da partida de caravelas para a Bahia e escreveu a respeito para Haia; mas como não advinhassem o fim que se tinha em vista, os Dezenove mandaram que o Conselho de Recife (isto foi pelo fim do ano de 1644) se informasse. Os espertos portugueses perceberam que isto causava suspeitas aos holandeses, os quais, em face desse rumor, olhavam-nos com desconfiança e estavam sempre a perguntar-lhes para que eram estes homens e estas armas e se eles pretendiam revoltar-se. Os principais encontravam-se a todo momento em casa dos magistrados, queixavam-se e tomavam como alta ofensa que se suspeitasse deles e, com tremendos juramentos, protestavam que jamais tinham ouvido falar disso; não reconheciam outros superiores senão a Companhia das Índias e aqueles que ela lhes enviava para dirigi-los; não esposariam em sua vida outros interesses senão o dela; que se soubessem do menor mau intento, seriam os primeiros a revelá-lo; matariam com as suas próprias mãos aquele dentre eles que abrigasse tal pensamento. Como, diziam, ousaríamos nós pretender perturbar este estado?

Espertezas e artifícios dos portugueses

Que razão a isso nos obrigaria? Nós não vivemos pacificamente e submissos a um domínio tão brando? Não temos o exercício da nossa religião, a posse de todos os nossos bens, que nos podiam ser tirados e nos foram restituídos, além de que recebemos também a melhor parte do que os vossos navios trazem da Europa? Mas ainda que se quisesse tramar alguma empresa, poderíamos tramá-la nós próprios? Seria o Rei D. João quem nos favoreceria? Qual? Ele não quereria romper com os Estados Gerais a aliança da qual tanto se honrava e que lhe era tão cara pelos benefícios comuns e o auxílio que recebia; assim, bem longe de autorizar-nos, ele antes empregaria todas as suas forças para destruir-nos. Estes discursos traidores e falazes, secundados por donativos e presentes, mudaram a deliberação tomada pelos senhores do conselho de apoderar-se de todos os principais e mandar proceder a uma busca rigorosa por toda parte. Persuadiram-se de que a hipótese era muito frágil e de que, se os portugueses tivessem no coração alguma revolta, isso se descobriria a tempo, sendo-lhes impossível chegar ao fim; que o Rei D. João tomaria cuidado em não ofender os Estados Gerais, que

lhe eram tão necessários. Assim sendo não sofreu qualquer diminuição a estima que nutriam pelos portugueses, ocuparam-se com os negócios, desprezaram os diversos avisos que lhes foram dados e aqueles continuaram a gozar com eles do mesmo acesso e intimidades que antes.

Era muito bem recebido, entre outros, João Fernandes Vieira, mulato de nascimento, escravo liberto, homem inteligente e sutil. Fora alguns anos doméstico em casa de um dos políticos, tomara conhecimento dos negócios, adquiriu crédito, sustentava firmemente os direitos da Companhia sobre o açúcar que se fazia nos engenhos, mandava cortar o pau-brasil, tinha sempre alguma proposta a fazer para o lucro da Companhia e freqüentemente oferecia aos Senhores e magistrados raridades curiosas ou de valor, que não tinham sido vistas, a fim de ganhar-lhes as afeições. Gozava de tal crédito e favor entre eles, que numerosas vezes era chamado para opinar sobre negócios da Companhia, que assim não lhe eram ocultos, porque se desconfiaria de qualquer pessoa antes dele. Seu pai era, porém, português, e ele gostava mais destes que dos holandeses. Notou-se que ele demonstrava de público, em diversos lugares, certo descontentamento contra o Conselho, porque não lhe haviam querido rebaixar coisa alguma do preço de uma fazenda, onde ele dizia ter perdido muito, além de seus esforços. Isto foi escrito ao Vice-Rei, que o subornou, tomou-o ao seu serviço, deu-lhe uma pensão e prometeu torná-lo grande, desde que lhe comunicasse fielmente tudo que se passasse e as opiniões correntes, assim como o momento que julgasse propício para expulsar os holandeses. Enfim, ele desempenhou tão bem o seu papel para não faltar à sua palavra e para bem encaminhar suas intenções, que com grande antecedência fez abundante provisão em sua casa de mosquetes, fuzis, pólvora e chumbo; enquanto isso, informava para a Bahia a respeito de tudo o que se dizia e fazia no Conselho do Recife e entre o povo. Suas cartas não eram dirigidas ao Vice-Rei, mas ao chamado André Vidal, seu favorito, filho de um senhor de engenho da Paraíba, que ele conhecia particularmente. A este escreveu uma vez que os portugueses tinham ganho a sua causa em Recife; tinham tido tempo de guardar as suas armas e era chegado o momento de se desfazerem dos holandeses e tomar de surpresa as suas praças; que ele viesse encontrá-lo rapidamente e desse como pretexto uma visita a seu pai. Vidal respondeu-lhe que breve o encontraria para examinar suas forças e prover tudo que era preciso para equipar uma boa frota, a qual apareceria na devida oportunidade e lugar.

Paraíba é uma capitania ou província do Brasil. A vila e o castelo também se chamam Paraíba, assim como o forte Santa Margarida.

Enquanto João Fernandes Vieira esperava com impaciência a vinda de Vidal, aconteceu que um judeu chamado Moisés Cohen, * premido por grandes dívidas, que teria podido pagar, caso recebesse por sua vez dos portugueses, fugiu do Recife para evitar a prisão e foi-se esconder em casa de Vieira, a uma légua daquela cidade. Um dos empregados, que sabia do segredo, convidou indiscretamente este judeu para aliar-se ao partido e fazer por ele tudo que lhe fosse possível, pois assim poderia enriquecer. Este, fingindo estar muito contente, respondeu que não pedia mais do que restabelecer sua fortuna arruinada; mas, no dia seguinte, não esperou a alvorada para vir dar o aviso em Recife, mandando suplicar aos Senhores do Conselho, por intermédio de um soldado, que lhe concedessem um salvo-conduto para ir denunciar verbalmente uma conspiração contra o Estado. Permitiram-lhe aproximar-se cerca de meia légua; aí o secretário Walbeeck, com três outros judeus, foram saber o que ele tinha a dizer. Depois de escutá-lo fizeram seu relatório ao Conselho, que retrucou que isso não passava de boatos infundados do povo e

Desígnio descoberto.

* No texto, d'Accoignes. (L. B. R.)

U F S M
Biblioteca Central

uma invenção deste bancarroteiro, a fim de receber recompensa e isenção ou mora para pagar suas dívidas. Eles se tornariam desprezíveis se, à menor notícia, do primeiro que aparecesse, fizessem, a todo momento, afrontas aos portugueses, e sabiam muito bem que diversas pessoas invejavam Vieira.

O Conselho foi também avisado de que Manuel Franco, um português familiar e grande amigo de André Vidal, que freqüentava assiduamente a casa de seu pai, emprestava abertamente na Paraíba a pessoas solváveis, com a condição de lhe pagarem três por um quando os portugueses se tornassem senhores absolutos dos país, mediante contratos feitos perante notários públicos; dizia-se que ele desembolsara, assim, mais de vinte mil libras.

A partida do Conde Maurício, a falta de soldados, a visível negligência dos que formavam o Conselho em esconder o mal que os ameaçava, e o murmúrio do povo, tornavam várias pessoas apreensivas, notadamente aquelas que tinham realizado negócios. Desejando retirar-se para seu país de origem, apressaram-se elas a reunir os seus bens o melhor que puderam e embarcavam em massa nos navios que voltavam à Europa. Esta prudência humana, porém, não serviu senão para mais depressa fazê-los buscar a perda de suas vidas e de suas riquezas, pois mais de doze belos navios, avaliados em muitos milhões, e as pessoas que transportavam foram miseravelmente tragados pelo mar em diversas ocasiões, sem que jamais se soubesse dizer nem ouvir dizer como, nem de que modo.

Os habitantes de Recife, que se tinham apresentado para partir sem consegui-lo, abençoaram a recusa que lhes fora feita, sem imaginar que o resto de seus dias não lhes traria mais que aborrecimentos e que seu fim seria tão digno de compaixão quanto deplorável fora a morte de seus compatriotas.

André Vidal, cientificado por meio de seus espiões de que os holandeses não desconfiavam de coisa alguma, veio a Recife numa caravela acompanhado de um oficial da Bahía, chamado Nicolau Aranha; aí disse aos Senhores que, tendo ido cumprir seus deveres filiais para com seu pai na Paraíba, vinha prestar-lhes reverência e trazer os cumprimentos do Vice-Rei e assegurar-lhes de sua parte que não concebessem qualquer suspeita dos navios vindos de Portugal, pois estes não conduziam senão jovens recrutas para deixar na Bahia e enviar para o Rio de Janeiro, em substituição àqueles que ali serviam há mais de quatro ou cinco anos, e que eles não podiam reter à força. Foi maravilhosamente bem tratado e acolhido, recebendo várias visitas dos senhores de engenhos da vizinhança. Aproveitou a ocasião para pedir permissão de retribuir-lhes segundo as leis da civilidade, o que lhe foi concedido, indo ele instalar-se em casa de João Fernandes Vieira. Aí mandou vir os principais da Várzea, nome da planície nos arredores do Recife, interrogou-os um a um sucessivamente e depois de fazê-los jurar que viveriam e morreriam por D. João IV, Rei de Portugal, seu legítimo príncipe, comunicou-lhes que tinha ordem expressa de sua Majestade e do Vice-Rei para livrá-los do jugo dos estrangeiros; eles deviam auxiliá-lo em favor de sua própria liberdade, para que toda a nação ficasse subordinada unicamente a este soberano. Eles bem sabiam que as leis dos holandeses eram insuportáveis, que estes eram um povo do qual eles diferiam nos costumes, na língua, na religião e na maneira de ser; que o Brasil era a sua pátria e tinham-na recebido em partilha pela habilidade de seus antepassados; que seus pais o haviam povoado e que os holandeses não o possuiam senão por usurpação e tiranicamente; que ele via em suas frontes que a natural inclinação de não obedecer se-não a seu Rei não estava extinta em seus corações; que eles estavam prestes a tornar-se miseráveis sem recursos devido às suas dívidas, se não se servissem cedo do favor de seus credores, e que havia, mesmo, oportunidade de apropriar-se de suas riquezas, provenientes apenas do seu suor; que se eles pudessem assenhorear-se de três ou quatro peças, todo o resto ficaria sem resistência; que estes bebedores de cerveja precisavam ser tratados como

tinham sido os castelhanos. Que quanto ao juramento de fidelidade que tinham feito, isso não lhes devia causar escrúpulos; tinham sido forçados pelas armas e seriam absolvidos pelo Papa; que eles nada mais tinham a fazer senão lembrarem-se de Angola. Não havia necessidade de tantos assuntos escolhidos para emocioná-los a ponto de prometerem fazer tudo que lhes fosse ordenado.

Vidal entremeou no seu discurso agradecimentos pela sua afeição, pediu-lhes que não se separassem, prometeu-lhes que escreveria ao Rei dizendo-lhe que S. Majestade não tinha outros súditos mais fiéis do que eles e lhes faria conceder grandes privilégios, imunidades e recompensas. Tinha sido eleito para chefe da empresa João Fernandes Vieira e escolhidos para seus tenentes Antônio Cavalcanti e Amador de Araújo, senhores de engenho da Capitania de Pernambuco; pediu-lhes que o reconhecessem, se conformassem com as suas ordens, pegassem em armas quando fosse preciso marchar para a campanha e para a execução dos planos, quando recebessem aviso.

João Fernandes Vieira
Autor da conspiração contra os holandeses.

Isso combinado, Vieira voltou a Recife, onde obteve passaporte para ir à Paraíba. Ali, na casa campestre de seu pai, convocou também, a pretexto de regozijo, os chefes e principais da Capitania, fez-lhes discursos semelhantes e resolveu com eles a mesma coisa que tinha resolvido em Pernambuco. E tão bem o fez que os da Paraíba prometeram obedecer inteiramente a João Fernandes Vieira, Antonio Cavalcânti e Amador de Araújo e além destes, quando estivessem ausentes, a Francisco Gomes Muniz,*cunhado de Vidal, Lopo Curado Garro**e Jerônimo Cadena, ***também senhores de engenho da Capitania da Paraíba, e ao Coronel Manuel de Queirós Sequeira, que Vidal destacou para seus condutores. Depois, foi ao Forte da Paraíba, dito de Santa Margarida, mais para observá-lo com atenção do que para saudar o comandante Blauebeeck, o qual, tendo lido seu passaporte, que dizia fosse ele honrado como um dos Senhores, ofereceu-lhe uma festa, enviou-lhe o convite por intermédio de um sargento e quatro mosqueteiros e, por ocasião de seu embarque, mandou disparar três tiros de canhão. Vidal e Nicolau Aranha, de volta à Bahia em sua caravela, foram congratular-se com o Vice-Rei pela sua feliz viagem. Nada mais restava a deliberar senão a maneira como executariam o seu desígnio e de que estratagema seria necessário, lançar mão.

O ouro e a prata escasseavam na conquista dos holandeses, devído ao que saíra do País naqueles navios que pereceram e porque o que restara se esgotava pouco a pouco. Quem tinha algum o entesourava e mesmo aqueles que possuíam parcelas mínimas viviam a gabar-se disso. As fortunas pequenas e vulgares eram de vinte a trinta mil libras, mas, na verdade, grandes e pequenos dispunham apenas dos papéis e obrigações que lhes deviam os portugueses, dos quais, finalmente, quiseram receber o capital e juros, para valorizar e manter o seu negócio, cujo esplendor diminuía. Diziam que os portugueses empenhavam seu açúcar com outros mediante adiantamentos e que eles, seus antigos credores, ficavam para tráz e não sabiam como prover-se; que diante das recusas de pagamento, os comerciantes e particulares holandeses mandariam embargar e seqüestrar os canaviais ou campos de açúcar, seus escravos e todos os seus móveis. Os portugueses experimentaram, então, um grande susto e verificaram que sua garantia única era uma mudança na situação, não sendo ainda a ocasião propícia para realizá-la. Seguindo, pois, o conselho que lhes fez chegar André Vidal, por intermédio de seus tenentes, predispuseram favoravelmente os

* No texto, Francisco Gomes Morres. (L. B. R.)

** No texto, Loppes Coriadero. (L.B.R.)

*** No texto, Ieronico Cadexa. (L. B. R.)

Senhores do Conselho por meio de presentes e os Políticos pela demonstração, feita com uma reserva assustada, de que estariam todos perdidos e reduzidos ao desespero se fossem tratados rigorosamente. Pediram uma renovação de suas dívidas, mediante pagamento dos juros, sugerindo que talvez agradasse mais à Companhia das Índias encarregar-se de todas essas dívidas, pagar aos seus credores e fazer cessar as suas perseguições caso em que eles se obrigariam por suas pessoas, seus bens e a colheita geral do seu açúcar, então próxima, sob estas ou outras condições que ela estipulasse.

Os Senhores do Conselho mandaram reunir os credores, aos quais comunicaram esta proposta, ponderando-lhes a inconveniência de fazer-se pagar de uma só vez, tanto mais que isso era impossível, pois não havia dinheiro e o açúcar não estava pronto para ser fabricado; se quisessem perder alguma coisa, eles lhes assegurariam seus créditos. Os comerciantes, de boa ou má vontade, assentiram no contrato, que foi passado, pelo qual os Senhores do Conselho, em nome da Companhia e responsabilizando-se por ela, obrigaram-se a pagar as dívidas dos portugueses a seus credores, que se contentariam com setenta e dois por cento das dívidas velhas, que existiam há mais de um ano, e com cinqüenta e oito por cento das dívidas novas, as quais seriam compensadas com as importâncias devidas por estes credores à Companhia; quanto aos que não fossem devedores da Companhia, estes receberiam apenas cinqüenta e oito por cento, de modo geral, pelas dívidas velhas e novas. O pagamento lhes foi feito por meio de ordens e saques contra os tesoureiros e recebedores da Companhia, os quais, em lugar de dar-lhes dinheiro, como se lhes havia feito esperar, obrigaram-nos a aceitar negros e escravos de Angola pelo preço que valiam publicamente. Se algum deles queria receber dinheiro era forçado a vender ou ceder seus saques a outros, a vinte libras por cento, dinheiro à vista, e desta forma os comerciantes perdiam oitenta libras por cento e ainda ficavam os vendedores caucionados e obrigados a restituir aos compradores as somas que tinham recebido, caso estes não conseguissem recobrar coisa alguma da Companhia.

Os portugueses, de sua parte, vincularam particularmente a colheita de seu açúcar à Companhia, prometeram não vendê-lo nem cedê-lo a ninguém antes de estarem inteiramente quites com ela, sem qualquer abatimento. Os Senhores do Conselho imaginaram extrair daí um lucro inestimável, quer de uns, quer de outros, e não obtiveram nenhum, por não terem sabido penetrar a intenção dos portugueses, de cujos atos tinham todos os motivos para desconfiar. Afinal, tendo-se estes posto a coberto por algum tempo, a prorrogação serviu-lhes não para pagar com maior facilidade, mas para frustrar inteiramente a Companhia, como veremos.

Logo que o Vice-Rei teve notícia do teor desta convenção e que os portugueses não estavam mais receosos de serem molestados nem visitados pelos meirinhos, para encorajar estes habitantes e prepará-los para a revolta, enviou-lhes por terra soldados que se dispersaram aqui e ali. Um senhor de engenho de Serinhaém, não possuindo espírito faccioso, apesar de ser português, veio expressamente ao Recife a fim de avisar os Senhores do Conselho que em sua casa tinham passado vários homens armados vindos da Baía de Todos os Santos, que se gabavam de esperar ver o Brasil em pouco tempo sob um só dono. Foram estes mesmos que levaram a João de Pontes, que tinha ido encontrá-los, a ordem concebida pelo Vice-Rei e por André Vidal, que devia ser obedecida para se apoderar do Recife, da Paraíba e do Rio Grande, pois uma vez tomadas estas praças, teriam as outras e o próprio país. Com este propósito estava resolvido que se casaria a filha de Antônio Cavalcânti, homem muito rico, com o filho de um homem da sua condição; as bodas se realizariam no dia de São João Batista, do ano de 1645, na casa de João Fernandes Vieira, e o banquete seria célebre e dos mais magníficos, devendo comparecer todos os portugueses de posição e convidados os Senhores do Conselho ou Políticos e outros oficiais holandeses. Após

uma lauta refeição e em seguida ao ágape os Senhores e seus criados seriam apunhalados e degolados. À noite alguns iriam a Recife avisar que os Senhores voltariam e que se esperasse por eles; como não mantinham ali uma boa guarda, alguns entrariam e os outros permaneceriam à porta para receber o grosso que deveria vir um quarto de hora depois; a seguir, como de assalto, se apoderariam da porta, das muralhas da Cidade Maurícia e das praças de armas. À mesma hora, uma grande quantidade de barcas que simulariam vir de Barreta, carregadas de açúcar, como comumente acontecia, se apresentariam no porto, desembarcariam e dela se apossariam imediatamente; dispararam a carga, ganhariam as praças e bastiões do dique e fariam a pilhagem por toda parte até o amanhecer. O plano, quanto à Paraíba e ao Rio Grande, era o seguinte: nesse mesmo dia de festa se promoveriam, como passatempo, jogos de torneios públicos junto às fortalezas, os quais, segundo o seu costume, os holandeses não deixariam de vir apreciar, e, então, carregados de punhais e pistolas, sob suas vestimentas, se encarregariam de seus rivais e os matariam, sem perdoar mulheres nem crianças, até que se tornassem donos das praças, entregando-se tudo à pilhagem, enquanto a frota prometida por Vidal se aproximaria. João Fernandes Vieira recebeu o despacho e comunicou-o aos principais, que fizeram execráveis juramentos sobre os altares de conservá-lo em segredo. Entretanto, uma vez que a virtude é encontradiça em todo lugar, e que mesmo entre os povos mais viciados e corrompidos se encontram, sempre, algumas pessoas de bem, dois senhores de engenho portugueses e de grande renome, levados por um impulso de boa consciência, tiveram horror de um projeto tão bárbaro e, exagerando as desgraças que ele deveria trazer, trataram de evitá-lo. Escreveram tudo numa carta anônima que deram a um judeu, o qual a levou aos Senhores do Conselho, avisando-os de que todos os habitantes do campo estavam secretamente recrutados. Cinco outros judeus secretos, que passavam por cristãos entre os portugueses, deixaram suas moradas no campo para vir confirmar a mesma coisa no Recife: mas quase ao mesmo tempo o político Moucheron e o capitão-advogado da guarnição de Goüe mandaram apressadamente dizer aos senhores do Conselho que eles tinham tido aviso certo de que os chamados Camarão e Henrique Dias, coronéis portugueses, com grande número de guerreiros, tinham partido da Baía e atravessavam o país para começar a guerra.

Não é preciso indagar os transes e emoções sofridos pelo conselho holandês diante destas más notícias; mas, como se estivessem cegos numa ocasião de tanta urgência, em lugar de mandar prender no campo João Fernandes Vieira, ordenaram-lhe apenas, por intermédio do judeu Abraão Cohen*, que viesse encontrá-los para concluir um contrato começado com a Companhia, tencionando, no entanto, prendê-lo caso os atendesse. Ele, porém, suspeitou imediatamente, e mandou de volta o mensageiro para avisá-los de que viria vê-los à tardinha, o que se guardou bem de fazer e num abrir e fechar de olhos comunicou aos outros que era preciso partir e fugir com ele para a mata, para onde carregaram todas as suas armas. No dia seguinte, como não tivesse chegado ao Recife, mandou-se força armada à sua casa para trazê-lo, assim como todos os chefes de família portugueses; não encontraram nas casas senão os pobres anciãos que foram em seguida soltos.

De Linge, político e diretor da Paraíba, temendo que aí acontecesse alguma surpresa, dirigiu-se rapidamente do Recife, onde estava, para lá, e à sua chegada fez desembarcar todos os soldados que se encontravam em sete navios carregados de açúcar e prestes a partir para a Holanda, esperando só o vento; alojou-os nos fortes e redutos, foi à Cidade

---

* No texto, Coign. Assinou como membro o Livro de Ministros das Congregações Zur Israel de Recife e Magen Abraham de Maurícia. Cf. Arnold Wiznitzer, *The Records of the Earliest Jewish Community in the New World*, New York, American Jewish Historical Society, 1954, 51, e do mesmo autor, "The Menbers of the Brazilian Jewish Community (1648-1653)", *Publications of the American Jewish Historical Society*, vol. XLII, nº 4 (June 1953), 388.

Frederica, a três léguas do mar, à margem do Rio Paraíba, e mandou que todos os brasileiros se retirassem e abandonassem suas aldeias, porque os portugueses tinham partido, ordenou que quatro navios voltassem ao Recife, mas o vento contrário jogou-os no Rio Grande, a sessenta léguas além para o norte.

Os nossos portugueses, tendo sabido que a sua empresa sobre Recife, Paraíba e Rio Grande estava descoberta, quase morreram de desespero; a populaça gritava que estava perdida, não podia evitar que se tornasse miserável. Entretanto, não havia mais nenhum meio de voltar atrás, visto que a coisa estava muito adiantada; seus chefes e principais, que tinham recorrido aos meios extremos, prometeram vitória dentro de três meses, despacharam homens para Camarão e Henrique Dias, a fim de apressá-los a chegar a Pernambuco, indo eles e seus escravos esconder-se novamente no mato.

O lugar em que estes portugueses se sublevaram primeiramente e espalharam sangue foi na povoação de Ipojuca, a seis léguas do Recife e a uma légua do Cabo de Santo Agostinho, onde, no dia 20 de junho de 1645, estando o povo reunido na praça e entre eles um jovem judeu, o atacaram por meio de palavras e disseram-lhe que os judeus é que haviam difundido que eles queriam revoltar-se. Sabendo que nada de bom lhe adviria dali, sem perder tempo em escutá-los ou responder-lhes, confiou-se às suas pernas, sendo perseguido com gritos de "Viva o Rei de Portugal;" os soldados de um reduto situado na extremidade da povoação que se divertiam com o espetáculo, assustaram-se e recolheram-se com o judeu ao Cabo Santo Agostinho. Neste mesmo momento, todos os de Ipojuca pegaram em armas e marcharam em grupo pelo campo, comandados por Amador de Araújo, promovido por Vidal. Sua primeira façanha foi matar sete marinheiros holandeses recém-chegados, numa barca que pilharam; apunhalaram três judeus que residiam entre eles e lhes vendiam quinquilharias, erigiram diversas forcas e cadafalsos, a fim, diziam, de executar aqueles que se recusassem a pegar em armas a serviço do Rei de Portugal.

O Conselho do Recife não teve mais tempo de remediar, como teria desejado, a desgraça que iria esmagar a sua conquista nem muito lazer para arrepender-se do desprezo testemunhado pelos avisos que lhe haviam sido dados de todas as partes; agora a razão não era mais oculta e era preciso castigar os rebeldes pelas armas. O Senhor Haus, Tenente-Coronel do Conde Maurício, foi nomeado General da milícia. Reuniu habilmente quinhentos homens, tanto dos que estavam a seu serviço como outros que tinham levado armas, misturou entre eles brasileiros, com eles percorreu o campo e dirigiu-se para Ipojuca, visando a abater os revoltosos. Quando chegou a Tabatinga aldeia a meia légua dali, um português chamado Godinho*, simulando fidelidade e temendo estar perdido, veio perguntar-lhe para onde ia. Haus respondeu que ia desbaratar os rebeldes. Este português, procurando impedi-lo de avançar, sugeriu-lhe que voltasse, pois os outros eram em muito maior número e o derrotariam. "Não importa, replicou o General, quero vê-los e é preciso que tu, que falas, também venhas." Depois foi para Ipojuca, onde aqueles que o viram aproximar-se tocaram o sino a rebate, a fim de fazer que todos pegassem em suas armas; em lugar, porém, de esperar e resistir, fugiram para o mato e os bosques. Godinho foi estrangulado numa das forcas que ele próprio mandara erguer para aí executar os que se recusassem a pegar em armas pelo Rei de Portugal; o conselho que dera visava apenas a dar tempo aos inimigos de formar um grupo considerável, enquanto Haus se retirasse.

O senhor Haus, Tenente-Coronel do Conde Maurício, armado para a defesa dos holandeses.

* O nome completo é Francisco Godinho. Vide nota 238 na edição de José Honório Rodrigues, da *Memóravel Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil de Joan Nieuhof.* São Paulo, Martins, 1942, 129. (L. B. R.)

Este, logo que entrou em Ipojuca e alojou os seus homens, como não desejasse matar senão aqueles que encontrasse de armas em punho, proibiu aos soldados perseguirem as mulheres, crianças e os que se tinham escondido, procurando convertê-los pela clemência. Mandou afixar na aldeia (e os Senhores do Conselho mandaram-nos também para toda parte) bandos de anistia geral a todos aqueles que se tinham acumpliciado, aderido ou consentido na rebelião, exceto João Fernandes Vieira, Antonio Cavalcânti e Amador de Araújo, autores, se dentro de oito dias voltassem às suas casas e prestassem novamente o juramento de fidelidade.

Alguns portugueses fugitivos, sabendo que o levante tinha sido muito precipitado e que era preciso, antes, esperar a frota e socorro da Baía de Todos os Santos, que não estavam retardados senão devido às grandes chuvas, voltaram às suas casas e livraram-se mediante a promessa de jamais fazê-lo de novo. Haus enviou de todos os lados patrulhas para descobrir o troço de portugueses armados; no entanto, três navios dos sete que estavam na Paraíba foram levar à Holanda notícia do perigo em que estava sua conquista no Brasil.

Vieira, Cavalcânti e Araújo, principais autores da sedição, tendo sabido que eles estavam excluídos da anistia geral prometida pelos bandos, mandaram publicar em Maciape* aldeia onde já estavam fortificados, proclamações nas quais, atribuindo-se a qualidade de protetores da liberdade divina, prometiam doações, presentes e liberdade de consciência àqueles que, sendo do partido holandês, de qualquer nação, religião e condição que fossem, viessem enfileirar-se ao seu lado. Em conseqüência disso, os Senhores do Conselho puseram a prêmio as pessoas e vidas de João Fernandes Vieira, Antônio Cavalcânti e Amador de Araújo, prometendo àquele ou àqueles que os trouxessem vivos, três mil libras para cada um deles; aos que os matassem ou trouxessem suas cabeças, mil e quinhentas libras e outros privilégios; e, se fosse um escravo, a sua libertação.

Cerca de duzentos habitantes do Recife pegaram em armas e, sob o comando do Capitão Blaer, internaram-se no país a fim de surpreender os chefes dos motins; aí cometeram diversas hostilidades, pilharam as casas dos que tinham voltado sob a promessa de anistia, mas não tinham vindo apresentar-se outra vez, nem prestar novo juramento, depois foram juntar-se ao General Haus e, juntos, perseguiram os inimigos que recuavam.

Apesar dos murmúrios e boatos que circulavam há muito tempo a previdência dos senhores foi tão insuficiente no mar quanto em terra: no porto do Recife havia, então, um único navio e um patacho. Neste enviaram como deputados os capitães Vander Voorde e Dirk van Hoogstraeten ao Vice-Rei de Portugal, D. Antônio Teles da Silva, que estava na Baía de Todos os Santos. Referiram-lhe o levante dos portugueses da conquista contra os seus soberanos e senhores, os Estados Gerais e a Companhia das Índias Ocidentais; disseram-lhe que tinham sido informados de que fora ele que os induzira à rebelião e enviara Henrique Dias e Camarão para fomentá-la; que, entretanto, mal podiam acreditar com que ânimo eles ousariam violar e contrariar a paz feita por intermédio de S. Majestade Cristianíssima entre o Rei de Portugal e os Estados Gerais; o Vice-Rei devia antes ponderar que, ao contrário, era obrigado a recusar-lhes auxílio, exortando-os ao respeito e à obediência, e que eles, os holandeses assim procederiam em caso semelhante. De outro modo uma ação tão covarde desonraria o seu Senhor, ele e sua nação; os Senhores dos Estados Gerais disso se ressentiriam, fariam arrepender-se aqueles que visavam traí-los; e ele não devia ignorar que os holandeses possuíam força e poder para vingar-se de tal afronta.

---

* No texto, Maliapes. Correção feita seguindo Varnhagen, *História das Lutas com os Holandeses no Brasil desde 1624 a 1654.* Lisboa, 1872, 271. (L. B. R.)

Durante esta viagem, dois navios carregados de víveres chegaram da Holanda e depois outros três da Guiné e de Angola, cheios de escravos, o que veio muito a propósito em face da necessidade em que estavam.

Logo que os tapuias souberam, do fundo da mata em que habitavam, que os portugueses conflagravam o país, cerca de quinhentos dos mais determinados, comandados pelo alemão Jacó Rabi, que lhes servia de capitão, dirigiram-se rapidamente para Cunhaú, uma boa aldeia da Capitania do Rio Grande, encontraram num domingo de manhã os habitantes reunidos para ouvir a missa, massacraram-nos todos, em número de sessenta a oitenta pessoas, comeram seus cadáveres e pilharam as casas das vizinhanças. Assim que os senhores do Conselho tiveram conhecimento desta incursão fizeram embarcar prontamente oitenta soldados para pôr termo a essa situação; aqueles, porém, obrigaram-nos a retirar-se para a Paraíba.

Os dois embaixadores enviados à Bahia, de volta ao Recife, disseram que tinham sido mal e friamente recebidos; o Vice-Rei lhes respondera que jamais tinha pensado em violar a paz; queria fazê-la observar estritamente do seu lado e muito se espantava da queixa que lhe era dirigida; Camarão e Henrique Dias estavam com tropas na Capitania de Pernambuco mas não ao serviço do Rei de Portugal, seu senhor; ser-lhes-iam enviados pessoas de autoridade para fazê-los retirar-se e dirigidas cartas aos chefes e principais dos revoltosos para chamá-los ao seu dever; ele, Vice-Rei, oferecia à Companhia tudo aquilo que dependesse do seu poder.

Hoogstraeten, um dos deputados, era major do Cabo de Santo Agostinho e quando da sua viagem à Bahia procurou entender-se numa conferência secreta com o Vice-Rei e o Bispo da Bahia, à revelia de seu companheiro, e prometeu-lhes entregar a praça que comandava, segundo se verá. Temia ser acusado um dia e condenado, mas, sonhando com a sua segurança e em conservar-se no posto para sempre, acontecesse o que acontecesse, foi ele próprio declarar ao Conselho que o Vice-Rei e o Bispo lhe haviam solicitado, em particular vender-lhes a praça que tinha a honra de comandar; também lhe tinham oferecido grandes somas e belos cargos, mas, sabendo-os tão ousados a ponto de tentar corromper sua fidelidade, a fim de melhor armar-lhes o laço e puni-los pela sua perfídia, prometera-lhes, realmente, entregar-lhes o Cabo; se fossem tão tolos ao ponto de se aproximarem, ali os esperaria e sabia de um meio que não deixaria escapar jamais um só deles. O que contara, acrescentou, não era para ostentar que exerceria melhor comando, pois preferia mil vezes a morte à suspeita da menor deslealdade, e poderiam colocar outro em seu lugar. Os Senhores admiraram a sua astúcia, confirmaram-no no cargo e, além disso, promoveram-no de cabo a um posto superior, comandante em vez de major, com a promessa de que, se bem cumprisse o seu dever, seu mérito seria dignamente reconhecido. No dia seguinte, como chegasse um navio da Holanda carregado de víveres e de soldados recrutados mandaram van der Voorde partir para a Holanda, num dos quatro navios que o vento impelira para o Rio Grande.

O general Haus continuava a agir no campo, procurando os inimigos para batê-los, e soube que estes aí tinham matado uma dúzia de soldados, holandeses e brasileiros, que procuravam farinha de mandioca, e estavam entrincheirados na montanha chamada Santo Antônio, também conhecida como Montanha Camarão. Assaltou-os aí vigorosamente, sem conseguir desalojá-los e foi forçado a retirar-se com a perda de cem soldados e do Capitão van Loo, um dos seus homens mais valorosos. Este revés fê-lo voltar à Várzea.

Os habitantes do Recife, cuidando de sua defesa, fortificaram a Cidade Maurícia com bons baluartes e muralhas, diminuíram sua estensão de duas partes, demoliram as casas que compunham belas ruas fora dos limites que tinham traçado, cortaram as belas e

curiosas árvores de pau-brasil, palmeiras, ébano, cedro de madeira branca como a neve, de madeira de cor violeta e marmorada e outras perfumadas que embelezavam as espaçosas e extensas avenidas, a perder de vista, que cercavam a soberba e magnífica casa de recreio mandada construir pelo Conde João Maurício; os judeus lhe haviam oferecido pela mesma com os seus pertences, seiscentas mil libras, para aí fazer a sua sinagoga, o que o povo impediu, invejoso de vê-los possuir o mais belo edifício do Brasil, para nele celebrar seus sabats. O grande e incomparável pomar, que o Conde Maurício mandara plantar e encher de árvores frutíferas, procuradas em setecentas ou oitocentas léguas do território, feitas vir da África e das Índias Orientais, foi inteiramente arruinado, assim como as grandes cavalariças e agradáveis pavilhões, construídos no centro e nas extremidades das aléias e nos cantos do pomar. Também foi destruído o jardim, admirável pela grande variedade de flores em todas as estações. A parte principal do edifício, que esteve prestes a ser arrasada, permaneceu intacta, e julgou-se mais adequado ali estabelecer um corpo de guarda, do que perdê-la: Trabalhava-se também assiduamente na reparação das brechas e estragos nas muralhas e fortes de Recife, decorrentes da negligência anterior, quando, para cúmulo do terror, viram ancorar na sua enseada uma frota portuguêsa de trinta e quatro velas, cujo almirante era D. Salvador Corrêa de Sá e Benavides*, seu navio era um poderoso galeão real, munido de sessenta peças de ferro fundido, que viera do Rio de Janeiro com vinte e um outros navios; os restantes eram da Baía de Todos os Santos.

Chegada de uma frota portuguesa comandada por D. Salvador Corrêa

Lichthart, Tenente-Almirante dos holandeses, só dispunha de cinco navios, bem próximo do porto; imediatamente mandou içar as velas, desfraldou a bandeira vermelha, em cujo centro estava representado um braço nu tendo na mão um alfanje, sinal comum de provocação ao combate, avançou pelo mar e mandou dizer ao almirante português que ele tinha de orçar visto que estava a sotavento. Este mandou responder por dois delegados enviados ao navio de Lichthart que ali estava para socorrê-los e não para bater-se com eles; com este propósito já desembarcara algumas tropas em Tamandaré, enviara cartas aos chefes e principais rebeldes para chamá-los ao seu dever e que, se não o fizessem, tinha ordem do Vice-Rei para forçá-los a isso. Lichthart, sem retrucar, conduziu-os para o Recife numa chalupa. Aí, tendo sido ouvidos pelos Senhores, o Conselho comissionou dois Políticos para irem encontrar-se com o almirante português e examinar a sua ordem, ver suas cartas e indagar de que modo pensava agir, visto que não dera aviso algum de sua vinda. Um outro navio, que estava no porto, esforçava-se em sair, não obstante o vento contrário, a fim de ir juntar-se aos outros cinco de Lichthart. A frota portuguesa prestou-lhes então atenção e ficou tão fortemente espantada que, sem esperar a volta de seus delegados, levantou as âncoras e singrou em direção ao norte.

Os delegados portugueses meteram-se com os de Recife numa barca e seguiram o navio almirante para juntos conferenciarem; mas este corria sempre na frente, e não lhes foi possível alcançá-lo. Fizeram, pois, entrar os portugueses numa caravela de sua frota e a barca voltou ao Recife, onde foi preso um navio da Holanda que ali tinha vindo fazer aguada para dirigir-se às Índias Orientais; dividiram com eles os seus víveres e munições de guerra e mandaram-no guardar por algum tempo a entrada do porto.

Lichthart e seus navios foram no encalço da frota fugitiva, tomaram uma caravela que tinha se separado do grosso e levaram-na para o Recife. Os portugueses, em compensação, tiveram outra vitória em terra: dois mil homens, tanto vindos da Baía de Todos os Santos como habitantes da região, comandados pelos Coronéis André Vidal, Henrique

---

* No texto, Salvador Correa de Bonavides. (L. B. R.)

Dias, Camarão e Martim Soares* sitiaram o forte de Serinhaém, comandado pelo Capitão francês la Montagne e anteriormente pelo Tenente Van Loo, intimaram-no da parte do Rei de Portugal a render-se e capitular; surpreendido, não tendo em sua companhia senão quarenta soldados, sem víveres, pólvora ou chumbo, e sem esperança de socorro, foi obrigado a entregar-lhes a praça, saindo a salvo com a sua tropa e voltando para o Recife em duas barcas que lhe concederam. O povo, desencorajado por este acidente, gritava que era preciso mandar voltar Haus e seus homens, pois não tinham capacidade para enfrentar o inimigo.

Quando esta frota, da qual se falou, se viu avançada no mar, uns jogavam a culpa sobre os outros de nada terem feito e diziam que para isso não fora preciso aparecer diante do Recife. Como não se pudessem pôr de acordo, uns seguiram por despeito para Portugal com o galeão real e os outros foram levados pelo vento a passar novamente em frente do Recife e ancoraram na Baía da Traição, onde, tendo alguns ido a terra, um deles foi aprisionado por brasileiros que o conduziram para a Paraíba. Soube-se por intermédio deste que a esquadra portuguesa desembarcara mil e duzentos homens em Tamandaré, além de três companhias da Baía de Todos os Santos que tinham vindo encontrá-los por terra, sem contar o pessoal de Camarão e Henrique Dias, e que eles só tinham ancorado diante do Recife para induzir os habitantes, pela sua presença, a pegarem todos em armas.

O General Haus, que estava a três léguas do Recife, recebeu ordem de recolher as suas tropas aos fortes; mas porque tivesse demorado demais a obedecer, à espera do Capi-

Haus surpreendido.

tão Blaer, que procurava por toda parte mulheres portuguesas para aprisioná-las, aconteceu que na noite seguinte vieram dizer-lhe que o inimigo estava muito perto. Desprevenido de sua segurança e da de seus homens, que eram cerca de quinhentos, foi rudemente atacado à meia-noite por dois mil portugueses comandados por André Vi-

Haus atacado por 2.000 portugueses.

dal; os brasilianos, que compunham quase a metade dos homens, fugiram levando alguns outros e só duzentos sustentaram o choque durante algum tempo. Estes, quando viram que tinham morrido uns trinta dos seus e que havia outros tantos feridos, pediram tréguas, que lhes concederam, sendo todos aprisionados; Haus, o Capitão Blaer e outros oficiais foram levados para a Bahia, ficando os soldados retidos entre eles. Todos os portugueses, radiantes com estas vantagens, entoavam gritos de "Viva o Rei de Portugal". Quanto aos holandeses que estavam no campo, estes tiveram de recorrer às praças-fortes, abandonando-o aos seus adversários, que não mais os deixaram sair livremente dos lugares em que se tinham refugiado. As passagens do Recife foram bloqueadas por meio de emboscadas, mantidas permanentemente, de noite e de dia.

Na Paraíba, os brasileiros que restavam se reuniram no Forte Santa Margarida, mas logo estranharam o pão e a carne que lhes distribuíam, assim como aos soldados, de que precisavam para viver. Queixavam-se de que essa alimentação os tornava doentes e fazia-os

A farinha de mandioca é um alimento nocivo.

morrer, que teriam preferido a sua farinha de mandioca. Esta causa aos europeus, quando se alimentam sempre dela, o mesmo efeito: ataca e ofende o estômago e, com o correr do tempo, corrompe o sangue, muda a cor e debilita os nervos.

Os habitantes do Recife, privados de todo socorro dos campos, de frutas e de refrescos, até de água doce, que mandavam apanhar, antes, além do rio salgado, nas fontes da terra firme, cavaram buracos e poços em volta de Maurícia e de seus fortes, mas aí só

* No texto, Martins Seuarez d'Accognes. Trata-se de Martim Soares Moreno, a cujo nome, talvez por erro de impressão, foi adicionado o sobrenome d'Accognes, de outro chefe da rebelião, Paulo da Cunha. (L. B. R.)

O que é água salobra.

encontravam água salobra, isto é, meio salgada, que eram forçados a beber e lhes trazia diversos incômodos. Em lugar de preparar-se cedo contra a miséria e despedir os seus numerosos escravos, bocas inúteis, que não serviam senão para comer os seus víveres, deixaram-nos ficar entre eles, até que todos, abatidos, iam entregar-se, uns após os outros, aos inimigos, aos quais davam notícia de tudo que ali se praticava.

André Vidal, com seus dois mil homens, gloriosos pela derrota infligida às principais forças dos holandeses, foi, segundo a ordem que lhe enviou Hoogstraeten, acampar diante do Cabo Santo Agostinho, de onde, se não houvesse traição, outros teriam retrocedido envergonhados cinco ou seis vezes. Sitiou a praça e intimou o comandante a entregar-lha; mas Hoogstraeten não ousou fazê-lo tão depressa, por três motivos; primeiro, temia que chegasse da Holanda um poderoso socorro que se esperava e, neste caso, teria zombado dos portugueses; em segundo lugar, receava não conseguir manter a chefia e que os soldados o fizessem prisioneiro; terceiro, porque queria tirar dois proveitos de uma só cajadada, render a praça e fazer consumir, fingindo conservá-las, as munições de Recife. Para este efeito, mandou atirar incessantemente às cegas os canhões e mosquetes sobre os inimigos, por espaço de uns doze dias; em seguida, aproveitou a ocasião para mandar alguém pedir pólvora, mechas, chumbo e balas aos Senhores do Conselho, que ele bem sabia não disporem de muito mais, tratando de esgotar o seu armazém. Expediu para o Recife duas barcas cheias de velhos, mulheres e crianças, que tinham vindo abrigar-se ali e aos quais aconselhou que se retirassem para lá, a fim de poupar os víveres. Disse-lhes que não serviam senão para embaraçá-lo nas circunstâncias em que se encontrava, pois carecia apenas de homens aptos a manter guarda e lutar, como ele, com a viva resolução de morrer pelo serviço da sua pátria. Em carta, enviada por intermédio deles aos Senhores do Conselho, suplicava que não o constrangessem, pela falta de socorros, a abandonar uma praça tão importante. Estas duas barcas se detiveram no caminho, ao longo da margem, à procura de frutas, e caíram em poder dos portugueses; estes massacraram todos os que estavam numa delas e deixaram propositadamente escapar a outra para levar as cartas de Hoogstraeten em que pedia munições, as quais, sabiam bem, não iriam prejudicá-los. Com efeito, os Senhores do Conselho lhe enviaram tanto quanto julgaram possível, mas muito menos do que ele esperava.

Os navios portugueses que estavam na Baía da Traição, e dos quais se falou, foram vistos velejando em direção ao sul por um navio da Zelândia que cruzava o mar. Este seguiu-os, abordou o último, despejou-lhe uma descarga de canhão, matou e feriu diversos e já lançara o arpéu para a abordagem quando os outros navios mudaram o rumo para cercá-lo, preferindo então abandonar sua presa, a esperá-los.

No mesmo dia, os portugueses surpreenderam uma barca holandesa no porto da Ilha de Itamaracá, a sete léguas do Recife onde tinham entrado do lado de Goiana; afogaram todos os que ali estavam prestes a partir e enforcaram dois Judeus, salvando a um terceiro sua vida pela promessa de tomar-se cristão. Fizeram-no batizar e pegar em armas, mas oito dias depois ele escapou e voltou ao Recife, onde retomou seu judaísmo.

Os portugueses, zombando dos holandeses, mandaram intimar a Recife, por um arauto, a entregar-se ao Rei de Portugal. O mensageiro foi advertido que por esta vez o perdoavam, mas se ele ou qualquer outro voltasse para dizer a mesma coisa, seria imediatamente enforcado.

Batalha naval de Tamandaré.

O Tenente-Almirante Lichthart, ao saber que os navios ancorados na Baía da Traição ainda estavam no mar, e tornando-se o vento favorável, reuniu quatro navios, um patacho e um bergantim, seguiu-os e encontrou-os no porto de Tamandaré, em número de dezessete, tanto grandes como pequenos. Fundeou

a um quarto de milha de distância e prontamente reenviou seu patacho ao Recife, a fim de mandar vir rapidamente outros quatro navios que aí deixara; mas como estes tardassem muito, impaciente e medroso que fugissem durante a noite, levantou suas âncoras e, depois de ter exortado seus homens ao combate e rezado, entrou à força e a todo o pano com seus cinco navios no porto de Tamandaré. Uma parte dos portugueses estava em terra onde tinham assestado uma bateria na margem, e daí atiravam impetuosamente sobre os holandeses acompanhado pelos canhões de seus navios. Lichthart, entretanto, proibiu que seus homens disparassem qualquer tiro de artilharia ou de mosquete antes de estarem junto dos inimigos e mesmo misturados entre eles, os quais, vendo-os investir furiosamente, não ousaram manter-se firmes, indo a maior parte encalhar na areia. Só o navio-almirante, comandado por Jerônimo Serrão de Paiva*,ofereceu alguma resistência; Lichthart lançou-lhe o arpéu para abordá-lo, a fim de prendê-lo e assaltá-lo bruscamente. Os soldados e marinheiros, tomados de pânico, precipitaram-se a nado, abandonando seu almirante em companhia de quinze ou dezesseis filhos de burgueses, que se defenderam com denodo; mas foram, enfim, obrigados a render-se com honra, ao passo que os outros poltrões, que pensavam encontrar sua salvação na fuga, foram perseguidos pelas barcas, batéis e chalupas holandesas, e uma grande parte, cerca de seicentos a setecentos homens, morreram no mar e em terra. Outros salvaram-se e o restante foi feito prisioneiro e conduzido para o Recife, com três dos mais belos destes navios, após o que Lichthart mandou queimar todos os outros.

Não é preciso inquirir a alegria que esta vitória trouxe aos nossos holandeses, a qual, porém, foi contrabalançada, no dia seguinte, pela notícia da perda do Cabo Santo Agostinho, que o pérfido Hoogstraeten vendera e entregara aos portugueses por dezoito mil libras e um cargo de coronel entre eles, além de trinta libras distribuídas a cada um dos trezentos soldados que se encontravam dentro do forte. A estes, voluntariamente ou à força, fizeram pegar em armas constituindo com eles e todos os outros que também tinham fugido um regimento de seiscentos e cinqüenta homens, chefiados por Hoogstraeten; estes, pouco depois, causaram mais terror aos holandeses que todos os portugueses juntos, por isso que eram a elite de seus soldados.

O Cabo Santo Agostinho vendido aos portugueses.

Assim, pela deslealdade, ambição e avareza de um homem, a Companhia das Índias perdeu uma das praças mais importantes de sua conquista no Brasil, seja pela força e situação do lugar, seja pela facilidade do comércio possibilitado pelo seu belo porto, tão seguro e cômodo como o do Recife, cuja conquista, depois de haver-lhes custado tanto sangue e riquezas, só lhes serve, presentemente, de escolho e de refúgio às partidas de seus adversários, que impedem os holandeses de aparecer no campo, a não ser correndo perigo. Também eles tinham tido sempre o cuidado de aí manter uma boa guarnição e colocar alguns homens corajosos: Hoogstraeten, pelo seu mérito nas armas, chegou de simples soldado aos postos de capitão, major de regimento, major e depois comandante do Cabo de Santo Agostinho, e, finalmente, major-general das tropas; e eis que, no meio das honrarias de que a sua nação o havia declarado digno, e a ponto de ser nomeado chefe e general da tropa, alienou covardemente a sua virtude, amortalhou sua reputação e por um motivo infame traiu vergonhosamente sua religião, sua honra e sua pátria, à qual causou por isso um dano irreparável, tirando-lhe, não somente o meio, mas a esperança de poder aí restaurar-se, a não ser mediante a ruína total deste belo país. Os próprios portugueses, a quem esta traição tanto agradou, só o chamam de coronel traidor e já se teriam desfeito dele, se não fora a proteção do Vice-Rei, que o mantém na sua corte.

---

* No texto, Jerônimo Ferra. (L. B. R.)

Tudo ia de mal a pior para os holandeses e, como não podiam conservar as outras praças além do Cabo Santo Agostinho até a Baía de Todos os Santos, viram-se em face do problema de, pelo menos, garantir as suas guarnições e fazê-las voltar, a fim de empregá-las em sua defesa noutro lugar. Os Senhores, então, lhes enviaram prontamente navios e barcas a Porto Calvo e ao Rio São Francisco. Chegaram, porém, muito tarde: os portugueses já se haviam apoderado daquelas praças e aprisionado cerca de quinhentos homens, entre soldados e habitantes do campo, obrigando alguns a pegar em armas e levando os outros prisioneiros para a Bahia.

Passaram-se alguns dias e um carabineiro a pé, dos que tinham mandado para o cerco do Recife, escapou e assegurou que os portugueses se preparavam para ir atacar a ilha de Itamaracá. Jorge Garstman, major de um regimento, foi eleito general da milícia em lugar de Haus, que estava prisioneiro, e partiu com duas companhias, indo alojar-se no Forte de Orange, praça à margem do rio, no trajeto que separa a ilha da terra firme de Goiana. Bullestrate, membro do Alto Conselho, foi à cidade de Schkoppe, construída no cume da montanha da mesma ilha, mandando retirar os habitantes da parte baixa. Os portugueses aí vieram dois dias depois, e em lugar de dirigir-se ao forte, que sabiam estar em guarda, foram assaltar e quiseram forçar em pleno dia a cidade de Schkoppe, da qual foram vigorosamente repelidos, com perda de trezentos homens mortos em combate. Sleutel, Capitão e Governador da ilha, acusado de traição, foi feito prisioneiro, mas não se possuindo nenhuma prova contra ele, foi absolvido e restaurado apenas no posto de capitão.

Os portugueses, que tinham visto baldados seus esforços de tentar tomar violentamente Itamaracá, voltaram suas vistas para o Forte Santa Margarida, na Paraíba, e procuraram conquistá-lo pela sutileza, em lugar das armas. Sabendo que o português Fernão Rodrigues de Bulhões*, Secretário da Justiça e que vivia sob o favor da anistia, era amigo íntimo e familiar de Paulo de Linge, diretor da Capitania, servira-se dele para subornálo e tratar de corrompê-lo, a fim de que lhes entregasse a praça; mandaram-lhe prometer, por intermédio deste, cinqüenta mil libras, caso concordasse, e um cargo real na Baía de Todos os Santos. Aquele, logo que escutou esta proposta, mandou imediatamente prender e enforcar Bulhões sem qualquer formalidade.

O sargento holandês que comandava o reduto da cidade de Olinda não ofereceu tanta dificuldade, e mediante a oferta de mil libras e um posto de alferes, entregou-o com quatorze soldados que o guarneciam e foram mortos. De todas as partes, pois, Recife viu-se inteiramente bloqueado. Não lhe restou mais que o Mar da Líbia,* que observavam sem cessar a fim de descobrir alguma frota holandesa que os socorresse. A paciência tornou-se-lhe virtude muito comum no meio dos cruéis golpes que o rigor da fome começava a infligir a diversos e a sede a todos, fomentada pelas carnes ordinárias salgadas da Holanda e pelo contínuo calor do país, que está sempre em perpétuo verão; só dispunham, para matar a sede, de más águas salobras.

A implacável e cruel necessidade, que não quer outras leis senão aquelas que ela própria prescreve, e autoriza tantas coisas naturalmente iníquas, fazendo-as passar por justas, sugeriu aos Magistrados do Recife, a fim de abafar o murmúrio dos pobres contra os ricos, ameaçador de desordens, que fossem pessoalmente de casa em casa acompanhados de sol-

---

* No texto, Fernandes Boüilloux. Correção feita seguindo Varnhagen, *História Geral do Brasil*, São Paulo, s. d., 3ª ed., t. 3, pág. 36.

* Mar da Líbia tem sentido figurativo, significando a África, da qual esperavam que chegassem recursos.

dados armados para recolher todos os víveres que aí encontrassem; estes, depois de registrados, seriam mandados para os armazens públicos, onde, em seguida, seriam distribuídos igualmente a todos, pequenos e grandes, pobres e ricos, diminuindo-se as porções semanalmente enquanto se esperava socorro. A própria lenha tornou-se tão rara, pela reduzida extensão de terreno em que ousavam ir buscá-la, que os soldados comiam a maior parte do tempo carne crua ou mal cozida, com água salobra; nos fornos de pão era-se obrigado a usar destroços de navios, barcas e caravelas naufragados na areia da praia do porto ou contra os rochedos, os quais, sendo revestidos e cheios de resina e alcatrão, davam tão mau sabor a esse pão, que doía o coração e fazia mal ao estômago. Juntavam-se a isto os contínuos esforços e trabalhos com que todos contribuíam, sem exceção, para as reparações dos baluartes e muralhas do Recife, danificados pelas copiosas chuvas.

Grande quantidade de homens, mulheres e crianças morreram de miséria e os mais robustos viviam desgostosos, apresentando-se sem cessar nas avenidas a sustentar os freqüentes alarmes dados pelos portugueses, aos quais faltava apenas ânimo para forçá-los. Aproximavam-se freqüentemente, é certo, mas os tiros de canhão eram desagradáveis a seus ouvidos e preferiam limitar-se a amedrontar os holandeses a ir lutar com eles muito de perto.

Dois navios de Amsterdão, repletos de víveres, chegados da Holanda, vieram restaurar estes corpos abatidos, aos quais prometeram, para alegrá-los, um bom, poderoso e próximo socorro. O que mais os animou à resistência foi a evasão de um dos seus, chamado Flavre, que estava prisioneiro dos portugueses, o qual lhes assegurou que grande número de soldados holandeses só os serviam obrigados, pois estavam cheios de afeição pelos de sua pátria e não desejavam senão a oportunidade de poder enfileirar-se entre eles; que se se arriscassem algumas tropas em escaramuças, aqueles não deixariam de vir juntar-se a eles. Duas companhias, comandadas pelos Capitães Rembach e la Montagne, saíram ao cair da noite e caminharam até a mata, guiados por Flavre, organizaram suas emboscadas e enviaram vinte homens para realizar um reconhecimento; estes, tendo percebido os inimigos, fizeram suas descargas e retiraram-se em boa ordem. Os portugueses se alarmaram, formaram um grosso de dois mil e quinhentos homens e marcharam contra os holandeses que, vendo-os vir, de suas emboscadas fizeram também suas descargas e bateram sempre em retirada, esperando que aqueles de que Flavre tinha falado viessem encontrá-los, o que nenhum fez, porque estavam, então, na retaguarda. Retiraram-se os holandeses imediatamente para o Forte dos Afogados, a meia légua de Recife, de onde descarregaram toda a sua artilharia sobre os portugueses que, inconsideradamente, tinham avançado demais, perdendo uns quarenta homens, enquanto os holandeses só tiveram doze baixas.

O Capitão Claesz, o principal dos que viviam animados pelo desejo de abandonar os portugueses, aborrecido por ter perdido esta ocasião, não pensava em outra coisa senão em recobrá-la; entre os holandeses ele não tinha sido senão um pobre pescador e foi daqueles que tinham sido aprisionados e forçados a tomar as armas, quando da derrota do General Haus. André Vidal, coronel português, notou nele algum valor, e para obrigá-lo particularmente à sua pessoa e fazer crer aos outros que nele confiava e era levado a recompensar e reconhecer a todos segundo o seu mérito, deu-lhe uma companhia de soldados holandeses. Claesz sabia bem que devia muito a este Coronel, que o honrara com um posto ao qual sua humilde condição lhe proibia aspirar; mas acreditou que o vínculo que o prendia à sua pátria era maior e preferiu sacrificar-lhe sua vida, que traí-la, usando de sua habilidade e do poder a que a fortuna o havia feito ascender. Neste cuidado extremo de querer justificar-se voluntariamente, aconteceu que Vidal lhe ordenou emboscar-se com uma companhia de oitenta soldados, no lugar chamado Salinas, cerca de uma légua e em frente do Recife. Ele devia perseguir e aprisionar os que passassem o rio para ir ao campo,

onde, algumas vezes, os holandeses se arriscavam; se não fosse o mais forte, mandasse um aviso. Vendo, pois, o lugar e o tempo favoráveis à execução do seu intuito, meia hora depois reuniu todos os seus soldados, disse-lhes que tinha uma empresa notável a executar e perguntou-lhes se, como homens de coração e de honra, não gostariam de acompanhá-lo, a fim de ter a sua parte na glória que os esperava; responderam-lhe que estavam prontos a ir para onde ele desejasse e a morrer com ele. Depois de ter marchado ainda um quarto de hora, comunicou-lhes claramente que pretendia ir encontrar os de sua nação e socorrê-los contra os traidores portugueses; que cada um deles se resolvesse a fazer o mesmo, ou apunhalaria com as suas próprias mãos o primeiro que recusasse. Tendo-lhe todos prometido que o seguiriam, enviou dois homens ao Recife para preveni-los de sua vinda e seguiu pouco depois.

Este reforço imprevisto surpreendeu a princípio de tal modo o povo, que o seu contentamento foi testemunhado apenas por gestos, faltando-lhes as palavras para isso. Os Senhores deram-lhes acolhimento adequado a esta insigne fidelidade e presentearam-nos, a cada um segundo a sua condição social. Beberam, além disso, até fartar-se, do bom vinho da Madeira, tomado recentemente de uma caravela portuguesa, que estava carregada dele, pelo chamado Pieter Dunhertre. Este aprisionou a caravela, com a sua barca tripulada por quarenta marinheiros; foram mortos trinta portugueses, e levados prisioneiros para o Recife quarenta. No dia da volta de Claesz chegou, também, um outro navio da Terra Nova, carregado de bacalhau, peixe muito seco, que se assa sobre as brasas e come-se com azeite.

Uns trezentos holandeses e brasilianos da Paraíba, aborrecendo-se em seus fortes, quiseram ir respirar o ar do campo e tiveram um encontro com oitocentos homens, tanto portugueses como negros, do lado das campinas de Eduardo Gomes da Silva; lançaram-se bruscamente sobre os mesmos, sem lhes dar tempo de reconhecimento, bateram-se pelo espaço de uma hora, fizeram-nos perder trinta e cinco a quarenta soldados e abandonar o campo de batalha, onde os holandeses não perderam mais que um homem, Gomes da Silva, tendo uma perna de pau, não pôde fugir e foi morto. Os brasilianos, ainda insatisfeitos, em lugar de voltar para o forte com os outros, passeavam pela região, e, num domingo de manhã, atacaram, de surpresa, no engenho de André Dias de Figueiredo, oitenta portugueses que ouviam a missa; mataram os padres, homens, mulheres, crianças e todos que encontraram ao saquear as casas, com exceção da filha do senhor de engenho do lugar, cu-

Vantagens da beleza

ja rara beleza causou tanta admiração nestes brutos, que teve a vantagem de banir a ferocidade de seus corações e fazer surgir nestas forças bárbaras e encamiçadas, a humanidade e a cortesia. O brilho que tantos encantos faziam luzir sobre a tez delicada de sua face atraente moveu à compaixão estes cruéis, afligidos pela sensível dor que um tal lamentável desastre fazia sofrer a esta bela, quando se considerou inteiramente sozinha, tendo a seus pés seu pai, sua mãe e outros parentes mais queridos, vendo amigos e vizinhos feitos em pedaços, ensopados em sangue e destinados a servir de alimento a estas criaturas desnaturadas. Procuraram consolá-la por meio de gestos; depois, com o respeito, a civilidade e a doçura de que são capazes, levaram-na para a fortaleza da Paraíba e a recomendaram ao diretor, a fim de que nenhum mal lhe fosse feito.

Quando todos esses sucessos foram relatados a André Vidal e aos seus, estes ficaram como possessos, desarmaram todos os holandeses que estavam a seu serviço, reenviaram alguns daqueles que tinham bons amigos para a Baía de Todos os Santos, e nos outros, em número de seiscentos e setecentos, exerceram uma prodigiosa carnificina. As várias modalidades dos mais horríveis suplícios foram praticadas por aqueles malditos homens tisnados sobre os miseráveis da Europa: uns eram ligados dois a dois, costa contra costa e cortados a golpes de facão; outros eram jogados vivos, com pedras atadas nos pés, nos rios; outros eram amarrados e suspensos pelas suas partes naturais aos ramos das árvores;

outros assassinados a golpes de clava, e os restantes terminaram a fio de espada, de diversos modos. Os holandeses não se incomodaram nem se ofenderam, antes consideraram estes atos como um pagamento devido aos soldados que tinham abraçado o partido dos traidores e se armado contra os seus superiores, o que não deviam fazer ou então imitar o Capitão Claesz. Os portugueses defendem-se do que fizeram alegando o ódio pela fuga do Capitão Claesz e de sua companhia e o medo de que estes outros fizessem o mesmo impedindo-os deste modo de levar a efeito a empresa que tinham em vista contra o Recife, quenão se pôde saber qual fosse. Mandaram imediatamente construir um forte, no mesmo lugar em que Claesz tinha sido posto de emboscada, e aí colocaram uma guarnição para aprisionar os que saíssem do Recife. Os senhores do Conselho deram liberdade a um turco e a um negro fugidos dos portugueses, os quais contaram terem retomado a posse de todos os seus bens diversos senhores de engenho de açúcar que se tinham retirado para a Bahia, quando os holandeses aí entraram.

Os de Angola, aos quais os Senhores do Conselho tinha mandado pedir socorro e víveres, escreveram que estavam reduzidos à mesma penúria que os do Recife, pelo Governador do Rio de Janeiro, em nome do Rei de Portugal, o qual com seiscentos homens, fechava todas as passagens. Enviaram-lhes um patacho carregado de escravos, que de nada lhes valiam; uns foram remetidos para a Ilha Fernando de Noronha e outros para São Cristovão, para aí serem vendidos.

Como este desditoso Recife devesse ser afligido por todas as espécies de males e como se a guerra no exterior, a privação de todas as comodidades, com a morte quotidiana de seus habitantes que pereciam de miséria, não tivessem sido dores suficientemente pesadas precisavam,ainda, combater a dissensão civil que se engendrou em seu seio. Os soldados, procedentes de diversas nações, bradavam em altas vozes que não se tinham comprometido a morrer à mingua e preferiam ir perder a vida num ataque a terminar seus dias à maneira dos indigentes e pedintes que a pooreza, cansada de roer, retira do mundo; era escarnecer muito da sua profissão, a mais nobre de todas, deixar-se invadir pelos vermes que os devoravam, tanto mais que, como era sabido, eles não formavam senão um punhado de homens e não lhes havia sido enviado qualquer socorro da Holanda, onde se compraziam em enganá-los. Na impotência em que se achavam de atacar e de defender-se, o pior era subsistir, sendo preferível procurar cedo uma composição honrosa com os portugueses do que esperar que a indigência premente os forçasse a ir abandonar-se à sua mercê, quando nada mais tivessem, ou então, o que seria melhor, fazer-lhes sentir o que valia o seu vigor, antes que este se extenuasse, indo cair de uma só vez sobre os seus adversários. Quiseram pilhar os armazens de víveres, cometeram diversas insolências contra as pessoas dos altos Magistrados e Políticos, agarraram-nos três ou quatro vezes pelas barbas no meio das ruas, ameaçavam-nos de jogá-los ao mar, diziam que eram eles que tinham vendido o país por presentes, e que eles e só eles tinham precipitado a sua ruína. Quanto aos soldados, tinham sido sempre desprezados, considerados como lama e preteridos sempre pelos portugueses, que os seus braços tinham humilhado.

Um dia em que os Senhores se tinham reunido em casa de um deles para jantar, uma dúzia de soldados ousados o soube; subiram à sala no momento em que esses Senhores se preparavam para tomar lugar, puseram-se eles próprios à mesa, jurando e renegando, e causaram-lhes tanto medo que estes, acreditando que iam ser assassinados, saíram habilmente da casa e deixaram-nos comer, bem satisfeitos de se livrarem por um banquete, ficando os soldados radiantes, de seu lado, por os haverem deixado comer regaladamente em paz.

Ora, leitor, deixo a ti imaginar quantas inquietudes trabalhavam o espírito destes magistrados; o pior não era suportar estas afrontas, pois eles já não eram os mesmos que repreendiam outrora com tanta rudeza até os oficiais quando vinham fazer-lhes algum

pedido; esqueceram a irritação e seu semblante humilde e agradável era um convite a cada um, caso não lhes quisesse bem, ao menos a não fazer-lhes mal. Foi preciso saber como acalmar os soldados, os quais, influenciados enfim, por palavras brandas, conselhos, promesssas e esperança de breve socorro reduziram suas exigências a dinheiro. Era preciso, contudo, encontrá-lo, pois não existia, e os cofres da Companhia apresentavam-se vazios, estando os recebedores e tesoureiros em falta.

Os judeus, que viam esta necessidade, e que em qualquer momento de desordem tornavam-se a presa de todos, recordaram-se de que a perda de Constantinopla, tomada à força por Maomé*, só tinha ocorrido pela sórdida avareza dos cidadãos, que se negaram a contribuir com os seus tesouros para o Imperador pagar seus soldados e fazer vir outros, embora este bom Imperador lhes tivesse ido suplicar dinheiro de chapéu na mão e de porta em porta, dizendo-lhes que seria para a sua própria conservação; sua recusa teve por resultado que eles próprios e todos os seus bens foram saqueados pelos turcos. Por isso, sem esperar que se lhes falasse, todos se cotizaram e forneceram a soma de cem mil escudos, que foi distribuída aos soldados, apenas para contentar-lhes a vista, pois só podiam servir-se deles para jogar e não para comprar alguns víveres, os quais eram fornecidos pelos armazéns mediante a apresentação de vales assinados pelos Senhores e dados pelos comissários a cada um semanalmente e não de outra forma, sob pena de morte.

Estes Senhores do Conselho, tendo acalmado os soldados tiveram depois, ainda, de enfrentar os particulares ou burgueses, que, por sua vez, lhes fizeram diversas afrontas, maldiziam-nos abertamente, acusavam-nos de conluio com os inimigos, faziam correr o boato de que eles queriam fugir durante a noite para ir encontrá-los, seja por mar seja por terra; e para persuadir a todos que isso era verdade e afrontar ainda mais os seus superiores, constituíam corpos de guarda perto de suas casas, de dia e de noite, para tolher-lhes os movimentos e colocavam sentinelas à frente, atrás, nos caminhos de acesso às suas moradas, para estorvá-los. Deste modo eles não ousavam sair depois de seis horas da tarde até as sete da manhã e durante o dia não se sentiam seguros, o que também tiveram de tolerar.

Vamos, agora, porém, para a Holanda. Que diremos de todo este povo das Províncias Unidas e do espanto que os tomou diante da narração de tantos acontecimentos sinistros e funestos, que se divulgaram com ruído entre eles! Os ministros de diversas religiões e em todas as línguas usadas nas pregações exageravam apaixonadamente, em seus sermões, a deslealdade dos portugueses, serviam-se de todos os termos próprios para originar o ódio e o horror contra eles, narrando eloqüentemente as crueldades que tinham infligido aos seus compatriotas, por meios que, diziam jamais poderiam ser suficientemente expiados.

O povo de Haia, comovido, quis atacar o Embaixador de Portugal, que ali residia; a plebe cercou seu palácio, e o teria forçado, arrasado e tudo destruído não fora a prudência do Príncipe de Orange, que acorreu em pessoa com o seu regimento de guardas e as companhias destacadas nas guarnições livres das cidades vizinhas, convocadas prontamente, e que afastaram esta tropa popular. O Embaixador da França pediu audiência aos Estados Gerais para o Embaixador do Rei de Portugal, o qual, em nome de seu Senhor, condenou tudo o que os portugueses, tanto seus súditos como os deles, tinham feito no Brasil; protestou que isso se passara sem a sua ciência, trazendo-lhe extremo desprazer; ofereceu seu apoio a fim de auxiliar a castigar uns e outros, deu aos Estados todo o poder de fazer justiça aos seus próprios súditos, afirmando que detestava e desaprovava o procedimento de uns e de outros, queria empregar todo o socorro que suas forças lhe permitissem para

* Maomé II, não o fundador do islamismo.

fazê-los voltar à posse de suas conquistas; insistiu em tomar a si o encargo de mandar-lhes entregar os autores da sedição e reparar com os bens dos mesmos os danos sofridos. Mas foi inútil essa arenga fraudulenta dirigida por este Embaixador a estes sábios e avisados republicanos, na crença de que eles não estavam exatamente informados de tudo, ignoravam que o seu discurso estava repleto de dissimulação, mentira e dolo, e que suas ofertas e proposições se baseavam apenas na astúcia e no embuste. Sem dignar responder-lhe, os Estados Gerais mandaram a S. Majestade Cristianíssima queixa da perfídia e ingratidão do Rei de Portugal, que lhes devia tantas obrigações, e que após terem eles empregado tantos cuidados e seus próprios tesouros para elevá-lo, os recompensara tomando, covardemente, as suas praças do Brasil, corrompendo os governadores e exercendo mil barbarias sobre os seus súditos, por pura traição, com violação da paz geral jurada entre eles no ano de 1641, pelo que se viam obrigados a declarar-lhe a guerra. S. Majestade mandou-lhes dizer que se tratava, no caso, de negócios particulares, como eles próprios haviam alegado no passado, quando fora a tomada de Angola. Que o Rei de Portugal negava ter jamais consentido, aconselhado ou mandado fazer quaisquer desordens, e oferecia-se a empregar os seus ofícios a seu favor e diligenciar para obter-lhes desagravo, era muito importante para estas duas potências soberanas, como para toda a Europa, que as mesmas não se tornassem inimigas e fossem guerrear aqui por causa de um país tão distante; em lugar da quebra desta união, desejada pelo espanhol, inimigo comum de todos três, seria preferível imitar os franceses e ingleses, que não obstante os distúrbios e dificuldades surgidos entre eles na Terra Nova não deixam de viver em boa paz na Europa e em nada alteram seu mútuo comércio, embora, de um lado e de outro, estes dois povos enviem as forças que lhes aprazem para bater-se ali, sem que isso lhes traga aqui a menor contenda; os Estados Gerais e o Rei de Portugal deviam fazer o mesmo, tratando, no entanto, de acomodar-se e dar o direito a seu dono.

Os Estados Gerais resolveram não anuir a este conselho, mas sim vingar-se e pedir satisfação mais cedo ou mais tarde ao Rei de Portugal, por todos os meios que então se apresentassem. Julgaram, porém que ainda era prematuro tocar em tal ponto, pois antes precisavam fixar as máximas que observariam e também aguardar as explicações que lhes prestariam os portugueses. Não retiraram, portanto, o seu Embaixador de Lisboa e o de Portugal não se mexeu de Haia, nenhum deles provocou o outro em mar ou em terra, nem houve descontinuidade no comércio além da linha equinocial. Visando, porém, a não perder tempo nem deixar escapar um país tão belo e tão grande, que lhe queriam subtrair contra a fé prometida, os Estados persuadiram a Companhia das Índias Ocidentais, à qual ainda restavam alguns fundos em caixa, a equipar uma frota de cinco ou seus mil homens que, segundo a informação dos Senhores do Conselho, seria mais do que suficiente para se restabelecerem em toda parte e baterem os rebeldes; as melhores praças ainda lhes pertenciam e, como indenização, ser-lhes-ia mantido por quinze anos o arrendamento para a posse do Brasil, de modo que se pudessem reembolsar. Para tornar-lhe mais fácil o engajamento de homens, foram despedidas vinte e cinco companhias do corpo de seu exército, dos quais a maior parte, com o que se pôde reunir em cada regimento e por todas as cidades, em número de quatro mil homens efetivos (sem contar os marinheiros e pessoas livres), foram alistados, sendo os navios para embarcá-los fretados e aparelhados às expensas da Companhia.

A Frota ficou pronta para partir em novembro de 1645 e marcou-se o encontro dos navios no Porto de Vlissingen; sobreveio, porém, uma queda extraordinária da temperatura, todos os portos gelaram e os navios aí ficaram retidos pelo espaço de três meses. Vindo o degelo, a frota singrou os mares no começo de fevereiro de 1646 e nela seguiu, também, o Colégio do Alto Conselho do Governo da Conquista do Brasil, nomeado e pro-

vido no lugar daquele que estava em exercício havia seis anos. Os antigos magistrados tinham mais vontade de voltar do que os novos de empreender esta viagem, pois acreditavam firmemente espantar os portugueses pela sua presença, restaurar tudo logo que chegassem e, assim, eternizar a sua memória; tiveram, todavia, bastante tempo para reconhecer o seu erro e penitenciar-se desta presunção.

Estes senhores, em número de cinco, foram escolhidos dentre os mais entendidos na ciência e experiência de governo e administração de suas boas cidades, suplicando-se-lhes que aceitassem esta comissão. Eram os seguintes: o Senhor Presidente Schonenburgh, tirado expressamente do corpo dos Estados Gerais, o Senhor Van Goch, magistrado e pensionista da cidade de Vlissingen, deputado ordinário da Província de Zelândia às assembléias dos Estados Gerais, o Senhor van Beaumont, advogado fiscal da cidade e região de Dordrecht e do curso do Mosa, todos três possuidores de singular virtude e probidade, peritos nas letras e na arte de administrar, que possuíam ainda conhecimento completo das línguas clássicas e das vulgares em uso na Europa, tendo viajado, na sua mocidade, por todos os Reinos e Províncias da Cristandade; para adjuntos, a fim de verificar as contas da Companhia, os Senhores Haecx e Trouwels,*notáveis comerciantes da cidade de Amsterdão; para secretário o Senhor l'Hermite, advogado da cidade de Delft, filho do grande piloto l'Hermite, que fez a circumnavegação da terra.

A este Colégio concederam o privilégio de intitular-se nobres poderosos, para distingui-los dos outros que não eram chamados senão nobre nobreza; tal qualidade de nobres poderosos jamais tinha sido outorgada senão aos Estados Particulares das Províncias Unidas, pelos Estados Gerais, que se fazem honrar, em termos superlativos, de altíssimos e Poderosíssimos. Sob a sua obediência, para chefe dos guerreiros, em terra, foi nomeado o Senhor Sigismundt Schkoppe, alemão que já servira ali como general, do qual falaremos adiante, homem valente e generoso, mas que tinha fama de cruel. Pediram-lhe que demonstrasse maior doçura e cordialidade em relação aos soldados que anteriormente, afim de melhor obrigá-los, pela sua amizade, a permanecerem fiéis e a bem cumprir o seu dever. Como chefe da guerra no mar seguiu o Senhor Banckert, **almirante da Zelândia, comandante das costas dos Países Baixos, feito almirante dos mares do Brasil e de Angola. Embarcaram todos ao mesmo tempo, enquanto as cidades, fortalezas e navios dos portos destas províncias exprimiam seus votos de nos verem sair felizmente nesta nossa empresa, disparando enorme quantidade de tiros de canhão no momento da partida desta grande frota que montava a cinqüenta e dois navios.

De todas as frotas enviadas da Holanda ao Brasil não consta absolutamente, que alguma tenha tido tantos contratempos quanto esta, que serviu de perpétuo joguete às inconstâncias tempestuosas do mar, durante o espaço de seis meses que levou no trajeto. Tendo partido na pior estação do ano para a navegação, viu-se, também, exposta a diversos acidentes, e dois dias depois da nossa partida, as grandes tempestades que se elevaram com o vento contrário fizeram-nos ancorar e estacionar na enseada das dunas da Inglaterra, em frente a Newhaven,*que não era sergura e estava exposta a todas as tormentas. Como as âncoras não-se pudessem firmar bem na terra, as rudes sacudidelas das ondas fize-

---

* No texto, Troire. (L. B. R.)

** No texto, Baucher Rodolfo Garcia (*História Geral do Brasil*, de Varnhagen, III, 52, nota 92), baseado no Barão do Rio Branco, dá a grafia correta, Banckert, e atribui o erro à má interpretação do manuscrito de Moreau pelo impressor.

* No texto, Nieuport. José Honório Rodrigues, em nota à *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil*, de Joan Nieuhof (São Paulo, 1942, p. 258, nota 364), dá o nome correto: Newhaven. (L. B. R.)

ram romper os cabos de dois dos nossos navios, que a seguir encalharam na areia; alguns se afogaram, outros foram socorridos e salvos pelos escaleres ingleses, que se apoderaram, em pagamento de seus serviços, de tudo que encontraram nestes navios. Quanto à artilharia, munições, velas, cordames, mastros, âncoras e cabos, o capitão das dunas ordenou fossem levados para as fortalezas, dizendo que os navios encalhados ou naufragados nos portos, enseadas e angras da Inglaterra, que chamam a Câmara do Rei, pertenciam de direito, com todos os seus pertences, ao Almirantado, assim como tudo que cai ao mar, a duas léguas da praia; obrigou que lhe fossem entregues as âncoras com os cabos que se tinham rompido, as quais os nossos marinheiros tinham pescado e retirado do fundo do mar.

Esta tempestade impediu-nos, de ir à terra por três dias, durante os quais os soldados e marinheiros salvos, que tinham perdido tudo, atacados pelo frio e pela fome, porque se lhes recusavam esmolas, quiseram internar-se no país para aí procurar do que viver; mas imediatamente os ingleses armaram as companhias da região, que chamam de train-bands**; os quais prenderam todos estes soldados e marinheiros e os trouxeram de volta às dunas; e mandaram dizer ao senhor Von Goch, comandante da esquadra, que os fizesse voltar prontamente para os seus navios, ou eles os mandariam transportar para a Holanda às custas da Companhia. Foi preciso alugar, sem demora, um navio especial, pelo dobro do que se teria podido conseguir com calma, a fim de fazê-los retornar a Midelburgo e mandá-los voltar em outros navios.

Tornando-se o vento um pouco favorável, depois de dois outros dias de viagem, o mesmo vento contrário soprou de tal modo sobre o mar, que nos foi preciso ancorar apressadamente num dos portos da ilha de Wight,*que nós já haviamos passado, chamado Santa Helena, entre a ilha e o continente, a qual está a três léguas além da cidade de Antonne, onde nos mostraram uns restos dos destroços de um rico navio da Holanda, avaliado em dois milhões, que vinha do Brasil, o qual tinha naufragado há três dias despedaçando-se contra um rochedo, à distância de um tiro de mosquete, do outro lado da ilha; das trezentas pessoas embarcadas, só se salvaram umas trinta. Qualquer que seja o tempo, o mar aí é sempre bastante calmo, mas só pudemos sair com grande dificuldade, pois a inconstância dos ventos prendeu-nos durante nove semanas inteiras; por vinte vezes desancoramos e navegamos, ora uma, duas, quatro, dez ou doze léguas e por vinte vezes os ventos contrários forçaram-nos a retornar ao ponto de partida.

As notícias que recebemos de um outro navio do Recife que, por acaso, veio ancorar perto de nós, foram no sentido de que os holandeses ali se encontravam num estado de extrema penúria e que à nossa chegada talvez o país já estivesse perdido; há dois meses, quando tinham partido o povo dispunha de pouquíssimos víveres, conseguidos com sofrimentos incríveis. Apesar do vento contrário, a esquadra ganhou o mar da Mancha, onde os ventos impetuosos se tornaram tão fortes que nos jogaram ao longo das costas de Wymouth,* *em Portland, lugares muito perigosos, e isto, em parte por culpa dos pilotos que não tinham conservado a rota pelo alto-mar: as vagas furiosas impeliam os nossos navios contra a praia bordada de rochas e escolhos e ali naufragou e se despedaçou a nossos olhos um navio escocês, dentro do qual iam duzentas pessoas, presas deste infiel elemento, com gritos e gemidos que redobravam o nosso pavor de nos acontecer o mesmo; mas a bondade divina, depois de ter-nos mantido nesse receio e de ter-nos mostrado os horrores

---

** No texto, *trenne-bandes*. Adotamos a grafia correta, segundo o *Webster's Third International Dictionary Unabridged*. (L. B. R.)

* No texto, Vvicht. (L. B. R.)

** No texto, VVehtmur. (L. B. R.)

da morte, que nos parecia mais provável do que a vida, no-la garantiu, pela habilidade que deu aos nossos pilotos. Estes tinham abandonado tudo e prendido o cabo do leme, deixando-nos flutuar aos sabor das ondas, e quando já haviam avançado até uns dez ou doze passos dos rochedos, vendo que a costa formava uma sinuosidade, prontamente viraram as velas e o navio ficou contra o vento, que soprava do lado da terra e cuja violência ia de encontro à grande agitação da maré, impedindo que ela levasse os nossos navios para a praia, embora os fizesse pender e virar todos sobre um lado, molhar e arrebentar as velas, ensopar as pontas dos mastros no mar, romper os cordames, ao mesmo tempo que a água entrava em grandes vagas pelas escotilhas ou pelas vigias do convés, a qual, espalhando-se pelo interior, estragou uma parte do que aí estava.

Permanecemos neste pavor pelo espaço de sete horas, esperando a todo momento ver-nos colhidos pela morte, quando, para aumento do terror, sobrevieram as trevas, fazendo-nos perder toda a esperança de salvar-nos no meio de tantos perigos. Finalmente, porém, serenou a tormenta e, sobrevindo a vazante, depois dos nossos navios terem vogado ao léu durante algum tempo, os pilotos ancoraram e puseram-nos ao abrigo, atrás de uma pequena colina.

Os soldados, marinheiros e passageiros, moídos de uma fadiga tão rude, com o estômago doente pelos vômitos e náuseas que a tempestade nos tinha provocado, facilmente se acalmaram com o repouso trazido pela placidez do sono; mas experimentaram também muita surpresa e espanto quando, ao alvorecer, foram desagradavelmente acordados por seis descargas de canhão feitas contra os nossos navios, de um forte de pedra situado na costa, a dois tiros de mosquete de nós, que mataram três homens e feriram quatro ou cinco.

Surpresa muito espantosa.

O senhor Van Goch enviou prontamente a este forte, numa chalupa, o mestre e capitão do navio, que era zelandês, Hameling, inglês, capitão dos soldados, e eu que falo, a fim de que um de nós três fosse entendido. Dirigimos-

Coisa notável.

-nos àquele que ali comandava e lhe perguntamos a razão deste mau tratamento e de quem tinha recebido a incumbência de nos afagar deste modo; ele poderia ter reconhecido pelas nossas bandeiras que se tratava de uma esquadra dos Estados Gerais, amigos comuns do Rei de Inglaterra e de seu Parlamento, e se ele queria iniciar, conosco, a quebra da paz. Respondeu-nos que o forte em que nós estávamos tinha sido tomado apenas há oito dias pelo Parlamento, que aí conservava seguro o Rei, e ele respondia pessoalmente, com a sua cabeça, pela guarda deste. Desconfiara que tantos navios estivessem ali para atacá-lo, e não só mandara atirar sobre eles, como fizera soar o alarme em todo o país, de modo que em menos de três ou quatro horas teria mais de sete ou oito mil homens. Estava desolado pelos mortos e feridos, mas cumprira apenas o seu dever, porque nós devíamos ter salvado o forte, a exemplo de todos os navios que ali ancoravam ou passavam por perto; quanto à bandeira, não era obrigado a acatá-la, primeiro, porque poderia ser disfarçada, e depois, porque não era permitido a nenhuma nação desfraldar o seu pavilhão nos mares da Inglaterra, a não ser os próprios ingleses. Dissemos-lhe que ali havíamos aportado involuntariamente; viajávamos para o Brasil e a tempestade nos conduzira a este ponto entre as trevas da noite, com perigo da nossa vida, sem que conhecêssemos o lugar onde estávamos, nem soubéssemos que ali existia um forte. Foi uma desgraça, replicou, mas só nós tínhamos de suportá-la, e então cobrou-nos seis libras por tiro de canhão, mais

Interesse disfarçado sob o nome da honra.

pela honra, dizia, do que pelo dinheiro. Quanto ao resto, fez-nos comer lautamente, enviou ao nosso navio-almirante vinho da Espanha, com mil escusas ao senhor Van Goch. Isto feito, soltamos as âncoras e saudamos com três tiros de canhão o forte, que respondeu com um único tiro.

Uns três dias depois de estarmos no Mar da Mancha, os soldados alemães do nosso navio-almirante sublevaram-se e armaram os outros, queixando-se todos de que não rece-

biam queijo, aguardente nem fumo e, sob este pretexto, subtraíram ao copeiro-mór do navio as chaves da despensa e beberam e comeram durante dois dias, ao mesmo tempo que zombavam de seus oficiais e ameaçavam jogar ao mar o senhor Van Goch e todos os da cabine ou câmara do capitão. Durante este motim pusemo-nos todos em guarda e foram barradas as portas da casa do leme, assim como as do tenente e dos pilotos, que estão em cima; dispuseram-se os petardos e peças de artilharia mirando para o convés, na hipótese de um ataque, ao lado de uma boa provisão de todas as espécies de armas. Nesse intervalo, conseguimos acercar-nos dos navios da frota e encher a nossa cabine de oficiais, que penetraram pelas janelas do quarto do artilheiro; isso diminuiu o ímpeto dos amotinados, que não queríamos perder, porque tínhamos necessidade deles. Percebendo não serem os mais fortes, pediram perdão de joelhos aos senhores Van Goch e Beaumont, os quais argüíram que não se devia pedir nada de armas em punho e com ameaças, e sim mediante requisição verbal ou por escrito; seu procedimento merecia a morte, mas eles lhes perdoavam sob a condição de não recaírem em semelhante falta e se conservarem fiéis. A seguir para acalmá-los mandaram distribuir a cada um uma libra de fumo, aguardente e um queijo da Holanda.

Embora os autores desta sedição tivessem sido perdoados por conveniência, foram marcados, como se costuma dizer, com lápis vermelho, e no Brasil, à menor falta cometida não se-lhes regateou a forca. Para evitar que novamente se amotinassem, foram divididos em grupos de sete e embarcados em outros navios; dois mestres que tentaram recusar-se a receber a sua parte sofreram a destituição de seus cargos, tiveram seus soldos confiscados e foram recambiados para a Holanda.

Á saída do grande canal entre a França e a Inglaterra, entrando no oceano, entre o reino da Galícia e a Irlanda, o Senhor Van Goch mandou reunir no seu navio todos os oficiais da marinha e da milícia, a fim de dar-lhes a ordem que deveriam obedecer durante a viagem, para se reconhecerem de noite e se socorrerem uns aos outros em caso de combate, de tempestade ou de outro qualquer acidente. O Senhor de Beaumont, que era o único dos Senhores que estava na nossa frota, pois os outros se tinham separado desde as dunas da Inglaterra e haviam tomado outra rota, não a quis receber; disse que a ele é que cabia dá-la e ordenar o hasteamento da bandeira, porque ele representava uma das mais famosas Câmaras da Companhia e da Província da Holanda, a qual, sem contradita, passava como primeira em todo lugar; que, particularmente, bem gostaria de depender do referido senhor Van Goch e de deferir-lhe tal incumbência, mas, na qualidade de homem público, esta honra lhe pertencia; os que o tinham eleito jamais aprovariam que perdesse voluntariamente as suas prerrogativas. O Senhor Van Goch respondeu-lhe que um e outro não representavam, neste momento, as províncias da Holanda e da Zelândia, que recebiam, ambas, a lei dos Estados Gerais, e não uma da outra, mas somente as Câmaras que os haviam nomeado e confirmado; Midelburgo vinha depois de Amsterdão, mas não de Dordrecht; a recusa de obedecer-lhe e querer ir em primeiro lugar, levando a bandeira para o seu navio, equivalia a ignorar a posição que ocupava a Câmara de Midelburgo nas assembléias da Companhia das Índias e perante os Dezenove. Os oficiais formaram então o Conselho: os da Zelândia, cujo número se verificou ser o maior, votaram a favor do Senhor Van Goch, ficando o Senhor de Beaumont como Vice-Almirante; os outros da Holanda, ao contrário, favoreceram o partido do referido Senhor de Beaumont e queriam que ele fosse o Almirante. Não tendo podido chegar a um acordo, o Senhor de Beaumont, que via o Senhor Van Goch conservar-se na vanguarda, acompanhado dos navios da Holanda que, misturados com os outros, mantinham a sua rota, a fim de que aqueles não se glorificassem por isso, chamou a si todos os holandeses, quis que tomassem um outro rumo e num instante, disparando um tiro de canhão, disse-nos adeus e se separou de nós;

praticou assim, ato de almirante que, ao mudar de rota, atira para avisar os outros que o acompanhem, mas deixaram-no ir.

Ação gloriosa e inteligente do Senhor Van Goch.

Um bom vento constante, que durou um mês inteiro, permitiu-nos cobrir mil e duzentas léguas nos altos mares da Espanha, onde as embarcações devem navegar com habilidade , pois as vagas, aí, são três vezes mais altas do que os outros lugares, estando o mar comumente agitado. Por esta razão os nossos navios retardaram-se muito a esperar uns pelos outros, e era preciso, às vezes, ferrar as velas durante dias inteiros; deliberou-se, então que cada um seguiria o curso que quisesse e tomaria a dianteira para chegar o mais depressa possível a Recife.

Passamos, a seguir, diante do Cabo de Finisterra, ao longo das costas de Portugal, depois dez a doze léguas na altura da cidade de Lisboa, e depois perto das grandes e altas rochas que aparecem no mar e que são chamadas Coches de Barrolles; os marinheiros pretendiam que todos os que não tivessem ainda estado ali lhes deviam dar dinheiro para beber e que eles tinham o direito de dar um banho nos que se recusassem, pois tinha sido sempre o costume; o Rei da Inglaterra, quando ainda Príncipe de Gales, na viagem à Espanha, fora obrigado a dar uma certa soma em dinheiro aos marinheiros. Os soldados zombavam deles e de todas as razões em que fundavam seus pedidos, não querendo ouvir falar em dar coisa alguma; os marinheiros procuravam pegar alguns que já tinham ligado com cordas pelos sovacos para molhá-los no mar quando se viram atacados pelos outros soldados que tinham ido correndo armar-se e estavam prestes a matar-se uns aos outros. O Senhor Van Goch tratou logo de dominar este conflito sobrevindo em menos de meia hora; ordenou aos oficiais que cada um prendesse aqueles que estavam sob seu comando e em seguida viessem apresentar as suas razões diante dele. Os marinheiros, insatisfeitos, jogavam toda a culpa sobre os soldados, pediram que alguns deles fossem punidos, pois queriam recomeçar outra rebelião; os soldados, ao contrário, mostraram ser os marinheiros os agressores, disseram que não os deixariam atormentá-los e que estes continuariam comumente a maltratá-los, se eles próprios não reagissem e não fossem mais numerosos. O Senhor Van Goch expôs novamente a estes marinheiros ser expressamente proibido pelas ordenanças dos Dezenove, que mandou ler, batizar alguém (que é o termo usado no mar, em lugar de dizer molhar), a não ser mediante ordem da Justiça. Além disso, o direito de que eles falavam só devia ser exercido amistosamente, e não podiam forçar pessoa alguma; e ainda que os soldados tivessem toda a culpa, caso ele quisesse castigá-los seria impedido e daria lugar a que recomeçassem as manifestações de descontentamento. Depois repreendeu asperamente os soldados por terem lançado mão das armas, em lugar de irem queixar-se a ele; tirou-lhes os seus mosquetes, fuzis e espadas, que mandou fechar no quarto do artilheiro, para restituí-los quando fosse necessário. Para contentá-los mandou dar a cada marinheiro um quartilho de vinho francês e a cada cuba ou grupo de sete soldados, dois quartilhos, os marinheiros escarneciam dos soldados por tê-los feito desarmar e de terem sido bem pagos, e os soldados riam-se de tê-los surrado e de terem ainda sido recompensados com vinho.

E continuando, assim, a nossa navegação, os pilotos disseram que estávamos na altura do Estreito de Gibraltar, a setenta léguas de distância mais ou menos do Porto Santo; passamos próximo às ilhas da Madeira, vimos Tenerife e o Pico da Canária, esta alta montanha cujo soberbo cume vai além da região média do ar e o qual se pode perceber com tempo calmo e sereno, a umas setenta léguas de distância, mas também quando isso acontece denuncia uma tempestade próxima e impetuosa.

Os nossos pilotos, por terem se enganado no cálculo de seu curso, que marcavam pela bússoia e pelo astrolábio, ao meio-dia, e, às vêzes, à noite, pela Estrela do Norte, leva-

ram-nos às costas de Marrocos, na Barbária, África. No momento mesmo que acreditavam estar muito adiantados em direção ao Ocidente, tiveram de mudar sua rota em direção às Ilhas Salgadas; mas, em lugar de irmos nos refrescar na Ilha de São Vicente, uma delas, como é o costume dos viajantes, o Senhor Van Goch não quis que aí escalássemos, a fim de chegarmos mais depressa ao Recife, viagem demasiado fatigante.

As dezesseis graus e meio, próximos da Linha do Equador, vimos também as ilhas do Sal e da Boa Vista*, vizinhas da de São Vicente, habitadas pelos banidos da Espanha, que para aí são deportados e que se resgatam por um determinado número de peles de bodes, que devem entregar anualmente, dos quais são feitos os marroquins da Espanha. Tivemos o prazer de ver sobre esta vasta e espaçosa extensão das águas um número incalculável de diversos peixes, grande quantidade dos quais têm asas de cartilagens, eram do tamanho dos grandes arenques e de excelente gosto; volteando no ar, vinham cair comumente em nossas velas, como uma poupa nas redes, toninhas, marsuínos, lixas e bonitos, que pescamos e apanhamos com abundancia à linha ou à flecha.

O grande calor do sol, as carnes salgadas e a porção de água doce reduzida a um copo por dia, toda ela fétida e cheia de vermes, os biscoitos mofados e estragados pela umidade do mar causaram grandes sofrimentos e doenças. Ainda mais, uma calmaria de seis dias que se verificou sobre a Linha quase nos fez abafar de calor, sem que fosse possível, durante esse período de tempo, avançar de um meio quarto de légua, prodígio maravilhoso desta formidável planície úmida, que permanecia menos agitada que uma porção de água estagnada e que, quando movida pelos ventos faz tremer o mundo e nascer o terror e o medo nas almas mais firmes e resolutas, zombando na sua fúria dos navios mais poderosos, malgrado a habilidade de seus timoneiros, como se fossem pequenas conchas, elevando-os ao cume de suas altas montanhas de água e abaixando-os num momento nos seus profundos vales, como se os fizessem descer num golfo inevitável, enquanto que no mesmo instante os faz subir novamente acima de suas corcovas e de novo retombar nos seus abismos, e assim consecutivamente, para depois, no dia seguinte, mostrar-se de novo brando e sem movimento.

Os raios ardentes do sol, que eram para a nossa vista como faíscas de fogo, engendraram, com o que foi dito, várias enfermidades. O escorbuto, doença do mar, que paralisa os movimentos dos nervos, afeta os músculos, curva os membros, ataca as gengivas, que corrompe e enegrece inteiramente, sendo preciso cortá-las com tesouras, atacou grande parte dos soldados e marinheiros; não houve um sequer que não caísse doente com uma febre contínua e uma dor de cabeça perigosa durante nove dias, passados os quais nada mais havia a temer; causou ela a morte de um grande número, sobretudo daqueles que, não tendo muito cuidado pela sua conservação, se expunham de estômago descoberto à deliciosa frescura da noite, que lhes era quase sempre mortal. O nosso médico, os cirurgiões, o primeiro piloto, o comissário do navio, o mestre e uns cinqüenta homens desta embarcação morreram; foram envolvidos numa coberta, como mortalha, e jogados ao mar três ou quatro horas depois de seu passamento, com duas balas de canhão aos pés, um tição ardente e um disparo de canhão, como última homenagem. Todos aqueles que ficamos doentes por último, entre os quais estávamos eu e o Senhor Van Goch, não pudemos ser socorridos com medicamentos, porque todas as drogas tinham sido consumidas; o que ainda restava era azeite, que servia para fazer remédios, caldos e cristéis.

O escorbuto, perigosa doença do mar.

A maior distração que tínhamos e nos ajudava a suportar esta situação de terrível

---

* No texto, Bela Visera. (L. B. R.)

miséria eram as baleias, que quase roçavam nos nossos navios, para olhar-nos; os delfins, que se divertiam dois a dois, diante de nós; os dourados, que são os peixes mais bonitos, mais delicados e mais deliciosos do mar; os largos e compridos peixes que são chamados golfinhos, os quais enchiam seu ventre de água até transbordar e depois vinham expelí-la na proximidade dos nossos navios, ficando com a guela para cima pelo espaço de meio quarto de hora.

Perigo da calmaria.

Se esta calmaria tivesse continuado seria capaz de fazer-nos perecer a todos, como tinha acontecido no ano anterior a um navio português sobre a mesma Linha, do qual não foi encontrado um único homem vivo e somente seis semanas depois que todos morreram, conforme foi notado pelo diário de bordo, se deu com ele, segundo asseguraram dois marinheiros que faziam a viagem e tinham estado presentes. A própria água das chuvas já estava contaminada antes de cair, cheia de pequenos vermes, e além do mais, era tão venenosa que mal as gotas tombavam sobre as mãos, a face ou em outros lugares do corpo, aí se formavam bolhas e empolas, com uma ligeira dor.

Água mortal.

Tendo-se o vento tornado favorável, passamos para o hemisfério meridional e pudemos julgar a falsidade das narrativas de certos historiadores que dizem poder-se abranger com a vista sobre a Linha, os dois polos num só instante, ao passo que justamente quando ali se está, não se vê nem um nem outro. O mesmo pode dizer-se quanto ao que se tem escrito sobre as vagas do lado sul e do lado norte, que viriam chocar-se sobre esta Linha, para assinalá-la, pois ela é apenas um círculo imaginário no céu e se dizemos estar abaixo, quando estamos a dois ou três graus, aquém ou além, não pode ser reconhecida sobre a água. É verdade que se percebe, insensivelmente, dificuldade para as embarcações, porque, aproximando-se dela, é preciso subir e há uma grande facilidade na descida, quando já se passou.

A mentira de alguns historiadores combatida.

Tínhamos navegado uns quinze dias, quando os pilotos nos disseram que estávamos na altura da Baía de Todos os Santos, a cem léguas além do Recife, onde tinham ido expressamente para procurar o vento sul, cem léguas mais acima, em lugar de tomá-lo duas ou três léguas mais baixo, por causa da estação deste vento que, como o do norte, sopra seis meses e assim divide o ano. E tendo tomado o seu curso em direção à terra, eles nos prometeram que de um dia para outro nós a veríamos. Seis dias inteiros se passaram nesta esperança, quando, vogando a todo o pano, descobrimos, enfim, o Cabo Santo Agostinho, e duas horas depois a cidade de Olinda, em seguida o Recife e viemos ancorar a meia légua daí.

O Senhor Van Goch foi o primeiro dos novos Senhores a chegar. Já havia outros navios aportados há quatro ou cinco dias e tão a propósito que se eles não nos houvessem antecedido deste modo, nós não teríamos jamais posto os pés no Recife, mas teríamos sido forçados a voltar. Este pobre povo definhava e achava-se de tal forma oprimido pela violência da fome, que tinha perdido a paciência e a esperança e, sem considerar mais nem o país nem os meios que lhes restavam, não pensavam em outra coisa senão em salvar sua vida e garantir-se contra a morte. Nesta impotência de continuar a subsistir, tinham resolvido, no Conselho e na Assembléia dos Burgueses, enviar, no dia seguinte àquele em que estes três navios fundearam um pedido de capitulação aos portugueses, entregando-se à sua misericórdia e abandonando-lhes tudo em troca da vida, de víveres e de navios para poder voltar.

De todos os habitantes, os mais transidos de medo eram os judeus, aos quais os portugueses tinham jurado jamais dar tréguas e queimá-los todos vivos. Por isso tinham-se proposto morrer de armas em punho e vender bem caro sua vida, de preferência a cair nas mãos dos portugueses. Logo que os nossos navios foram reconhecidos, todos os barcos

UFSM
Biblioteca Central

e escaleres vieram-nos ao encontro e conduziram-nos para o Recife, onde entramos pelas horas da noite.

Deixo à imaginação do leitor o que foram a alegria e as aclamações deste povo prostado pela fome quando viu os seus restauradores. Havia três meses inteiros que não se lhes distribuía senão uma libra de farinha da Europa, ervilhas ou favas, por semana, sendo obrigados, quanto ao mais, a contentar-se com as ervas, raízes e folhas que cresciam sobre os baluartes e nos cemitérios, as quais, aqueles que chegavam a obter lenha, faziam cozer quatro ou cinco vezes na água salobra para tirar-lhes o amargor e comiam-nas, temperadas com um pouco de sal, com os peixes que conseguiam pescar. Todos os armazéns estavam vazios, não restando, para mais de duas mil bocas, senão um tonel de farinha, três de ervilhas e uns trezentos de peixe-pau, pescado muito seco e sem gosto. Do começo da revolta até a nossa chegada, cerca de mil e quinhentas pessoas morreram de miséria ou de fome, outras tantas foram mortas e aprisionadas e algumas se entregaram ao inimigo.

Toda a soldadesca e a burguesia pegaram em armas e só se escutava o troar dos canhões dos navios, do porto e das fortalezas, que atiravam tão desordenadamente e em tal confusão, que um navio e uma casa foram atingidas e destruídas pelo fogo destes canhões. Se as coisas mais feias podem surpreender, tivemos bem razão de nos espantar com o aspecto dos escravos e selvagens, inteiramente nus: seus rostos eram pretos como ébano, tisnados, azeitonados e de cor esfumaçada, seus olhos, que remexiam nas órbitas, lançavam olhares estranhos, e seus corpos magros e secos como esqueletos teriam inspirado terror aos mais corajosos. Estavam nas janelas das casas lateralmente ao longo das ruas, segurando com as mãos archotes e lanternas, de sorte que a noite estava melhor alumiada do que um dia claro. O regozijo público foi acompanhado de mil gritos de alegria; alguns para demonstrar sua satisfação sapateavam com toda a força outros davam passos estudados e extraordinários.

No dia seguinte, a fim de que esse júbilo não fosse perturbado por um espetáculo odioso, o Senhor Van Goch perdoou dois criminosos condenados por furto noturno, que iam ser executados. Passaram-se seis semanas antes que os outros Senhores, o General, seus Coronéis, o Almirante e todos os outros navios da esquadra chegassem ao Recife. Tinham sido forçados, pelas tempestade, e, para fazer provisão de água doce, a ir ancorar nas férteis ilhas de São Vicente, Maranhão, Angola, Guiné, etc., e encontraram-se, finalmente, em número de quarenta e cinco. Os outros cinco afundaram, os quais, com os dois que pereceram nas dunas, somaram sete navios que a Companhia das Índias perdeu nesta viagem e quatrocentos a quinhentos homens da frota, que morreram na travessia devido a doenças, à miséria e outras razões.

Anistia aos prisioneiros, em sinal de regozijo.

Se os habitantes do Recife tinham razão para alegrar-se com este socorro, aqueles que o compunham não o tiveram menos por verem-se chegados a bom porto, ao abrigo das penas e fadigas que o mar carreia; mas poucos dias após ficaram admirados de não serem mais tratados à moda européia. Um mês depois da chegada de toda a frota, não se podia encontrar um bocado de pão por uma pistola; e isso porque os Comissários distribuíam a cada um por semana, mediante vales assinados pelos Senhores, duas libras de pão negro, uma libra e meia de carne, uma libra de toucinho, ervilhas e favas, azeite, aguardente e vinagre e, algumas vezes meio martelo de vinho da Espanha, que corresponde à oitava parte de uma pinta sendo proibido dar mais do que estava prescrito nos vales sob pena de morte; todavia, quem tinha bastante dinheiro encontrava meios de comprar secretamente aos Comissários, tanto assim que mesmo durante a mais extrema escassez, um judeu, por cem escudos, conseguiu deles um alqueire de farinha, medida que pode pesar quinze a dezesseis libras.

Depois de terem os novos Senhores exibido suas cartas de provisão àqueles que encontraram nos cargos, estes lhes cederam incontinenti o lugar. Tomando posse desta dignidade, houve dificuldade entre os Conselheiros para a sessão; dois dos escolhidos pela Câmara de Amsterdão eram simples negociantes, como dissemos, os Senhores Trouwel e Haecx, de modo que os Senhores Van Goch e de Beaumont, letrados e oficiais em sua pátria, não admitiam que estes os precedessem. Mas o Presidente Schonenburgh ordenou que cada mês, sucessivamente, um deles se sentasse a seu lado; que um dos de Amsterdão começaria, a seguir viria o Senhor Van Goch, depois o Senhor de Beaumont e após o outro de Amsterdão. Logo souberam que suas forças não chegavam à metade do que seria necessário para atacar os portugueses; censuraram fortemente os antigos Senhores por haverem pintado o mal menor do que era, e por não terem escrito a verdade (eles o haviam feito de propósito, para que mais facilmente se encontrassem outros que os viessem substituir). Os oficiais de justiça, capitães e soldados, marinheiros, burgueses e habitantes, todos queixaram-se de seu governo, uns de um modo, aqueles de outro. Voltando à Holanda, não foram recebidos nem pelas Câmaras, nem pela Companhia das Índias, mas apenas por particulares, os Dezenove os consideraram com desprezo. Por todas as cidades corriam e eram vendidos publicamente libelos difamatórios impressos contra suas pessoas, seu procedimento no governo, e várias pessoas interessadas os ameaçaram de processo.

Dificuldade para a sessão

O acesso destes Senhores à magistratura, ao invés de ter sido secundado por alguns acontecimentos felizes, parece ter feito que a má fortuna se declarasse contra eles. A primeira notícia que lhes foi trazida foi a de que a maior parte dos tapuias e brasilianos, que sempre tinham sido aliados dos holandeses e combatido a seu serviço, os haviam abandonado e adotado o partido de seus inimigos, por ódio àquilo que Joris Garstman, general da milícia, fizera seis meses antes, mandando matar o alemão Jacó Rabbi; este homem intrépido de tal forma se adaptara a estes selvagens em seus costumes e modo de viver, que se tornara como se fosse um deles, e estes de tal modo a ele se afeiçoaram, que o fizeram um de seus principais capitães. Segundo os amigos de Garstman, o motivo pelo qual este mandara matar Jacó Rabbi devia ser atribuído ao ressentimento pela morte e assassinato do pai de sua mulher, cometido por Jacó Rabbi. Este escolhia os piores tapuias e com eles efetuava diversas pilhagens no país: sua morte, pois, diziam, só apresentava vantagens para o público, e Garstman fizera muito bem em vingar a morte de seu sogro, tirando do mundo um ladrão que merecia cem vezes o suplício; em todo caso, tratava-se apenas de uma formalidade para puni-lo, porque ele devia mesmo ser condenado. Os que conheciam particularmente Garstman e podiam julgar as suas ações sustentavam que outros tinham sido os seus motivos: sabendo que Jacó Rabbi reunira, com o fruto de seus roubos, uma rica presa e a escondera em lugar que ele bem conhecia, mandara matá-lo para disso tirar proveito; e, com efeito, encontraram-se em seu poder algumas jóias, reconhecidas por aqueles que Jacó Rabbi tinha roubado.

Logo que Janduí e todos os seus principais amigos souberam desta morte, solicitaram a entrega de Joris Garstman para que eles próprios o justiçassem, por ter matado um de seus chefes; o conhecimento do fato, caso Garstman fosse culpado, lhes pertencia, de acordo com o privilégio que lhes tinha sido outorgado pelos Estados Gerais e a Companhia das Índias, de somente eles serem os juízes dos criminosos de sua nação. Jacó Rabbi não podia ser acusado de coisa alguma e jamais traíra o país. Quanto ao assassinato do sogro de Garstman, este é que dera o motivo, como todos sabiam muito bem; quanto aos seus roubos e furtos, se ele tinha tomado gado, era somente para viver, pois não era razoável que ele e sua gente morressem de fome quando lhes era recusado comida. Se tomara instrumentos de ferro, era para servir-se deles no campo, a serviço dos próprios holandeses,

aos quais os tapuias jamais tinham pedido soldo, e pelos quais muitas vezes se tinham exposto. Quanto ao ouro e à prata, nada tinham a fazer deles e teriam mandado entregá-los se lhes tivessem falado nisso. Em todo caso, se Jacó Rabbi tivesse de ser castigado, devia-se ter seguido o costume dos holandeses; em vez disso tinham-no assassinado, quando poderiam facilmente mandar prendê-lo.Gostavam dele mais que de cem outros; apesar disso agradava-lhes ser sempre amigos dos holandeses, mas faziam questão de obter Garstman para matá-lo.

Os Senhores lhes responderam que Garstman era oficial superior e não tinham o poder de entregá-lo, nem mesmo de condená-lo à morte soberanamente, a não ser por crime de Estado; do seu julgamento havia apelação para os Dezenove, sendo preciso ouvir Garstman antes de condená-lo; mas podiam ficar certos de que se faria boa justiça àqueles que tinham matado Jacó Rabbi, fato que lhes trouxera muito descontentamento. E, para mostrar-lhes que manteriam sua palavra, mandaram vir Garstman, que foi encarcerado em sua presença, o os Senhores do Conselho disseram aos Políticos que desejavam participar do conhecimento dessa questão. Os delegados dos tapuias, no entanto, voltaram descontentes para os seus, por lhes ter sido recusado Garstman, e disseram, ao partir, que os holandeses se arrependeriam.

Garstman foi depois interrogado, negou ter matado ou mandado matar Jacó Rabbi, acusou dois soldados da sua companhia, que tinham sido os instrumentos; estes foram tão apertados que confessaram o crime, dizendo ter sido mandados por Jacques Boulan, seu alferes. Boulan foi igualmente preso, e confessou que cumprira ordem de Garstman, seu capitão e general; este acareado, negou tudo redondamente e disse a Boulan que ele era um impostor. Os dois soldados, mediante a confissão de Boulan, que os tinha eximido de culpa, foram soltos; os outros dois continuaram presos. Enquanto os Juízes debatiam esta delicada questão esperando alguma prova certa de qual desses dois devia ser acreditado, Garstman dizia que um oficial poderia assim imputar ao seu general a autoria de seus crimes; Boulan, ao contrário, alegava que um general, abusando de sua autoridade, faria depender dele a vida e a morte de seu oficial, empregando-o em vingar o seu ódio sob algum pretexto especioso de guerra e quitando-se depois pela negativa; se tivesse recusado a cumprir ordem seria demitido e proclamado poltrão; de outro modo seria preciso introduzir tabeliões e testemunhas para lavrar atas das ordens, mandados secretos e outros que se dão num exército. Afinal, foi descoberto que Garstman e Boulan se tinham mancomunado para mandar matar Jacó Rabbi, e tinham dividido a presa. Confiscaram-se todos os seus bens e soldos e eles foram demitidos de seus cargos, banidos do Brasil e reenviados à Holanda como *schelmes*, isto é, como pessoas indignas. Antes de tentar a fortuna das armas, que não prometia muito aos holandeses, este novo Conselho teria bem desejado, esquecendo todos os males passados, reconduzir os portugueses pela doçura à sua obediência, o que tentaram fazer mediante a publicação e afixação de diversos editais; neste, pretextando compadecerem-se de tanto sangue derramado, e ainda prestes a ser derramado no Brasil, pelo mau procedimento de alguns de seus súditos e a rebelião de outros, e dizendo que poderiam mandar passá-los a fio de espada, mas não o faziam porque se inclinavam mais à misericórdia que ao rigor, e queriam proporcionar a todos uma vida feliz e fazê-los retornar à antiga prosperidade, perdoavam e anistiavam todos os portugueses e todos os outros que, forçados ou voluntariamente, se tinham sublevado e pegado em armas contra o Estado, desde o passado até aquele momento, se, dentro de quinze dias, voltassem ao cumprimento do seu dever e se apresentassem para pedir perdão e novamente jurar que guardariam fidelidade. Prometiam restabelecê-los e manter a todos na posse de seus bens, com exceção de João Fernandes Vieira, Antônio Cavalcânti, Dirk Hoogstraeten e Amador de Araújo, autores da revolta e

Notar o termo usado pelo autor.

culpados de crime de lesa-majestade, permitindo-se a qualquer um que os matasse, recebendo o que os trouxesse vivos ou mortos a mesma recompensa que os editais precedentes já prometiam.

Estas proclamações, porém, não produziram o efeito esperado; ao contrário, em sinal de zombaria, os portugueses publicaram outros cartazes em que diziam perdoar e anistiar os holandeses e seus aderentes todas e quantas vezes estes, por sua espontânea vontade, abandonassem o partido contrário e viessem colocar-se ao seu serviço, prometendo bons soldos aos que quisessem pegar em armas a seu favor e pagar-lhes as soldadas que lhes eram devidas pela Companhia, ou fornecer-lhes bons passaportes e enviá-los a Portugal, podendo de lá retirar-se para onde achassem melhor. Estes cartazes eram escritos em francês, inglês, português e flamengo, e foram encontrados em diversos lugares, presos aos ramos das árvores e à margem das estradas, e produziram efeito inteiramente diferente dos afixados no Recife: pouco depois, nesse lugar, por maiores que fossem os cuidados tomados, vários escaparam para o lado dos inimigos.

Passaram-se cerca de três meses durante os quais o Alto Conselho, os Políticos, o general, seus coronéis e o almirante se consultavam uns aos outros sobre o ponto em que tratariam de penetrar no país, se empregariam todas as suas forças ou as dividiriam, se procurariam ferir a batalha ou a evitariam, que praças atacariam, etc. Enfim, entenderam que o fito devia ser o de libertar a região e as cercanias do Recife, expulsar os portugueses, tornarem-se senhores da cidade de Olinda, arrasá-la de alto a baixo e ir sitiar o cabo Santo Agostinho e assaltá-lo, tendo em vista os defeitos que um engenheiro nele havia notado. O

O General Schkoppe

General Schkoppe enviou, seis a sete vezes, troços de trezentos, quatrocentos a quinhentos homens para atravessar o rio, a fim de descobrir a posição dos portugueses e a situação dos lugares; mas assim que pensavam ter avançado um pouco, uma ou duas léguas, eram tão bruscamente atacados de emboscada, que uma parte deles perdia a vida e os outros mal tinham tempo de se retirar. Por outro lado, os soldados que estavam no Recife, não acostumados a esse novo ar, onde o calor é sempre excessivo, aborrecidos de se verem estreitamente encerrados sem alimentos frescos, com águas ruins e poucos víveres, em breve tornaram-se fracos, descarnados e pouco hábeis para o ofício militar. Eram doenças comuns o escorbuto, o fluxo de sangue e os vermes engendrados nas serosidades corrompidas de seu sangue e que apareceram em todas as partes de seus corpos, dos quais se arrancava a pele, mas ficavam sempre alguns óvulos que originavam outros. Trezentas ou quatrocentas pessoas sucumbiram mortas pela debilidade, algumas nos hospitais, outras, por vezes, no meio das ruas, como animais, sem que se pudesse socorrê-las com alimentos frescos, que faltavam. A última investida que Schkoppe se aventurou a fazer na região resultou tão vergonhosa que embora ele aí fosse pessoalmente com 800 homens, estes não puderam suportar a aproximação de 500 inimigos que vinham ao seu encontro e fugiram. Ele fez tudo que pôde, com ameaças e promessas, afim de obrigá-los a resistir e lutar, mas foi-lhe impossível reuní-los. Então, tomado de cólera, matou com as suas próprias mãos um alferes, um sargento e dois soldados, que tinham sido os primeiros a fugir; dois capitães, um tenente e alguns outros, por haveram contribuído para esta covardia, tiveram seus soldos confiscados e foram despedidos e reenviados à Holanda como poltrões.

Não era possível continuar a sacrificar deste modo os soldados sem tirar nenhum proveito, e menos ainda obrigá-los a incursões na Várzea, onde eram batidos pelo inimigo, duas vezes mais numerosos, e que viera localizar-se precisamente ali; era, porém necessário começar, a fim de se tornarem donos dos arredores do Recife, tomar Olinda e cercar o Cabo, para nele se restabelecerem. O expediente que encontraram foi o de man-

O Coronel Henderson ataca o Rio São Francisco com 1500 soldados.

dar o Coronel Henderson com 1 500 soldados atacar o Rio São Francisco, lugar muito fértil e muito abundante, onde se prepara excelente fumo, distante 80 léguas do Recife, ao sul. Pensou-se que a presa seria fácil e que pelo fato de subjugá-lo e devastá-lo isso obrigaria os que se encontravam perto do Recife a correr em auxílio dos seus. Schkoppe, logo que os sentisse enfraquecidos, com 2500 homens que não se abalariam do Recife e ficariam de prontidão, cairia uma noite sobre a região, não daria quartel, pilharia tudo, espantaria o inimigo e obrigaria os habitantes a tudo abandonar, construindo a seguir bons fortes para assegurar-se a retaguarda. Depois mandariam que Henderson viesse juntar-se a eles a fim de ir atacar a cidade de Olinda, de onde tomariam as necessárias medidas para dirigir-se ao Cabo Santo Agostinho com o reforço que esperavam da Holanda, em resposta às cartas que para lá tinham escrito. Tudo saiu, porém, ao contrário.

Tendo Henderson partido com sua frota, enquanto estavam a caminho, aconteceu que os tapuias e brasilianos dissidentes de Janduí deixaram o partido holandês e adotaram o dos portugueses, não só devido à morte de Jacó Rabbi, como porque não lhes haviam querido entregar Garstman. Fizeram uma incursão ao Ceará, onde mataram e massacraram todos os habitantes holandeses do interior e solicitaram instantemente a Janduí, rei de sua nação, que se unisse a eles e socorresse os portugueses, mandando-lhe pequenos presentes a fim de melhor convencê-lo. Este respondeu-lhes, entretanto, que preferia guerreá-los a consentir e aprovar sua má ação no Ceará. Quando o Conselho do Recife soube de tudo isso e ficou certo da boa vontade de Janduí para com ele, temeroso que o mesmo se deixasse conquistar e desejando conservar sua aliança, decidiu enviar-lhe Roulox Baro, que lhes servia comumente de intérprete, o qual, tendo convivido desde a sua juventude com os tapuias, sabia perfeitamente sua língua e era muito querido deles. Este devia agradecer-lhe em seu nome a amizade que lhes dispensava e, em testemunho da sua, presenteá-los de sua parte com machados, machadinhas, facas, espelhos, pentes e objetos semelhantes, ao mesmo tempo que deveria demonstrar-lhe os embustes e infidelidades dos portugueses, convidando-o a não os abandonar.

Sangrenta derrota dos holandeses pelos tapuias e brasilianos.

Roulox Baro encontrou Janduí disposto a permanecer sempre seu amigo e ser-lhes fiel no futuro, como fora no passado, apesar dos agrados que lhe tinham feito os portugueses para conquistá-lo para o seu lado; não o conseguindo, tinham-lhe ódio e declararam-se, com os outros tapuias e brasilianos descontentes, seus inimigos mortais e o ameaçavam e aos seus de destruição, conservando-os em perpétuo alarme e receosos de alguma surpresa. O Diabo invocado por este Rei, e no qual ele confia, consultando-o sobre os seus negócios, nada lhe prognosticou de bom. Ele implorou, então, a assistência dos holandeses e Roulox Baro prometeu-lhe um poderoso socorro do Recife, que a esse tempo quase não dispunha de forças para se manter e esperava reforços da Europa para si mesmo, estando, pois, incapacitado de ir protegê-los tão depressa.

A relação da viagem feita por Roulox Baro ao país do Janduí, do que tratou com ele, as conversas que juntos tiveram, o que ele viu a respeito das maneiras e cerimônias desse povo se lerá adiante, segundo a tradução que fiz do flamengo, à qual me reporto, e que ajuntei separadamente no fim do presente discurso, como uma curiosidade para o leitor, e passo a ocupar-me da frota enviada ao Rio São Francisco.

Logo que Henderson e seus homens chegaram e desembarcaram, enquanto o Tenente-Almirante Lichthart guardava o mar, os portugueses, que os não tinham percebido antes, abandonaram imediatamente o forte que ocupavam e fugiram depressa com os habitantes do campo para as matas e para o lado da Bahia, onde se foram reunir para vir expulsar aqueles. Foi fácil a Henderson apossar-se do forte e aos soldados avançar pela regi-

ão, percorrê-la, ir à procura de gado e regozijar-se com tal feito, uma vez que ninguém lhes oferecia resistência.

Os Senhores do Conselho, assim que souberam dessas notícias, logo cantaram vitória e, em lugar de permitir a pilhagem e alguns dias de folga aos soldados, imediatamente introduziram o seu sistema de economia; mandaram encerrar nos currais ou parques o gado dos campos, que ali existia em grande número, em quantidade incomparavelmente maior do que em qualquer outro lugar, chegando a existir um habitante que possuia dez a quinze mil cabeças. Proibiu-se terminantemente que se matasse o gado e os que desobedeceram foram severamente punidos. É certo que se distribuía aos soldados tanta carne ou mais ainda do que podiam comer, mas ela passava antes pelas mãos dos capitães e dos outros oficiais que escolhiam os melhores pedaços, não lhes deixando senão o refugo já fétido e estragado, de vez que a carne fresca nesse país com pouco manejo logo se corrompe, e por maiores que sejam os cuidados tomados não se pode conservar da manhã à noite a não ser que seja cozida e temperada com vinagre hipótese em que pode ser guardada dois dias, sob a condição de ser preservadas das moscas e formigas que se introduzem em quase toda a parte. Dispondo de uma tal quantidade de gado, era preciso também abastecer o Recife, para a provisão dos soldados, marinheiros e burgueses que viviam suspirando por alimentos frescos, no meio do calor contínuo e insuportável, que enchia os hospitais de doentes e os cemitérios de mortos.

O forte do qual acabamos de falar não agradou a Henderson, e este mandou demoli-lo e construir um outro que, logo após ter sido terminado, foi destruído por uma grande chuva que durou cinco ou seis dias, de modo que foi preciso reconstruí-lo. Diversos soldados muito constrangidos pelo trabalho braçal, desertaram para o lugar onde os portugueses começavam a formar uma tropa. Um flamengo de Anvers, escrivão de uma companhia, convencido a escrever aos inimigos por intermédio de seu camarada que servia secretamente de mensageiro, sendo um daqueles que se tinham amotinado durante a vinda do nosso navio e que ajudara a pilhar durante vinte e um dias o armazém, foi enforcado; o que houve de extraordinário em sua morte, porém, foi que se necessitaram quatro cordas e foi dependurado quatro vezes antes de perder a vida, pois três delas se partiram, uma após a outra, como se fossem fios de linha, e ele caia de pé. Sem parecer muito comovido, pedia ele perdão, que lhe teria sido concedido, se a condenação não fosse por traição. A quarta corda, todavia, liqüidou-o. Seu cúmplice não foi apanhado.

O número desses portugueses aumentava pouco a pouco devido aos recursos que recebiam de tempos em tempos da Bahia e não dos arredores do Recife, como Schkoppe previra, lugar que não abandonaram. Uns 1200 homens que vinham em marcha para atacar o forte de Henderson surpreenderam a um quarto de légua, próximo de um posto avançado, uns vinte homens do lado dos holandeses e os mataram, tendo o posto vizinho escutado o barulho e dado alarme aos do forte. Henderson, que tinha uma perna doente e não podia sair, mandou aprestar tudo para a batalha, com exceção de três companhias que ficaram guardando a praça, e ordenou que o Capitão La Montagne os conduzisse e fosse ao encontro do inimigo, que se acreditava não ser muito numeroso. Quando chegaram ao lugar em que o posto avançado tinha sido destruído, a vanguarda, o corpo de batalha e a retaguarda se juntaram e eles perceberam um batalhão de duzentos homens, que correram a atacar de um só golpe; a seguir, como pensassem carregar de novo suas armas para perseguir aqueles que simulavam uma retirada viram-se cercados por cinco bandos de portugueses que, tendo assim se dividido, os atacaram de todos os lados, desbarataram-nos, mataram e fizeram prisioneiros, salvando-se quatrocentos que possuíam melhores pernas e se refugiaram no forte. O Capitão La Montagne, seu comandante, morreu no campo de batalha, e o Ministro Astette, que quisera tomar parte na empresa, foi levado

prisioneiro para a Baía de Todos os Santos.

Quando Schkoppe soube do ocorrido, foi obrigado a modificar seu plano e esperança de abrir caminho arredores de Recife para Henderson que, segundo pensava, iria atrair as tropas. Provado que era vã sua esperança, procurou dirigir seus esforços no sentido de obter uma diversão de forças, indo acometer a Bahía de Todos os Santos por mar, do mesmo modo que o Recife o era por terra, procurando causar-lhe toda espécie possível de contratempos.

Nesse meio tempo, Henderson, cujo procedimento tinha sido recriminado, recebeu ordem de permanecer ainda durante algum tempo no Rio São Francisco com os 600 homens que lhe restavam, apesar dos inimigos aí se haverem tornado mais fortes e quando o mais simples da parte dos holandeses seria evacuá-lo. A barca que ia levar-lhes víveres foi apreendida pelos portugueses no caminho, com os que a guarneciam, quando estavam distraídos a colher frutas na margem; foram todos mortos, com exceção de um ancião, que soltaram, a fim de ir dar a notícia. Os 2.500 homens retidos em Recife foram embarcados tanto em navios que cuja vinda do Rio São Francisco foi providenciada, como naqueles que estavam no porto e partiram com Schkoppe e o Almirante Banckert.

Os que se encontravam na cidade de Olinda e no Cabo Santo Agostinho pensaram, ao vê-los no mar, que eles iam reforçar o pessoal de Henderson, conforme o rumo propositadamente espalhado por determinação dos que partiam. Avisada a Baía de Todos os Santos, muitos daí e de todos os lugares acorreram ao Rio São Francisco, mas Schkoppe surpreendeu-os onde eles menos esperavam. Toda a frota foi ancorar realmente no Rio São Francisco e aí se deixou ficar durante alguns dias, a fim de que todos os portugueses que ali queriam vir tivessem tempo de chegar. Depois, de repente, navegou para a Ilha de Itaparica, a vinte léguas dali, três léguas em frente da Baía de Todos os Santos, uma légua da embocadura do canal que conduz ao porto da Bahia, em cujas bordas e do lado da terra há 17 fortes bem construídos. Desembarcou nessa ilha de cerca de quatro léguas de perímetro e que era bem povoada, fértil e cheia de riquezas. Logo de entrada os soldados não pouparam nenhuma vida; mataram até as mulheres e crianças, pilharam tudo e só foram proibidos de provocar incêndios. Os dois mil habitantes da ilha pereceram, uns passados a fio de espada e outros afogados nas barcas e botes em que tumultuadamente, se atiraram à chegada dos holandeses, a fim de fugir para a Baía de Todos os Santos.

Vingaram-se, assim, os holandeses da perda que tinham antes sofrido no Rio São Francisco. Alguns dos habitantes de maior consideração, bem como dois frades franciscanos, foram aprisionados e levados para o Recife. Sabendo os portugueses que o Ministro Joducus e Stetten* estava em seu poder, vinham gritar para os que se encontravam no Recife e no Rio São Francisco que o queimariam e que ele jamais tornaria a pregar, pelo que sua mulher, desconsolada e inconsolável, não conhecia mais repouso. Os Senhores do Conselho mandaram dizer aos frades franciscanos que o mesmo tratamento dispensado ao seu Ministro, bom ou mau, lhes seria aplicado, e que embos sofreriam o mesmo gênero de morte que lhe fosse dado, sem perdão; se cuidavam conservar-se, deveriam escrever para que não causassem ao Ministro Stetten qualquer dano, e que se atentasse para sua qualidade, a fim de que os holandeses, por sua vez,atendessem à sua. Os franciscanos não se fizeram rogar duas vezes e comunicaram diligentemente ao Vice-Rei e ao Superior do seu convento o seu infortúnio, fazendo-lhes saber que sua vida estava à mercê de seus inimigos, que lha fariam perder por meio dos mesmos suplícios que fossem infligidos ao seu Ministro, que era seu prisioneiro, havendo também promessa de não ficar abaixo do bom

---

* No texto, ministro Astette. (L. B. R.)

tratamento que acaso lhe fosse dado. Diziam que não-se podiam queixar dos holandeses, a não ser da apreensão em que estes os mantinham de fazê-los morrer, caso algum mal acontecesse ao seu ministro, e pediam-lhes que lhe dessem toda razão de contentamento, a fim de que eles também a tivessem. O Vice-Rei e o Superior do convento franciscano da Bahia, após a leitura destas cartas, fizeram sair o Ministro Stetten do sombrio quarto onde estava detido incomunicável, e onde era obrigado a observar não somente as vigílias, as têmporas, as abstinências de cada semana, mas muitos outros jejuns não ordenados pela Igreja. Mandaram-no ao Palácio, onde lhe foi dado liberdade de andar pelas ruas, proibindo-se sob pena de morte, que o injuriassem ou atacassem;em lugar da prisão, alojou-se em casa de um burguês, com a mesma ração que a de um tenente de companhia de soldados, podendo freqüentar a Mesa do Paço quando quisesse, em casa do Vice-Rei ou no convento. Ele logo comunicou esta notícia aos Senhores do Conselho, à sua mulher e aos próprios franciscanos, congratulando-se com eles por lhe terem proporcionado essa felicidade, e lhes foi dado tratamento semelhante. Algum tempo depois ambos requereram sua permuta pelo ministro, ou pagarem resgate, o que não se lhes quis conceder, a menos que se trocasse um por um somente; eles disseram, porém, que não podiam separar-se e preferiam ficar, se não obtivessem liberdade juntos.

Schkoppe e seus homens tornaram-se senhores absolutos da ilha, e para ali melhor se firmarem construíram um forte (que chamaram Real) à beira da margem, do lado da Bahia, ao abrigo do qual estavam ancorados seus navios; alguns destes se conservavam sempre à espreita da saída ou entrada de caravelas na Bahia, não ousando ir procurá-las no canal, devido à artilharia dos fortes, enquanto outros cruzavam o mar aqui e ali, na esperança de caçar navios inimigos. Lichthart morreu nessa ilha de doença natural, muito apressada por Baco, do qual era valente campeão; seu corpo foi inumado em Recife, sendo sua morte muito sentida pelo povo devido à sua coragem e maestria do mar, e pelo seu zelo na defesa de sua pátria. Os da Bahia, temerosos de vizinhos tão perigosos que os impediam de mostrar-se, não ousavam sair, nem ir e vir com tempo claro, belo e sereno, só se aproveitando das estações tempestuosas e cheias de procelas, durante as quais era impossível a batalha no mar. Resolvidos que estavam a expulsar pela força os holandeses da Ilha de Itaparica, aí desembarcaram uma noite, aproveitando-se da escuridão, 1.500 homens em barcas, patachos e escaleres e estes se entrincheiraram na outra extremidade da ilha, de onde os holandeses não conseguiram expulsá-los. Daí em diante houve escaramuças diárias e mortos de um lado e de outro; muitos dos soldados de Schkoppe iam entregar-se aos seus inimigos, sendo bem recebidos e mandados para a Bahia. Escreveu-se aos do Recife, que presenciavam a mesma coisa, e cada vez que a guarda era rendida, verificava-se que alguns tinham escapado, os quais atravessavam para o outro lado do rio quando a maré estava baixa. Três infortunados jovens soldados, ou melhor, crianças, pois o mais velho contava 16 anos, foram surpreendidos quando fugiam e foram enforcados juntos; um deles era filho de uma personagem muito opulenta da cidade de Ruão, o qual, nessa cidade de volubilidade e falta de juízo sem procurar outro conselho que o de sua cabeça, tomou de seu pai todo o dinheiro que conseguiu tirar-lhe e, sem dizer adeus a ninguém, aproximou-se de um marinheiro e deu-lhe três pistolas, a fim de que o escondesse num bergantim da Holanda que deveria partir dentro de dois dias, prometendo-lhe, ainda, pagar sua passagem. Seu pai não o encontrando, e tendo ouvido dizer que ele queria viajar por mar, mandou procurá-lo por toda parte e visitar os navios onde ele se fizera esconder, mas sem nenhum êxito; quando ele chegou à Holanda, depois de ter gasto todo o dinheiro em extravagâncias, alistou-se na frota de que se falou, para vir ao Brasil esposar uma forca. Mais que qualquer outro, ele tentou por meio de todas as submissões sugeridas pelo desejo de viver, até o seu último momento, convencer os Senhores que o perdoassem pela sua

juventude, pela fraqueza de seus tenros anos, pela frágil compleição de sua natureza débil, criado como filho de família com toda a delicadeza, e que, vendo seu corpo perdido e extenuado por tantos trabalhos e fadigas, pela distância do caminho, pelo ar estranho e víveres extraordinariamente salgados que lhe eram dados como alimentação, magro e esquelético como estava, tinha-se aventurado, para obter alívio de seu estômago, que o queimava, e para remediar o langor que sentia, a ir buscar laranjas e limões que vira a um tiro de mosquete de onde estava, para se refrescar, e não com nenhum intuito de enfileirar-se no partido contrário. Suplicou-lhes que lhe conservassem a vida, que seu pai não hesitaria em dar dez mil escudos para resgatá-lo, e que, entrementes, o mantivessem prisioneiro: apesar de tudo, morreu ignominiosamente.

Se esta execução causou piedade aos assistentes, o mesmo não ocorreu com o que se seguiu algumas semanas mais tarde, de dois traidores: jamais se vira tal concorrência popular para um espetáculo dessa espécie. Um era um mulato que morava no Recife e que, conquistado pelos portugueses, foi surpreendido ao querer incendiar dois belos navios ancorados no porto; o outro era um português que se tinha retirado para o Recife quando fora publicada a anistia e que vivia sob sua proteção. Foi condenado por ter querido subornar um marinheiro, ao qual já havia dado dinheiro e prometido cem escudos, a fim de levar a nado uma carta ao Cabo Santo Agostinho, fechada numa pequena caixa de chumbo, de modo que melhor pudesse fazê-la afundar, na hipótese de ser surpreendido pelos holandeses; tal carta fora escrita com letra disfarçada e nela se avisava que só um pequeno número de soldados guarneciam os fortes do Recife, estando todos os outros em Itaparica; que eles já perdiam a esperança e era necessário vir assaltá-los tanto do lado do dique como da Cidade Maurícia e que certamente os venceriam. Enquanto o levavam ao suplício, o português disse bem alto que aqueles que vinham divertir-se, vendo-o morrer, brevemente experimentariam grande surpresa. De fato, enquanto o carrasco o estava enforcando num mourão sobre um cadafalso, queimando-lhe a barba e os cabelos com um punhado de palha, começou a levantar-se um rumor do meio dos espectadores que querelavam entre si e se empurravam com cotoveladas, com os punhos e as costas, e, pouco a pouco, formou-se um grande torvelinho no centro da praça, que os fez cambalear por alguns momentos como bêbados e, finalmente, deitou-os a todos por terra, misturados uns sobre os outros. Tal foi o pavor, que os soldados armados abandonaram seus postos e correram a esconder-se nas casas; muitos chapéus e barretes perderam-se ou mudaram de dono. O carrasco participou do medo geral e, vendo-se sozinho, saltou de onde estava e, por pouco não quebrou o pescoço. Durante esta desordem que durou mais de um quarto de hora, antes que cada um se sentisse novamente seguro, e sem que jamais se soubesse qual fora a causa de tudo isso, como e porque acontecera, acreditando-se que fora obra de alguns demônios que tinham prestado este serviço àquele português, o carrasco, que logo tinha subido de novo ao cadafalso, cortou-lhe o nariz, as orelhas, os testículos, o membro viril, abriu-lhe o estômago e lhe arrancou o coração, com o qual lhe bateu nas faces, ensanguentando-as, e deu tudo de comer a dois grandes cães. Os dois corpos, divididos em quatro partes, ficaram expostos nas forcas patibulares.

Embora todos estes tremendos castigos devessem inspirar terror ainda aos mais mal intencionados, no entanto não retinham nem impediam os soldados do Recife de evadir-se freqüentemente, visto que os magistrados não levavam em conta as queixas e reclamações que faziam contra seus oficiais; estes os privavam da terça parte dos víveres recebidos no armazém, ordenavam que os transportassem para suas casas e os dividiam à sua vontade; quando queriam cumprir o seu dever ao sair do armazém e dividir os víveres em lugar público e não suspeito, na presença de todos, eram aprisionados, acusados de sedição e motim e pelas menores faltas condenados à morte e à tortura.

A severidade da disciplina militar era tão extraordinária que, em lugar de castigar os que mereciam punição, davam-se exemplos de horror. Se um soldado saía sem licença do cabo, ou demorava mais tempo que o determinado, se esquecia de empunhar as armas em posição de sentido quando passava qualquer oficial, era mantido dias inteiros exposto ao sol sobre um cavalete, com balas atadas aos pés e cinco ou seis mosquetes nas costas, ou então eram obrigados a caminhar incessantemente em fila, diante de um corpo de guarda, durante sete ou oito horas em seguida, sem ousar repousar, com oito ou dez mosquetes sobre o corpo. Tinham mil dificuldades em socorrer-se de seus vencimentos e salários em suas doenças, sendo forçados a vender seus víveres de uma semana para conseguir duas ou três poções, e definhavam o resto do tempo como miseráveis. Quando recebiam procurações, faziam-nos empreender vinte ou trinta viagens antes de efetuar o pagamento. A ordem dada pelos Senhores, segundo a qual, para coibir as fraudes dos guarda-livros, era proibido dar qualquer coisa aos soldados sem mandatos expedidos à vista de requerimentos firmados do seu próprio punho, e que eram registrados, levava a tão grandes demoras que, antes de se cumprirem tantas formalidades e de seus próprios requerimentos serem respondidos, os quais eram retidos de quinze dias a três semanas, a maioria morria sem assistência.

Os portugueses que tinham voltado e tinham-se fortificado na Ilha de Itaparica, foram crescendo em número, ao passo que os holandeses diminuíam, não só no Recife, como nessa ilha, onde havia muitas mortes, além daqueles que fugiam e que Schkoppe mandava enforcar quando recaíam em suas mãos. Foi o que facilitou aos inimigos progredir diariamente e afinal, ocupar inteiramente a ilha, à exceção do forte, sem que Schkoppe ousasse travar batalha. Henderson recebeu ordem de abandonar o Rio São Francisco e voltar ao Recife, a fim de que seus homens fossem enviados para Itaparica.

Felicidade do Almirante Banckert.

O Almirante Banckert foi tão feliz no mar quanto Schkoppe infeliz em terra: perseguia sem descanço os portugueses, apreendeu ou meteu a pique alguns navios com os particulares que a Companhia das Índias tinha permitido viessem cruzar os mares do Brasil, por não poder equipar um número suficiente à sua custa, e bloqueava com mais cinco a costa da Bahia. Percebendo uma frota de sete navios procedente de Portugal e que se dirigiam para ali, enviada pelo Rei de Portugal, atacou-a, bateu-a, pôs um navio a pique, outro escapou para a Bahia, e os restantes cinco foram capturados; estavam carregados de panos e tecidos, munições de guerra e de boca, bons vinhos de Madeira, e foram avaliados em mais de dois milhões. No combate matou e afogou cerca de 400 portugueses, poupou a vida de 250, que levou prisioneiros para o Recife, amarrados e presos no fundo do porão. Entre eles estavam o novo Vice-Rei do Brasil, que ia substituir o ocupante do cargo, o Almirante e Vice-Almirante, o Provedor e Regedor para o mesmo país, três frades franciscanos, e muitos outros oficiais que foram distribuídos pelos fortes, sendo os soldados e passageiros guardados nas prisões comuns com os outros presos.

Valor de Banckert sobre os portugueses.

O novo Vice-Rei do Brasil, nomeado pelo Rei de Portugal, preso por Banckert, assim como o Almirante, o Vice-Almirante e outros.

Os Portugueses eram geralmente odiados e aconteceu que o comandante do forte e castelo do Rio Grande, despeitado pelo fato de terem os tapuias adversos massacrados todos os holandeses do Ceará e do sertão, resolveu expulsar cerca de duzentos portugueses que tinha sob a sua proteção, resguardados pela anistia, e que habitavam em volta dos fortes; dizendo-lhes que não podia mais confiar neles, obrigou-os a desalojarem-se de um dia para outro; logo que saíram, os tapuias e brasilianos de Jandui massacraram adultos e crianças sem perdoar ninguém. Quando os tapuias do partido contrário souberam dessa nova carnificina, saíram das matas e vieram cair sobre os holandeses

Massacre dos portugueses no Rio Grande.

do Rio Grande e da Paraíba, que encontraram afastados no interior, onde se julgavam seguros, fazendo farinha de mandioca: mataram-nos, queimaram os engenhos de açúcar e casas campestres desde o Ceará até além de Goiana, próximo da cidade de Olinda, o que significa que devastaram cerca de duzentas léguas do país e de lá se retiraram para uma região entre o Recife e o Cabo Santo Agostinho.

Massacre dos holandeses no Rio Grande e na Paraíba, e incêndios provocados

Logo depois aportaram ao Recife sete navios da Holanda, dos quais cinco tinham sido alugados por mês pela Companhia, num derradeiro esforço, incapaz de equipar um número maior, nos quais estavam uns 500 soldados e o Sr. Haus, antes general, que fora aprisionado por André Vidal, levado para a Bahia e mandado para Portugal com diversos outros oficiais, tendo de lá passado à Holanda e voltado ao Brasil. Asseguraram que a Companhia carecia de meios e abandonaria tudo se os Estados Gerais não tomassem a si a defesa do país. Os recém-chegados foram logo enviados a Itaparica, onde poucos dias depois, com o resto dos outros holandeses, formando ao todo 600 homens, quiseram sair para combater sob o mando de Schkoppe. Mil portugueses, entretanto, se lhes opuseram e os obrigaram a retirar-se apressadamente; uns vinte foram mortos e quarenta aprisionados, entre os quais alguns que se reconheceu já terem sido presos ali uma vez e enviados a Portugal, tendo voltado, os quais foram presos em quatro quartéis na Baía de Todos os Santos. Sabendo, por intermédio daqueles a quem pouparam a vida, que Schkoppe não chegava a ter 1.200 guerreiros, estando os outros doentes e incapazes para os embates da guerra, que esperavam logo um poderoso socorro e não dispunham de muitos víveres, o Vice-Rei resolveu mandar assaltar o forte. Incumbiu da chefia dessa empresa Hoogstraeten que acompanhado de 3.000 homens, que tinham passado à ilha, aproveitou-se das trevas e neblinas, para atacar vigorosamente este forte dos holandeses, por dois lugares. O general Schkoppe, que não se deixava surpreender, pois exercia contínua vigilância e atenção, estava pronto para resistir-lhes, defendeu-se valorosamente durante duas horas e rechaçou os inimigos. Estes, percebendo o alvorecer e temendo que o sol fosse testemunha da sua vergonha, retiraram-se, com a perda de 400 homens que ali pereceram, fora os feridos. No forte houve apenas 60 mortos e feridos.

Choque dos holandeses e portugueses em Itaparica.

Assalto pelos portugueses do forte holandês em Itaparica.

Morte de 400 portugueses.

Mas o que ocorreu de notável e não convém esquecer foram as grandes folhas de papel encontradas sobre os estômagos desses cadáveres, nas quais estavam pintados mosquetes, fuzis, lanças, alabardas, chuços, espadas, setas e flexas que os brasileiros carregam sempre com suas armas, servindo-se dos mesmos em combate, encontrando-se, entre outros, diversas cruzes pequenas e grandes entremeadas com a letra H; e em baixo dessas folhas de papel estavam escritas frases em latim contra as armas holandesas, que chamavam armas heréticas, e cujas figuras não eram ali representadas, para não ofender os soldados que as carregavam com fé sobre eles. Certamente este sortilégio visível e engenhoso só foi introduzido para os poltrões, aos quais não se pode animar senão persuadindo-os facilmente de serem invulneráveis com este escrito; os mortos não teriam tido esta fé e a firme confiança exigida por tais cartazes, para que a virtude que lhes era atribuída operasse. Eis uma invenção da tola superstição para sempre manter-se em crédito e não desgostar ninguém e da qual possivelmente se distraíram no calor do combate. Schkoppe foi tão amável, que mandou de volta uma parte deles a seus inimigos, a fim de que os colocassem de novo em seus soldados poltrões, de modo que, de futuro, ele não tivesse de combater senão soldados valorosos, por artifício ou naturalmente; os restantes foram levados para o Recife e para a Holanda, sendo entregues aos Estados Gerais, como uma raridade singular.

Escapulários usados pelos portugueses.

Umas três semanas depois dessa proeza, vieram ancorar no Recife mais nove navios da Holanda. Eram embarcações particulares e não da Companhia, absolutamente incapaz de fornecer qualquer socorro ao Brasil. As tripulações não desceram à terra e estes navios cruzavam o mar incessantemente para bater os portugueses, porque os Estados Gerais lhes haviam concedido as presas que fizessem, esperando que lançariam ao mar uma poderosa frota. Isso obrigou os Senhores a reenviar para a Holanda, de um mês para outro, os navios alugados à Companhia, e uma parte daqueles que lhes pertenciam, tendo o melhor deles vintes anos, apesar do Almirante, dos mestres dos navios e dos carpinteiros os julgarem incapazes de retornar sem evidente perigo, dada sua velhice. A impaciência de cada um fazia-os entregar-se ao desamparo; além disso era necessário ter amigos para embarcar, e encontrar o meio de perder-se. Seis desses frágeis navios da Companhia e aqueles que neles estavam afundaram no caminho, sem que jamais se soubesse deles qualquer notícia.

Perda no mar de 6 navios holandeses.

Enquanto isto, os navios particulares operavam prodígios no mar do Brasil. Raramente aprisionavam aqueles que se encontravam nas caravelas portuguesas apreendidas e que se lhes entregavam incondicionalmente, salvo os que suspeitavam ter importância ou haver, no passado, servido aos holandeses. Como só visavam ao lucro nas capturas que realizavam, o que lhes parecia oneroso era jogado ao mar. Soube-se, realmente, que depois de terem escolhido, de cinco navios portugueses, sucessivamente apreendidos, o mais belo e o melhor com que carregaram os seus, que não estavam providos apenas de víveres e munições de guerra, os particulares da Holanda jogaram os portugueses vivos no mar, puseram a pique os navios e partiram à caça de outros. Algum tempo depois, encontraram-se com o Almirante Bankert, aliaram-se a ele e, juntos, atacaram e tomaram, na altura da Linha, quatro outras caravelas portuguesas carregadas de açúcar, que vinham da Baía de Todos os Santos e se dirigiam para Portugal. Na abordagem morreram 120 portugueses e uns 50 holandeses. Estas caravelas foram, com os prisioneiros, conduzidos para o Recife, e entre eles reconheceram-se 50 soldados que tinham estado ao serviço da Companhia e haviam desertado para o lado contrário; uma boa parte deles eram franceses, e estavam sendo reenviados a Portugal a fim de deixar-lhes a liberdade de irem para os seus países, conforme lhes fora prometido nas proclamações espalhadas em Recife e outros lugares. E eis que, quando julgavam ter obtido sua salvação, foram presos e entregues àqueles que se gloriavam de ter abandonado. Este grupo de desventurados, a quem foi impossível evitar o golpe do destino, foi todo enforcado e estrangulado numa semana, e seus corpos atirados no monturo. Muitos desses miseráveis ainda tiveram bastante coragem para declarar publicamente, nos últimos momentos as razões e queixas que não tinham ousado exprimir enquanto exerciam função militar. Acusaram altaneiramente os holandeses de terem, de todas as maneiras, falseado suas promessas, por conseguinte, eles próprios não tinham obrigação de manter as suas, pois tinham sido enganados em primeiro lugar. Haviam abandonado seu próprio país para vir servir, com risco de sua vida, uma nação estrangeira e conquistar para ela um país distanciado 2.000 léguas do de seu nascimento; muitas vezes tinham afrontado a morte tinham-se exposto a muitos perigos, vertido seu sangue, coberto seu corpo de feridas, tinham gasto os mais belos anos de sua vida a combater e vencer seus inimigos, sofrido os rigores e misérias da guerra, as inclemências do clima e as calamidades do tempo, e, em lugar de verem reconhecidos seus trabalhos e seus padecimentos, tinham sido desprezados e tratados como animais. Não quiseram escutar suas queixas e súplicas, não lhes deram socorro com base em seus salários nas suas doenças, fraudaram seus vencimentos e as porções de víveres prometidos, e não justificavam os que os pilhavam debaixo dos seus olhos. Em lugar de três anos de serviço, período para o qual haviam sido engajados na Holanda, eram forçados a triplicar e quadruplicar aquele prazo e, no final de contas, nada

Traidores enforcados

Acusações feitas pelos franceses aos holandeses antes de morrer.

lhes restava. Alguns deles, declarados livres, tinham sido obrigados à força a retomar as armas por mais seis meses, sendo-lhes recusada a volta ao seu primitivo estado, bem como a concessão de passaporte. Os portugueses, ao contrário, mantinham sua palavra e os haviam tratado melhor do que ousavam esperar. Alguns desculpavam-se, outros pediam perdão, mas nem um só encontrou misericórdia e, como desertores de seu partido, que haviam abandonado pelo partido oposto, foram supliciados segundo o julgamento do conselho de guerra.

O que considerei inexcusável no rigor da sua justiça foi a morte de dois infelizes presos mais tarde, numa outra caravela que ia da Bahia para Portugal. Vejo-me constrangido a particularizar esta aventura: um era valão, natural da ilha, em Flandres, e servira 14 anos aos holandeses, sendo-lhe ainda devida a maior parte dos seus salários. Este pobre valão, por uma reviravolta da fortuna, que persegue todos os desgraçados, foi aprisionado pelos portugueses no Cabo Santo Agostinho, quando Hoogstraeten entregou esta praça e escapou de ser massacrado, pela recusa de pegar em armas, graças ao conhecimento de algumas pessoas que o fizeram levar para a Bahia, onde não obteve licença para ir para Portugal; adiava-se sua ida de uma semana para outra e durante esse tempo deixaram-no sem beber e sem comer. Viu-se forçado, enfim, a vender suas roupas para conseguir pão, ficou completamente nu vagando pelas ruas, enquanto seus camaradas estavam vestidos, bem alimentados e não ficavam sem dinheiro desde que tomavam as armas. Esta consideração induziu-o a servir como os outros, o que fez durante dezoito meses, após os quais tanto importunou o Vice-Rei, que este lhe concedeu passaporte. O outro era um inglês que servira doze anos aos holandeses, era um daqueles que obtiveram baixa e embarcando num dos sete navios que estavam na Paraíba prestes a partir para a Holanda quando começou a revolta. Este soldado foi igualmente aprisionado no Rio São Francisco quando da derrota dos homens de Henderson, e de lá foi levado para a Baía de Todos os Santos, onde a grande necessidade o levou a pegar em armas. Depois de muitas súplicas, também obteve sua baixa e não quis, do mesmo modo que o valão, resistir nem defender-se quando os holandeses atacaram a caravela em que seguia. Apesar das ordens recebidas e das alegações que apresentavam e provavam, pelo testemunho dos portugueses e de outros que os tinham visto no estado que diziam, também eles foram enforcados. Antes de morrer, não sabendo como suportar aquele transe , seu único recurso foi clamar contra seus juizes ante os quais perguntavam, num tom de voz tão magnânimo quanto digno de piedade, se era assim, tratando ignominiosamente sua inocência, que reconheciam os sofrimentos e trabalhos a que se tinham exposto e sujeitado durante tantos anos de sua vida, a fim de conquistar para eles o país e derrotar os seus inimigos; se a recompensa devida à sua fidelidade era fazê-los perecer, na infâmia de morte horrível. Somos nós criminosos, indagavam, pelo fato de ser o inimigo mais forte e em maior número? Nossa condição era bastante inditosa, pois ou morreríamos de fome, ou seríamos forçados a pegar em armas, e foi essa mesma necessidade que nos conduziu ao cadafalso, pois se quisessemos voltar para vós (o que nos era impossível) e fôssemos surpreendidos pelos portugueses, que suplícios nos teriam sido inflingidos? E desde que a sorte nos recolocou em suas mãos e nós nos encontramos entre vós outros, eis o que acontece: em lugar de sermos festejados e de dar valor à nossa constante lealdade, somos por vós sacrificados a um fim vergonhoso. As sentidas lamentações destes pobres infortunados foram transmitidas ao conhecimento do Alto Conselho que lhes concedeu graça, mas quando esta chegou, nada mais havia a fazer, pois tinham sido supliciados perto de Afogados, a meia légua do Recife, e à vista dos portugueses que, na mesma hora, souberam por um soldado fugido para junto deles a causa e o motivo daquelas mortes. Quinhentos deles vieram à meia-noite, tiraram-nos da forca e os enterraram

ao pé dela, e dispararam sobre os túmulos três salvas de mosquete, querendo com isso mostrar que reparavam a injustiça feita a esses infelizes.

Morte vergonhosa seguida de muita glória.

É de crer que estas freqüentes e odiosas execuções não inspirassem amor aos soldados; mas o terror que experimentavam fez perder a muitos a vontade de fugir. Só os desesperados tentaram, sempre, escapar ao acaso. Tudo isso enfraqueceu muito as forças dos holandeses, contra os quais os portugueses, e sobre tudo os que desertaram para o seu lado, conceberam um ódio implacável, por terem sido enforcados seus companheiros e por imaginarem que um dia poderiam ter o mesmo destino, caso pensassem voltar, sendo inútil esperar quartel para as tropas de Schkoppe. Eles próprios enforcavam, nas primeiras árvores à vista, os que se deixavam apanhar, vindo para isso expressamente espionar além do rio, quando os outros iam procurar lenha ou pescar.

Holandeses punidos da mesma forma que tinham punido os portugueses

Quanto às mulheres, contentavam-se em abusar delas, despi-las e mandá-las de volta sem camisa. Quando eram os tapuias então estes faziam bons repastos de homens e mulheres. Vindo do Recife um comboio de víveres para a guarnição de Afogados, os portugueses, escondidos nos arbustos à margem do rio, o atacaram no caminho, justamente entre os dois fortes da Cidade Maurícia, distantes um tiro de canhão um do outro, misturaram-se entre os holandeses, sem que as guarnições dos fortes ousassem atirar, com receio de ferir os seus, nem sair sem ordem, não sabendo se isso era para surpreendê-los. Houve uns cinqüenta mortos de um lado e de outro, mas no dia seguinte uns vinte tapuias escondidos no mesmo lugar e pensando pegar alguém, foram agarrados pelos negros do Recife, que lhes cortaram as cabeças, carregando-as espetadas em chuços pelo meio das ruas, cantando e dançando à sua moda, jogaram bola com as mesmas e depois lançaram-nas no mar.

Crueldade exercida depois da morte.

O forte de Barreta quase foi surpreendido no mesmo dia pelos portugueses que, durante a noite, trouxeram duas peças de campanha para muito perto, as quais levantaram sobre uma bateria que fizeram atrás das árvores; e desde a alvorada até o meio-dia atiraram incessantemente sobre o forte e arredores, matando e ferindo mais de 60 soldados. Os do Recife acorreram por mar, mas os outros já se haviam retirado.

As Províncias Unidas dos Países Baixos não podiam prover tão bem nem tão prontamente o socorro desejado pelo Conselho do Recife, devido à divisão que ameaçava seus Estados. O Rei da Espanha, perfeitamente instruído de tudo que se passava no Brasil e do descontentamento dos holandeses, tinha enviado um embaixador a Haia, aos Estados Gerais, a fim de concluir paz com eles. Este foi muito bem recebido e acolhido, e três províncias estavam quase convencidas, mas a da Zelândia, sobretudo, opunha-se firmemente, protestando em alta voz que era preferível buscar a proteção da França a consentir nesse projeto. Diziam não querer paz nem tréguas com os espanhóis, temendo ser por eles traídos da mesma forma que seus compatriotas o tinham sido pelos portugueses no Brasil; eram os seus vizinhos mais próximos, e seriam os primeiros a serem surpreendidos. Os Estados Gerais ponderaram que esta paz lhes seria vantajosa, e saberiam bem prover ao seu bem-estar e manter a paz interna. Ser-lhes-ia fácil vingar-se do Rei de Portugal, reunindo o poderoso socorro necessário para a reconquista do Brasil; o Rei da Espanha se oferecia para ajudá-los e não pedia outra coisa senão contribuir para a destruição daquele príncipe desleal. Mas os Estados particulares da Zelândia, não se convencendo com tais razões, persistiram em declarar que impugnavam e impugnariam tudo que se fizesse no tocante a essa paz. Os Estados Gerais disseram a estes deputados que deviam saber que eles constituíam o navio da República, sendo os zelandeses apenas a chalupa; mandariam inundar todo o seu país se os zelandeses continuassem a ma-

Bravata dos Estados Gerais.

nifestar o intuito de desunião, e faziam absoluta questão de não serem contrariados, pois se tratava do bem estar de seus Estados, cuja direção lhes pertencia. Na incerteza do que aconteceria, os Estados particulares da Zelândia, por um navio que enviaram expressamente ao Recife, ordenaram que o Almirante Banckert, comandante das costas de sua província e natural da Zelândia, voltasse prontamente, pois sua pátria necessitava de seu auxílio. Os Estados Gerais enviaram um outro navio, pelo qual mandaram dizer aos Senhores do Conselho que iriam empreender a defesa e restauração da conquista do Brasil, visto que a Companhia das Índias não podia mais subvencioná-la, e que esta guerra, de futuro, se faria somente em seu nome. Estavam equipando, com a renda pública, uma boa e poderosa frota, e empenhados em restabelecer a tranqüilidade em seu país, para não ter de tratar senão dos portugueses, aos quais esperavam dar muito o que fazer; que, por enquanto, se mantivessem firmes e corajosos. Ambos os navios chegaram ao Recife, mas antes de sua vinda abrandou-se a nascente discórdia pública. Representou-se aos zelandeses o que lhes aconteceria se se recusassem a submeter-se aos seus superiores: teriam de recorrer aos estrangeiros e alojá-los, ou então seriam subjugados ou de todo sujeitos aos Estados Gerais; sendo uma das províncias livres, em cujo socorro correriam todas as outras, e pela qual pereceriam, seria excluída e frustrada da parte e direito que lhe pertencia nas belas cidades, praças, territórios e fortalezas conquistados pelas armas comuns dos Países Baixos em Flandres, Brabante, no Mosa, no Reno, no Oriente, Ocidente, África e América. De tal maneira se exprimiram, que os zelandeses enviaram deputados a todas as assembléias dos Estados Gerais, com poder especial para aprovar e consentir em tudo que estes fizessem, dissessem, concluíssem e determinassem sobre o assunto dessa paz.

O Alto Conselho do Recife e todo o povo ficaram grandemente surpreendidos e pesarosos com a discórdia que parecia prestes a irromper em seu país; promoveram um jejum público, a fim de rogar a Deus que tal discórdia não criasse raízes e que o espírito de paz servisse de guia a seus soberanos. O que agravou particularmente seu desprazer foi a resolução de Bankert de abandoná-los e obedecer à carta que lhe havia sido escrita, eis que ele era seu amparo e o terror dos portugueses no mar.

Os Senhores e os Políticos, impedidos de julgar do sucesso dessas notícias, que ignoravam, depois de reunir-se várias vezes em conselho, resolveram realizar uma inspecção dos soldados e visitar os armazens. Verificaram que possuíam apenas 1800 combatentes em Itaparica, Recife, Paraíba e Rio Grande; 15 navios e víveres somente para sete meses, e estavam muito apreensivos de que esses murmúrios fossem retardar muito os socorros que lhes eram prometidos. Isso fê-los passar maus quartos de hora, embora publicamente se mostrassem alegres e divulgassem ter recebido boas notícias da frota que os vinha socorrer, a qual já se encontrava a caminho e talvez próximo da Linha, procurando persuadir a todos de que isso era verdade, pois o diziam para manter-lhes a esperança. Não podiam, porém, enganar-se a si próprios; tratava-se de sua conservação, a do povo e a do país, e de advertir seriamente aos Estados Gerais que tomassem prontas providências, a fim de não se verem reduzidos a uma miséria semelhante à que haviam encontrado, quando de sua chegada. Em tal caso, infalivelmente, nem os soldados nem os burgueses jamais teriam a mesma paciência em semelhante adversidade, como na precedente. Quer eles se contentassem em escrever por intermédio de Banckert e serem por ele recomendados, quer relatassem de viva voz aos Estados e aos Dezenove o perigo que os espreitava, não saberiam quando receberiam resposta; por conseguinte, nessa ocasião urgente, onde cada um só se podia fiar em si mesmo, o Alto Conselho julgou necessário mandar um de seus membros como deputado à corte da Holanda, a fim de melhor impressionar seus espíritos e, pela exata dedução do estado de coisas, obrigá-los, apressá-los e instá-los a enviar-lhes auxílio; e demonstrar-lhes, caso os tivessem relegado para ali para deixá-los perecer, que não es-

tavam mais em estado de atacar, mas na defensiva; suas forças se tinham reduzido pouco a pouco, de diversos modos, e necessitavam de dez mil homens efetivos; com este número, os que lhes restavam e os tapuias e brasilianos de seu partido, que chamariam, poderiam sitiar a Baía de Todos os Santos e afastar os ocupantes dos arredores do Recife. Precisavam queimar a cidade de Olinda para cortar-lhes a retirada e lhes bastaria o Cabo Santo Agostinho para se restabelecerem, após o que iriam arruinar e assolar todo o país, desde a Bahia até o Rio de Janeiro. A menos, porém, que pudessem contar com um poderoso socorro, nada se poderia esperar se não se dispusessem a enviar-lhes forças suficientes, seria preferível ordenar que eles se retirassem a continuar a perder homens e bens.

Decidida esta deputação, a dificuldade foi saber qual dos Senhores iria desempenhar a embaixada, pois cada um queria tomar a si a comissão. De todos, o Presidente Schonenburgh era quem mais a desejava, não só para voltar, como porque jamais tivera a idéia de ali pôr os pés; preferia ter perdido trinta mil libras e nunca ter saído de Haia. Não podendo chegar a um acordo, chamaram os Políticos. Sua opinião foi que se enviasse o Senhor Haecx, o mais jovem dentre eles e o menos versado nos negócios de Estado, dizendo que o povo não permitiria o afastamento dos melhores, e se oporia ao embarque de qualquer dos outros três. Assim, tendo-se convindo que seguiria Haexc, tudo que era seu ficou pronto de um dia para outro. O Coronel Henderson, não muito estimado devido à derrota do Rio São Francisco, solicitou sua baixa, que lhe foi concedida. Meteram-se com Banckert em seu navio almirante, que partiu do Recife com cinco outros carregados de areia, em lugar de açúcar, soldados, pessoas doentes e inúteis para o serviço, judeus, particulares, prisioneiros portugueses, marinheiros, com provisões para dez semanas apenas, quando, ordinariamente, a viagem sempre levava, pelo menos, três meses.

Em relação aos que queriam voltar, ordenara-se que mesmo os que tivessem obtido baixa não poderiam embarcar, salvo se tivessem inscrito seus nomes, com seis semanas de antecedência, numa lista afixada à porta do templo, para que o público fosse advertido da partida e fizessem prender os devedores e criminosos. Proibiu-se expressamente os capitães dos navios aceitar quem não constasse da lista, da qual lhes forneceram cópias, sob pena de responsabilizar-se pelas dívidas e pelos crimes dos que permitissem evadir-se, terem seus vencimentos confiscados, serem destituídos de seus postos e condenados a grandes multas. A todas as pessoas que se apresentassem sem constar da lista seria dada punição exemplar, teriam de pagar o dobro de suas dívidas, seriam presos por três meses e multados em trezentas libras.

Para verificar se havia contravenção, antes dos navios desancorarem o Procurador Fiscal, um Político e beleguins percorriam o navio de alto a baixo, examinando se ali se escondera alguém que não constava da lista, enquanto um deles ficava de guarda no convés. Aconteceu que um homem e uma mulher, sem licença e cujos nomes não estavam inscritos na lista, haviam embarcado em nosso navio, com o auxílio de alguns marinheiros, para regressarem; ao verem o Procurador Fiscal, pediram que os metessem numa barrica no fundo do porão e ali morreram asfixiados, por não ousarem sair; outra mulher, em cujo cofre, ao ser visitada, foram encontradas mil libras em moedas de prata, foi levada para o Recife com o mesmo, para assistir ao confisco desta soma para o erário, pois era expressamente proíbido sair com qualquer quantidade de ouro ou prata do país, sob esta pena; os mesmos deviam ser consignados nas mãos do Recebedor, que daria uma letra de câmbio para o recebimento na Holanda, com juros de dez por cento.

Levantadas as âncoras e desfraldadas as velas, Haecx, que mil vezes prometera voltar, para relatar ele próprio sua comissão e trazer o socorro, riu-se dessa promessa e disse que jamais voltaria. Nenhum de nós deixou de proferir o mesmo voto, encantados que

estávamos de abandonar um clima tão funesto, e nosso único desejo era poder chegar felizmente à Europa. Navegamos três meses sem cessar, sendo que durante oitenta dias inteiros só vimos céu e água.

Nossa rota não foi a mesma da vinda pois nossos pilotos rumaram para o norte a partir de um ponto mais ao sul. O nosso Almirante Banckert morreu na altura da Linha, doze dias depois do nosso embarque, vítima de uma apoplexia; sua pátria perdeu muito com o seu passamento, que foi muito lamentado, pois ele fora um dos mais excelentes corsários que os Estados Gerais tiveram. Seu valor e seu mérito fizeram-no subir de simples marinheiro e, de grau em grau, atingir o posto de Comandante das Costas de Zelândia e Almirante dos Mares do Brasil. Sua reputação começou a resplandecer quando, simples capitão de um navio, bateu-se certa feita contra treze navios de Dunquerque, pôs a pique três, desvencilhou-se gloriosamente dos outros, todo furado como um crivo; sua grande coragem e o desprezo pela morte sempre o tornaram admirado, pois, assaltado enganchado e aferrado de um lado e de outro por dois navios, e cercado pelos restantes, em lugar de ceder e render-se a seus inimigos, que o incitavam a pedir quartel, colocou seu filho mais velho junto do paiol de pólvora, com uma mecha acesa na mão, recomendando-lhe expressamente que lhe metesse fogo logo que ele o ordenasse, sob pena de ele próprio matá-lo. Teve a melhor parte na vitória que os Estados Gerais, seus senhores, obtiveram no ano de 1639, sobre a armada naval da Espanha, nas dunas da Inglaterra. Prestou grandes serviços à França no sítio da cidade de Gravelines, a qual bloqueou por mar; foi o flagelo dos espanhóis e tornou-se temido dos portugueses no Brasil.

Embora tenha morrido como os outros homens, tal não aconteceu com o seu renome. Os dois filhos que o acompanhavam impediram que seu corpo, grande e obeso, fosse jogado ao mar, não permitindo, também, que o mesmo fosse aberto para salgar suas entranhas, a fim de conservá-lo; o terrível odor que exalava este cadáver quase nos fez morrer de fome, pois o gosto dos víveres do navio parecia-estar infectado pela sua putrefação. A grande quantidade de resina com que se tinha untado o seu corpo e o seu caixão coberto e envolto em quatro ou cinco peças de tecido uma sobre as outras, empapadas de alcatrão, e assim escondido na areia, no reservatório, não nos isentavam do mau cheiro que se desprendia dessa decomposição. Cinco ou seis vezes metemos-nos em brios para lhe dar por sepultura a água e os peixes, a fim de nos livrarmos daquele suplício; mas como tínhamos de aportar à Zelândia, onde estavam seus parentes, e era de temer que não sendo nós os mais fortes, eles nos fizessem arrepender-nos, apesar de todas as nossas razões ; isso nos obrigou a ter constantemente paciência. Durante esta aflição que foi acompanhada de água pútrida, cheia de lama e de vermes, nossa única bebida, e de velhas carnes estragadas como alimentação, desde que não vimos quase nenhum peixe ou muito pouco, os pilotos levaram-nos a passar umas cinqüenta léguas por traz das ilhas flamengas, por um lugar onde se assegura que jamais se viu o mar calmo e sim sempre movimentado e agitado.

Levamos cinco dias a atravessá-lo, com vento tão contrário e tempestade tão contínua, que os nossos navios, que não eram dos melhores, nos causaram muita apreensão. As grandes vagas penetravam neles muitas vezes e era necessário usar as bombas para jogar fora a água três vezes mais do que o costume. A nau vice-almirante não pôde resistir ao rude embate das ondas e fendeu-se, sendo grande o trabalho e o esforço para socorrê-la e salvar os que estavam nela, dos quais alguns se afogaram. Os que se salvaram foram divididos pelos outros navios, perecendo aquele inteiramente, com todo o seu equipamento. Um outro quase teve a mesma sorte, evitando-a pela habilidade dos carpinteiros, que calafetaram cuidadosamente todos os lugares por onde entrava a água, e os numerosos buracos que os vermes tinham feito na madeira apodrecida do fundo do navio, onde se ti-

nham criado; mas não o fizeram tão perfeitamente que não fosse necessário, todos os dias, e sem descanso usar a bomba umas quatro mil vezes, a fim de não deixá-lo submergir.

Quando saímos desse lugar de tempestades costumeiras, entramos num mar mais tranqüilo onde, entretanto, nossos navios eram a todo momento retidos pela quantidade de algas e de folhas grandes e largas, entrelaçadas umas às outras à moda da hera, tendo um fruto semelhante ao visco do carvalho, reunidas em formas de bandas grandes e unidas, de cinco ou seis passos de largura, e de comprimento infinitamente grande, distantes umas das outras uns quinhentos ou seiscentos passos mais ou menos, as quais simplesmente retinham nossos navios, obrigando-nos a descer nos escaleres para cortar os obstáculos que impediam nossa marcha.

Os pilotos, que não viam aparecer terra, três ou quatro vezes por dia mediam a profundidade, a fim de apurar se estávamos próximos; não encontrando fundo, na incerteza da demora que poderíamos ter, foi diminuída a ração de nossos víveres, e exatamente quando os pilotos julgavam que estivéssemos atrás da Escócia vimos aparecer dois navios, corremos atrás deles e soubemos que eram de Hamburgo, república do setentrião que não trava guerra com nenhum príncipe da cristandade e só apreende os turcos e piratas e para lá voltavam. Tinham partido da cidade do Porto, o mais famoso porto de Portugal depois de Lisboa, carregados de vinhos da Espanha, laranjas, limões e castanhas. Quando voltamos nossas velas em direção a eles, a fim de nos aproximarmos, na dúvida de que estivessemos mal intencionados, e como não haveria nenhuma vantagem em se deixarem abordar, trataram de distanciar-se. Isso reconhecemos ao persegui-los e, não podendo alcançá-los senão à distância de um tiro de mosquete, lhe mandamos um balaço de canhão. Sobreveio a noite e na manhã seguinte, malgrado sua intenção, encontravam-se pertinho de nós, devido ao vento. Mandamos-lhes de presente, então, dois balaços de canhão. Vendo que não podiam mais evitar-nos, enviaram uma chalupa ao nosso navio-almirante, além do que depois deram a uns e outros, com duas barricas de vinho da Espanha e três cestas de limões, laranjas e castanhas; além disso, distribuíram a esmo, grande quantidade de víveres no convés que soldados e marinheiros disputavam aos empurrões e pescoções. Confessaram que tinham temido nossa aproximação com o receio de que fôssemos piratas; uns quinze dias antes, cinco navios turcos, com a bandeira da Holanda, haviam surpreendido três navios de Hamburgo, que saíam de Lisboa, a umas trinta léguas do mar. O capitão e o piloto de um desses navios, que presentemente estavam com eles, ao reconhecerem que se tratava de corsários, que os outros tinham sido apreendidos e que lhes vinham dar o mesmo tratamento, sendo-lhes impossível escapar de suas mãos, sem dizer palavras à tripulação, e fingindo ir visitar esses navios desconhecidos, desceram sozinhos num bote, vagaram ao léu, sem bússola, sem velas e sem víveres, pelo espaço de trinta léguas, e finalmente chegaram como por milagre, ao Porto, não sabendo o que acontecera àqueles três navios. Asseguraram que o Rei de Portugal armava uma poderosa e numerosa frota, em parte composta de franceses, para mandar ao Brasil e informaram-nos que estávamos próximos do grande canal da França e da Inglaterra.

Efetivamente, dois dias depois, vimos e passamos próximo da Ilha de Sorlingues, na Inglaterra, em cuja praia existe um forte construído somente para impedir que os piratas se utilizassem dela para a retirada, como havia acontecido antigamente. Durante dez dias navegamos no grande canal entre a França e a Inglaterra e próximo da Ilha de Wight, onde o finado e último Rei da Inglaterra fora mantido prisioneiro na torre da cidade de Newport, no meio da ilha. Depois de ter passado Dover e Calais, deparamos com oito navios de Ostende (pois os espanhóis já tinham perdido Dunquerque), os quais, em lugar de nos combater, para o que estávamos preparados, ofereceram-nos suas pessoas, víveres, munições de guerra, dinheiro e seus navios, seguindo ordem do Rei de Espanha, que assim os

mandara proceder. Os nossos oficiais contentaram-se em agradecer-lhes, sem nada querer aceitar deles, salvo um navio holandês preso pelos biscaínos havia três semanas, que o Rei da Espanha mandava restituir com os homens e tudo que continha quando fora capturado, sem nenhum dano.

Passando diante de Ostende, vimos barcos e navios cheios de víveres que iam e vinham da Zelândia para lá; e, finalmente, ancoramos na baía desta bela e gentil cidade de Vlissingen, loucos de alegria por ter chegado a um porto tão venturoso, ao abrigo de todas as misérias que tínhamos suportado. Mas o que mais nos levou a louvar e agradecer ao soberano Criador, pela sua assistência e favor, foi quando nos mostraram os armazéns vazios de víveres de nossos navios, sendo que no nosso não restava senão para mais dois ou três dias de magra subsistência, de modo que, se qualquer calmaria ou tempestade nos tivesse distanciado ou retido sobre as águas, a fome teria sido certa e estaríamos em perigo de sermos obrigados a nos entredevorar.

À nossa chegada, vieram visitar-nos em barcas, a fim de saber o verdadeiro estado do Brasil. Nossos navios deram a conhecer a morte do Almirante Banckert por pequenos panejamentos pretos atados no alto das velas do joanete e pelas bandeiras descidas a meio-pau, em sinal de luto. O corpo desse famoso oficial foi pomposamente sepultado na principal igreja de Vlissingen, onde os Estados particulares da Zelândia, com assento em Midelburgo, mandaram deputados para representá-los.

Deixei de dizer aqui que encontramos em frente de Vlissingen, Rammeguei e Treivers, uma grande frota de 50 navios com 6.000 homens prestes a singrar o mar, equipada e pronta para partir para o Brasil às custas dos Estados Gerais, a qual já estaria a caminho sem as artimanhas do Embaixador de Portugal, que tinha empregado todos os artifícios para impedi-la de partir ou, pelo menos, para retardá-la, a fim de torná-la inútil. Ele disse aos Dezenove que seu Senhor não era absoluto no Brasil, experimentando desgosto com todas as desordens ali sobrevindas. Soubera que os portugueses do país sentiam tal aversão pelos holandeses, pelos atos indignos e vexames que da parte deles tinham sofrido, que preferiam tudo destruir e perder-se a si mesmos a continuar tolerando o seu domínio. Não acreditava fosse possível, em face desse grande ódio fomentado por tanto sangue derramado e tantos atos de hostilidade de parte a parte, que as duas nações jamais se pudessem reconciliar, nem viver em boa paz. Era preciso, todavia, chegar a algum meio de acomodação, pelo qual cada um ficasse satisfeito.

Ninguém duvidava de que tinham sido os portugueses que haviam descoberto o Brasil e o tinham feito habitar pelos cristãos, cultivado o país, construído e edificado as cidades, povoações, castelos e fortalezas que ali se notavam presentemente. Portugal jamais tivera qualquer questão com os Estados Gerais, e todos os portugueses tinham sido subjugados pela tirania dos castelhanos, quando estes conquistaram uma parte do Brasil; os holandeses, ao subjugá-los, consideravam-nos como pertencentes ao Rei de Castela, mas o certo é que o Brasil pertencia aos portugueses, aos quais eles o tinham usurpado. A razão não mandava que para se vingar de um inimigo alguém se apropriasse do patrimônio daqueles que sabidamente eram oprimidos. Era, pois, justo que o Rei de Portugal fosse reintegrado de todos os países de sua coroa, inclusive o Brasil, oferecendo-se a indenizar em dinheiro a Companhia de todas as perdas, prejuízos e juros que ela pudesse justamente pretender e pedir, segundo o parecer de qualquer Rei, Príncipe ou República vizinha e amiga comum de ambas as partes que ela escolhesse.

Os Dezenove, aos quais este Embaixador havia feito um presente notável, a fim de melhor engodá-los, não visavam senão a reconquistar sua primeira fortuna e a de todos os particulares que compunham esta Companhia. Tentaram, pois, por diversos modos, con-

vencer os Estados Gerais a aceitar esta proposta, mas eles a rejeitaram acremente tantas vezes quantas se pensou que cederiam; recriminaram a Companhia das Índias pela sua insaciável avareza e por ter abusado do poder que lhes tinha sido conferido de elegerem magistrados, provendo nos cargos pessoas indignas e incapazes de governar, as quais só se tinham prestado a extorquir bens a torto e a direito, sem prever nem prover o necessário para manter-se e conservar-se. Jamais abandonariam a parte do Brasil que tinham conquistado à ponta de espada, em guerra aberta com os seus inimigos. A razão de que se servia o Rei de Portugal, depois de havê-los traído covardemente, para vangloriar-se de ser o verdadeiro senhor do Brasil, ou seja, o de tê-lo descoberto, e de sua nação não ter tido nenhum conflito com eles, era pura e simplesmente uma chicana. Pela mesma lei, deveria ele totalmente desistir de dominar aquele país e deixá-lo livre aos brasilianos e tapuias, que eram os seus possuidores originários, naturais e legítimos, sendo esta a sua pátria, do mesmo modo que Portugal era a dos portugueses. Que direito, pois, tinham tido de se apossar de suas terras, escravizar suas pessoas e massacrar tantas daquelas pobres criaturas que jamais os haviam conhecido nem desfeiteado? Em lugar de ali implantar o cristianismo, semearam a impiedade. O Rei de Portugal e seus súditos, depois de sua revolta contra o Rei da Espanha, os reconheceram como soberanos da conquista do Brasil; trataram e juraram com eles, de modo solene, a paz que perfidamente violaram. Pelo direito de conquistar, podiam ter expulsado de sua parte todos os portugueses que ali habitavam; contentaram-se porém, com suas promessas de obediência e fidelidade, mediante as quais os deixaram e mantiveram no gozo de todos os seus bens, quando, ao contrário, poderiam tê-los exterminado a todos e dar-lhes o mesmo tratamento que eles haviam inflingido a milhões de criaturas, ao se estabelecerem no país, segundo as próprias histórias que contavam e faziam tremer de horror. Pensar autorizar sua perfídia pretextando que se lhes negava justiça, e que estavam expostos a toda espécie de injúrias e violências, era um efeito ordinário da iniqüidade que reinava entre os homens. Se semelhantes coisas bastassem para legitimar as rebeliões, todos os povos aproveitariam a ocasião de revoltar-se. O Rei de Portugal não devia arrogar-se o papel de juiz nem atribuira tal direito a seus súditos, e ainda quando pudesse fazê-lo tinha, pelo menos, de ouvi-los primeiro.

De sua parte, os holandeses estavam obrigados a dirigir-se previamente a seus soberanos e à Companhia das Índias, e fazer-lhes saber quais eram suas queixas; todavia, jamais tinham aberto a boca nem notificado a menor coisa. Estes teriam não somente feito castigar os altos magistrados mas, também, os outros oficiais e particulares, grandes e pequenos, que houvessem prevaricado. Queriam distribuir justiça pelos seus oficiais, que não tinham sido providos em seus cargos por dinheiro, mas segundo o seu mérito; queriam que os mesmos fizessem justiça aos querelantes sem pagamentos e punissem sem remissão nem exceção os coniventes e os que faltavam ao dever de seus cargos; pensavam que esses cargos eram exercidos por pessoas virtuosas, capazes e de boa consciência, e não por ladrões e sanguessugas do povo. Queriam, mesmo, que em face dessa nova e surpreendente denúncia, fosse realizado inquérito fiel da vida e dos costumes de todos os que tinham exercido e exerciam qualquer posto no Brasil, tanto daqueles que ali ainda se encontravam, como dos outros que tinham voltado, assim como dos burgueses e particulares, a fim de castigar exemplarmente os culpados. Enviaram, para tal fim, comissários expressamente encarregados de obter informações, mas estavam determinados a não ceder uma só polegada de terra aos portugueses, e antes poriam em risco o seu Estado que abandonariam o Brasil. Estavam resolvidos a sofrer, de preferência a desolação, a abalar-se de um canto a outro, para impedir os portugueses de prevalecerem. Comunicaram a este pérfido Rei sua máxima, que é a de jamais usar a fraude em primeiro lugar mas vingar-se ao quádruplo daqueles que faltassem à sua palavra.

Generosa máxima dos holandeses.

O Embaixador de Portugal, a quem se comunicou tudo isso, não esperava esta rude resposta. O Rei da Espanha não deixou também de ser advertido pelo seu representante desta desavença, e foi então que não vacilou mais em concluir a paz com os Estados Gerais, oferecendo-se todos os dias para socorrê-los, fornecer-lhes uma frota, ouro e prata, víveres ou navios, a fim de restabelecê-los no Brasil e dele expulsar os portugueses, propondo ao mesmo tempo a conclusão de uma liga ofensiva e defensiva para os países de Flandres e das Índias Orientais e Ocidentais, em relação e contra todos.

Entrementes, os embaixadores ordinários e extraordinários da França empregavam todos os seus esforços para impedir e opor-se a essa paz. O espanhol, entretanto, tanto fez que obteve uma trégua provisória de um ano, a qual foi imediatamente concluída e assinada. Os Estados Gerais equiparam aquela frota que dissemos ter encontrado ancorada nos portos da Zelândia quando chegamos, composta em quase sua totalidade pelos regimentos especialmente despedidos da armada holandesa, assim que a trégua foi assinada.

Trégua de um ano concedida aos espanhóis pelos holandeses.

O Rei de Portugal, que antes de começar sua empresa no Brasil se prometera duas coisas, a primeira, que em três meses reduziria as praças e o país à sua obediência; a segunda, que os Estados Gerais não tomariam a peito este negócio e não se interessariam por ele, viu-se decepcionado. Soube da paz proposta pelo Rei da Espanha; seu embaixador era olhado de soslaio e não tinha mais voz em capítulo para opor-se a ela; era o embaixador da França que era consultado e empregava a esse propósito toda sorte de expedientes, tendo refletido que os Estados se tinham irritado com a proposta feita pelos portugueses de indenizar a Companhia em troca da restituição do Brasil, quando, ao contrário, esta fazia questão absoluta de conservá-lo e voltar à sua conquista. As ofertas do Rei da Espanha de ajudá-los; a poderosa frota dos holandeses prestes a partir para aquele país, pela necessidade premente que os obrigava a enviá-la, dificilmente podendo ser adiada sua partida; a possibilidade de surgir qualquer obstáculo ao encaminhamento da paz, por instigação do Rei de Portugal, tudo isso demonstrou aos Estados que este rei concordava com a restituição de sua conquista do Brasil, prometia e se obrigava a entregá-lo, indenizando-os de todos os interesses e pretensões sobre os bens de seus próprios súditos da Bahia, no caso dos bens dos rebeldes não serem suficientes; ser-lhes-iam entregues os chefes e os amotinados que caíssem em seu poder; armar-se-ia uma bela frota para esta empresa e seria enviado um novo vice-rei, que evitaria pontualmente tais desordens. Isto era tudo que os Estados podiam pedir, e deviam estar satisfeitos; não havia necessidade de consumir tantas riquezas e arriscar tal número de homens de sua frota, o que lhes custaria grandes despesas, para obter aquilo que poderiam conseguir sem disparar um tiro; de outro modo só se faria renovar as carnificinas, e era preferível destinar aquela frota a outros fins úteis.

Enquanto os Estados Gerais se reuniam para deliberar sobre a resposta que dariam, adiava-se sempre a partida da frota de que se trata e que esperava de um dia para outro o momento de desancorar. Tinha-se, por isso mesmo, como incerta a sua partida.

Quando o Senhor Haecx chegou a Haia, foi recebido em audiência, justificou sua vinda, e foram lidas as cartas dos Senhores do Conselho do Recife. Logo as notícias se divulgaram por toda parte, e o embaixador de Portugal correu, pela segunda vez, perigo de vida, do que se preveniu prendendo prontamente algumas pessoas que pretendiam excitar a populaça. O Estados Gerais deram ordem à frota de partir imediatamente e de fazer uma viagem rápida; dentro de dois meses seria enviada nova esquadra, de cinco ou seis mil homens de reforço. Haecx desculpou-se de não ir levar pessoalmente aos conselheiros do Recife a resposta dos Estados Gerais, mas, a fim de que a sua recusa não desencorajasse ninguém, fingiu-se de doente e pediu por escrito aos capitães e oficiais que fossem na fren-

te; ele os seguiria assim que estivesse curado, num navio mandado preparar especialmente para esse fim.

Os soldados, e marinheiros dessa esquadra, instruídos pelos outros recém-chegados do estado e calamidade em que tínhamos deixado o Brasil, dos padecimentos e trabalhos enfrentados na viagem até lá, durante a estada e na volta, e a maneira pela qual eram tratados quiseram dar o dito por não dito e se recusaram a seguir. Todos os que conseguiram obter licença para descer à terra trataram de evadir-se esconderam-se e não voltaram mais; em conseqüência disso, os que estavam embarcados murmuraram ainda mais e fizeram grande bulha.

Os burgomestres das cidades e portos da Zelândia proibiram os mestres dos navios e barqueiros de conduzir alguém para fora de sua província sem licença expressa assinada por eles, sob graves penas. Entrementes mandaram procurar todos os soldados alistados, para serem reembarcados. Alguns tripulantes quiseram amotinar-se; os navios dos Estados, que guardavam os portos e enseadas, ameçaram pôr a pique as suas naves. Entretanto, para fazê-los voltar às boas pacificamente, foram dados a cada soldado três reais de adiantamento sobre seus ordenados, e não de presente, como imaginaram, e cerveja à vontade pelo espaço de um dia. Isso feito, a frota largou a âncora no fim de dezembro de 1647, ao ribombar dos canhões, e tomou o caminho do Brasil.

Não se deixou de recrutar outras tropas em todas as Províncias Unidas, para enviá-las em outra esquadra. Ocorreu, então, na cidade de Midelburgo, um episódio curioso com dois rematados velhacos, que naquele país se chamam vendedores de cristãos, pois toda a sua arte está em enganar os jovens estrangeiros, que observam, e persuadi-los a fazer a viagem das Índias; seduzem-nos e lhes descrevem os países distantes como um paraíso terrestre, que proporciona todas as felicidades desejáveis; prometem uma grande fortuna; retêm-nos em suas casas com grande estima e fornecem-lhes dinheiro até o momento da partida, quando mandam apreender e reter os ordenados desses tolos, logo que embarcam, pela despesa feita em sua casa, contada ao quádruplo daquilo que vale. Procedem de tal modo que, em dois meses, fazem-nos gastar o que no futuro só poderão ganhar em dois anos. Estes marotos tentaram enganar desse modo seis jovens franceses, dos quais cinco acabavam de chegar da França, e o outro tinha voltado recentemente do Recife com aqueles cinco navios que havia pouco tinham ancorado, o que estes malandros não souberam distinguir. Perguntaram-lhes, ao abordá-los, se não queriam imitar tantos belos jovens que empreendiam a viagem ao Brasil; tal curiosidade era peculiar às pessoas intrépidas e lhes aproveitaria de mil maneiras, à vista de uma tão longa extensão de mar e de terra. O país era em si mesmo excelente, a guerra boa, os holandeses tinham predomínio sobre os portugueses e se enriqueciam com os seus bens, que estavam entregues ao saque. Depois de três anos, cada um voltaria carregado de ouro e prata. Eles, que lhes falavam, acabavam de voltar, e não se julgavam felizes senao em um país tão bom, onde iam fixar residência. Bem viam, pelas suas fisionomias, que tinham demasiado sentimento de honra para deixar passar a ocasião de adquirir tanta glória; bastava decidir-se, que eles fariam dar bons soldos e bom tratamento. Estes cinco franceses teriam sido facilmente persuadidos se não fosse o recém-vindo que lhes tinha falado do Brasil de maneira inteiramente diferente e a cujas palavras davam muito maior crédito que às desses impudentes mentirosos. Quiseram castigá-los, fingiram que desejavam o que eles lhes sugeriam, fizeram-lhes algumas perguntas, depois falaram em beber e, em seguida, foram para uma taberna retirada, onde estes mentirosos sofreram enorme surpreza, porque, em vez de alistarem os seis homens, receberam grande número de bastonadas que marcaram seus corpos de listas, e ali

Os alistadores de soldados para as Índias, vendedores de cristãos.

Razões plausíveis desses vendedores de cristãos para alistatarem soldados para as Índias.

tendo ocasião de maldizer sua tarefa e a hora de um tão infeliz encontro. Os outros ficaram muito gratos àquele que lhes dera o aviso, sem o qual se teriam inconsideradamente exposto a estranhas e seguras misérias.

Um mês depois da partida dessa frota, dois navios do Recife chegaram a Vlissingen com cartas dos Senhores, noticiando que o General Schkoppe tinha sido forçado a abandonar a Ilha de Itaparica e seu forte real, em outubro de 1647, à mercê dos portugueses, a fim de vir socorrer o Recife, que estava sendo arruinado graças a um forte construído bem em frente, à borda do riacho e do rio salgado, na terra firme. Matavam grande quantidade de pessoas nas ruas e em suas casas, transtornando-as e não as deixando ficar em segurança. A sobrinha do defunto Tenente-Almirante Lichthart fora morta por uma bala de canhão quando se encontrava num quarto alto, onde fazia tapeçaria. Algum tempo depois se soube que a frota holandesa tinha chegado felizmente e que a portuguesa, partida de Lisboa, estava a caminho da Baía de Todos os Santos; os holandeses se preparavam para combatê-la e estavam à espreita, esperando-a. Não pude saber, depois, qual o resultado de todos esses sucessos.

Todavia, se é lícito julgar o futuro pelo raciocínio apoiado em conjecturas das coisas do passado em relação às do tempo presente, parece-me não ser possível que os holandeses jamais se possam restabelecer e restaurar no Brasil, como antes. Ainda mesmo que a sua frota derrotasse a portuguesa e se mandasse outro socorro igual ao último, eles não farão jamais senão perder homens e esgotar todos os tesouros sem lucrar coisa alguma, porque, como se observou, o campo que lhes resta desde o Ceará até a cidade de Olinda está inteiramente perdido e sem habitantes; as casas, povoações aldeias ou vilas, e até as árvores frutíferas, foram queimadas e devastadas, sendo-lhes, assim, inúteis e sem proveito. E ainda que fossem senhores das fortalezas do Rio Grande e da Paraíba, as únicas que conservam com o Recife, elas de pouco lhe servem e delas não lhes vem nenhum socorro, pois aqueles que se emancipam e vão reconstruir pequenas cabanas, a fim de cultivar a terra, ou se arriscam algumas vezes a distanciar-se são surpreendidos e mortos quando menos o esperam pelas freqüentes incursões dos portugueses, dos tapuias e dos brasilianos desunidos, que não têm piedade de ninguém.

Os portugueses bloqueiam o Recife de todos os lados da terra, por meio da cidade de Olinda, do Cabo Santo Agostinho, e das fortalezas que construíram nos arredores; são senhores absolutos de todo o campo fértil e abundante e de todas as praças fortes, portos, enseadas e passagens, desde o Recife até a outra extremidade do Brasil, além do Rio de Janeiro. Todo o país que possuem é bem povoado, com numerosos guerreiros, sabem como subsistir e vivem do que a terra produz abundantemente, prescindindo com facilidade dos produtos da Europa, o que é impossível aos holandeses, que não dispõem senão de soldados recrutados de diversas nações, mais comprados que escolhidos, de cuja fidelidade não se pode fiar muito, pouco adaptáveis aos costumes e ao clima diferente do país, não conhecendo os atalhos e emboscadas do terreno.

Os portugueses, ao contrário nasceram aí em sua maioria, e são originários do país desde a quarta geração; são robustos, um mesmo povo, têm os mesmos costumes e compleição e se auxiliam uns aos outros, não deixando de valorizar a terra e aproveitar-se dela; conhecem até os menores recantos e basta-lhes esperar seus adversários nas passagens, para batê-los. Os portugueses deram-se, agora, todos às armas e mandaram construir fortes em todos os lugares e passagens onde julgaram necessário, a fim de impedir que os holandeses encontrem a mesma facilidade de conquistá-los, como no passado.

Os holandeses não dispõem de qualquer brecha para penetrar no terreno ocupado pelos portugueses, nem de qualquer retirada assegurada para poder manter-se ali; deste

modo, não estão em condições de sitiar qualquer praça, não fazem senão despesas, e estão privados de todos os seus direitos e rendimentos. Os brasilianos e tapuias desunidos são mais fortes e em maior número do que os outros que ainda estão do lado dos holandeses, temendo-se que também estes os abandonem. Considerando-se ainda, que os soldados holandeses perecem naturalmente pelas doenças do país, que atacam sua fraqueza congênita, eis aí todos os sérios motivos que proporcionarão a vitória aos portugueses.

Também da parte dos Estados Gerais diremos que estavam irritados e, julgando o direito de seu lado, pensavam que se eles não eram mais fortes na terra eram incomparavelmente mais poderosos no mar que os portugueses, e que, assim, haviam de incomodá-los incessantemente, mantendo-os sempre em alarme. Embora não lhes restem senão três praças. não desanimam e não estão prontos a abandoná-las. Para se falar do Recife, esta é uma das praças fortes do mundo, onde a natureza contribui mais que a arte; e conquanto o comércio esteja extinto, destinam-no a sua cidade de guerra, que reforçarão com numerosas tropas, pois estão resolvidos a enviar recrutas para lá, de tempos em tempos. O porto é tão espaçoso como uma baía e os navios ali estão bem seguros, podendo chegar a qualquer hora e ancorar protegidos pelo castelo de pedra.

Força do Recife.

Os holandeses são tão mais hábeis e corajosos no mar que os portugueses, que tornarão muito perigosas as viagens que estes empreenderem do Brasil para Portugal e de Portugal para o Brasil. Não tendo nada mais a perder, arruinarão o comércio português, e daquilo que lhes tomarem esperam manter suas guarnições e os soldados da marinha. Para que os portugueses não lhes escapem, permitem aquilo que jamais permitiram antes, ou seja, que todos os negociantes e particulares armem às suas custas navios e façam o corso nos mares do Brasil, mediante certos direitos que se reservam sobre as capturas que realizarem. Assim, pelo menos, manterão os portugueses continuamente temerosos ao longo das costas, obrigando-os a estar sempre em guarda.

Se puderem penetrar no país por algum lado, o que indubitavelmente não deixarão de fazer, caso se apresente tal oportunidade, à força ou por estratagemas, irritados pela traição que sofreram, têm ordem expressa de pôr de lado toda a misericórdia, e passar a fio de espada sem qualquer exceção todos os habitantes, seja qual for a sua idade, sexo e condição, de devastar, queimar, danificar e desolar todo o país em geral, em todos os lugares em que puserem os pés, desde o Recife até o Rio de Janeiro e mesmo além dele, tornando-os mais desertos do que eram quando os portugueses os descobriram, a fim de que estes não se possam prevalecer nem tirar vantagem de sua deslealdade. Quanto a um acordo, não parece possível.

Os Estados Gerais dizem que a restituição que se lhes oferece do país, desde o Recife até a Bahia, não basta, porque lhes pertence e é deles; a dificuldade não está senão nos prejuízos que lhes causaram e no pagamento das grandes somas e respectivos juros de que os portugueses são devedores, não só à Companhia, quanto aos outros particulares seus súditos, ao reembolso das despesas feitas pela Companhia e por eles para equipar tantos navios enviados ao Brasil a fim de opor-se à revolta; todos esses sucessos arruinaram inteiramente mais de duas mil famílias opulentas de sua República, sem falar da perda de um grande número de seus súditos e de estrangeiros a seu serviço, que empregariam em outras boas empresas. Todos esses males, devidos à palavra violada, eram irreparáveis. Todo o reino do Rei de Portugal, sustentavam, era responsável, não somente pelas faltas de seus súditos, como pelas dos portugueses da conquista, visto que os havia persuadido, induzido, excitado e favorecido em sua rebelião, contra o tratado de paz. Seu reino não era bastante para reembolsá-los do valor de suas justas perdas. Assim, preferiram vingar-se a entrar num acordo em que acreditavam não poder ser satisfeitos, e além do mais com pessoas cujos

juramentos e promessas jamais lhes merecerão fé.

De fato, eles bem mostram que têm razão de ressentir-se vivamente da traição que a nação portuguesa lhes fez, e querem aproveitar o que lhes resta para justificar-se, pois, não contentes em estorvá-los no Brasil, atacam-nos ainda na Europa, por mar e por terra, e no seu próprio reino. E para melhor abalar todo o seu Estado, os Estados Gerais concluíram paz com o Rei da Espanha, grande inimigo do Rei de Portugal, aliando-se e juntando-se a ele para derrubar os portugueses em todos os lugares onde possa estender-se seu domínio. Além disso, estes mesmos Estados Gerais, nessa querela, atraíram a República e o Parlamento da Inglaterra, que também lhes declarou guerra em todos os lugares, de modo que o Rei de Portugal está a braços com estes três poderosos inimigos, os quais não o deixarão sem ocupação, tendo muito o que fazer para se conservar em guarda nos seus países; assim, não só deixará de enviar navios e frotas ao mar, as quais não poderiam resistir, como terá grande dificuldade em se garantir.

Entretanto, aconteça o que acontecer, no estado a que presentemente a sorte conduziu e levou os negócios de que tratamos, os elevados e grandes objetivos há tanto tempo concebidos pelos Estados Gerais, vaidosos da prodigiosa felicidade de que se viam cumulados nos Países Baixos e nas Índias pelo menos encalharam, se não naufragaram. Eles não teriam convencionado nenhuma paz com o Rei da Espanha se não estivessem perturbados no Brasil e se permanecessem na sua posse pacífica. Sua intenção, depois do ano 1654, era não mais entregar a administração a particulares, mas governá-lo eles próprios, por um membro de sua corporação, tornar o comércio livre para todo o mundo, não exigir senão direitos e tributos módicos, fazer do Recife uma universidade da América, que seria a Academia de todas as ciências e arte, fundada com os impostos para a manutenção dos sábios que aí ensinariam as belas letras, tomando especial cuidado em transmitir conhecimento aos brasilianos e tapuias, cujos filhos fariam estudar desde cedo, a fim de melhor e mais facilmente torná-los morigerados e capazes de instruir os seus nas ciências humanas e nos mistérios do cristianismo, a respeito do qual os brasilianos já tinham alguns princípios.

Louvor aos jesuítas.

Os jesuítas são dignos de louvor por terem organizado uma ortografia que exprima todas as palavras e dicções de sua língua, muito próxima da pronúncia nativa, em letras de nossos caracteres, e foram os primeiros que os ensinaram a ler e a escrever. Os holandeses, depois, também sempre mantiveram pregadores e mestre-escolas para evangelizá-los e ensinar-lhes a religião cristã nessa mesma língua. Mas de todos, quem merece os maiores elogios, por ter conseguido os melhores resultados, foi um jovem ministro inglês que tinha sido criado, como os seus outros colegas, especialmente entre eles, desde a idade de seis até quatorze ou quinze anos, quando foi enviado à Universidade de Leiden, onde estudou algum tempo e se tornou teólogo; voltou ao Brasil e depois de seu retorno a esses povos traduziu-lhes o Velho e o Novo Testamentos, do texto original para a língua brasiliana, com o que eles testemunharam maravilhosa alegria, pois desse modo entendem inteiramente a história santa, desconhecida de todos os seus antepassados e entregam-se com prazer à sua leitura e a ouvi-la.

Demônios acompanham incessantemente os brasilianos.

Os Estados Gerais projetavam também levar pouco a pouco os tapuias ao conhecimento de Deus, pela brandura e pelos mesmos meios de que se serviram em relação aos brasilianos, que diferem deles na linguagem e aos quais ainda não se pôde dar nenhuma impressão da verdadeira religião, devido aos demônios que continuamente os acompanham nas matas e lugares solitários, fazendo-se temer e adorar por este pobre povo. Comunicam-se com eles todas e quantas vezes os seus feiticeiros e adivinhos os invocam para consultá-los no tocante ao passado, ao futuro e àquilo que julgam ter necessidade de saber.

Os Estados queriam, ainda, para mais facilmente dispor de livros, estabelecer uma impressora para servir a uns e a outros; além disso mandariam ensinar aos jovens de uma e outra nação desses selvagens as nossas artes mecânicas, a trabalhar, cultivar a terra e ganhar sua vida, como pessoas livres. Queriam distribuir o país em porções que seriam atribuídas a cada um, como Remo e Rômulo fizeram em Roma. Mandariam buscar do Oriente as árvores da noz moscada, do cravo da Índia, da canela, da pimenta e outras especiarias, para plantá-las ali e fazê-las crescer. Fariam buscas cuidadosas das minas de ouro e de prata que existem nos desertos e regiões estéreis do Brasil, que ainda não se teve oportunidade de descobrir para explorar, uniriam e associariam sob sua autoridade o comércio das suas Índias do Oriente com os do Ocidente, com o que a Companhia dessas mesmas Índias, cujos Senhores têm sede e residência na Batávia, jamais quiseram concordar. Torná-las-iam conexas e dependentes uma da outra e estabeleceriam para este efeito um Conselho soberano em Haia, o qual teria a direção e governo dessas duas belas conquistas. Fariam do Recife, pela vantagem de sua situação, um depósito geral, onde desceria tudo que viesse da Europa, a fim de ser distribuído pelas praças da África que lhes pertencessem e nos países do Oriente, ao mesmo tempo que receberia tudo que lhes fosse enviado de rico e curioso desses lugares distantes, a fim de mandá-lo para a Holanda.

Conquanto essas coisas não parecessem dizer respeito senão ao esplendor do Brasil, pretendiam eles tornar considerável e melhor dilatar a opulência em todos os lugares sob seu domínio por este comércio público dos diversos produtos que a terra lhes proporcionava, de um modo ou de outro.

Não obstante, isso era apenas a sombra de seus grandes objetivos, que visavam a um vôo e arrojo mais alto, pois sob o pretexto desse famoso tráfico, que lhes serviria de capa, ninguém levantaria dúvidas sobre a quantidade de navios e homens que lançariam ao mar quando quisessem, fazendo crer que os dispersariam por Santo Eustáquio, Ilha da Terra Nova, que possuem pelo Brasil, por Angola e pelos seus países do Oriente. Tinham-se proposto reunir uma grande e poderosa frota no Recife, praça que consideravam, e de fato era, a mais segura e favorável à sua empresa, que mantinham e manteriam bem secreta, e lançariam de improviso, sem que ninguém descobrisse nada; em certo dia premeditado, como se estivessem indo uns para lá e outros para cá rumariam para o Norte, para o Maranhão, aí desembarcariam e iriam subjugar Cartagena e o Reino da Terra-Firme do Rei da Espanha, onde estão todas as minas de prata que lhe fornecem tantos tesouros. Todos os anos teriam o cuidado de enviar navios com aparência diferente dos holandeses, a fim de se tornarem menos suspeitos, poderem rondar os mares e as costas daquele país e auscultar a opinião do povo; sempre relataram que havia diversas entradas fáceis de abordar e muito poucos fortes.

Os espanhóis, mergulhados nas delícias e prazeres do mundo, pensavam que jamais seriam atacados, não estavam preparados para a guerra e não cuidavam de ficar vigilantes, sendo assim fácil surpreender esse povo e tornar-se dono do país com menos dificuldade do que se tivera no Brasil.

Os Estados Gerais também tinham entrado em combinação, desde longo tempo, com o Rei do Chile, situado a mil léguas ao sul do Recife, além do estreito do Rio da Prata, um dos confins do Brasil. Mandavam-no visitar uma ou duas vezes por ano, forneciam-lhes freqüentemente armas para expulsar os espanhóis que estavam de posse de uma parte do país e tinham feito nascer uma guerra entre eles, com o fim de melhor ocupar os espanhóis desse lado. O Chile é um reino temperado, de terreno fértil e abundante como a França. Este rei não queria outra coisa senão ver-se obedecido; quanto aos holandeses, ali faziam um bom amigo e desejavam enviar-lhe algumas tropas, a fim de obrigar o Rei da

Espanha a preocupar-se e mandar também algumas forças durante o período em que eles estivessem agindo em Cartagena.

Deste modo, os Estados Gerais tinham planejado fazer do Brasil uma república muito rica, bela e poderosa, sem as lutas que ali se verificam presentemente. Pretendiam tornar-se o povo mais florescente e estimável do mundo com as grandes conquistas das ilhas e territórios que têm na Europa, África, América, Oriente, Ocidente, Setentrião, aquém e além da Linha, num e noutro hemisférios, o que esperavam conseguir sem grande trabalho, por meio de suas forças e das alianças que realizariam em todas as partes da terra per-

Alianças feitas pelos holandeses.

fazendo mais de três mil léguas de caminho, desde a Holanda até a China, com o Rei de Marrocos, de Fez, do Congo, a Rainha de Angola, os persas e etíopes, os Reis de Java, da China, do Japão e o Rei do Chile, sem falar daquelas que têm na Europa, com quase todos os príncipes cristãos e repúblicas da cristandade e mesmo com o grão Senhor. Fariam das suas Províncias unidas, em virtude dos belos negócios que os seus súditos realizavam em todo o Sententrião até a Moscóvia e no Mar Mediterrâneo, um empório geral e incomparável de todas as coisas raras, preciosas, úteis e necessárias que se encontram em todos os cantos e partes do universo, com as inumeráveis variedades que pode produzir a terra.

Mas neste momento em que eles recuaram tanto em relação a estes altos projetos e estão próximos da falência percebem aquilo de que gozavam no Brasil, agora desolado, e os funestos clarões da guerra, ateados não só nesse lugar, de que faziam tanta questão, como também nas Índias, Oriente e África, onde os mesmos partidos procuram destruir-se. Para melhor se vingar do Rei de Portugal, entraram em acordo e concluíram uma paz com o próprio Rei da Espanha, sendo um dos seus motivos mais poderosos tratar de despojar aquele soberano de seu mais claro e belo rendimento. E ligaram-se mais estreitamente com os ingleses do que antes, e pelo mesmo motivo, devido à desgraça e à desordem sobrevindas no Brasil.

Finalmente, e para conclusão deste relatório sem aprovar a traição do Rei de Portugal em relação aos holandeses e todas as outras que foram, são e serão praticadas por quaisquer povos ou nações, diremos, com os judiciosos políticos, que os Estados Gerais devem ser culpados por terem faltado às boas máximas que deviam observar para manter-se e conservar-se perpetuamente no Brasil. Deviam ter tido muito cuidado nisso, pois que lhes era tão importante. Assim, deviam ter ali sempre mantido um Conselho composto dos homens mais excelentes, de seu país, como aqueles que enviaram depois da desgraça, os quais teriam sabido manter boa ordem e polícia perfeita, estando munidos e prevenidos contra as perfídias dos portugueses, e não admitindo que os negócios importantes fossem

Razões pelas quais os holandeses perderam o Brasil.

confiados a pessoas de baixa profissão, que preferiam seu interesse particular ao público, os quais, por fim, pensando ter tudo ganho, tinham perdido tudo.

Culpados foram também de não ter feito povoar o país à medida que o iam conquistando, pelos seus próprios súditos naturais; para esse fim, deveriam ter reunido um número suficiente de pobres e necessitados, enviando-os para ali, para onde desterrariam igualmente os proscritos e os homens de má catadura, repartindo com uns e outros as terras férteis, entre determinados casais. Deviam ter ali misturado os seus com os portugueses, assim como acertadamente fizeram os Reis de Portugal para povoá-lo, de modo que são os netos dos primeiros habitantes que ocupam o país e estão tão bem naturalizados e acostumados a prover-se somente com os frutos que a terra lhes dá, o que os holandeses não podem fazer, que raramente comem pão da Europa, apesar de fazerem deles tanta questão que o cobrem de açúcar, quando o encontram. Além disso, cabe-lhes a culpa de ter admi-

tido que os portugueses exercessem cargos e ofícios de judicatura, possuíssem as maiores fazendas e tomassem conhecimento de todos os negócios públicos e particulares do Estado. Finalmente, são passíveis de censura por terem despedido quase todos os seus soldados, não retendo senão uma parte mínima, negligenciado muito sua conservação e confiado demais num povo que lhes prestava obediência à força.

Olvidemos, entretanto, estas considerações e digamos qual a verdadeira causa e origem de tantas e deploráveis calamidades a que se vê reduzido e exposto este país do Brasil, onde tantos homens infelizmente perecem, e se matam, e se torna glorioso quem comete mais desumanidade, sendo o país, apesar de tudo bom, fértil e abundante e onde poderiam viver felizes e contentes sem se incomodar seis vezes mais habitantes, se tivessem sabido se manter em paz e amizade.

Atribuímos, dizíamos, esta prodigiosa desolação e esta transformação tão lamentável a uma justa punição e castigo do céu, pelo desprezo que estes dois povos lhe demonstraram, violando a justiça e a piedade, banidas de seu convívio, sem se incomodar de regrar por tais sentimentos sua conduta, nem considerar que não se poderiam manter sem apoiar -se sobre estas duas colunas, tão necessárias ao florescimento e prosperidade do Estado e das famílias que o formam, que, sem elas, as mais firmes monarquias, reinos, principados e repúblicas entram em decadência.

UFSM
Biblioteca Central

RELAÇÃO

DA

VIAGEM

DE

ROULOX BARO

INTÉRPRETE E EMBAIXADOR

Ordinário da Companhia das Índias Ocidentais, da parte dos Ilustríssimos Senhores das Províncias Unidas, ao país dos tapuias, na terra firme do Brasil.

Começada no dia três de abril de 1647 e terminada no dia quatorze de julho do mesmo ano.

Traduzida do holandês para o francês por P I E R R E M O R E A U, de Paray em Charolois

U F S M
Biblioteca Central

1 Intérprete e embaixador ordinário da Companhia das Índias Ocidentais, da parte dos Ilustríssimos Senhores das Províncias Unidas, ao país dos tapuias, na terra firme do Brasil.

2 Começada a três de abril de 1647 e terminada a 14 de julho do mesmo ano.

No dia 3 abril de 1647 recebi dos nobres e poderosos Senhores Presidente e Conselheiros que representam o alto e soberano governo do Brasil, em nome dos altíssimos e poderosíssimos Estados Gerais das Províncias Unidas dos Países Baixos, Sua Alteza o Príncipe de Orange e a nobre Companhia das Índias Orientais, ordem de dirigir-me ao país dos
3 tapuias, vizinhos do governo do Rio Grande, a fim de com eles tratar, seguindo as instruções contidas na minha comissão.

Preparei-me imediatamente para partir e tomei para acompanhar-me João Straffi, brasiliano, três tapuias e quatro cães, para termos em caminho com que caçar e obter alimento.

Saímos no dia seguinte do lugar denominado *Incareningi,* situado na mencionada
4 província do Rio Grande, onde eu morava, e passamos em frente à casa do Tenente-Coronel Garstman, que fica próxima ao Rio Camaragibe, e como não pudéssemos vadeá-lo nem atravessá-lo a nado, por ser muito largo, tomamos o caminho da Campina, à direita, onde dormimos.

No dia seguinte, 5 de abril do dito ano de 1647, fomos obrigados a voltar e dormir
5 em minha casa, impedidos de prosseguir devido ao transbordamento das águas.

No dia 6 mandei alguém verificar se poderíamos passar pelas minhas roças para nos
6 dirigirmos à aldeia dos brasilianos e fui informado de que seria possível fazê-lo a nado.

No dia 7 fomos à dita aldeia, mas ninguém quis atravessar o rio conosco, pois a água estava tão alta que inundava todo o campo, que de si já era deserto, possuindo poucos arbustos e árvores, sendo chamado comumente por uma palavra espanhola de *Campinos.*

7 No dia 8 e 9 dirigimos-nos para o Rio Potengi e,
8 deitamo-nos num sítio pantanoso de onde as chuvas nos expulsaram.

Na manhã do dia 10, tendo as águas baixado, pegamos nas poças onde os peixes ti-
9 nham ficado retidos, alguns peixinhos que os selvagens chamam de paramiri, acaramiri e tamoatas. Pela tarde, tendo os nossos cães encontrado um bando de animais selvagens,
10 pegamos um e, não podendo avançar, por ser o rio Potengi muito largo, voltamos ao Rio Grande, onde estava minha casa.

Daí partimos no dia 16 do dito mês de abril, tendo as águas baixado, para ir dormir na Campina.

No dia seguinte chegamos à margem do Camaragibe, que parecia um mar e tinha tal
11 correnteza que era impossível atravessá-lo, o que nos obrigou a arrepiar caminho e a voltar, ainda uma vez, à minha casa, onde nos regalamos com dois veados que havíamos apanhado naquele dia.

No dia 21, além dos homens que tinha comigo, tomei dois na aldeia dos brasilianos, para nos conduzirem ao outro lado do rio, onde chegamos aproximadamente ao meio-dia. Vieram ao nosso encontro dez tapuias que tinham atravessado o Rio Potengi a nado e en-
12 tre eles estava Muroti, filho do velho Janduí, seu rei. Comunicou-me que seu pai

mandara dizer-me para vir encontrá-lo logo, pois o inimigo lhe pedira sua colaboração. Retruquei-lhe que havia três semanas deixara minha casa para defrontar o rei seu pai e fora impedido pela enchente. Respondeu-me que me ensinaria um lugar pelo qual facilmente eu poderia passar com os meus.

No dia seguinte entreguei ao referido Muroti os presentes que Suas Senhorias, os nobres e poderosos Senhores, representantes dos Estados Gerais, enviavam ao Rei Janduí, seu pai, rogando-lhe que os fizesse levar pelos seus acompanhantes.

No dia 23, tendo passado o castelo do Senhor de Keulen e o Rio Potengi, enviei à minha frente dois brasilianos, a fim de reconhecerem os trechos indicados e avisar Janduí ou sua gente da minha chegada. Entretanto, de passagem, no dia 24 do dito mês fomos
13 cortêsmente recebidos na casa de Schouten, recebedor dos direitos da Companhia das Índias Ocidentais, que nos ofereceu aguardente e depois nos mandou conduzir além de Pitimboa, onde pegamos um porco do mato, que fomos comer na Campina, onde pernoitamos.

Ao amanhecer, embora os nossos cães tivessem sido feridos pelos porcos, não deixamos de pegar um veado, que foi moqueado pouco depois, às margens do Rio *Pirausie*, onde chegamos muito tarde.

No dia seguinte atravessamos a nado o Rio Monpabu, cujo curso é extremamente violento. Tendo feito fogo na outra margem, a fim de secar nossas roupas, os homens de Muroti pediram-me permissão para ir caçar e pegar alguns animais no curral de André
14 Claesen, o que lhes recusei, dizendo-lhes que havia suficiente nos bosques e campos sem entrar nos parques dos particulares; e ameacei de mandar amarrar a uma árvore o primeiro que o tentasse. Eles me redarguiram que logo que me deixassem iriam matar tudo que pudessem pegar no mencionado curral. Disse-lhes que se eles o fizessem eu saberia como tratá-los. — "E que nos farás? perguntaram." — "Compete a ti ou aos holandeses agir
15 contra nós? Pois mesmo que tivéssemos cometido toda sorte de maldades, como recentemente fizeram os do Ceará, viríeis sempre procurar-nos tendo em vista a paz".

Respondi-lhes que de tal modo castigaria os do Ceará pela sua traição, que isso lhes serviria a eles próprios de exemplo e que, se eu me havia fiado neles, no passado, doravante deles desconfiaria. Então, para mostrar que pouco ligavam ao que eu lhes afirmava, entraram no dito curral e apossaram-se de duas vacas, que queriam matar. Dirigindo-me a Muroti, avisei-o de que me queixaria a seu pai, que não o mandara ao meu encontro para comportar-se mal. Jurei que qualquer deles que descesse, daí em diante, ao Rio Grande sem a senha que eu próprio daria a Janduí, seria preso no forte e que eu o castigaria à
16 minha discrição Muroti nada retrucou e, tendo anoitecido, fomos repousar.

No dia 27, tomamos o caminho chamado de Garstman, lugar para onde se haviam
17 retirado recentemente os nossos inimigos, repelidos pelos habitantes da aldeia dos selvagens nossos amigos, situada em nossa Capitania, onde o Ministro Stetten foi ferido ao voltar de uma mina de ouro, que ficava do lado do poente do nosso Castelo do Rio Grande e atingimos o lugar em que Janduí tinha acampado com sua gente, quando o povo de Cunhaú foi massacrado pelos habitantes seus vizinhos junto com os portugueses. O maior cuidado que tiveram Muroti e seus acompanhantes foi o de reunir os ossos dos que haviam sido mortos neste combate de Cunhaú e de guardá-los cuidadosamente para a ocasião que mencionaremos mais adiante.

18 Empregamos o dia seguinte na procura do caminho de Corra da Mina* guiados pela

---

* O Major Mário Barreto traduziu como "Barranco da Mina". Ob. Cit. 125. (L. B. R.)

bússola, rumo sul, e pegamos dois veados, oito grandes porcos do mato e três pequenos, e ainda mais cinco; depois de ter dado comida aos meus cães, os tapuias puseram-se em ação,
19 preparando, limpando, cortando em pedaços e moqueando as carnes de um lado e os intestinos de outro. Não esperavam que as carnes acabassem de assar; comiam-nas ainda sangrentas e saciavam-se avidamente até não poderem mais. Deste modo passaram a noite.

Continuaram o festim no dia seguinte; os mais galhardos foram procurar mel silves-
20 tre e frutas, dos quais compõem uma bebida que é chamada de uva*; aqueles que a bebiam logo vomitavam e recomeçavam a comer como antes; os outros dormiam um sono longo e profundo.

No dia 30, visitamos a aldeia de Vvarremei, orientada do poente para o norte, em
21 direção a uma alta serra, onde passamos a noite, em meio de grandes bosques, debaixo da chuva.

Primeiro de maio

Tendo atravessado diversas moitas de espinheiros e rochedos pontudos, caminhando ora para o Setentrião ora para o Ocidente, encontramo-nos à margem do Rio Monpabu, que atravessamos a nado; tinha mais de uma légua de largura e na outra margem uma pequena ilha, onde descansamos até o dia seguinte, segundo do dito mês. Isso nos fez sofrer muito, porque caímos em matas cheias de espinhos e foi preciso abri-las a golpes de machado e com as mãos para podermos passar. Finalmente, chegamos ao cume de uma serra, de onde descobrimos a das Minas. Aí esgotamos duas grandes árvores cheias de mel
22 silvestre e, tendo caçado, ceamos, sobre um pequeno outeiro, uma grande serpente
23 chamada cascavel, um tenro pássaro chamado avestruz**e dois tatus, que matamos
24 graças aos meus cães e às flechas dos tapuias que me acompanhavam junto com Mu-
25 roti, sem que tivéssemos coisa alguma para beber.

A 3, seguindo do Ocidente para o Norte, atravessamos campos pedregosos e espinhentos até a nascente do dito Rio Monpabu, onde acampamos. Entrementes, um dos nossos tapuias avançou até a serra vizinha, a fim de lá procurar um companheiro seu que ali vinha freqüentemente.

Partimos na madrugada seguinte e caminhamos rumo ao sul entre rochedos, onde
26 pegamos ratos chamados yperie, que assamos e comemos com mel silvestre.

No dia 5 do corrente, tendo encontrado e seguido a pista de um homem, voltamos à mencionada nascente do Monpabu, seguindo daí até a de um pequeno rio sem nome, onde nossa ceia foi um pouco de mel silvestre.

Os dias 6 e 7 decorreram cansativos e com pouca caça, e então avistamos a serra que precisávamos alcançar para encontrar os brasilianos; pouco depois chegamos a uma aldeia, Terapissima cujo chefe era João Vvioauin, o qual nos recebeu amavelmente e nos
27 deu para comer milho*; daquele que em França é chamado trigo da Turquia, ervilhas
28 e favas, e deu-nos a beber mel silvestre. Encontramos com ele os tapuias, cuja pista havíamos seguido desde as cabeceiras do Rio Monpabu.

---

* O Major Mário Barreto traduziu como "cambica". Ob. cit., 125. (L. B. R.)

** No texto struo. Vide nota 23 do Senhor Morisot, em seguida ao texto de Baro.

* No texto "mays"; "maïs" é sinônimo de milho ou farinha de milho. Vide adiante nota 27 do Senhor Morisot. (L. B. R.)

No dia 8, Vvioauin veio procurar-me e, tendo-lhe eu perguntado que fazia ele nestas matas, tão distante de nós e de seus compatriotas, respondeu-me que era por causa da guerra, mantendo-se em paz com seus vizinhos, os tapuias, e dando-lhes de boa vontade o que tinha, quando estes o vinham visitar. Que, entretanto, os inimigos tinham estado duas vezes em sua casa, a fim de procurar atraí-lo para o seu partido. Tinham feito o mesmo com Janduí há um mês e ele não sabia o que haviam resolvido juntos, nada mais conhecendo a respeito senão o que tinha ouvido dizer pelos tapuias que moravam a uma distância dele de apenas dois dias de marcha.

Pedi-lhe que me dissesse onde estava esse bom velho Janduí. Respondeu-me que estava na mata com a sua gente, fazendo para viver, e que não há muito viera à sua aldeia, a
29 fim de visitar suas roças, e voltaria quando as mesmas estivessem maduras. Que, sem dar-me grande trabalho, eu mandasse procurar e imediatamente viria encontrar-me, pois sabia bem que ele me estimava, tendo-o ouvido muitas vezes falar sôbre mim.

De manhã cedinho, ordenei que fossem procurar o ancião e, cerca de meio-dia, um dos que eu enviara, chamado Mandubi, chegou de volta e disse-me que trazia em sua companhia um grande bando de brasilianos, que iriam habitar perto da Aldeia de Vvioauin, caso eu lhes quisesse dar um salvo-conduto. Perguntei-lhes como sabiam da minha chegada e porque me pediam salvo-conduto; se tinham feito mal a alguém, uma vez que queriam mudar de residência. Responderam que sabiam muito bem da minha chegada, que os oficiais dos brasilianos residentes mais abaixo os ameaçavam constantemente de expulsão, e, por isso, tinham resolvido procurar outra morada, ligando-se aos tapuias, a fim de facilmente conseguir víveres nas matas para eles próprios, suas mulheres e crianças. Sofriam muito no lugar que queriam deixar e, estando no mato, poderiam resistir a seus inimigos e servir a seus amigos. Desejavam construir uma grande aldeia e manter-se em paz pelo seu número, sem nada temer, sustentando o esforço da guerra, se isso fosse necessário.

Propus a todos esses brasilianos que, se prometessem nada tentar contra os holandeses e seus aliados, mas, ao contrário, seguir o seu partido e interesses perante e contra todos, serem amigos de seus amigos e inimigos de seus inimigos, bem como avisar-me de tudo quanto se tramasse contra eles no Rio Grande, onde eu morava, eu os receberia sob a minha proteção e salvaguarda. Assim me juraram, prometendo-me conduzir incontinenti à minha presença todos os de seu grupo, a fim de fazerem o mesmo, desde que eu lhes desse o salvo-conduto que pediam, esperando a aprovação dos Nobres Poderosos e o consentimento dos senhores da Companhia das Índias Ocidentais.

O sol apenas se levantara quando o principal da aldeia, João Vvioauin, despachou seus homens para a caça e à procura do mel silvestre; alimentamo-nos daquilo que trouxeram.

No dia 11, cerca de dez horas da manhã, os brasilianos do vale chegaram à aldeia onde estávamos, e seus habitantes os receberam com altos gritos de contentamento e demonstrações de alegria.

Isto feito, pediram-me todos um salvo-conduto, a fim de que nenhum oficial brasiliano pudesse obrigá-los a partir de suas residências, desejando estabelecer-se no lugar onde estavam, caso não fossem molestados pelos oficiais brasilianos, cujo domínio não podiam aturar; que, de outro modo, iriam para tão longe que ninguém os poderia encontrar, pois preferiam obedecer aos estrangeiros que aos de sua nação. Informei-lhes que, mesmo que eu lhes desse um salvo-conduto de meu próprio punho, isto de pouco lhes serviria sem
30 a aprovação dos Nobres Poderosos meus Senhores, aos quais eu falaria ao chegar ao Recife, e lhes remeteria o que me pediam logo que o recebesse. Pediram-me que lhes desse mesmo assim o salvo-conduto solicitado provisoriamente, enquanto esperavam a confir-

mação dos Senhores, porque no sertão havia tapuias e brasilianos que recrutavam todos
31 aqueles que encontravam, o que causava grande temor entre eles; de posse do salvo-conduto, nada mais temeriam, e diriam a todos os que viessem procurá-los que nenhum poder tinham mais sobre eles, visto que pertenciam à minha nação e não à deles; prometiam-me permanecer-nos fiéis e descobrir as traições tramadas contra nós, mediante remuneração. Todos assim o juraram e também os seus chefes, que eram quase em número de vinte e seis. Feito isto, dei-lhes o salvo-conduto, cujo teor era este: Que ninguém se atrevesse a tirar brasilianos destes lugares, nem ultrajá-los por meio de palavras ou de outra qualquer forma. Eles estavam autorizados a construir ali uma nova aldeia, fazer plantações e residir tanto e tão longamente quanto perseverassem em sua fidelidade, obrigando-se a notificar, incessantemente, por mensageiro especial, aos nossos que estivessem no Rio Grande, os atentados e traições que se praticassem contra os nossos. Feito provisoriamente e dependente da aprovação dos Nobres Poderosos, a 11 de maio de 1647.

Isto feito, escrevi os nomes de todos, como se houvesse alistado, pelo que ficaram muito satisfeitos e contentes.

No dia 12, dois brasilianos e uma mulher apresentaram-se na aldeia, queixando-se de que eu viera para enganá-los e levá-los para fora do sertão, segundo lhes haviam assegurado os de Potengi. Tive bastante trabalho para desfazer este boato, perguntando-lhes de onde tinham tido notícia desta mentira. Responderam-me que fora de um certo Luís Caravata, português, e de um chamado Vitapitanga, tapuia, que era de seu partido. Comuniquei-lhes que se os capturasse, ensinar-lhes-ia a falar a verdade e a não mais fazer correr boatos maldosos contra a minha pessoa; entretanto, que eles se preparassem para partir no dia sequinte, à procura do bom velho Janduí.

Cerca de nove horas da manhã seguinte, encontramo-nos ao pé de uma serra, próximo do Rio Potengi, em um belo sítio arenoso onde, outrora, o nosso exército vencera quarenta e oito chefes portugueses, com os brasilianos seus aliados. Alguns de nossos homens repousaram, enquanto os outros foram à cata de víveres, trazendo-nos farinha de
32 suaçú, mel silvestre e ratos.

No dia 14, alguns tapuias disseram-me que tinham esquecido, na aldeia de onde partíramos no dia anterior, parte dos presentes que eu destinara a Janduí e madeiras de diversas cores, pelo que retornaram, e de tarde vieram encontrar-me com dois brasilianos carre-
33 gados de milho, que traziam em meu nome, como se eu lhes tivesse dado semelhante ordem. Perguntei aos tapuias que tinham trazido estes brasilianos quem os havia encarregado de ir buscar milho em meu nome, e eles me disseram querer concluir o luto de um de seus parentes que havia morrido e precisavam de milho para misturá-lo com a farinha e os ossos do morto pulverizados, a fim de comê-los. Zanguei-me com eles por me terem feito crer que haviam esquecido os presentes que eu lhes entregara para Janduí. Responderam-me ter agido assim porque temiam ser despedidos, caso me tivessem declarado sua intenção, e que os brasilianos não quereriam dar-lhes o milho senão em meu nome. — "Visto que vós vos servistes falsamente do meu nome, retruquei-lhes, quero que estes dois brasilianos que o trouxeram o levem de volta; eu não vim para tirar-lhes seus bens, mas para conservá-los e defendê-los, uma vez que eles são tão meus amigos quanto vós."

Os dois brasilianos não quiseram ou não ousaram retomar o milho e, dizendo que lhes bastava saber que os tapuias os haviam enganado, e disso ficavam advertidos, voltaram à sua aldeia. Enquanto isso, aqueles que tinham ido à caça durante o período de repouso tomaram milho e ratos e imediatamente se puseram, com os seus companheiros, a pilar os ossos do morto, que misturaram com a farinha deste milho e, depois de misturado, comeram tudo.

No dia 15, depois de ter atravessado o rio, tomei três homens comigo, deixando o resto do bando na caça de ratos e, não querendo esperar os outros que marchavam muito lentamente, continuei o caminho. Orientei o meu rumo para o norte, e assim prossegui até o dia 18, quando enviei um de meus homens até aqueles que eu tinha deixado atrás de nós. Nesse dia perdi dois de meus cães, que foram mortos pelos javalis.

A 19 cheguei à Serra Montagina, habitada até há pouco por brasilianos, mas na aldeia encontravam-se apenas um ancião e duas velhas, que me disseram não estar ali seu chefe ou principal, dito Diego; mandei procurá-lo por um rapazinho que o conduziu até mim, à tardinha. Disse-me que Janduí lhe dera este lugar para nele habitar com os seus, mas o mesmo não era seguro contra os seus inimigos, motivo por que era obrigado, ao primeiro ruído de guerra, a abandoná-lo e fugir para o mato. Ponderei-lhe que eles eram uns sem-vergonha por nos abandonarem assim e à sua própria nação. Respondeu-me que não eram sem-vergonha, mas que, não tendo recorrido aos seus inimigos, aos quais não podiam resistir, era prudente fugir; oprimidos pela fome em sua aldeia, tinham sido obrigados a procurar seus amigos para obter víveres, quando deles careceram. Sem isso, sentir-se-iam felizes vivendo em paz, pois, devido à sua pobreza, só raramente eram atacados por seus inimigos, e dispunham de todas as matas ao redor para uma retirada segura. Janduí deixara-lhes a liberdade de cultivar estas terras, e eles ali tinham plantado raízes e semeado ervilhas e favas, além daquilo que encontravam nas florestas. Não eram ingratos para com Janduí, a quem davam, liberalmente, uma parte daquilo que haviam plantado e semeado; à hora que ele falava, seus homens estavam nas roças semeando milho; não tinham ainda *maviras** ou varas de raízes de fazer farinha, mas Janduí lhes prometera dá-las quando, com
34 o bom tempo, descessem ao vale. Afirmei-lhes que, quando viessem do lado do Rio Grande, eu os receberia cortêsmente e pedi-lhes que tomassem cuidado em não ofender ninguém.

No dia 22, dois tapuias vieram dizer-me que Janduí se dispunha a marchar contra o
35 inimigo. Resolvi, imediatamente, juntar-me a ele. Diego pediu-me para esperá-lo até
36 que reunisse os seus homens. Pela tarde chegaram três filhos do velho Arara, que me presentearam com mel silvestre.

Tendo Diego me indicado com o dedo o lugar onde acreditava que eu poderia encontrar Janduí, partindo do sul para o norte, escolhemos ao acaso nosso caminho, o qual estava coberto de grandes formigas chamadas capiaira, que íamos comendo enquanto ca-
37 minhávamos, com um pouco de milho, até que topamos com um rio chamado Turracoa, que corre da Serra Vvarhauaa, descendo ao mar pelo lado do sul.

Chegando o dia 22 de maio, marchamos entre o sul e o poente através de pântanos, matos, rochas e espinheiros, sem encontrar qualquer trilha, até o Rio Itaquerra. Aí encon-
38 trei quatro homens a cavalo, que Janduí despachara ao meu encontro, e imediatamente, fiz voltar um deles a fim de avisá-lo da minha vinda. Atingimos o quartel-general de Janduí cerca das três horas da tarde, extremamente molhados. Disseram-me que ele tinha partido dez dias antes, deixando apenas as mulheres e crianças, com a ordem de dar-me de comer, caso eu chegasse, e de dizer-me que eu aí o esperasse até a sua volta.

Comi do que me deram; os meninos empregaram o dia seguinte e os subseqüentes a procurar mel selvagem para mim, e as mulheres, raízes de mandioca para fazer-me farinha.

No dia 26, cerca de meio-dia, o bom ancião Janduí chegou com todos os seus homens; abraçaram-se gritando, chorando, saltando, pelo espaço de mais de duas horas. Isto

---

* O Major Mário Barreto traduziu como "macaxeiras". Ob. cit., 129. Ver adiante, a nota 34 do Senhor Morisot. (L. B. R.)

UFSM
Biblioteca Central

terminado, apresentei-me a ele e, depois de saudá-lo, disse-lhe que estava contentíssimo pelo seu feliz retorno. Agradeceu-me, dizendo que eu era bem-vindo e perguntou-me se havia alguma novidade entre nós outros, os holandeses, que tivesse motivado a minha viagem. Respondi-lhe que, graças a Deus, não sofríamos qualquer falta; tínhamos recebido socorro e hortaliças da Holanda, e depois disso nossa força volante se apoderara do Rio
39 São Francisco e a nossa armada conquistara aos portugueses a Ilha de Itaparica e
40 três léguas de terra na Baía de Todos os Santos. Retrucou-me que tinha ouvido justamente o contrário da gente de Camarão, que lhe assegurara que nós estávamos em tal estado de penúria que dentro em breve seríamos forçados a nos render. Perguntei-lhe onde estavam esses mentirosos; replicou-me que ignorava, embora logo que fora informado tivesse ele próprio corrido atrás deles, para picá-los em pedaços. Depois fez trazer machados, machadinhas, foices e outros objetos, e acrescentou: – "Eis aqui os presentes que me enviaram há pouco, convidando-me para seguir o seu partido contra vós outros, holandeses, prometendo-me mandar muitos outros, caso eu quisesse ser dos seus. Veja estes machados, estas machadinhas, estas foices, estes facões e outros instrumentos de ferro; a menor peça vale mais que tudo aquilo que os vossos Senhores holandeses jamais me enviaram".

Não soube que responder-lhe, sendo obrigado a perguntar-lhe se somente por causa destes belos presentes que os portugueses lhe haviam dado, queria ele romper conosco, contra sua promessa. – "Tu bem saberias responder-me, que se eu tivesse podido alcançá-los, não sobraria ninguém. E foi por isso que te enviei o meu filho Muroti, que deve ter-te dito que eu os persegui até o Rio Paraíba e obriguei-os a atravessá-lo a nado."

Então eu lhe dei a carta que os Senhores Nobres poderosos lhe dirigiam, dizendo-lhe que os presentes que estes lhe haviam remetido estavam nas mãos de seu filho e de seus homens, aos quais eu os entregara. Respondeu-me que eles lhe seriam agradáveis e os examinaria no dia seguinte. Fora e era ainda amigo dos holandeses, os quais jamais tinham dado motivo de queixa de sua fidelidade. Disse-lhe que estes não duvidavam absolutamente disso, e que quando ele tivesse necessidade de socorro o encontraria prontamente. – "Sempre assim me prometeram, replicou, e verei no momento da necessidade; há vinte e cinco anos que só guerreio a favor deles e seria muito fácil para mim chegar a um acordo com os meus vizinhos e reunir aqueles que se revoltaram contra mim. Eles me odeiam porque eu não os segui e porque não fiz nas minhas terras como eles fizeram no Ceará, onde degolaram os vossos homens".

Estava cansado e quis ir logo deitar-se, tendo-lhe eu exortado ainda a perseverar em sua fidelidade, da qual, assegurei-lhe, seria largamente recompensado.

No dia 27, Janduí mandou perguntar-me se eu queria fazer-lhe companhia; juntei-me a ele, e as mulheres se encarregaram daquilo que eu lhe ofertara. Quando estávamos a uma légua além do Rio Itaquerra, levantaram-lhe um caramanchel de galhos com as suas
41 folhas, onde repousou muito pouco, tendo-me feito chamar incontinenti, para mostrar-lhe os presentes que eu lhe trouxera. Depois de vê-los, sacudiu a cabeça e disse-me: "Não valia a pena trazer-me tais coisas de tão longe. Os portugueses têm razão de dizer que o ferro dos holandeses não vale nada e menos ainda seus espelhos e pentes; nunca vi coisas tão desprezíveis. Eu estava acostumado a receber antigamente de vossa gente belas trombetas, grandes alabardas, belos espelhos, lindos copos e belas taças bem trabalhadas, que guardo em minha taba para mostrá-los aos outros tapuias que me vêm visitar, dizendo-lhes: um certo senhor holandês me enviou isto, outro aquilo. Conservo ainda o que Schko-
42 ppe, Arciszewski, Sua Excelência e vossos generais me mandaram; nada sofreu alteração com o tempo e o uso, com exceção de algumas trombetas que se quebraram, das
43 quais mandei que se fizessem flautas."

Repliquei-lhe que aquilo com que eu lhe presenteava tinha vindo recentemente da Holanda e que nós nada possuímos de melhor; que era preciso que ele não se deixasse levar pelo que lhe diziam os portugueses, porque não eram nossos amigos.

– "Não, não, disse ele, eu bem vejo que os machados que me deram são mais bonitos e de melhor têmpera do que os vossos; não faço caso, porém, dos presentes deles, porque sei muito bem que são uns impostores". Não deixava de aceitar o que os Nobres Poderosos meus senhores lhe enviavam, na esperança de que, no futuro, lhe seriam enviados objetos mais belos e melhores.

Depois, tendo ordenado a seus homens que guardassem o que eu lhe oferecera, levou-me alegremente para jantar com ele. Terminada a refeição, mandou reunir os rapazes, que lutaram uns com os outros na areia, e disse-me que assim se fazia para dar-me as boas vindas. No dia seguinte, carregariam a árvore, coisa que ainda não haviam feito durante o ano, porque ele esperava a minha vinda, e daí em diante faria continuar este exercício até
44 o dia de seu aniversário. Agradeci ao rei e aos seus acompanhantes pela honra que me dispensavam. Veio a noite, que passamos estendidos na areia, debaixo da chuva.

Ao nascer o sol, o ancião ordenou às mulheres que fizessem farinha e aos homens que fossem à caça de ratos e voltassem logo após o meio-dia, a fim de correr a árvore. Obedeceram e, entrementes, dois tapuias trouxeram sobre suas espáduas dois troncos de árvores de corravearas, de mais de vinte pés de comprimento. Tiraram-lhe a casca na cha-
45 ma do fogo e poliram a madeira toda em volta, sem deixar nenhum nó. E quando
46 todo o povo regressou, cada qual pintou o corpo de diversas cores. Isto feito, aqueles que tinham apanhado ratos soltaram-nos na planície, depois parte deles carregou pron-
47 tamente aqueles troncos, correndo com uma velocidade inigualável atrás dos ratos; quando um deles parecia cansado, outro o substituía sem retardar a corrida, que durou mais de uma hora. Depois de terminada, cada um que voltava contava como e de que modo perseguira, ferira e matara os ratos. O ancião Janduí correra com eles e era coisa mara-
48 vilhosa ver-se um homem de mais de cem anos (segundo a opinião dos seus, de mais de cento e sessenta) correr com tanta destreza. Isto causou tal admiração a João Straffi, um dos que eu trouxera comigo do Rio Grande, que ele acreditou tratar-se antes de um demônio que de um homem.

Janduí, de volta, dirigiu-me estas palavras: – "Que dizes, meu filho? Este jogo não te parece divertido?" Respondi-lhe que sim e que me comprazia vê-lo tão robusto e desembaraçado. Pôs-se a rir e perguntou-me porque não lhe trouxera fumo, e se não sabia que
49 o que plantara se perdera por causa das chuvas, com uma boa parte do seu milho. Respondi-lhe que seu filho Muroti pudera ver como a enchente tinha arruinado minhas roças; de outra forma, eu lhe teria trazido fumo e milho em abundância. O que existisse no tempo da colheita estaria a seu dispor e ao dos seus, contanto que não enviasse homens armados para pedir esses víveres, pois os que vinham de sua parte à Capitania do Rio Grande não se contentavam com o que se lhes dava de boa mente, mas queriam tudo carregar, com ameaças de morte, dizendo um deles: "Eu sou o Capitão fulano", outro, que era filho de Janduí; um terceiro, que era senhor de tal lugar, e assim por diante, e com essas palavras levavam os trastes e o gado dos moradores.

– "Eis uma bela conversa, comentou Janduí. Meus homens sempre se contentaram com algumas ferramentas que puderam apanhar e não era preciso fazer tanto barulho por um pouco de carne que tivessem levado e comido. Quando Jacó Rabbi vivia, juntava-se aos seus tapuias, com os quais descia à minha Capitania do Rio Grande e aí dizendo a este e àquele: "Dá-me um animal para minha gente, porque de outro modo eu mesmo o

mandarei matar. Este Jacó tivera maior poder sobre os seus do que eu, porque fazia-se temer dos habitantes, ao passo que eu os temia".

Repliquei-lhe que Jacó Rabbi jamais tivera quer o poder, quer o comando que eu possuía; era homem de má vida, odiado dos seus e de todos aqueles que o conheciam; eu não cuidava de imitá-lo, temendo terminar como ele.

– "Jacó Rabbi, continou ele, tinha mais poder do que tu: estava sempre provido de um bom comando e acompanhado de diversos soldados, ao passo que tu vens aqui sem comando e sem um soldado."

– "Não desejo, disse-lhe, ser acompanhado de ladrões, como ele o era, que poupavam os inimigos para saquear os vizinhos e amigos."

– "Tu crês, então, disse-me ele, que os tapuias mortos no Rio Grande e Cunhaú o foram justamente?"

– "Não digo isso, respondi-lhe; quis dizer que era uma felicidade Jacó Rabbi ter morrido, porque se ainda vivesse seria obrigado a prestar contas das extorsões e pilhagens que praticara contra os seus, e que ninguém poderia inocentá-los."

– "Não, replicou, mas se tu falasses com maior brandura a mim e à minha gente do que o fazes, terias maior satisfação do que pensas, pois eles não toleram ser tratados rudemente."

– "Se eles se abstiverem, disse-lhe, de maltratar a minha gente e os que estão sob minha proteção, eu lhes darei presentes da Europa."

– "Eles assim o farão", respondeu-me, e tomando-me pela mão conduziu-me a cear
50 com ele frutas do jenipapo e caldo feito com farinha de mandioca e milho.

No dia 29 o ancião fez saber que todos tinham de marchar; ele, João Straffi e eu iríamos adiante. Teríamos feito uma hora de caminho quando os rapazes que corriam as árvores, das quais acima falamos, passaram por nós, correndo tão depressa que a terra parecia tremer sob seus pés e não pararam de correr até que chegaram ao rio, que era o lugar onde deviam tomar fôlego para, imediatamente, irem à caça dos ratos e à cata de mel silvestre. Voltando pediram-me fumo, dizendo que não podiam levar a cabo qualquer sacrifício, sem ele, tendo-se passado três luas desde o último que tinham feito. Disse-lhes já ter informado Janduí de que as águas haviam destruído as plantações que eu possuía. Janduí objetou que mandara me avisar com enorme antecedência que lhe trouxesse tudo de que necessitavam e que, fiados nesta esperança, e mais ainda pela curiosidade que os tapuias tinham de ver-me, tinham-se reunido em grande número há muito tempo, e nesse período haviam consumido suas provisões. Que os jovens de Vvaiupu, Iacuruiú, Vvariju
51 e Preciaua,* aborrecendo-se com a minha demora, tinham pedido licença para retirar-se para suas moradas e que, em seguida, a maior parte se tinha ido embora. Que com estes e outros, ele, Janduí tinha perseguido os inimigos. Pedi-lhe que não mais se fiasse nos brasilianos, pois, de outro modo, lhe pregariam alguma peça e ele não tinha razão para confiar naqueles que tinham abandonado a sua própria nação, à qual retornariam todas as vezes que a ocasião lhes parecesse favorável. Retrucou-me que teria cautela, e então nos separamos para ir dormir.

No dia 30, os jovens continuaram a correr a árvore e as mulheres nos trouxeram bo-
52 las de farinha de mandioca brava, certo peixe chamado Piapau, milho, ratos apanhados nas suas roças e caldo. Tendo alguém trazido fumo, todos puseram-se a saltar de ale-

* O Major Mário Barreto escreveu na sua tradução: Uvainpu, Sacuruin, Vuaripu e Preciana. Ob. cit., 132. (L. B. R.)

gria, pois assim tinham com que sacrificar ao Diabo, chamá-lo à fala e consultá-lo sobre seus negócios. O último dia de maio foi empregado em lutas e na caça.

Primeiro de junho

Correu-se a árvore; um capitão dos tapuias, chamado Vvariju, veio visitar Janduí, com sua gente conduzida por trinta e quatro chefes e regalaram-se com farinha, ratos e milho, que tinham trazido. Janduí indagou dele o motivo de sua viagem, dizendo-lhe Vvariju que vinha da caça aos inimigos e que, pensando ir juntar-se a Paicu, que a tal o convidara, não conseguira encontrar o caminho. — "Tu devias trazer-me, disse Janduí, os presentes que ele te enviou." — "Acreditei, replicou Vvariju, que isso não seria necessário, porque eles me asseguraram que tinham vindo de tua parte e que tinham te avisado do seu desejo." — "Isto é falso, disse o ancião; é certo que me enviaram alguns presentes por brasilianos, os quais lhes devolvi, a fim de que me viessem encontrar e trazer-me o resto daquilo que me pertencia. Mas esses marotos tomaram outro caminho e fugiram com a gente de Paicu. Deram-te alguma coisa?" — "Sim, disse Vvariju, machados e facas. Procederam igualmente com Paicu." Janduí gritou: "Ah! traidores! Se eu estivesse agora ao pé do Rio de Vvariju, daria cabo deles, com suas mulheres e filhos." Depois, voltando-se para mim, disse: — "Este povo não quer outra coisa senão levar-me para o lado dos portugueses. Não lhes basta ter massacrado os do Ceará, querem acabar com todos os holandeses: eis porque é preciso que te resolvas a voltar aqui com a maior quantidade de soldados que puderes, juntar-te aos brasilianos teus aliados e vires encontrar-me para, todos juntos, nós os atacarmos e destruirmos." Disse-lhe que assim o faria.

No dia 3 de junho, o velho deu a Vvariju uma parte dos presentes que eu lhe trouxera, sob a promessa de seguir o seu partido, que é o nosso, e despediu-o. Depois disse-me: — "Vês, meu filho, como é necessário que eu dê aos tapuias parte do que me ofereceste? Pois, de outro modo, eu ficaria só: não tenho o suficiente para distribuir aos outros chefes." Prometi-lhe que, dali em diante, eu me abasteceria de presentes suficientes para todos.

No dia 4 fui seguido por alguns tapuias, entre os quais havia doentes que não podiam andar e eram transportados em macas ou leitos de algodão do feitio de redes. Fomos até o Rio Potengi, onde eu deixara parte de minha gente, que me festejou com tapioca, feita de farinha de raízes de suaçu, de mantua, mel e ratos.

A chuva surpreendeu-nos no dia 5 e durante esse tempo as mulheres, amassando barro, fizeram potes para cozinhar, e os puseram a secar.

No dia 6, os brasilianos, aos quais eu tratara asperamente no dia 19 de maio passado, trouxeram milho e fizão*a Janduí a quem se queixaram de que eu os havia chamado de velhacos, porque se tinham posto sob a sua proteção. O ancião zangou-se comigo por ter censurado aqueles que se tinham posto sob sua proteção, dizendo-me que eles seriam capazes de pregar-me uma peça, caso a ocasião os favorecesse. Disse-lhe que eles eram exatamente o que eu os chamara, pois conservavam os braços cruzados enquanto todo o país estava em confusão, e tinham desamparado os de sua nação, seus parentes e amigos. Não sabia porque razão semelhante canalha habitava em paz em sua terra, tendo em vista a liga ofensiva e defensiva que existia entre ele, Janduí, e os holandeses, aos quais aquela gente odiava. Se nós quiséssemos receber aqueles que deixavam seu partido, há muito tempo ele estaria sem tropas. — "Não, não, respondeu Janduí; eu não sustento canalhas nem velha-

* Talvez seja feijão. Mário Barreto traduziu como legumes. (L. B. R.)

cos; se o soubesse, tê-los-ia feito massacrar a todos." Eu o adverti de que tivesse cuidado com eles, pois, indubitavelmente, o trairiam. Isto irritou-os e, olhando-me de soslaio, demonstraram sua ira e que, se me pudessem apanhar, se vingariam de mim. Imediatamente pediram licença a Janduí para retirar-se no dia seguinte.

Assim fizeram, enquanto os homens do rei corriam a árvore como antes. Cerca de meio-dia, dois tapuias de Preciaua vieram ter conosco, assegurando que Paicu e sua gente tinham feito um acordo com os inimigos, resolvidos a vir todos juntos guerrear contra Janduí. Este magoou-se, sentou-se no chão e, após um longo silêncio, disse-me: – "Vês, meu filho, o que se passa? Não queres socorrer-me contra teus inimigos e os meus? Tu me asseguravas há dias que tinhas tanto poder e comando sobre os teus, quanto tivera Jacó Rabbi, e que podias levantar tantos holandeses e brasilianos quantos quisesses. Eis o momento de prová-lo, visto que os nossos inimigos estão muito mais fortes do que eu."

Respondi-lhe nestes termos – "É preciso, primeiramente, meu pai, que te informes se a notícia que vem de lhe ser dada é verdadeira e, se for, que reúnas tantos tapuias quantos puderes. Por mim, irei à minha morada e te trarei dos meus tudo o que puder conseguir para o teu socorro; mas creio que o que te disseram é inventado; e o tempo irá demonstrar isso."

No dia 8, continuou-se a correr a árvore. Entrementes, chegaram brasilianos, dos que habitam as márgens do Rio Potengi, conduzidos por dois de seus chefes, Vviauvug e Hipaí, que presentearam o velho com milho, ervilhas e favas, e depois acusaram um certo Diego,
55 brasiliano, do assassinato de outro brasiliano chamado Carajá, pedindo justiça, a
56 qual lhe foi negada por Janduí, dizendo-lhes que era preciso viver em paz uns com os outros e só combater os inimigos; que era despropositado matar os seus, quando se estava em perigo, e ele era mais fraco do que os que vinham atacá-lo, pois aquele que eles acusavam poderia matar dois ou três inimigos. Depois, voltando-se para mim, fez-me prometer-lhe que mandaria João Straffi, no dia seguinte, ao Rio Grande, a fim de ir buscar meus homens em seu socorro.

No dia 9, foi-se à caça para alimentar os recém-chegados, que me pediram um salvo-conduto para um de seus chefes, um brasiliano chamado Baltazar Tamaris, que desejava morar com eles, o que fiz, ressalvada a aprovação dos Nobres Poderosos, mais para agradar os tapuias do que por outra qualquer razão. Durante toda a noite, aquele povo nada mais fez senão discorrer sobre a maneira pela qual avançariam contra o inimigo e o atacariam, não querendo admitir que este lhes tomasse a dianteira.

Enviei João Straffi na manhã seguinte ao Rio Grande para reunir os meus homens e nós continuamos a marchar junto do grande morro onde achamos mel e ratos em abundância; e tendo morrido um tapuia nesse dia, os outros o comeram.

No dia 11, os jovens puseram-se a dançar, para acabar o luto de um de seus principais que tinha falecido.

No dia seguinte, os feiticeiros chegaram junto de nós e reduziram a pó certas semen-
57 tes de corpamba, que tinham torrado numa panela; depois de misturá-las com água, engoliram-nas. Imediatamente essa beberagem saiu-lhes pelo nariz e pela boca e eles se agitaram como possessos. Disseram-me que celebravam esta cerimônia a fim de que o seu milho, ervilhas e favas pudessem amadurecer bem depressa. Os que tinham ido à caça trouxe-
58 ram um porco da raça miúda chamada taietetu. A chuva durou todo o dia.

A 13 do referido mês, enquanto os tapuias estavam na caça, Janduí, conversando comigo, disse-me que sempre servira aos holandeses em suas necessidades; que pedia retribuição contra aqueles que haviam matado os de minha nação em Salinas e em Ipane-

ma* , os quais, indignados pelo fato de eles não terem seguido o seu partido, tendo sido amigos anteriormente, procuravam sua perda; tinham-se aliado à gente de Camarão e au-
60 mentado sua armada de grandes e temíveis tropas, que estavam acampadas acima do Paraíba com Vvajapeba, que tinha estado sempre do seu lado e morara longo tempo entre eles na Várzea; eles é que lhe tinham enviado os presentes que me mostrara, da parte do referido Camarão. Que,eles todos se tinham juntado a Paiucu, de sorte que, não podendo resistir-lhes, estava resolvido, caso não fosse socorrido por mim e pelos meus homens, a retirar-se para o Rio Grande, próximo do nosso forte. Este discurso me sobressaltou, pois não tinha nenhuma vontade de vê-lo tão perto de mim. Eis porque lhe disse que não devia ele abandonar a sua terra e que ali devia esperar o inimigo, caso fosse verdadeiro que este estava pronto para atacar.

Chegamos no dia seguinte perto da aldeia dos brasilianos, que estava situada na margem do Rio Potengi e no dia 15 mandamos pedir-lhes milho, favas e abóboras. Janduí fez-me assentar ao pé dele e interrogou-me porque, tendo-lhe eu prometido outrora dois cães, não os havia dado a Muroti, quando este me visitara no Rio Grande. Disse-lhe que não me lembrara e que Muroti também não havia tocado nesse assunto; senão eu teria escrito aos Nobres Poderosos que me permitissem tomar aqueles que eu tinha emprestado a Jacó Rabbi e estavam no Forte da Paraíba. Replicou-me que não tinha importância e que eu lhe deixasse os dois cães que me acompanhavam, até que lhe remetesse os outros dois, pois não podia dispensá-los. Disse-lhe que refletiria sobre isso antes de partir.

A 16, pernoitamos na margem do Rio Potengi, todos molhados, tendo apanhado
61 uma serpente chamada pelos portugueses de cobra-veado, de três braças de compri-
62 mento, a qual os selvagens puseram num fosso, onde antes tinham feito fogo, para aquecê-lo, depois cobriram-no de terra e esta de faxinas, às quais atearam fogo, a fim de assar a dita serpente. Os feiticeiros reuniram-se no morro vizinho e nós com eles: choveu abundantemente em torno deles e de nós, mas não sobre eles nem sobre nós.

Na manhã do dia 17, tirou-se a serpente do fosso e dela comeram todos os principais, com exceção de Janduí e dos feiticeiros; acharam tanto o que comer nesta cobra como se se tratasse de um grande porco do mato. Não beberam nada durante a refeição, se-
63 gundo o seu costume; foi preciso ir à aldeia vizinha para aí tomar uma beberagem
64 de milho, que acabara de ser feita. Aí os tapuias, suas mulheres e filhos carregaram-se de milho que encontraram em abundância; durante esse tempo, vieram avisar-nos da parte de Vvajupu que ele avançava em nossa direção, porque corria o rumor de que Paiucu se pusera em campo com suas tropas para atacar-nos. Ouvindo isto, Janduí ordenou a todos os brasilianos da aldeia que preparassem suas setas, flechas e arcos, enquanto esperavam o socorro dos holandeses, devendo ferir-se o combate logo que este chegasse. Permaneci na aldeia toda a noite, que os tapuias passaram dançando, não obstante aquela notícia.

Como estivesse chovendo no dia 18 de junho, eu me distraía a examinar a minha
65 choça, que era coberta de ramos de palmeiras, quando ali vi uma pedra preta trans-
66 parente, parecida com aquelas que se encontram na Mina do Ministro Stetten: pedi a meus hóspedes que me arranjassem outras iguais. Eles trouxeram-nas imediatamente e eu guardei-as para apresentá-las aos Nobres Poderosos. Verificando que as mesmas me agradavam, trouxeram, à tarde, maior quantidade do que antes e ensinaram-me o lugar onde as apanhavam no morro grande.

---

* No texto, "Salmes" e "Upamene". O Major Mário Barreto deixou como está no original. Vide adiante nota 59 do Senhor Morisot.

A 19, parti da aldeia para alcançar os tapuias, que iam adiante, carregados de milho e de ratos, os quais, na minha presença, furaram o lábio inferior e as orelhas de uma
67 pequena criança e colocaram cavilhas de madeira nos furos. Esta é uma espécie de batismo entre eles; nesta ocasião, dão nome à criança e depois põem-se a dançar.

Foi-nos preciso acampar neste lugar no dia seguinte, pois Janduí estava cansado; o
68 Diabo tinha-lhe aparecido durante a noite, o que logo se tornou conhecido de todo o aquartelamento; imediatamente, todos os fogos foram extintos. O ancião nada mais soube do Diabo senão que uma das suas crianças que estava muito doente se curaria.

Correu-se a árvore no dia seguinte, e no outro visitamos as roças, nas quais o milho e o fumo ainda não estavam maduros. Entretanto, morreu a criança cuja cura o Diabo tinha assegurado. Os tapuias zangaram-se e o expulsaram; mas ele deixou-se ficar, fingindo estar extremamente compungido com a morte da criança, cuja cabeça os tapuias cortaram e cujo corpo retalharam, pondo-o a cozinhar numa panela. Em seguida, os parentes mais próximos vieram à festa e comeram tudo, inclusive os tenros ossos. E quando nada mais restou, puseram-se todos a lamentar-se, gritando e batendo com os braços. Eis as cerimônias que observaram nessa ocasião.

A 23, tendo marchado até o anoitecer, um ancião apresentou aos tapuias os ossos de diversos parentes seus, falecidos, que carregava há muito tempo. As mulhes os depilaram e cortaram bem miúdo os cabelos, que estavam ainda aderidos às cabeças; despejaram mel silvestre em cima e comeram tudo com tapioca. Perguntei porque os homens não
69 tomavam parte naquela festa e disseram-me que a mesma não lhes competia. Quando tudo foi engolido puseram-se a gritar e a chorar, caminhando até que chegaram a um lugar em que nenhum dos seus parentes tivesse morrido.

A 24, os que tinham ido visitar suas roças de milho voltaram trazendo grandes espigas maduras. Janduí disse-me: — "Meu filho, quando chegarem os soldados aos quais escreveste para virem, terão o que comer." Respondi-lhe não acreditar que viessem antes de eu estar com os Nobres Poderosos; e antes de fazê-los vir, era preciso saber se o que tinham contado dos seus inimigos era verdadeiro.

Na manhã de 25 chegamos ao morro Matiapoa, na nascente do rio Vvuvvug, enquan-
70 to repousávamos, os tapuias foram cortar e transportar as cabaças, abóboras, ervi-
71 lhas e favas dos brasilianos que ali moravam.

A 26, fomos às roças de Janduí, onde se encontrou grande quantidade de milho pronto a ser colhido; ele deu permissão a todos para apanhá-lo e guardá-lo, reservando uma parte para os soldados que iriam chegar em seu socorro.

Desde o romper da manhã seguinte puseram-se todos a colher o milho e, enquanto procediam à colheita aqueles a quem tinham roubado as abóboras e as favas vieram recla-
72 má-las; foram-lhes devolvidas, mas avaramente. À tarde chegou o principal Vvanjupu, tão cansado que não podia mais suster-se, tendo deixado sua gente para trás.

A 28, os tapuias aplainaram um lugar para dançar; e estando o povo reunido, Vvanjupu contou que Paiucu se tinha posto em campo contra Janduí, tendo levantado soldados de todos os lados. Janduí respondeu que haveria de castigá-lo se tentasse fazer-lhe
73 guerra, e logo mandou vir todos os feiticeiros e adivinhos e ordenou-lhes que se preparassem para invocar o Diabo, a fim de que este lhes anunciasse algo de bom. Os feiticeiros retiraram-se para o mato e Janduí foi com eles; após uma demora de duas horas, retornou tão assustado que não podia falar. Afinal, depois de ter descansado, disse-nos com a voz embargada: — "Que podemos esperar, se não pude obter resposta e o espírito e os feiticeiros mandaram-me aguardar até amanhã?"

No dia seguinte Janduí fez saber aos que queriam casar-se que estivessem prontos
74 e comparecessem à noite à sua cabana, onde Houcha, isto é, o Diabo e o Grande Sacrificador deveriam encontrá-los, para dar-lhes a bênção. À tarde, os moços lutaram e deu-se a ordem de plantar novamente os roçados. Depois, na escuridão da noite, Houcha veio à choça do ancião. A ele e ao Sacrificador os tapuias apresentaram um grande cachimbo
75 feito de noz de coco, cheio de fumo. Os jovens estavam de pé e sobre eles o Sacrificador e o Diabo sopravam a fumaça do fumo; essa era a sua bênção. Isto feito, todos se retiraram, com exceção dos mais idosos, que perguntaram a Houcha como eles se comportariam nessa guerra. Este calou-se longo tempo, depois, disse-lhes com uma voz horrível: — "Fugireis." O ancião perguntou: — "E por que fugiremos? Não fui eu, sempre, o senhor dos meus inimigos?" — "Não importa, replicou o Diabo. Fugireis; mas voltarei e farei saber quando". Dito isto, desapareceu, deixando grande espanto e tristeza entre os tapuias.

A 30, Vvanjupu voltou à sua morada e os tapuias prepararam uma ramada para o ancião, contra a ardência do sol. Aí vieram ter as mulheres, chorando a morte de seus
76 maridos. Ordenaram-lhes cessar suas lamentações, devido à festa que se aproximava. Depois do meio-dia, apareceram dez moças cobertas de diversas folhagens. Seguia-as o Diabo que, carregado invisível dentro de um caramanchel por outras moças e mulheres, mandou que elas se coroassem com folhas e flores de ervilhas e de favas, caídas para a frente e para trás. Elas obedeceram e depois puseram-se a dançar e a cantar durante toda a noite.

Primeiro de julho

Os tapuias torraram sementes de corpamba, pilaram-nas e misturaram-nas com água
78 e, a seguir, deram-nas de beber aos feiticeiros. Estes imediatamente puseram-se a correr e a berrar como possessos, dizendo ter Houcha lhes dito que folgassem, e que ele
79 breve voltaria para junto deles. Pouco depois, vieram oito rapazinhos enfeitados de diferentes folhagens, como as moças, seguidas de oito rapazes robustos, os quais, tendo chegado diante da latada preparada para Janduí, de folhas de papai, iampapé e baioue, aí se assentaram, e cada um deles recebeu um dos rapazinhos que se jogavam deliberadamente em seu colo. Incontinenti, um feiticeiro furou o lábio inferior e as orelhas destes rapazinhos com um espeto de pau pontudo, metendo nos furos pedras brancas; depois carregou-os e levou-os para a sombra da ramada, onde receberam a bênção do Diabo, que estava no caramanchel; era o seu batismo. À tarde, chegaram três tapuias de Preciaua; asseguraram também que Paiucu avançava com seus homens. O ancião disse que isso não tinha importância, e ordenou que se desse de comer a esses tapuias; Houcha mandara que todos se conservassem alegres; os que queriam casar-se deveriam preparar-se para a manhã seguinte, de modo que não houvesse aborrecimento.

Feito isto, homens e mulheres trataram de grudar aos corpos, com goma, folhas de
80 diversas cores; passava de três horas da tarde, quando os futuros esposos e esposas ficaram prontos. Trinta homens e mulheres da Holanda vestir-se-iam mais depressa que um só desses selvagens. Tinha sido preparada uma ramada para a cerimônia, diante da choça de sacrifícios; dali saíram dois feiticeiros, levando na mão um espeto de madeira pontiagudo, com o qual furaram o lábio inferior e as faces dos que queriam casar-se colocando em cada furo uma pedra branca pontuda. Entraram, então, para a dita ramada ou caramanchel coberto de folhas, onde devia consumar-se o sacrifício com o sangue que lhes escorria do rosto. Antes de partir, depois de executado este sacrifício, um feiticeiro tomou um cachimbo com fumo e, tendo aspirado a fumaça, com ela perfumou os recém-casados: era a sua bênção nupcial. Em seguida, os tapuias reuniram-se em três fileiras. Na pri-

meira, estavam Janduí e os feiticeiros, todos com os corpos pintados de diversas cores e cobertos de diversas folhas. Na segunda, estavam os homens e as mulheres. Na terceira, os esposados e esposadas, que se puseram a cantar e a dançar toda a noite. Havia muita alegria e regozijo nesta festa, mas pouco de beber e de comer, reduzido a milho e água salo-
81 bra. Nesse dia tivemos um eclipse do sol, que começou às sete horas da manhã e durou uma hora.

No dia 3, o ancião Janduí mandou dizer que, passado o calor do dia, recomeçariam as danças. Os brasilianos voltaram para a sua aldeia com a barriga vazia, pois Janduí ordenara que se guardasse o milho para Vvaupu e sua gente, quando viessem, e às quatro horas
82 da tarde todos se puseram de novo a dançar. Quando estavam dançando, um feiticeiro veio dizer que Houcha chegaria à noite, com outros cinco. Pararam imediatamente e foram armar um leito de folhas na choça do sacrifício, perto do qual puseram fumo. Chegada a noite, os tapuias recomeçaram suas danças e Janduí e seus feiticeiros vieram à choça de sacrifício para indagar de Houcha o que lhes aconteceria. Três vozes enrouquecidas responderam a um só tempo: — "Fugireis". — "Como?" — perguntou Janduí. Tenho mais homens que os meus inimigos, sem contar o socorro que espero dos holandeses." Uma só voz respondeu-lhe: — "Tu o esperas, mas ele ainda não está aqui." Isto foi escutado por todos, e todos, o ancião, os feiticeiros, os homens e as mulheres puseram-se a chorar e lamentar-se cerca de meia hora. Então, uma quinta voz falou a Janduí e disse-lhe: — "Não combatas com os teus inimigos sem os holandeses: recua e a dissensão lavrará entre eles, e eles se matarão uns aos outros". Ouvindo isto, o povo reanimou-se e pôs-se a dançar o resto da noite, ao fim da qual o Diabo se retirou.

O ancião chamou-me na manhã seguinte contou-me tudo que se havia passado no dia precedente; mandou reunir todos os principais do seu povo com os feiticeiros, a fim de consultar para onde se retirariam, se fossem obrigados a fugir. Eles eram de opinião que deviam atravessar o rio e vir para o Rio Grande. Opus-me a esta resolução, dizendo que os inimigos ali os perseguiriam mais vivamente que em qualquer outro lugar, encontrando com que subsistir; seria mais conveniente retirar-se para um lugar onde os inimigos, ao persegui-los, não pudessem encontrar o que comer, sendo, assim, obrigados a voltar. Eu ouvira dizer que acima da serra havia uma região pobre; seria bom que eles se retirassem para ali, onde eu viria encontrá-los com os meus soldados.

Quando estávamos tratando da resolução que motivara o Conselho, chegaram dois brasilianos, que nos disseram ter Vvarrivvuare e seus homens tratado com Paiucu contra
83 nós. Janduí disse-lhes que ficassem com ele até se averiguar a verdade do que asseguravam, ordenando que lhes fosse dado de comer. À tarde, dois de meus negros trouxeram-me fumo e algumas bagatelas do Rio Grande. Os tapuias ficaram muito satisfeitos ao vê-los, imaginando que me traziam o socorro que eu lhes havia prometido. Disse-lhes que era necessarário que eu próprio fosse buscá-los. O ancião não ficou muito contente e respondeu-me que, se eu não fosse depressa e voltasse ainda mais rapidamente, os seus inimigos e os meus deitariam a perder a eles e a nós, até mesmo no Rio Grande. Prometi-lhe que o faria, enquanto ele retirasse suas tropas além da montanha Vvhu nada deixando de comer atrás dele, ao mesmo tempo que cobriria as cabeceiras dos ribeiros que fosse encontrando. A estas palavras, todos eles se deitaram no chão; um feiticeiro assegurou-lhes que eu dizia a verdade, Houcha afirmara que lavraria a dissensão entre os inimigos, e isso certamente aconteceria se ficassem sem comida e sem bebida. Os tapuias alegraram-se e recomeçaram a dançar como antes.

Cerca das nove horas da manhã, no dia 5 de julho, Janduí chamou-me e perguntou-me se eu voltaria breve: informei-lhe que sim, acrescentando que enquanto ele me espera-

va, deveria mandar alguns de seus homens à busca do inimigo, a fim de capturar prisioneiros, para saber dos seus intuitos e de suas forças. Deveria esperá-los o maior tempo que pudesse caso acreditasse que não poderia resistir-lhes, se retirasse para Vvahy. Se isso acontecesse, deveria enviar-me dois ou três homens ao Rio Grande, que me avisariam do que se passava. Assim me prometeu. Despedi-me, então, de Janduí, recusando a companhia dos tapuias que ofereceu para me guiarem. Deixei-lhes todo o fumo e os outros objetos que os negros me tinham trazido. Agradeceram-me e eu lhes solicitei, em troca do que lhes ofertara, que me dessem milho para a minha alimentação durante a viagem.

Quando eu já estava preparado para partir, no dia seguinte, Janduí pediu-me os meus cães. Disse-lhe que eram as minhas fontes de alimentação e eu não confiava senão neles para suprir-me durante a minha volta. – "Toma, replicou-me, tanto milho quanto os teus negros possam levar, e deixa-me os cães; quando trouxeres os que estão no forte da
84 Paraíba, eu os restituirei; não tenho intenção de fazê-los caçar durante a tua viagem, para conservá-los sãos". Esta cortesia obrigou-me a deixá-los com ele.

No dia 7, tendo-me posto a caminho, topei com Vvajupu e seus homens, que iam ao encontro do ancião. Comemos juntos milho e ratos, que ele trouxera. Pediu-me que voltasse depressa, com as melhores tropas possíveis, e emprestou-me o seu cavalo, a fim de que eu chegasse mais rapidamente ao meu destino. Eu cavalgara pouco tempo, quando de súbito ele desapareceu, sem que eu soubesse o que lhe acontecera.

Mandei procurá-lo durante todo o dia seguinte, mas não conseguimos encontrá-lo. E como não tivéssemos deixado de marchar, chegamos à tarde à aldeia que existia à margem do Rio Potengi, onde passei o dia seguinte, a fim de que me mostrassem onde estavam aquelas belas pedras negras das quais falei acima. Dois habitantes aí me conduziram e mostraram-me grande quantidade delas. Na volta, mandei pilar um pouco de milho para comer durante a viagem.

No dia 10, querendo eu partir, trouxeram-me uma beberagem feita com milho e mel selvagem; bebi-a toda e depois caminhei pela encosta e pela serra, até chegar ao rio. Na noite do dia 11, mandei de volta os brasilianos da mencionada aldeia que me acompanhavam; encontramos milho e peixe para cear.

No dia 12, atravessei o rio, no qual pescamos o suficiente para alimentar-nos.

E no dia seguinte, tendo encontrado brasilianos que pescavam, juntamos-nos a eles, e misturamos com a sua pesca os ratos que os meus negros tinham apanhado.
85 Cheguei a Cameru no dia 14, cerca do meio dia, e à tarde à minha casa, em Incareni-
86 gi, no Governo do Rio Grande, depois de ter suportado a fome e as fadigas que lestes.

NOTAS DO SENHOR MORISOT

Sobre a VIAGEM de ROULOX BARO ao país dos tapuias

1 Roulox Baro foi enviado, quando criança, ao Brasil, na frota das Índias Ocidentais, que partiu da Holanda em 1617 e pode ter, atualmente, quarenta anos. Aprendeu, em pouco tempo, a língua do país, privou com os bárbaros e viveu como eles.

2 Alguns os chamam de tapuias, outros de tapoios: mas como esta denominação não é francesa, o tradutor chama-lhes tapuias. Há, deste nome, na terra firme do Brasil, setenta e seis nações, referidas pelo bom amigo de meu pai, o Senhor de Laet, em seu 15º livro das Índias Ocidentais, cap. 3. Todas belicosas, que antes da vinda dos europeus ao dito Brasil se faziam guerra cruel; agora, tendo deixado as guerras civis, tomaram partido uns pelos holandeses, outros pelos portugueses. Este autor, entretanto, fala apenas daqueles que são vizinhos das capitanias ou governos da Paraíba, Itamaracá e Ceará.

3 Este governo, ou Capitania do Rio Grande, confina com os referidos governos, a saber, a Capitania de Ceará entre o Oriente e o Setentrião; com a Paraíba e Itamaracá, do lado do Ocidente; com o mar, do lado do Setentrião, e com os tapuias ao Oriente. Tomou seu nome do rio a cuja margem está construída uma pequena cidade com um forte, dos quais foram expulsos nossos franceses pelos portugueses no ano de 1601, os quais, depois de atacar os nossos aliados e principalmente o cacique dos Petiguaras, mataram cruelmente diversos milhares de selvagens. Os brasilianos chamam o rio, que os espanhóis denominam de Rio Grande, de Potengi ou Potingi, e os mapas dão Potengi; ele desemboca no mar sob os cincos graus e trinta minutos em direção ao meio-dia. Os portugueses construíram nesta região uma nova fortaleza, que lhes foi tomada pelos holandeses, que já haviam ocupado Pernambuco no ano de 1644, chamado pelos portugueses de Fornaboco [sic], que quer dizer boca do inferno, devido à dificuldade da entrada tortuosa do porto, toda cheia de escolhos; parte da guarnição foi morta nesta tomada, parte retirou-se para junto dos tapuias, esperando a ocasião de retomar o dito governo do Rio Grande, cuja costa, que olha para o mar, é de figura semicircular. Depois do Rio Paraíba, que dá nome ao governo vizinho, encontra-se a embocadura do Manianguape ou Mangagoape [Maranguape]; uma légua mais alto está a baía denominada pelos nossos franceses de Traição; os selvagens que habitam estes lugares são chamados petiguares.*Desta baía até o rio Cromatin nos mapas Goromatin, seguindo seu antigo nome, Camaratiba conta-se uma légua. A quatro léguas daí está a chamada Baía Formosa, a meia légua da qual entra no mar o pequeno rio de Congaicú. Baía Formosa é denominada pelos selvagens de Quartapicaba. A uma légua daí, está o Rio Curamatau [Crumatahy] a meia légua deste o Rio Subauna, e a mais uma outra, uma ponta de terra dita Ponta da Pipa. Segue depois uma costa sem porto e silvestre, que é vulgarmente chamada Paranambuio e Guiraira, de onde, até o Rio Tareri que há três léguas, distanciada daquele que leva o nome de Piranga. Aí existe o porto que os portugueses chamam de Busios, do qual até uma ponta de terra dita Ponta Negra, há três léguas, e de Ponta Negra até o Rio Grande, duas; cinco léguas daí, está o famoso banco que os portugueses chamam Baixio de São Roque.

4 A casa de Baro estava numa aldeia do Brasil, a cinco ou seis léguas da de Garsman, perto do Rio de Camaragibe, que perde o seu nome no de Potengi, que nosso autor chama Potegi. Este lugar está no governo do Rio Grande, a seis léguas do forte que lhe dá o nome

5 O inverno, muito chuvoso nestes países, que têm os dias e as noites quase iguais, começa no mês de abril e termina em agosto; o mesmo acontece em todas as outras terras situadas entre o Equador e o Trópico de Capricórnio. Aliás, os rios que, pela sua natureza, não têm grande curso, enchem-se extraordinariamente não só em razão das chuvas como pelo fluxo do mar, que é violentamente impulsionado em direção ao interior, mais baixo, pelos ventos que reinam nesta estação; no verão são vias secas, muito folgadas. Assim, o

* No texto, Tiguares. (L. B. R.). Os nomes de índios, rios e geográficos em geral estão muito estropiados, sendo difícil sua reconstituição.

UFSM
Biblioteca Central

Rio Grande, que é um dos mais notáveis da costa, tem seis léguas de curso, como refere George Marcgrave, liv. 10 da *História Natural do Brasil,* cap. I. Não sendo tais rios profundos, senão em suas embocaduras, passado o inverno pode-se vadeá-los duas léguas mais acima.

6 São cercados, fechados por cercas vivas ou mortas, trabalhadas à pá, onde se semeiam as cabaças, abóboras, pepinos, favas e ervilhas, e onde se plantam diversas raízes e arbustos do país, servindo para a nutrição do homem. Assim como a mandioca, a macaxera, a manipuera, o ananaz, a nana pacoba, batatas, amoras e carás.

7 São os campos de Caatingas próximas do Rio Grande e dos limites do governo de Porto Seguro, habitadas pelos tapuias chamados tupanucos, segundo Herrera; mas esta divisão é muito geral; nós a subdividiremos aqui: chamamos os tapuias perto do Rio Grande ou Potengi de maribucos.

8 No texto, Potegi. Houve equívoco na tradução, segundo já dissemos, e deve-se dizer Potengi, segundo a opinião mais comum. Vide o Senhor de Laet. liv. 16. das Índias Ocidentais, cap. 5.

9 As chuvas são tão comuns neste país, que George Marcgrave no liv. 8. da *História Natural do Brasil,* dedicou-lhes um capítulo especial, onde anota todos os dias em que choveu nesta província, no governo do Rio Grande, nos anos 1640, 1641, 1642, de onde se vê que três quartos dos dias foram chuvosso. Deve-se observar que no mesmo livro, cap. 4, o referido Marcgrave fala sobre a narração de Jacó Rabbi, à qual nos reportaremos adiante, segundo a qual pode-se seguir o Rio Grande, de sua embocadura até à nascente, em seis horas de caminho. Desta embocadura até à do Rio Mupéo há nove léguas, do lado do meio-dia, e do lado do norte, três léguas mais alto, que o dito Rio Grande; o Rio Oiragtem cinqüenta léguas de curso e o Mapreucauch Maxaranguape ainda mais; Ipotinge não está senão a quatro léguas do dito Rio Grande, e o Uguasu a dezessete; mais ao alto estão as grandes salinas de Vnapabuba, sendo que nenhuma delas está ainda registrada em nossos mapas, porque não foram conhecidas senão há seis ou sete anos, pelo dito Jacó Rabbi. Este, falando do Ipotinge, fez-me duvidar se não será o mesmo que é chamado pelo nosso Baro de Potegei e que não seja outro que o Rio Grande, visto que Marcgrave o coloca quatro léguas mais distante.

10 Vide a viagem de Léry a respeito destes peixes caramiri e acaramiri e relativamente aos tamoatas. Marcgrave, na *História Natural do Brasil,* liv. 4, c. 5, onde diz que os portugueses chamam este peixe soldado, porque parece armado, tendo a testa coberta de uma crosta espessa e o corpo de escamas duras e bem ordenadas sobre a aresta das costas, à moda das antigas couraças.

11 Marcgrave, no liv. 8 de sua *História Natural do Brasil,* cap. I, nota que sob o nome de distritos, chamados pelos Portugueses freguesias, estão compreendidos não somente os portos e enseadas de mar vizinhos, como ainda os lugares ermos, campos, vales, florestas, casas isoladas, aldeias e rios; que freqüentemente dão nome ao distrito, como Poiubam, Camaragibe, que pode ser nosso Camaribe e outros.

12 Entre os rios Otscunog, de Opone, Iavarug, Beryvere, Vatepug [todos estropiados] e Ceará, há mais de sessenta léguas, todas ocupadas pelos tapuias, chefiadas por diversos reis. As terras de Janduí que tem mais de 110 anos, estendem-se ao longo dos rios de Otschunogh, Otschuaiaiuch e Drerinagh [todos estropiados], que é chamado pelos holandeses, como um régulo seu vizinho, de Pritiiaba. Os que ocupam o resto da região mencionada, que se chamam hoje Arigpoigh, Vvanasevvasug, Thering e Drememge [todos estropiados], são inimigos daqueles que pertenciam ao partido dos portugueses. Os povos sobre os quais Janduí governa, com um outro régulo dito Caracara, são chamados tarairius.

13 Chamarei logo vossa atenção para o fato de que as casas particulares tanto dos oficiais holandeses, como de portugueses, construídas à margem dos rios, no campo ou nos caminhos, para facilitar o tráfego, retêm o nome daqueles que primeiramente as construíram ou daqueles que presentemente as habitam.

14 É um parque de Claesen, que quer dizer Nicolas, segundo se interpreta a linguagem holandesa, que nutria as vacas e outros animais do país ou trazidos da Europa. Os nivernezes, chamam-nos vendas, que são terras arenosas e ingratas, não produzindo senão ervas e árvores acaçapadas, armadas de todos os lados de cercas vivas e de matas abatidas; têm apenas uma entrada, que serve também de saída feita em barricada. Os portugueses, assim como os holandeses, fazem de tais parques uso especial, aí alimentando suas vacas, ovelhas, carneiros, vendo-se até corços, que os selvagens chamam de suaçú; diversas espécies de javalis, uns tendo umbigo nas costas, chamados pelos naturais do país de taiaçú – jaiguara; outros têm grandes orelhas agudas, sem seda nas costas, e o pelo ruço, (Marcgrave, em sua *História dos Quadrúpedes*, cap. 8). Há outros, chamados taiaguitas, isto é, javalis persistentes ou presos, porque esperam os homens nos caminhos e ao pé das árvores, nas quais os índios se abrigam, a fim de evitar a sua fúria (De Laet, liv. 15 das Índias Ocidentais, cap. 5). Há, ainda, outros animais, mencionados por Jean de Léry no 10º cap. de sua *América*.

15 Este governo, ou capitania, é um dos principais do Brasil, situado entre o segundo e o quinto grau do Equador, da banda do meio-dia, entre os do Maranhão e Rio Grande, após o qual, em direção ao Trópico de Paraíba, Itamaracá, Pernambuco, Bahia, Ilhéus, Porto Seguro, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Vicente. A respeito da traição dos do Ceará da qual se falou aqui, é preciso saber que os holandeses, tendo tomado São Salvador, cidade que está na Baía de Todos os Santos, capital da Capitania da Bahia no mês de maio do ano de 1624, entregaram-na aos portugueses no mês de abril de 1625. Isto não impediu, absolutamente, que os holandeses voltassem ao Brasil, onde, no ano 1630 tomaram de improviso a cidade de Olinda, capital do governo de Pernambuco, ou Fernambuco, no começo do mês de maio. Depois fortificaram-se ao longo da costa, notadamente no Recife, que é uma povoação fundada no extremo de uma língua de terra, que se projeta no mar, cobrindo o porto. Os portugueses que escaparam em seus navios retiraram-se para a Europa, os outros fugiram para junto dos tapuias, seus aliados em terra firme, até que chegou a hora de se vingarem dos holandeses, seus inimigos. Os selvagens dos governos de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba, Rio Grande, Siara ou Ceará seguiram o partido dos vitoriosos, excetuados alguns dos caciques que, apiedando-se dos portugueses fugitivos, secretamente os favorecem. No ano de 1646, aproveitando a ocasião de uma viagem que os tapuias do Rio Grande fizeram ao Ceará, com alguns holandeses, dirigidos por Jacó Rabbi, mataram-nos a todos, depois de, aparentemente, os terem recebido bem.

16 Este forte está construído à esquerda do Rio Grande, do qual tomou o nome, chamando-se Rio Grande.

17 Do dito forte até a morada de Janduí, há um caminho que foi feito outrora por um tenente-coronel holandês, chamado Gartsman, e que conserva, ainda hoje, o seu nome.

18 Cunhaú é uma povoação situada à beira-mar, no norte, entre as capitanias de Paraíba e Rio Grande, na baía dita pelos portugueses da Traição e pelos franceses *Trahison*, distante sete léguas da Paraíba. O rio é em parte arenoso, em parte lamacento, e o terreno é coberto de florestas; através delas, os portugueses, acompanhados pelos habitantes do país, chamados tiguares (petiguares), que habitam a vila ou aldeia de Tabuçurã, a quatro horas de caminho de Cunhaú, vieram ao dito burgo de Cunhaú, em1646, e mataram os seus habitantes, assim como os holandeses que estavam com eles.

19 O modo de assar pelos selvagens do Brasil foi descrito por Jean de Léry, cap. 10, de sua obra *América*. Os americanos, diz ele, dispõem quatro forquilhas de madeira no chão, distantes num quadrado de cerca de três pés, com uma altura de dois e meio pés; colocam sobre as mesmas bastões atravessados a dois dedos um do outro, e chamam esta grelha de espeto. Põem as postas de carne em cima, preparam um pequeno fogo de madeira seca em baixo, que produz pouca fumaça, e viram-na freqüentemente, fazendo que cozinhem bastante aquelas que querem guardar. Assim procedem com os peixes e corpos humanos. Sua caça ordinária é de tapiruçús, que têm o pelo ruço, a figura e o tamanho entre a vaca e o asno, tendo a carne o gosto da de vaca. Os suaçús são uma espécie de cabras selvagens, das quais se fala aqui. Agouti (coati) é uma espécie de porco. Tapiti, de lebres; e assim outros. Acerca da gulodice insaciável dos tapuias, vide de Laet, liv. 15, das Índias Ocidentais, cap. 2,20. Há diversas espécies de abelhas e de mel no Brasil, ainda que Maregrave, liv.7, dos *Insetos*, último capítulo, encare todas as abelhas deste país como semelhantes às nossas, com a diferença de não terem ferrões. A este respeito, o Senhor de Laet, personagem muito curiosa, nota -- seguido de Jacó Rabbi, que viveu longo tempo entre os tapuias e dedicou a relação que fez de suas viagens ao Conde João Maurício, -- que há nestas regiões uma espécie de abelhas que os selvagens chamam Kitshaara, que se prendem aos pequenos arbustos, como as nossas aos grandes, nas colméias que fazem elas mesmas, semelhantes ao nosso papel grosso, nas quais envolvem seus favos, e nos quais se encontra mel mais que excelente. A segunda espécie é chamada por eles de Kitshagh e faz a sua obra nos cavos da terra. A terceira, cujos favos se encontram na terra, a modo de um pão de açúcar envolvido num papel grosso, é chamada heubig. Todas estas têm ferrões, como as nossas, e assim também aquelas cujo mel pende dos ramos das árvores, em forma de ninhos de pássaros, duro e preto, chamadas atshoí. A quinta espécie de abelhas, chamada ehenhne, não pica, trabalha nos ocos das árvores e formam grossos pelotões de cera e de mel; são tão firmes que é preciso rompê-los para servir-se deles. A sexta espécie, benatshí, não tem ferrões, trabalha nos ocos das árvores e formam grossos pelotões de cera e de mel; são tão firmes que é preciso rompê-los para servir-se deles.A sexta espécie, benatshí, não tem ferrões, trabalha como as nossas nos troncos das árvores e aberturas dos rochedos, produzindo o mel mais saboroso de todos. Os portugueses chamam todas estas espécies de mel de uma só forma, mel de pau, o qual misturado com água, tem o gosto do nosso vinho doce, refresca e alimenta. Ajuntando-se-lhe suco de pacobete, pacobuçu e jenipapo, obtém-se uma beberagem mais que excelente. Adicionando-lhe suco de fruta de ananás, ele embria-

20 ga e obriga a vomitar, e eu creio que esta é a beberagem que o nosso autor chama de uva e os brasilianos de nanai. Marcgrave, da *Região dos brasilianos e dos Habitantes desta*, cap. 7; Guilherme Piso, no liv. 4, das *Faculdades dos Simples do Brasil*, cap. 3, falando do mel selvagem, diz que ele é útil aos sãos e aos doentes. Que os brasilianos lhe chamam Iira e que é encontrado nas grandes florestas e desertos. O nome das abelhas que fazem este mel é eiruba (herú). Piso nomeia doze espécies, e todas provocam vômitos, diz ele, quando colocadas em beberagem, por causa da sua doçura; desenraízam os humores viscosos do estômago e o confortam, removem a indigestão, expelem a urina e limpam as úlceras.

21 Os chefes dos tapuias dão seus nomes às aldeias ou vilas em que comandam e são as suas moradas mais comuns, não tendo nenhuma permanente.

22 (No texto cascabila). É necessário dizer cascavel, nome pelo qual os portugueses chamam a serpente denominada pelos brasilianos de boicininga, coicinininga, coitininga e coiquira, pelos tapuias oiugi, pelos holandeses Raetel Slange. Tem quatro a cinco pés de comprimento, é tão grossa no meio, como o braço de um homem próximo do cotovelo; suas escamas se implantam sobre a pele, que é colorida de um amarelo pálido, realçado pelo preto, e curtida por losangos que se aproximam uns dos outros; a fila de baixo entra ou junta-se mesmo na de cima. Sua cauda tem tantos nós quantos anos conta a serpente, produzindo, quando ela se move de rojo um ruído como o de campainhas; a natureza

agiu sabiamente para avisar aos homens que se desviem de sua passagem e evitar sua mordedura, que é mortal. Jean de Laet, liv. 15 das Índias Ocidentais, cap. 6. Marcgrave, no *Livro dos Quadrúpedes e Serpentes*, cap. 14. Vi a pele de uma destas serpentes entre as mãos do Senhor Moreau, tradutor da presente *Relação*, que a deu, pouco depois, ao Senhor Millotet, advogado geral no Parlamento de Dijon. Os selvagens reduzem-nas a pedaços para assá-las. Os espanhóis, por causa das campainhas que existem na cauda, denominam este animal de cascavel, isto é, campaínha. Chamam-lhe, ainda, tangedor, segundo Guilherme Piso, no 3º liv. da *Medicina do Brasil*, cap. I, onde reproduz a figura da serpente com uma outra espécie de cascavel, com o comprimento de doze pés, chamada pelos naturais do país de sucurucu, a qual é muito venenosa.

23 Creio que struo é uma palavra holandesa, correspondendo a strutio dos latinos, ema dos portugueses, nhanduguaçu dos brasilianos, autruche em francês; este pássaro não é tão grande nem tão largo quanto os *autruches* que existem na Africa; tem os esporões dos pés semelhantes aos dos outros pássaros, apenas que são pouco curvados para a frente, com as garras pretas. Têm o colo curvo como o da cegonha, com o comprimento de dois pés, o bico um pouco longo, apertado e recurvo, as asas pequenas e inábeis para o vôo; corre tão depressa que dificilmente pode ser apanhado pelos cães; suas plumas são cinzentas, como as dos grous, belas, longas e delicadas sobre as costas, e estendem-se além do uropígio, servindo-lhe de cauda. Engole tudo quando se lhe apresenta, não importando a dureza, mas não o digere; vive de frutas e de carne, gosta de comer; é freqüentemente visto nos campos do governo do Rio Grande, raramente em outra parte. Marcgrave liv. 5, de sua *História Natural do Brasil*, cap. I.

24 Os brasilianos chamam a este animal tatu e tatupeba; os espanhóis, armadillo; portugueses, encoberto; ele tem, segundo relata Charles de L'Écluse, em seus *Exóticos*, o tamanho de um leitão, de cor cinzenta, o corpo todo coberto de escamas de osso como se fossem lâminas, quase a modo do rinoceronte, dispostas em bela ordem e com uma maravilhosa variedade de formas, tão duras que tornaram rombudas as pontas das flechas. Escava rapidamente a terra e retira-se para os buracos que fez, como as raposas e texugos de várias espécies; não pode ser apanhado facilmente, a menos que se derrame água em sua toca; tem a carne branca e do gosto do capão; suas escamas servem para fazer escarcelas e outros objetos. Tem a cauda como a do cão, as pernas como as do ouriço, o focinho do mesmo, apenas mais comprido e delgado; seus pés dianteiros têm quatro garras, os trazeiros cinco, cada um; suas orelhas são pontudas, cartilaginosas e sem pelos. Vive de batatas, que são uma espécie de trevo, vermelhas por fora, brancas por dentro, excelentes para comer-se, de melões e outras plantas. É apanhado como o texugo e o coelho, fazendo entrar algum cão rasteiro em sua toca e escavando tudo em volta até que ele seja descoberto; então, os cães ou os homens matam-no facilmente. (Marcgrave, liv. 6º da *História Natural do Brasil*, cap. 8º) Há, ainda, uma outra espécie deste animal, porém menor, que os brasilianos chamam de tatu-etê, os portugueses de verdadeiros; e uma terceira espécie, que os selvagens denominam de tatu-apara.

25 As armas dos tapuias ou tapoios são o arco de madeira dura, que eles chamam guirapara e Urapara e a madeira que é feito de guirapariba (guarapaiva) e Urapariba, os portugueses de pau d'arco; as cordas do mesmo são de algodão torcido e chamam-se guirapacuma. Sua flechas são de canas, vuba. A ponta, farpada em baixo, é de pau-brasil e chama-se anha; é farpada ou dentada de diversos modos. Eles denominam as que tem várias pontas vutapoaeta. Algumas têm uma espécie de dentes, outras são feitas em forma de serras. Existem outras, ainda, às quais eles apõem dentes de peixes iperu. A flecha toda inteira do junco taquara é chamada furupara. Servem-se, também, de flechas ou dardos, que lançam com grande vigor, sustentando-as por meio do arco; ligam um pequeno pedaço de madeira

cavo e escorregadio à palma da mão, a fim de dar mais força ao golpe e fazer sair a flecha ou dardo com maior facilidade. Utilizam, ainda, clavas feitas da madeira preta de iapema, longas e achatadas. Colocam franjas de algodão ou de plumas em volta e na ponta do cabo, e uma borla pendente do meio da clava, chamada atirabebe e iatirabebe. (Marcgrave, liv. 8º de *História Natural do Brasil*, cap. 10º. Léry em sua *América*, cap. 14º.)

26 Não encontro este nome em qualquer outro lugar, embora Marcgrave, liv. 6, cap. 6, faça menção de várias espécies de ratos. Léry, em sua *América*, cap. 10º, diz que estes ratos selvagens são ruços, do tamanho dos nossos bichos de cozinha, e mais que têm a carne do mesmo gosto que o coelho de coelheira. Existem grandes como o coelho, cinzentos e pretos, que têm dentes muito perigosos.

27 O maïs não é outra coisa senão aquilo que nós chamamos trigo da Turquia, que dá tão bem na Europa quanto nas Índias Ocidentais, sem exigir qualquer cuidado; há o branco, o cinzento, o amarelo, o vermelho, o negrejante, o purpurado e o misturado de diversas cores. Nada mais direi a respeito, visto que esta espécie de trigo é muito conhecida entre nós. Sua descrição, seu uso, tanto na comida como na bebida, medicinas e virtudes são declaradas pelo Senhor de Laet, liv. 7º das *Índias Ocidentais*, cap. 4º; e o modo de cultivá-lo e plantá-lo, por Jean de Léry, cap. 9 de sua *América*. Os portugueses que estão no Brasil chamam o maïs de Milho, significando esta palavra, também, o milho ou milho miudo das Índias.

28 O Senhor de Laet, homem sábio, enviou-nos muitas vezes favas e feijões de diversas espécies, que lhe foram enviados do Brasil para Leiden, onde ele mora. Vi alguns do tamanho de uma polegada, chatos, brancos de leite, outros da cor de castanhas, do mesmo tamanho, e outros, ainda, de cor marchetada de linhas pretas; outros, vermelho descorado, da cor da carne; outros, pretos. Destas grandes espécies, nenhuma produziu frutos; umas apodreceram na terra, outras, depois de terem brotado hastes e folhas, foram surpreendidas pelos frios de outono, quando se preparavam para mostrar suas flores. Laet fala deles na descrição das *Índias Ocidentais*, liv. 15º, cap. 10º, e aí coloca as figuras, onde se refere a uma espécie de ervilha do Brasil, que não é de todo redonda, e de pequenos feijões, sem outro nome que aquele pelo qual os portugueses os chamam, fava brava, isto é, fava selvagem. Temos dela na nossa horta; é da cor da sopa com vinho, e cor de carne; produz flores das mesmas cores e também de cor púrpura escura, cujos frutos são quase todos pretos. O Senhor Moreau, tradutor da presente relação, fez-nos presente dela, assim como de outras grandes, como as comuns do nosso país, vermelhas, marchetadas de linhas pretas em oval, que dão uma flor da cor da flor de romã. Diz ter visto no Brasil ainda maiores, tendo flores vermelhas e as favas de um azul pardacento; brancas e amareladas, tendo flores da mesma cor; outras ainda, maiores, negrejantes puxando para o amarelo, tendo as vagens a largura de duas, de seis a sete polegadas de comprimento, cobertas de uma fina camada avermelhada. Outras são salpicadas de manchas e figuras alteadas, formando uma meia-corcunda, de diversas cores.

29 Vide a nota 6.

30 Vide a nota 15. (Laet, liv. 15 das *Índias Ocidentais*, cap. 26).

31 O sertão é uma espécie de região particular no continente, que está atrás de Pernambuco. Esta palavra significa boca do inferno, segundo me disse o nosso tradutor. Aí existem as mais belas matas do Brasil. Diversas nações de tapuias habitam esta região; são amigos dos portugueses, a saber os guyauas, os taicuiuios, os coriuios, e os pigruuos. (Jean de Laet, liv. 15º, cap. 3º.)

32 O suaçu é uma raiz que dá naturalmente nas matas; para melhorá-la é transplantada e cultivada em roçados e hortas, e então se chama mandioca. Falaremos sobre ele mais amplamente no número 34, adiante.

33 O milho, aqui, não é outra coisa senão o maïs, do qual falamos atrás, que os tupinambás chamam abati (Jean de Léry, na sua *América*, cap. 9º.) O trecho seguinte, de Baro, merece atenção, a saber, que os tapuias pulverizavam os ossos secos dos mortos e os misturavam com farinha de milho ou mais, comendo-os em banquetes nupciais, nos quais os parentes dos defuntos se reuniam tendo já devorado a carne destes imediatamente depois de sua morte, quer tivessem sido abatidos em guerra, quer tivessem tido morte natural; depois de terem esvasiado os corpos, cortavam a carne em postas, as quais eram assadas à sua moda pelas velhas, e dados a comer aos parentes; mandavam guardar os ossos para comer no fim do ano ou em qualquer dia de festa, como foi dito, depois da refeição, tal qual se faz entre nós com pastelarias e confeitarias, à sobremesa. (Marcgrave, liv. 8º de sua *História Natural das Índias*, cap. 12º.) Até que os ossos tenham sido inteiramente comidos, os parentes não cessam de guardar grande luto e arrancar-se os cabelos. É preciso notar que o nosso tradutor usa, comumente, da palavra milho para o maïs, embora sejam coisas diferentes, sendo o maïs o nosso trigo da Turquia, e o milho, o milho miúdo, descrito por mim na viagem de François Cauche.

34 Dissemos, atrás, que a raiz selvagem do suaçu, transplantada, se chamava Mandioca; ele é do tamanho de uma perna de animal, e de dois pés de comprimento, tendo a forma de um rolo de fumo; produz canas direitas, que sobem à altura de seis a sete pés; são tenras e têm, dentro, uma polpa branca; de meio a meio pé, existe um nó, três dos quais fazem um pau, ou bordão, que, colocado na terra, produz uma raiz como a precedente, em oito ou nove meses. Estes nós ou paus são chamados, pelos brasilianos, maviras, tal como o diz o nosso autor; e quanto mais as raizes ficam na terra mais elas crescem. Existem algumas prejudiciais e outras até mesmo mortais ao homem que as comer cruas; outras são agradáveis e aproveitáveis para todos os animais. Secas, limpas e socadas delas são feitas farinha e também papa, da qual os selvagens preparam bolos muito brancos e delicados. Endurecem-nos e secam-nos na fumaça, sobre caniçadas, umedecem a farinha com água, colocam-na em vazilhas redondas e fazem sua provisão para usar em caso de necessidade, guardando-a tanto tempo quanto desejam; depois, quando querem servir-se, esvaziam as vazilhas e, misturando a farinha velha com outra nova, fazem biscoitos, que os selvagens comem quando guerreiam e os portugueses quando estão no mar. Fazem desta farinha uma beberagem que chamam de mingau; misturando-a com a farinha de arroz, produzem pão fermentado, semelhante ao de trigo que sai dos fornos dos nossos padeiros. Há uma espécie de mandioca que se come crua sem perigo; chamam-lhe aipim e fazem dela uma bebida excelente para refrescar a sede. Léry, no cap. 9º de sua *América*, chama a mandioca, maniot, e diz que ela tem folhas semelhantes às da parra. Acrescenta que os tupinambás chamam a farinha de maniot, se é mole e meio cozida de utipli; a que se está bem cozida de nienta e à papa de mingant (mingau); diz mais que os insulares chamam esta raiz iuca, com o que Guilherme Piso está de acordo, como se vê no liv. 4, da Primeira *Faculdade dos Simples*, cap. 2º, onde diz, além disso que a farinha desta raiz é chamada pelos de Angola e da Espanha de Cosfaui. Há segundo ele conta, diversas espécies de mandioca, sendo a primeira a mandiibabuara. A segunda, mandiibparati, tem as raízes e nós de suas hastes brancas. A terceira, mandijuba. A nona, macaxera. Que as sete últimas espécies têm as raízes e hastes de um vermelho desbotado. Elas gostam das montanhas e lugares secos, querem ser transplantadas no verão com o tempo seco e nos campos abertos ao sol, e, se possível, nos declives das pequenas montanhas, onde os tapuias costumam fazer os seus roçados, que os portugueses chamam choças, para fazer escoar as águas do céu, depois de ter cortado todas as árvores vizinhas, a fim de prover de ar as canas nodosas da mandioca. Colocam-se os paus desprovidos de folhas um pé dentro da terra, ficando o meio pé que resta com o seu nó do lado de fora; este irá brotar novas folhas e o que está dentro produzirá raízes. Deixam

o espaço de três pés entre dois paus ou canas e têm o cuidado de tirar as ervas más que brotam em torno. Os portugueses preparam peças de forno da farinha de mandioca com manteiga e açúcar. Preparam, ainda, uma espécie de papa, na qual misturam pimenta do Brasil e flor de nhambi, que apreciam muito. Os selvagens chamam esta papa de mingau de carimã.

35 Este nome espanhol mostra que aquele que o leva foi batizado e assim denominado por um português, ainda que haja vários brasilianos que, sendo a favor dos portugueses, seus amigos, ou dos holandeses, tomaram os nomes de seus primeiros hóspedes.

36 Assim se chama um chefe dos tapuias, dependente de Janduí.

37 Há tão grande abundância delas, que todos os campos e caminhos estão cheios; os portugueses chamam-nas reis (Rainhas) do Brasil, porque reinam por toda a parte e alimentam-se de tudo que encontram, carne, peixe, frutas, grãos, ervas, raízes, serpentes, sapos, escorpiões não poupando senão as frutas ácidas, como a iunipapa. Constroem formigueiros subterrâneos tão grandes quanto os nossos montões de feno reunidos nos campos depois do corte; os habitantes do lugar chamam estes montões insaube. Há algumas que tendo azas, voam; são do comprimento de um dedo, a cabeça tem a aparência de um triângulo e o corpo é separado em dois por um pequeno filamento que liga as duas partes. Elas têm dois dentes na boca, bifurcados e cortantes, os olhos pequenos, e sobre a cabeça dois pequenos chifres muito finos. Dispõem de seis pés e quatro azas. Todo o corpo é de cor parda; entram prontamente na terra e escavam como as toupeiras. Roem depressa e consomem tudo em menos de um instante. Vêm-se nos mesmos lugares outras formigas do mesmo tamanho, cujo corpo é separado em três partes por dois filamentos, sem asas, chamadas apüai. Há, também, outras de cor castanha, semelhante às nossas, mas todo o seu corpo é coberto de pelo; à medida que envelhecem, criam asas; esta espécie de formiga é chamada de cupia (cupim) e, pelo nosso autor, de capiaira; costuma-se comê-las, à falta de melhor carne. (Marcgrave, *Livro dos Insetos*, cap. 6º.)

38 Estou persuadido de que este rio deságua neste lugar, ou mais abaixo, no grande Rio Ostounogh, em cujas margens dissemos que Janduí residia, segundo Marcgrave, no liv. 8º da *História Natural do Brasil*, cap. 4º.)

39 O Rio São Francisco desemboca no mar do Norte, a dez graus e alguns minutos além do Equador. (Jean de Laet, liv. 16º das *Índias Ocidentais*, cap. 24º – Marcgrave, liv. 8º, cap. 2º).

40 Itaparica (No texto, Iaperipa.). Os portugueses chamam-na Taperica. Está diante da Baía de Todos os Santos, entre o décimo segundo e o décimo terceiro graus além do Equador. É descrita pelo referido Laet, no liv. 15º, cap. 22 e 23, onde se verá, também, a descrição da Baía de Todos os Santos e de seu governo.

41 Os tapuias, menos delicados que os outros brasilianos (que repousam em redes de algodão, cujas extremidades são presas a árvores, aquecidos por um fogo próximo, para dissipar a frescura das noites), deitam-se na terra ou sob as árvores, e seus reis, em ramadas.

42 (No texto, Schop e Antichau) – Baro fala de Sigismond Schkoppe general da Companhia das Índias Ocidentais, ao qual sucedeu Arciszewski, quando o Conde Maurício, que ele trata, aqui, de Excelência, sobrinho de sua Alteza, o Conde Maurício, era principal, isto é, tenente dos Estados nas mesmas Índias. Foi ele que, nesta qualidade, em julho de 1638, tomou o Forte de Mina, na Guiné e sitiou a cidade de Salvador, no Brasil, da qual foi forçado a retirar-se pela traição dos portugueses e por falta de soldados; trouxe, entretanto, uma grande presa em canhões, escravos, açúcar e vinhos da Espanha.

43 Era coisa muito rara os brasilianos terem instrumentos de ferro e de bronze; e é falso que dessem grande importância às flautas feitas deste último metal, pelo fato de ar-

rebentarem as suas trombetas para fazê-las; creio que eles não sabiam entoar as nossas trombetas, estando acostumados a servir-se, na guerra, de trombetas feitas de ossos humanos, que os latinos chamam tibiae e eles canguaca. Chamavam os que eram de uma só concha, quata pi guaçu; as de cana, numbigoaçu e membiaparas (membitarara); e as nossas de bronze, de itamembi; (Marcgrave liv. 8° da *História Natural do Brasil*, cap. 10°, e Jean de Léry, cap. 14° de sua *América*, dizem que não era dos ossos das pernas que eles tinham comido que faziam as trombetas para servirem-se delas na guerra, mas de madeira, em forma de oboé do comprimento de cinco a seis pés, que eles chamavam inúbia; dos ossos daqueles que tinham matado e comido, faziam flautins e flautas.

44 Assim, este exercício de correr a árvore [tronco] durou até o último dia de junho, no qual caía a festa da qual ele fala, como veremos, no referido dia.

45 Piso e Marcgrave, que deram as figuras das árvores do Brasil, não mencionam esta.

46 Jacó Rabbi, na relação que fez dos tapuias, diz que nos dias de festa, de núpcias e de correr a árvore, os rapazes pintavam seus cabelos de um pó vermelho e todo o resto do corpo de diversas cores, sendo as principais o preto, o vermelho e o amarelo. O preto se faz com o suco da fruta de genipapo ainda verde, e o vermelho, de urucu. Eles pintam linhas bem ordenadas sobre seus corpos, como nós arranjamos passamanarias e galões sobre as nossas vestimentas, o mais das vezes brancos.

47 Lê-se, de fato, em Marcgrave, no liv. 8°, cap. 12° da sua *História Natural do Brasil*, este modo de correr a árvore, mas não que se corresse, como aqui, caçando ratos. Eis suas palavras traduzidas em nossa língua: "A um tiro de pedra da terra ou cabana de Janduí, há dois troncos de árvores; estando o povo dividido em dois bandos, cada bando escolhe um dos mais fortes do seu lado, que carrega sobre os ombros um destes troncos e corre o mais depressa que pode, levando-o até tão longe que aqueles de seu partido reconheçam que ele está cançado; então, outro o sucede, sem nada parar, e leva-o, também, o mais longe que pode; enfim, eles se socorrem um ao outro, até que, chegando ao fim destinado, o descarregam. O partido daquele que mais depressa atingiu o fim, é declarado vitorioso e os vencidos são ridicularizados."

48 É muito difícil saber a idade dos brasilianos, visto que não sabem escrever. Chamam o anos de ceixu (ceucy) [caju], do próprio nome que dão às Plêiades, de cujo nascimento datam o início do mesmo. Para lembrar-se de sua idade, cada um deles coloca em um lugar secreto uma castanha de acaiuti (acajuti) e intemboera, e conta-as quando quer saber quantos anos tem. (Marcgrave, liv. 8°, cap. 5°.)

49 Admira-me que Piso e Marcgrave, que escreveram sobre as plantas do Brasil, não tenham feito qualquer menção desta, tão querida e estimada não somente dos Brasilianos, mas de toda a Europa, onde é muito conhecida; vi-a no jardim de meu pai, tendo de oito a nove pés de comprimento, as folhas aproximando-se da grande consolda, mas muito maiores, sendo a flor amarelada e semelhante à da relva-da-rainha. Uns chamam-na tobaco, outros tabaco, outros petun. Nada há tão comum, eis porque nada mais direi a respeito, tanto mais que vários autores escreveram livros inteiros sobre a sua forma, virtudes e modos de aparelhá-la.

50 Os brasilianos chamam esta árvore de ianipaba, os portugueses, jenipapo; ela é semelhante ao freixo, tendo a haste cinzenta, os ramos e o tronco frágeis. As folhas são da forma de línguas de bois. Sua flor parece-se com a do narciso branco, tem o perfume do cravo e aparece em março. Seu fruto se assemelha à laranja, só que a haste é tenra e de cor cinzenta. O que dela sai é refrigerante e azedinho, bom de beber-se. O fruto ainda verde dá uma cor azul escuro, assim como a madeira. Os ramos da árvore com o fruto estão representados em Marcgrave, liv. 3°, cap. I. Jean de Laet acrescenta que esta árvore é cha-

mada na Nova Espanha de Xahuali. Os americanos lavam as pernas com o suco do fruto maduro, para descansar; mas durante quinze dias, a carne não retoma sua cor primitiva ficando toda preta, até que o tempo tenha passado. Os homens que desejam rir-se das mulheres que procuram parecer belas, fazem-lhes presente de uma garrafa deste suco para pintar o rosto; se o aplicam, sua tez parece morta e não perde este aspecto durante quinze dias. Quem quiser saber mais a este respeito, veja Guilherme Piso, liv. 4º, *das Faculdades dos Simples do Brasil,* cap. 14º.

51 Laet, em sua descrição das *Índias Ocidentais,* liv. 15, cap. 3, fazendo o desmembramento de todas as nações dos tapuias até 76, dos quais cita os nomes, omite estas aqui nomeadas com exceção da jacuruju, a qual ele ainda chama de jacaruuy e nada mais diz. Creio, com os que escreveram sobre o povo do Brasil, ser verdadeiro o que já disse: que assim como as aldeias, os fortes, as casas, os caminhos, os roçados e parques que os portugueses e holandeses têm neste país levam os nomes daqueles que os construíram, que comandam, residem ou aos quais pertencem, assim também as aldeias e povos dos brasilianos e tapuias tomam os nomes daqueles que, efetivamente, os governam; trocam de nome tantas vezes quantas trocam de chefes, os quais não duram muito tempo, sendo sempre escolhidos os mais velhos da aldeia ou da nação, no caso de resolverem ficar subordinados a um chefe. Estas freqüentes mudanças, que acarretam também a dos lugares fazem com que não possamos ter uma descrição particular desses lugares. Ao contrário dos nossos franceses, que tomam os nomes das Senhorias que estão em suas casas, abandonando a de seus pais, os chefes brasilianos e tapuias dão seus nomes às aldeias e nações que governam. Voltando, porém, ao nosso assunto, quando Janduí diz ao nosso autor Baro que ele havia sido esperado pelos jovens de Vvaiupu, jacuruju, vvatiju e preciaua, é preciso entender que o era pelas tropas destas capitanias, que tinham tirado de suas aldeias ou nações ou homens de guerra para vir perante Baro. Com efeito, nosso autor, no dia 1º de junho, fala de Vvariju, chefe de uma aldeia dos tapuias sujeita a Janduí, o qual tinha tomado nome ou dado o seu ao rio em cuja margem morava com a sua gente, como é dito nesta relação, no segundo dia de junho.

52 Marcgrave, que nos relata exatamente a figura e os nomes dos peixes, tanto marítimos como dos rios e lagos do Brasil, não menciona nenhum que se aproxime deste nome, piabuçu, de quatro a cinco polegadas de comprimento, que se pega em todos os rios do Brasil. A descrição e figura deste peixe, comum naquele país, está no liv. 14º, cap. 15º.

53 Os selvagens chamam-nos de outro nome menos familiar, ini; os portugueses de rede. (Marcgrave, liv. 8º, cap. 7º.)

54 O suco da mandioca expremido e posto à parte, em um vaso, duas horas depois forma uma espécie de sedimento muito branco, que é chamado pelos brasilianos de tapioca, tipioca, epioca e tibiabica. Tendo secado, ela se transforma em farinha, também muito branca, dita tipiocuí, da qual se fazem peças de forno, tortas e doces excelentes, que são chamados tipiacica, também fazem dela papas de bom paladar; e serve ainda de cola. (Marcgrave liv. 2º, cap. 6.) Já dissemos que o suaçu e a mandioca, mandiba e manijiba eram uma mesma planta; apenas que o nome de suaçu restringe-se à espécie selvagem.

55 Baro já falou deste Diego em sua relação do dia 19 de maio.

56 Ele trazia, talvez, o nome do país de onde tinha vindo. Os Carajás habitam a terra firme abaixo da Capitania de São Vicente, segundo informação do Senhor de Laet, no liv. 15. das Índias Ocidentais, cap. 3º. Do mesmo modo que Tamares pôde tomar seu nome da Capitania de Itamaraca, donde ele era nativo.

57 Não vi nenhum nome que se aproximasse deste, seja de árvore, arbusto ou erva em Marcgrave, senao o copiiba, que tem folhas de meio pé de comprimento e frutos assemelhando-se ao loureiro. Segundo é relatado pelo dito autor (liv. 3º, cap. 14).

58 Falamos atrás no número 14, das diversas espécies de porcos do Brasil, mas não se encontra aí nenhum desse nome. É possível que se trate de um daqueles que os tupinambas chamam, segundo Léry, cap. 10º tapiraçú, (tatuaçú?), tajaçú.

59 (No texto, falimos e penema). O Senhor de Laet, liv. 16º das *Índias Ocidentais,* cap. 6º, no qual descreve a costa do Brasil desde o Rio Grande até o Ceará, segundo Figueiredo, faz-me crer que se deve ler, aqui, Salinas e Ipanema e não Salmes e Vpamene. O rio próximo de Guamare, na Capitania do Ceará, é chamado pelos portugueses Rio de Salinas, e pelos selvagens *Caru-Aretuma.* Nos mapas do dito Laet, Salinas de Caruarama, notando-se um pouco mais acima, na direção ao Ceará, o Rio Vpanema. Ele acrescenta que se pode tirar muito sal do dito Rio Canarama, que chama, também, de Carvvaretame, exceto nos meses de chuvas, que são maio e junho, motivo pelo qual é chamado pelos portugueses de Salinas. Às margens destes dois rios, no governo do Ceará, foram assassinados Jacó Rabbi, com os seus homens e os tapuias súditos de Janduí.

60 Este Camarão era um capitão dos portugueses, que veio da Baía de Todos os Santos para o Ceará, com os homens que pôde reunir, em 1645, a fim de socorrer os seus, que se tinham retirado para terra firme temendo os holandeses. Falamos, atrás, do governo da Paraíba, que está entre o do Rio Grande e Itamaracá. A Várzea é um terreno plano, abaixo do Recife, no continente, residência dos tapuias chefiados por Vvajapeba. O Senhor de Laet, no liv. 16º das *Índias Ocidentais,* cap. 2º, diz que esta região da Paraíba foi primeiramente descoberta pelos franceses, daí expulsos pelos portugueses, no ano de 1584, Que o lugar onde eles desembarcaram-se chama ainda Porto Francês, e o cabo vizinho, Cabo Branco, à altura de 10 graus e 45 minutos ao sul da Linha. Daí até o Rio Paraíba, em cuja embocadura os franceses tinham construído um forte, vão duas léguas; este forte de que aqui se fala foi depois aumentado e fortificado pelos portugueses, sobretudo após a tomada da cidade de Olinda pelos holandeses. O Senhor Moreau tradutor da presente relação, disse-me que ele se chamava Forte da Paraíba e hoje é chamado de Santa Margarida; dista 30 léguas do forte do Recife, por mar. Laet acrescenta que, próximo deste forte, os portugueses têm uma cidade muito bem fortificada chamada Filipe. Existem nesses lugares diversos engenhos de açúcar. Abaixo destes fortes e vilas, habitam os tapuias, chamados petiguares, os quais, a meu ver, estavam, no momento desta relação, do lado dos holandeses, visto dizer-se que Jacó Rabbi, chefe holandês, tinha deixado os cães de Baro no referido forte, do qual, assim, era preciso que os ditos holandeses fossem senhores no ano de 1647.

61 Deve-se ler cobra de veado, chamada pelos selvagens boiguaçu e jiboia. Esta serpente, da grossura de um homem, de vinte e três a vinte e quatro pés de comprimento, é mesclada de diversas cores realçadas a modo de um pano de ouro. O Senhor Martene, comissário de guerra nesta cidade, possui uma pele inteira. Sua carne é de bom paladar. Ela devora homens e animais; vigia o caminho escondida nas capoeiras, de onde se levanta sobre a sua cauda e joga-se sobre os passantes; enrosca-se em volta de seu corpo, derruba-os e chupa o seu sangue, quando não os devora; outras vezes, lança-se do alto dos ramos das mais fortes árvores sobre tudo aquilo que passa, e depois de envolver homens e animais, aperta-os até sufocá-los. A mordida deste animal cura-se facilmente; os anatomistas dizem que ela tem as costas e as vértebras sólidas. Sua descrição e figura estão em Guilherme Piso, no 3º liv. da *Medicina do Brasil.*

62 Marcgrave, no liv. 8º da *História Natural do Brasil,* cap. 8º, fala deste modo de assar os animais grandes pelos brasilianos e tapuias, acrescentando apenas que depois de ter es-

UFSM
Biblioteca Central

quentado a fossa, colocavam eles grandes folhas de árvores no fundo e aí jogavam os pedaços de carne que queriam fazer cozinhar; a seguir cobriam-nos de folhas, sobre as quais jogavam terra e, finalmente, faziam um grande fogo por cima, que alimentavam até o momento em que julgavam estar cozida a carne, então, ela era tirada da fossa e comida gulosamente. O mesmo autor, no cap. 12º do mesmo livro, diz que logo depois que os jovens acabam de caçar toda a sua presa é entregue às mulheres, que assam tudo do modo que viemos de dizer, sendo as vísceras dos animais dados como carniça aos cães.

63 Jean de Léry, em sua *América,* cap. 9º, nota que assim como os índios do Brasil não comem qualquer alimento enquanto bebem, assim também não bebem enquanto comem, costume que ainda hoje adotam os turcos.

64 O mesmo Léry, no dito cap., diz que estes índios fazem cozinhar por suas mulheres o milho ou maïs, em grandes potes de cerâmica, cheios de água; daí o tiram, quando meio cozidos, mastigam-no, sem nada engolir, depois jogam-no novamente em outros vasos de barro, prontos sobre o fogo, para fazê-lo ainda cozinhar; aí o remexem até reconhecerem que está suficientemente cozido; então despejam-no em outro vaso e o oferecem para ser bebido logo depois de pronto. Esta bebida é chamada pelos tupinambás cau-in, o beber, cau-iner. Há bebidas vermelhas e brancas, segundo a cor do milho usado; o gosto é como o de um leite azedo. Marcgrave, liv. 8º, cap. 7º, diz que os brasilianos chamam esta bebida abati, e os portugueses, vinho de milho.

65 Os selvagens não têm cidades fechadas; habitam separadamente nas matas, ou juntos nos agrupamentos que eles chamam de aldeias; estas tomam seus nomes, ou o do chefe que aí governa, como já notamos atrás, ou o do rio vizinho, o que é mais seguro, tanto por que suas aldeias são sempre construídas perto dos rios, como porque os rios não mudam jamais de nome. Suas malocas têm, às vezes, oitenta passos e mais de comprimento; as portas não se fecham senão com ramos de palmeiras, ou grandes folhas de uma relva que eles chamam pindo. Seus tetos são sustentados por troncos de árvores cobertos das ditas folhas; se temem uma surpresa, fazem uma espécie de barricada em volta de sua aldeia e aí colocam estipe de palmeiras de cinco a seis pés de altura, com barrotes em baixo, a fim de que os estipes não se toquem. (Léry, cap. 14º.) Há diversas espécies de palmeiras ou palmitos. Uma é dita icolt, (por nós, palmeiras de montanha) descrita por Charles de l'Écluse, no 2º liv. de seus *Exóticos*, cap. 3º. A segunda, Nacuri, que é a verdadeira palmeira dos índios, tem as folhas chamadas pindo, e os índios cobrem com elas as suas malocas, o que mostra que Léry se enganou, ao escrever que estas folhas eram de uma relva e não de uma palmeira, que dá uma noz da forma do tamanho de um ovo de ganso, tendo a casca lígnea, contendo quatro ou cinco núcleos longos, de bom gosto, dos quais se tira azeite. A medula que existe no tronco desta espécie, grossa como a perna de um homem, come-se crua e cozida. Os nativos chamam-na nacuri-ruã. A terceira espécie, meurite-uue, tem seu fruto tão grande como o do precedente, a casca marchetada de pequenas manchas pretas; tem apenas um núcleo, que pode ser comido. A quarta, inaia, dá frutos em cachos, do tamanho das azeitonas, pendendo trezentos a quatrocentos frutos de um mesmo cacho, de sorte que um homem só pode carregá-lo com esforço. A quinta, caranavue (caranaíba, palmeira carnaúba), tem folhas largas como abanos, das quais as mulheres se utilizam para este fim; produz um fruto semelhante à ameixa de damasco, o airi, semelhante ao palmito quanto às folhas, mas o tronco tem todo em volta pontos agudos; o fruto não serve para comer. (Jean de Laet, liv. 15º das *Índias Ocidentais,* cap. 9º, liv. 16º, cap. 11º.) Guilherme Piso, no liv. das *Faculdades dos Simples,* cap. 10º, chama a palmeira que produz a folha pindo, pindoba, de cuja árvore há florestas inteiras no Brasil. Há, ainda, outros palmitos, como caranaíba (carnaúba) e anache cariri, cujos ramos têm, nas extremidades, como que caudas de pavão abertas, trazendo dáctilo. A casca do tronco é cinzenta e escama-

da. Os portugueses chamam esta árvore tomar. Há uma outra espécie de pindoba, cuja medula, existente no tronco, quando queimada, é afrodísiaca; tem ramos muito belos e bem ordenados, com os quais os portugueses ornam os altares e as paredes das igrejas e que os selvagens usam para cobrir suas malocas. Seus frutos podem ser comidos e servem para fazer azeite. Marcgrave cita esta espécie de palma pindoba, à qual ele acrescenta uma outra, todas com as suas figuras, chamadas jocara e jucoara, além das quais o iri jerau são mencionadas por Léry, cap. 13º. Os índios cobrem e constroem suas malocas com estas palmeiras ou palmitos; têm elas, como já dissemos o comprimento de duzentos a trezentos pés, e se distinguem mais do que se separam por algumas folhagens; por vezes uma só abriga 50 famílias, cada uma com a sua rede de algodão e o seu fogo particular. O mais velho de cada família, logo que se levanta de manhã ordena aos outros o que devem fazer durante o dia.

66 Esta pedra, quando quebrada, brilha de diversas cores, de modo que o Autor a teve como mina de ouro, e por isso dela fazia grande questão. Depois, quando foi colocada no cadinho, reduziu-se a pó, sem produzir nenhum metal.

67 Este uso é mais amplamente descrito adiante, na relação do dia 11 de julho. Jacó Rabbi relata-o de modo mais simples e diverso, dizendo que, reunindo-se o povo para saltar e dançar num lugar, aí vem os meninos bem arranjados, ficando os feiticeiros e adivinhos em duas filas, aqui e ali, e os meninos ou rapazinhos de doze a treze anos ao meio; um dos feiticeiros pega um deles e liga-lhe os braços e as pernas de modo tão apertado que ele não se possa mexer; um outro chega com um facão de madeira dura e aguda na mão, e fura-lhe o lábio inferior e as orelhas, enquanto a mãe do menino grita e se lamenta em alto brado, e este é o seu batismo. Os feiticeiros furam as orelhas dos rapazes quando querem casá-los, e isto é o seu noivado e casamento, não sendo seu costume furar as orelhas antes deste tempo. Isto feito, dançam, bebem e comem durante três ou quatro dias, recebendo cada um a sua parte e porção das mãos do rei, que dança, bebe e come com os casados e seus parentes. Encaixam nestes furos pedaços de madeira ou seixos de diversas cores, ou ossos de macaco, que chamam nambipaia. Os mais desembaraçados aí colocam cristal, jaspe ou esmeraldas do tamanho de uma avelã; chamam a pedra de jaspe assim introduzida met tara; se é uma pedra azul ou verde, mas as de que fazem eles maior questão, são o Metarobi. Têm, ainda, certas pedras que carregam nas orelhas, tembé-coareta. Puxam, por vezes, o nariz uns dos outros por galanteria, e aí inserem madeira apiiati (Marcgrave liv. 8º, cap. 6º).

68 Falaremos, adiante, mais a propósito, dessas aparições.

69 É uma espécie de papa feita com banha, mel selvagem e os cabelos dos mortos, que são cortados miúdos. Assim me dizia o tradutor, mas enganava-se na sua própria tradução, que distingue os ossos esmigalhados, os cabelos cortados miúdos, misturados no mel selvagem, com tapioa. Ora como ele se enganou na sua explicação, também o fez quanto à palavra, porque em lugar de tapioa, como já disse atrás, é necessário dizer-se tapioca, ou tipioca, que é o suco expremido da raiz da mandioca, como a coalhada ou a juncada de leite, do qual se fazem tortas e doces no Brasil. As mulheres comem esta tapioca separadamente, para fazer, como dizem, boca doce, depois de ter comido os ossos e pelos com um pouco de mel. Desta tapioca ou tipioca, e de tudo que serve na cozinha, falou Marcgrave em sua *História Natural do Brasil*, liv. 2º, cap. 6º.

70 Há tão pouco tempo que se freqüentam os tapuias que ainda não se distinguiram, nos mapas do Brasil, os lugares que eles habitam e há apenas oito anos que o curioso e trabalhador Senhor de Laet, na sua descrição do Brasil, falava deles como que tateando. Marcgrave, que escreveu em 1648, embora diga mais, não nos torna mais sabedores deles;

prendo-me a ele, entretanto, de preferência aos outros autores, porque teve notícia das relações dos que estiveram ultimamente com os tapuias, notadamente a de Jacó Rabbi e Elias Herckman. Ora, parece-me que ainda que ele não combine, quanto aos nomes, com Baro, combina quanto à situação dos lugares, e aproxima os seus nomes dos que Baro nos dá nesta relação. Baro diz que das Salinas e do Rio Ipanema, ao qual chegou no dia 13 do mês de junho, seguindo no dia 14 do mesmo mês para a margem do Potenge, onde se hospedou com Janduí; aí se deteve do dia 19 até o dia 25, em que atingiu o Rio Vvuvvug, acampou em um lugar sem nome, onde permaneceu com os objetivos declarados; de Ipanema até Vvuvvug são três dias de viagem. Acrescenta que nos dias 26 e 27 do referido mês, se fez a colheita do milho ou maïs, que estava nos roçados de Janduí. Vejamos como Marcgrave concorda com ele à exceção dos nomes, em seu liv. 8º, cap. 4o; aí diz, da mesma forma que Laet, no 6º cap., liv. 16º das *Índias Ocidentais,* que do Rio Ipanema até ao Ipotinge, que é o Potegie de Baro (Potengi), e de Ipotinga até ao Vvarerugh, que é o nosso Vvuvvug, há 32 milhas, que se reduzem aos três dias de viagem gastos pelo nosso autor para fazer este caminho, o qual, tendo descoberto que a residência principal de Janduí e onde tinha os seus roçados, era neste lugar; mostra que estes dois nomes não eram senão os de um rio, que Marcgrave diz ter, ainda, o nome de Ostchunogh; sua nascente está no continente, a cem milhas do mar, do lado do sul, em cuja direção moram Janduí e sua gente, ocupando um longo espaço de terra entre a nascente do dito rio e as dos rios Otschuayayuch e Drerinagh, aos quais Baro não se refere uma única vez. Nosso tradutor me disse que o rio de Vvuvvug era distanciado da montanha Matiapo de quatro léguas, e que havia, neste rio crocodilos de nove a dez pés de comprimento.

71 Os brasilianos têm melões, abóboras, pepinos e cabaças. Curuba, é uma cabaça tendo folhas de pepino, é rasteira, como este; prende-se por pequenos ligamentos torcidos a tudo aquilo que encontra; entre estes e as folhas brotam pequenos cálices redondos e espessos, de uma cor amarelo-esverdeada, tendo cinco folhos, do meio das quais saem grandes flores unidas pela parte exterior, musgosas por dentro e de um verde descorado, separadas por linhas esverdeadas. O fruto tem 15 dedos de comprimento por 11 de espessura, a haste é de uma cor de púrpura avermelhada, marchetada como a dos melões; a carne é de um amarelo esbranquiçado, de perfume de gosto semelhante às nossas peras selvagens. Há, neste país, melões dágua chamados iaee pelos habitantes, melancia pelos portugueses e pelos flamengos *Ovva-eire meloen.* Vi dessa espécie, florida, na horta de meu pai, que não deu nem um fruto. Sendo bem semeada no campo e exposta ao sol, seus pés são semelhantes aos pés dos outros melões, mas suas folhas apresentam-se em tufos cortados até em baixo, mais compridas do que largas, e sempre direitas. A flor é pequena e amarela, tendo cinco folhas e um pequeno umbigo, no meio, da mesma cor que a flor; o fruto é redondo, grande como a cabeça de um homem, tendo a casca verde, a polpa é vermelha no meio e branca em baixo; é suculenta e de bom gosto, a polpa expremida refresca e jorra tal quantidade de água que se pode beber. Sua semente tem a figura da cabaça. O fruto amadurece, neste país, em novembro e dezembro, ainda que seja visto durante todo o ano. Esta planta gosta de solo estéril, trabalhado e adubado. Há destes melões que têm a pele verde, muito mais saborosos do que os outros. (Marcgrave, liv. 1º de *História das Plantas do Brasil,* cap. 11º.) No cap. 21º do mesmo livro dá ele a figura de uma outra espécie de melão redondo, tendo a casca cor de azinhavre, marchetada de branco, fazendo mil figuras sobre as costas como fazem as nossas; a polpa é da cor de açafrão, e os grãos brancos, semelhantes aos nossos, assim como a flor. Os-selvagens chamam este melão de jurumum, os portugueses, abóbora. Laet, em suas *Índias Ocidentais,* deu outro nome aos melões dágua, diferente dos precedentes, a saber *Vuaeen,* no liv. 16º, cap. 12º. Têm eles, também, cabaças em forma de garrafas e pepinos selvagens, que dão frutos do tamanho de um ovo de galinha; a semente é enfileirada, atravessada, semelhante às dos nos-

sos pepinos, alongadas e brancas, que é a cor do fruto. Léry, no cap. 13 de sua *América*, diz que os tupinambás, povos do Brasil, têm abóboras que chamam maurongon, redondas e melhores de comer que as nossas. Eles têm, além destas aqui nomeadas, abóboras ou cabaças tão grandes e profundas que lhes servem como que de armazém, para esconder todos os utensílios caseiros e colocar suas bebidas, maïs, raízes, plumas e adornos. Marcgrave, no li. 8º de sua *História Natural do Brasil*, cap. 12º, diz que leu na relação de Jacó Rabbi que na ramada ou cabana de Janduí havia uma destas abóboras sobre uma esteira, sendo proibido olhar dentro dela e até aproximar-se dela; quando estão fumando, podem soprar fumaça dentro, como por direito de reconhecimento. Aqueles que vão à caça, à pesca e à procura de mel, colocam tudo que têm perto da referida abóbora, até que Janduí lhes permita levá-lo. Nesta abóbora não há outra coisa senão pedras, chamadas quentura, e frutos *titzsheinos*, dos quais eles fazem maior questão do que do ouro. É nestas cabaças que levam ou acreditam levar o Diabo, quando fazem sua grande festa, como o nosso autor descreverá mais abaixo. O tradutor deste me fez presente do grão das referidas cabaças, que em nada diferem da semente das nossas de pés compridos e flores, mas eu não vi o fruto.

72 A colheita ocorreu, neste ano de 1648, no 27º dia de junho, três dias antes de sua grande festa; então, como Janduí dissera antes a Baro, ele cessaria de fazer correr a árvore, e não antes. Estes divertimentos consistiam somente em danças, bebedeiras e tomadas de tabaco, e eram seguidos do batismo das crianças, pela abertura do lábio inferior e furos nas orelhas; e, ainda, pelos noivados e casamentos dos rapazes, aos quais furavam as orelhas, estando o Diabo e os feiticeiros presentes.

73 Os brasilianos só adoram o Diabo; não que daí esperem o bem, mas porque o temem, e por esse motivo, lhe oferecem sacrifícios e o invocam, como será dito mais abaixo. Também, como padres e médicos, que curem os doentes do espírito e do corpo, só dispõem de feiticeiros e mágicos, ou homens que se dizem tais; chamam-lhes pajés e caraíbas; estes imploram a ajuda do Diabo, indagando-lhe o que acontecerá no futuro, seja em relação a guerra, seja em relação às doenças.

74 Este nome de Houcha, significando o Diabo, não se encontra nos dicionários da língua do Brasil, relacionados pelo Senhor de Laet, no liv. 17º das *Índias Ocidentais*, cap. 12º e liv. 15º, cap. 2º; nem por Marcgrave, no liv. 8º, cap. 9º; nem no liv. 15º cap. 11º, do mesmo autor onde trata da religião dos brasilianos, embora nos referidos lugares se leiam nomes diferentes de diabos, como de Curupira, que seria o Diabo das montanhas, Machachera, os dos caminhos, Inrupari, Anhangá e Taguaí. Pode ser que Houcha seja o Diabo das matas, visto que não aparecia nem dava resposta senão no mato. Marcgrave, em lugar de Inrupari e Taguaí, escreve Iurupari e Tuguaíba, aos quais acrescenta Temoti e Taubirama. Léry, cap. 16º, diz que os tupinambuses ou tupinambáses chamam o Diabo Onhã e Caajerre.

75 Marcgrave, no liv. acima citado, cap. 7º, diz que os brasilianos, tendo feito secar a folha petum do tabaco ou tobaco, ao fogo, e reduzido as folhas a pó com os dedos, cujas folhas são chamadas petimaoba e a erva petima, servem-se do fruto de pindoba, irucuruíba e iocara, cortam a extremidade, esvaziam-nas, depois fazem um buraco do lado, no qual introduzem um pequeno cano de madeira furado. Chamam este instrumento de petimuaba, nós o chamamos cachimbo. Fazem-nos como nós, de argila cozida no fogo, à moda de nossos cachimbos, dos quais, mesmo, lhes são levados grandes quantidades; os brasilianos chamam-nos amrupetimbuaba, mas os tapuias, achando-os muito pequenos, fazem-nos com o tubo grande como o polegar, tanto de madeira como de argila, e do lugar oco, em baixo, onde colocam o tabaco, grande como um punho, tiram a fumaça como nós, e a expelem pelos buracos que têm nas orelhas e no queixo, o que é horrível de ver-se. Dissemos que colocavam na ponta de seus canudos nozes de pindoba, urucuruiba e iocaré já

descrevemos, falando atrás, dos palmitos, a pindoba, e dissemos que era uma espécie de palmeira, tendo, como o coco, frutos abaixo do tronco, que dão como raízes, cada raiz sendo constituída, freqüentemente, de cem nozes, cada uma da grossura de um ovo, tendo a mesma figura. Urucuruíba, em Marcgrave, liv. 3ª, cap. 9º. Urucuruíba é semelhante à precedente, como também o fruto, porém menor, não tendo senão o tamanho de uma ameixa. Iocara é, também, uma espécie de palmeira semelhante à última, tendo as nozes como as do coco, com a diferença de que não são maiores que as nossas nozes comuns. Mas para o Diabo era preciso um canudo do comprimento de uma meia lança, e, na ponta, uma noz de coco, chamada pelos tapuias inajguaçu, e a árvore inajaquacuíba; pelos portugueses, coqueiro. Esta árvore tem o tronco direito, da grossura de 6 a 7 pés em redor, altura de 50; a parte de cima do tronco é igual em grossura à parte superior; é maravilhoso como esta árvore pode resistir aos ventos, não tendo senão pequenas raízes, que não se aprofundam na terra. Sua haste é cinzenta, marcada de pequenos círculos. Não tem ramos mas somente um leque de 15 ou 20 grandes folhas de três pés de comprimento, da largura de duas polegadas, semelhantes às das nossas gladíolas, de um verde vivo, reluzente, atravessado ao comprido de pequenas linhas delicadas, de um verde mais desbotado. De cima destas folhas sai uma espécie de vagem, como a da ervilha, ou fava, do comprimento de dois pés, a qual fendendo-se, abre diversos ramos do comprimento de meio pé ou de um pé, carregados de pequenos corpos triangulares, donde saem, primeiramente, flores, e logo depois nozes; as flores são amarelas e as nozes de cor arruivada, da grossura da cabeça de um homem; jamais deixam a parte superior do tronco sem que cresçam outras em seu lugar. Seus cocos são cobertos de filamentos ou nervos muito serrados; se se abre uma destas nozes, antes de estar madura, tira-se daí mais de uma chopina de excelente suco para beber-se. Abrindo-se, quando está maduro, encontra-se o suco coagulado, com melhor gosto que o da amêndoa. Vários autores escreveram sobre o uso desta árvore e frutos, notadamente nas Índias Orientais, assim como a respeito de suas virtudes e propriedades. François Pyrard dedicou-lhes um tratado especial, que inseriu nas Viagens dos Franceses às Índias; Piso, no liv. da *Faculdade dos Simples do Brasil,* cap. 10º; Marcgrave em sua *História das Coisas Naturais do Mesmo Brasil,* liv. 3º, cap. 14º; François Ximenes, ao falar das plantas que crescem no México. Os índios fazem com esta nozes belíssimas gôndolas e os tapuias, cachimbos que enchem de tabaco, tanto para seus feiticeiros ou médicos, como para o Diabo, e não realizam nenhuma cerimônia sem esta fumaça, que lhes serve de perfume, de propiciatório, de incenso, de purificação e, geralmente, de remédio em todas as doenças. O Diabo, qualquer que seja a ocasião em que é consultado, toma o cachimbo e sopra a fumaça sobre os selvagens, e o sacrificador ou feiticeiro faz o mesmo. Se é preciso ir à guerra, estes sacrificadores caminham na frente, saltando e cabriolando, ora avançando, ora recuando, e de tempos em tempos sopram a fumaça de tabaco sobre os selvagens, acreditando que ela lhes transmite força e vigor contra seus inimigos. (Jean de Léry, em sua *América,* cap. 18º.) Se há doentes, os mesmos mágicos, após esfregarem seus corpos com a mão, perfumam-nos com a fumaça do tabaco. Jacó Rabbi, em sua relação dos tapuias, conta a seguinte história: o régulo Drarug, sentindo grandes dores nas costas e nas coxas, sem conseguir alivio de seus médicos, mandou pedir a um senhor seu vizinho que lhe enviasse os seus. Este enviou-lhe três; o primeiro, tomando um cachimbo com tabaco, perfumou todo o corpo do doente e depois mordeu-lhe as orelhas com os dentes, e chupou-as de tal modo que era como se as devorasse depois, mugindo como um boi, escarrou na mão e no esputo havia forma de uma pequena enguia; esta, disse, era a causa da doença do rei. O segundo médico agiu como o primeiro, mas agarrou-se ao ventre do enfermo, mordendo-o chupando-o, e tirou da axila deste uma pedra branca, que se aproximava da figura de uma rosa. O terceiro, tendo feito a mesma coisa nas costas, vomitou não sei que, semelhante a raízes. Os batismos, isto é, as cerimônias com as quais se dão nomes às crian-

ças, os noivados e casamentos, a colheita da semente, as lustrações dos roçados, e outras, tudo só se fazem com a fumaça do tabaco. (Jacó Rabbi, na relação da viagem que fez aos tapuias.)

76 Esta festa se realizava depois da colheita e replantio do milho, como se vê aqui, no dia 1º de julho. Nesta data, furavam-se as orelhas, os ouvidos e os lábios das crianças e daqueles que se queriam casar.

77 Não posso compreender o que está aqui escrito e o que se segue: que estas moças e as outras que deviam casar-se, juntamente com seus noivos, fossem vestidas de folhas, prontas para serem coroadas; isto não é novo, visto como as nações mais polidas da terra, como os gregos e os romanos, coroam-se de folhas e de frutos nos dias de contentamento e de festins. Mas, como podia ser que, cobertos de folhas, saltando e cabriolando, suas vestimentas não caíssem aos pedaços, isto se lê apenas neste autor. E, depois, como coroar-se de flores de ervilhas e favas, se a colheita das favas e das ervilhas era feita nesse tempo? Certamente, foi um engano, tendo todos se vestido e coroado de plumas de diferentes cores, como diremos adiante.

78 Ninguém me pôde dizer, ainda, que semente era essa de *corpamba* e nada li a respeito nos autores que escreveram sobre o Brasil.

79 Papaia ou mamoeiro, que os portugueses chamam de mamão, tem 20 pés de altura, dois de grosssura e a haste acinzentada; as folhas são redondas e cinzeladas, da largura de um pé; as flores são pequenas e invertidas, cor de cera; os frutos, em forma de seios de mulher, do tamanho das nossas cunhas, de um amarelo esverdeado, tendo a polpa amarela; seu gosto aproxima-se do dos melões. (Marcgrave, liv. 3º, cap. 6º.) Não encontro nos herbários do Brasil o *Iampapée*, a não ser *iampaba*, que se aproxima deste nome, do qual fala Piso, no liv. das *Faculdades dos Simples do Brasil*, cap. 15º; suas folhas são do comprimento de um côvado e produz uma flor semelhante ao narciso, com o odor do cravo; o fruto é como a laranja, de muito bom gosto. No que respeita à pacova, nosso tradutor procede como os espanhóis, que trocam, na pronúncia, o *b* pelo *v*. É a pacoba, (banana), descrita por Matthiole, Clusius e Dodonaeus; Avincemes chama-lhe musa. Suas folhas têm seis pés de comprimento e dois de largura; são agaloadas de um pequeno nervo todo em redor; um longo ramo nodoso, bem no meio do tronco das árvores, produz um fruto vermelho, da forma de um ovo, dividido e amontoado como a pinha, com a diferença de consistir em quatro pequenos pedaços, que não são duros, cobertos de casca semelhante à dos figos. (Piso, no livro citado, cap. 28º.)

80 Os outros dizem plumas, acertadamente, pois se fossem folhas pregadas com goma sobre o corpo, com tanto artifício e disposição, seria tempo perdido, pois elas poderiam romper-se no primeiro encontro, ao passo que as plumas resistiam a todas as suas cabriolas e saltos. Os homens, diz Marcgrave, liv. 8º, cap. 6º e 12º, coroam-se com plumas de guará e ganinde ou carindé, deixando cair sobre as costas as maiores plumas das caudas da arara, que enroscam com o seu cabelo, para impedir que caiam, quando se mexem. Outros contentam-se com um fio de algodão, em cuja extremidade ligam estas plumas, atrás do pescoço; elas são verdes, amarelas, pretas, vermelhas ou azuis e freqüentemente misturadas; este cocar chama-se acambuacaba. Há alguns que, com goma, cera, mastique ou mel selvagem, arranjam em bela ordem e disposição, tanto sobre as suas cabeças, como sobre o resto do corpo plumas de diversas cores: chamam isto de aguana. E fazem até capotes destes tecidos, guará-abuçu. Se todo o artifício está sobre o corpo, chamam a esta moda de pregar-lhe as plumas de agamangui, e às voltas das mesmas, cingindo os braços, aguamiranga, e às que estão no pescoço, papixoara. Ligam as maiores plumas, tiradas das caudas de avestruzes, araras e aracucaru, em volta do corpo, para cobrir suas vergonhas,

UFSM

descendo até aos joelhos, e esta cintura tem o nome de aracoaia. No lugar em que os nossos bobos de festa colocam os grupos de guizos, em volta do jarrete, os tapuias colocam frutos de aguaí, que têm a forma de um triângulo, com um caroço dentro, que, estando seco, faz barulho quando eles saltam. Suas danças são chamadas guau e cantam melodiosamente diferentes canções; as moças ficam atrás dos amorosos, seguem seus passos e cadências, mas não se misturam jamais aos seus movimentos, salvo se estiverem noivas, e então suas canções limitam-se a elogiar os noivos, contando as suas proesas, e a pudicícia das noivas. (Laet, em sua *Descrição das Índias Ocidentais,* liv. 15º, cap. 2º.) O mesmo se lê na primeira página de *História Natural do Brasil,* onde se pinta a mulher do tapuia extravagantemente vestida com uma meia manta de folhas que lhe cobre a cabeça até as orelhas e desce, ao longo dos cabelos, até o jarrete. O Senhor Moreau, consultado por mim a esse respeito, assegurou-me que o que constava naquela narração era verdadeiro, quanto ao coroamento, capotes e vestimentas de folhas, que, sendo espessas e fortes, dificilmente se rompiam, e que ele os vira com muita freqüência, quando estava no Brasil; acrescentou que as favas e ervilhas estão sempre em flor neste país.

81 Bracque (Braak) é palavra flamenga. Por esta água de salitre, o tradutor entende a água tirada próximo do mar, que tem gosto de sal.

82 Este deus das trevas só aparece à noite e foge de claridade; por esse motivo os selvagens, que o temem, jamais ficam sem fogo e não se deitam em suas redes de algodão ou na terra sem que tenham fogo à sua volta, a fim de que o diabo não venha perturbar o seu repouso e bater-lhes. Léry, no cap. 18º de sua *América.* Quando querem consultá-lo e se aproxima a hora que lhes foi anunciada por seu pajé ou caraíba, extinguem todos os fogos, como conta o nosso autor, pois de outra forma ele não viria, seja invisível, seja visivelmente. Na última hipótese, ele aparece aos tapuias sob a figura de um tapuia, ou penetra na boca do feiticeiro, pela qual fala sob a figura de uma mosca ou de qualquer outro animalzinho. (Marcgrave. Liv. 8º Cap. 13º, referindo-se ao que lhe contou Elias Herkman.)

83 Este era um dos chefes dos tapuias, traidor dos holandeses, que tomou o partido de Paiucu, contra ele e Janduí.

84 Falamos, atrás, da cidade e forte da Paraíba. Se quiserdes saber mais, v. Laet, em sua descrição das *Índias Ocidentais,* Liv. 16º.

85 É um povoado, ou aldeia, que tem o nome do chefe brasiliano que aí governa.

86 Assim se chama o lugar onde Roulox Baro, autor desta relação, mora, a seis léguas do Castelo do Rio Grande.

A presente edição de *HISTÓRIA DAS ÚLTIMAS LUTAS NO BRASIL ENTRE OS HOLANDESES E OS PORTUGUESES / RELAÇÃO DA VIAGEM AO PAÍS DOS TAPUIAS* de autoria de Pierre Moreau e Roulox Baro, com tradução e notas de Lêda Boechat Rodrigues, e Nota Introdutória de José Honório Rodrigues, é o volume número 54 da Coleção Reconquista do Brasil, dirigida por Mário Guimarães Ferri, da Universidade de São Paulo. Foi composta em IBM Polyester-Film, com tipos da Família Press Roman, 10/12. Notas em corpo 8/10 da mesma família. A mancha tipográfica é de 30 x 49 paicas, em máquina IBM Eletronic Composer, operada por Grécia Soares Oliveira nos estúdios da própria Editora. O papel é de fabricação nacional, no formato 76 x 112 – 85 g/m^2, especialmente fabricado para esta edição e fornecido por SAMAB – S.A. Anglo Mercantil Brasileira, à Av. Amazonas, 311 – Belo Horizonte. A capa foi concebida pelo artista plástico Cláudio Martins. Os fotolitos da capa foram executados por YANGUER – Estúdio Gráfico Ltda., à Rua Mem de Sá, 134 – São Paulo. Planejado e diagramado por Alceu Letal. Impressa na Gráfica Bisordi Ltda., à Rua Santa Clara, 54 – Brás – São Paulo, para Editora Itatiaia Limitada, à Rua da Bahia, 902 – Belo Horizonte, em regime de coedição com a EDUSP – EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO em janeiro de 1979, e no catálogo geral leva o número 552.